

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

JEANINE POOCK DE ALMEIDA DRUMOND

**O NAZISMO NA PERCEPÇÃO DOS APOIADORES DE HITLER:  
UM ESTUDO SOBRE AS CARTAS ENVIADAS AO NSDAP E AO  
ESTADO NAZISTA (1925-1939)**

Goiânia

2017

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR  
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES  
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

**1. Identificação do material bibliográfico:**       **Dissertação**       **Tese**

**2. Identificação da Tese ou Dissertação:**

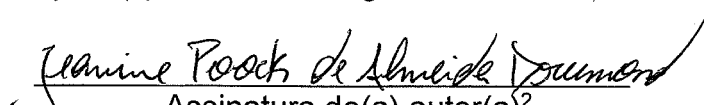
Nome completo do autor: Jeanine Poock de Almeida Drumond

Título do trabalho: O Nazismo na percepção dos apoiadores de Hitler: um estudo sobre as cartas enviadas ao NSDAP e ao Estado Nazista (1925-1939)

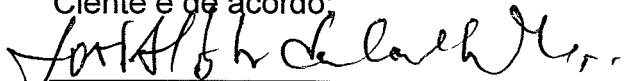
**3. Informações de acesso ao documento:**

Concorda com a liberação total do documento  **SIM**       **NÃO**<sup>1</sup>

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.

  
Assinatura do(a) autor(a)<sup>2</sup>

Ciente e de acordo:

  
Assinatura do(a) orientador(a)<sup>2</sup>

Data: 12 / 12 / 2017

<sup>1</sup> Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

<sup>2</sup> A assinatura deve ser escaneada.

JEANINE POOCK DE ALMEIDA DRUMOND

**O NAZISMO NA PERCEPÇÃO DOS APOIADORES DE HITLER:  
UM ESTUDO SOBRE AS CARTAS ENVIADAS AO NSDAP E AO  
ESTADO NAZISTA (1925-1939)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História.

Linha de pesquisa: Poder, Sertão e Identidades

Orientador: Prof. Dr. João Alberto da Costa Pinto

Goiânia  
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Drumond, Jeanine Poock de Almeida

O Nazismo na percepção dos apoiadores de Hitler: um estudo sobre as cartas enviadas ao NSDAP e ao Estado Nazista (1925-1939) [manuscrito] / Jeanine Poock de Almeida Drumond. - 2017. 269 f.

Orientador: Prof. Dr. João Alberto da Costa Pinto.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História (FH), Programa de Pós-Graduação em História, Goiânia, 2017.

Bibliografia. Anexos.  
Inclui siglas.

1. Cartas. 2. Hitler. 3. Opinião Pública. I. Pinto, João Alberto da Costa, orient. II. Título.

CDU 94



Ata da Sessão de julgamento da Defesa de Dissertação de Mestrado de **Jeanine Poock de Almeida Drumond**. Aos 07 (sete) dias do mês de dezembro de dois mil e dezessete (2017), com início às 09h, nas dependências da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás, teve lugar a sessão de julgamento da Defesa de Dissertação de Mestrado de **Jeanine Poock de Almeida Drumond**, cujo título foi **“O NAZISMO NA PERCEPÇÃO DOS APOIADORES DE HITLER: UM ESTUDO SOBRE AS CARTAS ENVIADAS AO NSDAP E AO ESTADO NAZISTA (1925-1939)”**. A Banca Examinadora foi composta, conforme portaria nº079/17-PPGH, de 29 de novembro de 2017, pelos seguintes Professores Doutores: **João Alberto da Costa Pinto (Presidente)**, **Antón Corbacho Quintela (FL/UFG)**, **Fabiana de Souza Fredrigo (FH/UFG)** e, como Suplentes, **Prof. Dr. Francisco Tavares (FCS/UFG)** e **Prof. Dr. David Maciel (FH/UFG)**. Os examinadores arguíram na ordem acima citada. Às 11 horas a Banca Examinadora passou a julgamento em sessão secreta tendo sido o candidato aprovada.....

Prof. Dr. **Antón Corbacho Quintela (FL/UFG)**, Ass.: Antón Corbacho Quintela

Decisão (APROVADA)

Profa. Dra. **Fabiana de Souza Fredrigo (FH/UFG)** Ass.: Fabiana de Souza Fredrigo

Decisão (Aprovada)

Presidente da Banca Prof. Dr. **João Alberto da Costa Pinto (UFG)**, Ass.: João Alberto da Costa Pinto

Decisão (aprovada)

Reaberta a Sessão Pública, a Presidente da Banca Examinadora proclamou os resultados e encerrou-a, da qual foi lavrada a presente ata que vai assinada por mim, Cintila Alves Garcia, secretária do Programa de Pós-Graduação em História, e pelos membros da Banca Examinadora.

Coordenador: Marlon Jeison Salomon  
Prof. Dr. Marlon Jeison Salomon

Secretário: Cintila Alves Garcia  
Cintila Alves Garcia

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho...

Ao meu amado esposo que esteve ao meu lado desde o segundo ano de graduação e acompanhou todo o processo até este momento, demonstrando seu amor, carinho, companheirismo e compreensão nos momentos em que estive ausente.

A minha família que sempre foi a minha base em fazer do estudo algo prazeroso e por sempre acreditar em mim e na minha capacidade.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter colocado pessoas que sempre foram meu suporte e que estiveram comigo até o final dessa etapa.

A minha família que esteve ao meu lado durante todo o processo. A minha mãe Rosane, que sempre cuidou de mim perto ou longe e que sempre mostrou interesse em todas as etapas da minha formação. Ao meu pai Moacir, que me ensinou o amor pelo estudo e pela História e que sempre foi meu refúgio intelectual. A minha irmã Daiane, que é minha companheira de todas as horas e aquela que sempre aliviou minhas angústias durante os anos de formação. Ao meu marido Alexandre, que se manteve firme ao meu lado, me dando amor, carinho, me fazendo rir e me incentivando a ir em frente sempre. Ao meu sogro Alexandre, minha sogra Márcia, meu cunhado Caio e minha cunhada Giulia que sempre estiveram na torcida e que demonstraram um amor e carinho imensos por mim.

Ao professor Dr. João Alberto da Costa Pinto, meu orientador pelo apoio, confiança, paciência e atenção dedicada a mim durante a realização deste trabalho. Por todas as conversas e discussões saudáveis e pela compreensão nos momentos turbulentos que enfrentei durante o processo, sempre com uma palavra de incentivo e amizade.

Aos meus colegas do mestrado, em especial os amigos Eva, Juliana, Lara, Maicon, Talita e Weverson pelos momentos de companheirismo e risadas que ajudaram a aliviar a tensão dessa caminhada.

As minhas melhores amigas Dayana, Jackeline e Lorene pela amizade, parceria e amor que me dedicam desde que nos conhecemos, pela compreensão nas horas de ausência e por sempre estarem ao meu lado quando mais precisei.

As minhas colegas e amigas de trabalho, Maria Cristina, Cássia e Eduarda que me acolheram na equipe com alegria e me incentivaram e apoiaram. Principalmente a Cris, a chefe, que me cedia folgas quando eu tinha que me dedicar exclusivamente à pesquisa e que sempre entendeu a importância dessa etapa para mim.

A minha madrastra Silma que ajudou no que foi possível e que sempre teve um carinho enorme por mim ficando na torcida pelo meu sucesso profissional

Aos professores convidados para compor a Banca Examinadora, Dr. Anton Corbacho Quintela e Dra. Fabiana Fredrigo pela valiosa contribuição na construção desse conhecimento científico. E a Dra. Libertad Borges que compôs a Banca de Qualificação, contribuindo com seu conhecimento e sempre sendo uma professora prestativa a ajudar.

Enfim, a todos que de alguma forma contribuíram para que esse percurso pudesse ser concluído. O meu muito obrigado a todos!

## **RESUMO**

Esta dissertação tem como proposta analisar as cartas que foram enviadas para Hitler entre os anos de 1925 a 1939 para entendermos como o poder se auto-constituía com a opinião pública. Buscamos, a partir das cartas analisadas, explicar os principais acontecimentos entre esse período, tendo em vista a opinião dos seguidores de Hitler sobre o seu programa político (1925-1933) e o Estado nazista até o início da Segunda Guerra Mundial (1933-1939). Através da opinião pública buscamos compreender o alcance da propaganda nazista e como ela influenciava os eleitores. As cartas analisadas nesta pesquisa demonstraram um alto nível de veneração, lealdade e fanatismo pelo líder nazista e a partir das análises tentamos esclarecer como se deu o processo da tomada de poder pelos nazistas e como o governo de Hitler se consolidou na Alemanha.

**Palavras-chave:** Cartas; Hitler; Opinião pública.



## **ABSTRACT**

This dissertation aimed at analyzing the letters that were sent to Hitler between the years of 1925 and 1939 to understand how power was self-constituted with public opinion. From the letters analyzed, we sought to explain the main events between this period, in view of Hitler's views on his political program (1925-1933) and the Nazi state until the beginning of World War II (1933-1939). Through public opinion we sought to understand the scope of Nazi propaganda and how it influenced voters. The letters analyzed in this research demonstrated a high level of veneration, loyalty and fanaticism by the Nazi leader and from the analyzes we tried to clarify how the process of the seizure took power by the Nazis and how the government of Hitler consolidated in Germany.

**Keywords:** Letters; Hitler; Public opinion.

## **LISTA DE SIGLAS**

- DAP – Deutsche Arbeiterpartei (Partido dos Trabalhadores Alemães)
- DDP – Deutsche Demokratische Partei (Partido Democrático Alemão)
- DNVP – Deutschnationale Volkspartei (Partido Popular Nacional Alemão)
- DSP – Deutschsozialistische Partei (Partido Socialista Alemão)
- DVP – Deutsche Volkspartei (Partido Popular Alemão)
- KPD – Kommunistische Partei Deutschlands (Partido Comunista da Alemanha)
- NSDAP – Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei (Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães ou Partido Nazista)
- SPD – Sozialdemokratische Partei Deutschlands (Partido Social-Democrático da Alemanha)
- SA – Sturmabteilung (Tropa de Choque)
- SS – Schutzstaffel (Brigada de Defesa)
- GESTAPO - Geheime Staatspolizei (Polícia Secreta do Estado)

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
I- Dialogando com Henrik Eberle .....	12
II- Por que estudar o nazismo a partir de cartas? .....	20
<b>CAPÍTULO 1 - “CARTAS PARA HITLER”: 1925 A 1933 – DA RECONSTRUÇÃO DO NSDAP ATÉ A NOMEAÇÃO DE CHANCELER DO REICH</b> .....	29
1.1 Considerações iniciais .....	29
1.2 1925: Reconstruindo o partido .....	36
1.3 Os anos entre 1926 e 1929: Sem cartas!?	57
1.4 1930 a 1932: Construindo as bases para a tomada do poder .....	64
<b>CAPÍTULO 2 – “CARTAS PARA HITLER”: 1933 A 1939 – DA CONSOLIDAÇÃO DO ESTADO NAZISTA AO INÍCIO DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL</b> .....	91
2.1 A construção do ditador: os anos de 1933 e 1934 .....	91
2.2 Consolidação do Terceiro Reich – 1935 a 1937: os ideais nazistas postos em prática ...	119
2.3 Arquitetando a Segunda Guerra Mundial: os anos de 1938 e 1939 .....	127
<b>CAPÍTULO 3 – A CONSTRUÇÃO DO MITO NAZISTA A PARTIR DAS CARTAS DOS SEGUIDORES DE HITLER</b> .....	140
3.1 O sucesso do nazismo .....	140
3.2 Heil Hitler: o “salvador” da Alemanha .....	141
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	165
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	167
<b>ANEXOS</b> .....	170

## INTRODUÇÃO

### I- Dialogando com Henrik Eberle

Esta dissertação propõe uma análise das práticas políticas do Partido Nazista, assim como das práticas institucionais do Estado Nazista através de um estudo sistemático de documentação pouco conhecida: as cartas que foram enviadas tanto ao partido nazista (1925-1933) quanto às chancelarias<sup>1</sup> de Hitler durante seu governo (1933-1945). Essas cartas apresentam os mais variados conteúdos e temas e eram escritas por pessoas comuns, trabalhadores, mulheres, idosos, estudantes e vez ou outra alguém que ocupasse um cargo de destaque no NSDAP e posteriormente no Estado Nazista.

Grande parte dos aspectos basilares da estrutura e da dinâmica do nazismo sempre esteve explícita nos discursos de Hitler e nos instrumentos de propaganda do NSDAP. A definição de propaganda nazista pode ser descrita pelas palavras do próprio Ministro da Propaganda de Hitler, Joseph Goebbels, que anotou em seu diário em 1942 o que a propaganda deveria ser:

[...] A propaganda deve, portanto, ser sempre essencialmente simples e repetida. Afinal de contas, obterá resultados básicos, no sentido de influenciar a opinião pública, aquele que puder reduzir à sua expressão mais simples, e que tenha a coragem de persistir em apresentá-los sempre na sua forma simplificada, apesar das objeções intelectuais. (GOEBBELS, 1942, p. 59)

De acordo com Hitler, a propaganda tinha dois deveres: conquistar adeptos para a futura organização e destruir o atual estado de coisas juntamente com a disseminação da nova doutrina. Para se alcançar os deveres da propaganda e para que a propaganda se encaixasse no que Goebbels definiu sobre ela, Hitler em 23 de março de 1933 afirmou em discurso:

O governo dará início a uma campanha sistemática para restaurar a saúde moral e material da nação. O conjunto de sistemas educacional, teatro, filme, literatura, imprensa e radiodifusão – todos esses serão usados como meios para esse fim. Serão utilizados para ajudar a preservar os valores eternos que são parte da natureza integral de nosso povo. (EVANS, 2010, p. 480)

Buscamos demonstrar através da análise das fontes que os anseios das pessoas adeptas ao nazismo, apresentados nas cartas, eram utilizados como subsídios para a elaboração de produtos de propaganda por meio das respostas às cartas, para manter e atrair adeptos às práticas nazistas.

---

<sup>1</sup> I) Chancelaria do Führer: ocupou-se, primeiramente com questões de clemência e mais tarde, em 1939, pelo assassinato de doentes mentais; II) Chancelaria privada: passa a ser uma secretaria geral dentro da chancelaria do Führer; III) Chancelaria do partido: a partir de 1942 torna-se a principal responsável pelas correspondências populares e requerimentos; e IV) Chancelaria do Reich: responsável pelas questões políticas e auxílio a Hitler. Recebeu várias cartas nas quais algumas foram respondidas pelo próprio Hitler.

As cartas escritas para Hitler ajudam a confirmar a idéia de que os alemães que apoiavam o Führer, em sua maioria, não se encontravam alheios às intenções e práticas nazistas, particularmente no que se refere ao caráter racista, antissemita, antibolchevista e antimarxista de sua ideologia. Dessa forma, o problema pertinente nesta dissertação foi o de entender como o poder se auto constituía com a opinião pública e compreender como o poder constituía a identidade nacional alemã frente a sua população. A pesquisa que foi desenvolvida demonstra, essa é nossa hipótese, que a máquina de propaganda nazista pode ter apresentado um novo caráter de operação na mente daqueles que confiaram em Hitler e as cartas se mostrarão como o reflexo dessa propaganda bem articulada. A busca de uma ideologia a ser seguida como forma de escapar da humilhação após a Primeira Guerra Mundial também é algo eu se pretende demonstrar nas respostas às cartas.

O organizador do livro “Cartas para Hitler”, Henrik Eberle, fez o mais completo levantamento das cartas que estão em posse de arquivos de Moscou<sup>2</sup>. Ele aponta que há cerca de 35.000 mil cartas, nas quais as pessoas demonstram seus sentimentos frente ao partido que surgiu em 1922 e teve uma nova formação em 1925 e ao regime que governou de 1933 até o final da Segunda Guerra Mundial, em 1945. O que foi realizado nessa pesquisa é a análise das cartas durante um período de quatorze anos, 1925-1939, ano em que começa a Segunda Guerra Mundial, juntamente com suas respectivas respostas. Não adentramos o período da guerra, pois para nossas intenções de investigação os anos em que o partido nazista buscou seguidores e se lançou na política alemã (1925-1932) e o período dos seis primeiros anos de Estado nazista (1933-1939) é que serviram de base para alcançar nossos objetivos.

Através da análise das cartas podemos perceber que entre 1925 e 1933 a população alemã, embora já apoiasse o NSDAP, mantinha certo receio com as proposições do partido para recuperar a Alemanha da humilhação imposta pelo Tratado de Versalhes (1919). Por isso algumas cartas, além de mostrarem devoção a Hitler, mostram que as pessoas exigiam respostas e atitudes coerentes com o que ele prometia.

Com as cartas analisadas buscamos compreender o alcance que elas tiveram como máquina de persuasão para agregar pessoas em torno dos ideais nazistas. E demonstrar a força com que a máquina de propaganda nazista operava nas mentes daqueles a quem queria convencer. Consideramos a máquina de propaganda nazista como elemento fundamental no processo de reiteração do NSDAP (1925-1933), uma vez que ela agia na mente das pessoas

---

<sup>2</sup> “Os arquivos dos colaboradores das “comissões troféu” do exército vermelho foram reunidos. Essas unidades especiais, formadas após a batalha de Kursk em 1943, colocaram em segurança no território conquistado aquilo que consideravam interessante.” (EBERLE, p. 19, 2010) A explicação mais detalhada da posse dessa documentação será apresentada no capítulo 1.

como instrumento de convencimento, tendo como resultado a ação do Estado Nazista em favor daqueles que depositaram sua “fé” e confiança em Hitler (1933-1945).

Para que a metodologia de análise das cartas fosse possível, foi necessário estabelecer um diálogo com o autor do livro “Cartas para Hitler” (2010), Henrik Eberle. Através da documentação apresentada no seu livro é que criamos a nossa comunidade de remetentes e assim podemos mapear quem, de onde e por que escrevia e quem eram os encarregados de dar respostas, quando fosse o caso.

Henrik Eberle nasceu em 1970 em Karl-Marx-Stadt (Chemnitz). Publicou os livros "O livro Hitler" (2005, em conjunto com Matthias Uhl) e "Cartas para Hitler" (2007). Leciona História na Universidade Martin Luther, em Halle (Saale), Alemanha.

Em seu trabalho Eberle optou por uma apresentação não muito cronológica das cartas. É possível perceber que ele avança no tempo e em alguns momentos volta a anos anteriores, mas essa “não-cronologia” foi organizada de acordo com temas que o autor selecionou para apresentar as cartas. Ele dividiu a apresentação das cartas em quatro grandes subtítulos: *I) O carisma de Hitler cresce: cartas de 1924 a 1932; II) A caminho do ápice: culto, protesto e aceitação de 1933 a 1938; III) Aniversários do Führer de 1932 até 1945: homenagens com mensagens ocultas; e IV) Crises e guerra de 1938 a 1945: queda da popularidade.*

A divisão adotada pelo autor, embora pareça cronológica, apresenta momentos de avanço e retorno no tempo, o que não traz problema para o entendimento do seu trabalho. Para nossa pesquisa foi necessário manter uma cronologia mais coerente, organizando as cartas por ordem de dia, mês e ano para que fosse possível contextualizar o estudo, embora a análise não estivesse necessariamente delimitada por cada período considerado, como, por exemplo, na carta de Fritz Vogel de 24 de abril de 1925:

[...] O senhor deveria, no entanto, antes de mais nada, solicitar a nacionalidade alemã. Realmente é uma abjeção o fato de o senhor simplesmente não ser reconhecido como alemão, mas será que o senhor pode exigir mais dos atuais governantes? E justamente por esse motivo o senhor deveria se tornar cidadão alemão. Se isso não for possível na Baviera, então venha para a Turíngia e faça a requisição lá. Os governantes atuais estão muito satisfeitos pelo fato de o senhor ainda não ter solicitado a cidadania alemã. (EBERLE, 2010, p. 30)

Hitler só resolve essa questão da cidadania alemã em 26 de fevereiro de 1932, através da sua designação para o cargo de Conselheiro do Governo no Departamento Estadual de Cultura e Medição de Braunschweig e representante do Estado de Berlim feita de forma provincial. Não que antes ele não tivesse tentado obter a cidadania alemã, mas todas as tentativas foram fracassadas. Ele só conseguiu em 1932 porque a República de Weimar

entrara em sua derrocada final e o NSDAP já contava com um número considerável de assentos no Reichstag, cerca de 107, o que fazia dele o segundo maior partido no Parlamento e também pelo motivo de que já se via uma possibilidade, embora pequena em fevereiro, da nomeação de Hitler para chanceler, e não seria possível um chanceler com ideias de uma raça pura que não fosse um cidadão alemão.

Esse exemplo serve para ilustrar que embora tenhamos mantido certa cronologia de acontecimentos de forma geral, para que a leitura não ficasse confusa, não houve problemas ao voltarmos ou avançarmos no tempo em alguns momentos. Para que fosse possível uma análise das cartas não poderíamos apenas jogá-las sem critério no texto. Como Eberle não tece análises, mas comentários sobre uma ou outra carta, a falta de uma cronologia mais rígida tornou-se uma manobra interessante para a apresentação de seu livro. No entanto, essa pesquisa se difere do trabalho do autor justamente por fazer a análise das cartas.

Com a leitura é possível perceber que Eberle não apresenta cartas datadas entre os anos de 1926 a 1929. Durante esses anos o partido nazista ganha força, muitas transações políticas foram realizadas, as eleições estaduais começam a apontar um crescente número de votos, mesmo que em porcentagens pequenas até 1930. O ano de 1929 apresenta o quadro principal que lança Hitler ao poder: a quebra da bolsa de valores de Nova Iorque e a crise econômica que se instaurou no mundo todo por causa desse acontecimento. Eberle não trouxe em seu livro nada que demonstrasse o posicionamento dos adeptos ao NSDAP frente a todas essas situações. Isso suscitou algumas dúvidas: É possível que não tenha nos arquivos cartas importantes relativas a esses anos? Por que deixar uma lacuna de quatro anos e, principalmente, porque uma lacuna no ano de 1929?

Não temos uma resposta clara e definitiva para essas questões, mas as estatísticas levantadas pelo próprio autor indicam que, desde a reorganização do NSDAP em 1925 até 1945 com o fim da Guerra, não passou um ano sem que as pessoas escrevessem para Hitler. É certo que os anos entre 1926 até o início de 1929 não trazem acontecimentos nem eventos grandiosos, mas ignorar as cartas desses anos e não utilizá-las em sua obra nos faz pensar em duas possibilidades: ou as pessoas escreveram apenas correspondências julgadas irrelevantes, perdendo o senso político que as cartas de 1925 apresentaram; ou a escolha de manter essa lacuna foi infeliz por parte do autor, uma vez que ele teve acesso a uma imensidão de opiniões, queixas, pedidos e visões políticas dos seguidores de Hitler. Obviamente como historiador e editor dessas cartas, ele teve que fazer escolhas, mas essa lacuna deixa a desejar

no objetivo de seu trabalho que era apresentar a visão de pessoas comuns durante o período em que o nazismo esteve presente no cenário político da Alemanha.

Outro ponto que nos intrigou durante a triagem de escolha das cartas é que Eberle não apresentou carta alguma referente às eleições de 14 de setembro de 1930, marcadas pela primeira vitória do NSDAP nas urnas, totalizando 18,3% dos votos o que garantiu ao partido 107 cadeiras e a condição de segundo maior partido no Parlamento. Isso causou um incômodo durante a pesquisa, porque é possível perceber nos anos posteriores, conforme será demonstrado nesse trabalho, a população não se omitia de manifestar-se em apoio às eleições, muito menos se intimidava em parabenizar Hitler em suas vitórias ou prestar palavras de incentivo caso o resultado de alguma eleição fosse ruim para o NSDAP. Essa ausência de cartas no livro de Eberle num momento crucial para o partido nos faz retornar às indagações anteriores.

Diante da leitura das cartas e da verificação desses dois impasses principais na edição do livro de Eberle é que foi possível definirmos as nossas escolhas das cartas que seriam analisadas aqui. A criação de uma comunidade de remetentes nos ajudou a perceber quem são essas pessoas que escreveram. Inicialmente tivemos onze grupos escrevendo: estudantes; associações nazistas; crianças e jovens até quinze anos; igrejas e líderes religiosos; líderes, membro e grupos locais do NSDAP; Forças Armadas (Exército, Marinha, SA, SS, etc.); políticos e pessoas com títulos nobres; profissionais relacionados às artes; profissionais relacionados à educação; industriais; e pessoas das mais variadas profissões como advogados, comerciantes, cesteiros, entre outros (colocamos esses no mesmo grupo, pois as cartas escritas por certos profissionais apareceram uma ou duas vezes apenas enquanto cartas de religiosos apareceram doze vezes).

Esse primeiro levantamento nos possibilitou organizá-las em cartas particulares e cartas institucionais. Chamou a atenção que as cartas realmente institucionais são poucas. O que acontecia muito é que alguém membro do NSDAP de Viena, por exemplo, escrevia em tom particular e não em nome do grupo local, mas na sua despedida anunciava que pertencia àquele grupo. Feita essa definição de cartas particulares e cartas institucionais, o próximo passo foi organizá-las de forma cronológica para que pudéssemos fazer a avaliação da narrativa das cartas.

Em relação a essa avaliação chegamos às seguintes constatações: as cartas do ano de 1925 apresentam conteúdos que visam obter mais esclarecimento sobre o programa político do NSDAP, demonstram o anseio por discursos de Hitler – que estava proibido de discursar



na maior parte da Alemanha por causa das medidas de sua condicional, desde sua soltura da prisão em 20 de dezembro de 1924 - e mostram o interesse na reorganização do partido e desde já a lealdade daqueles que seguiam Hitler antes dos acontecimentos do Golpe da Cervejaria. As cartas de 1930 e 1931 trazem conteúdos variados, que tratam desde a insatisfação de algumas pessoas com o comércio judeu; o problema de estar associado ao partido e perder clientes, mas mesmo assim demonstrando lealdade; até poemas que demonstram a confiança e lealdade extremas em Hitler. As correspondências de 1932 demonstram o anseio da população para que Hitler chegasse logo ao poder e solucionasse os problemas apresentados nas cartas, como por exemplo, a melhoria da economia (prometida por Hitler em comícios), a questão do desemprego, a situação de pensionistas, entre outros.

Os anos de 1933 e 1934 demonstram a gratidão, veneração, confiança, lealdade e reconhecimento a Hitler. Finalmente ele estava no poder e seu plano político iria salvar a Alemanha da humilhação que ela vinha sofrendo desde o final da Primeira Guerra Mundial, essa era a principal expectativa dos missivistas. A população alemã escrevia para Hitler por ocasião de seu aniversário, páscoa, natal e ano novo. Essas cartas apesar de serem de felicitações, normalmente vinham com algum conteúdo político nas entrelinhas. A carta de quatro diaconisas de Wuppertal, de 11 de abril de 1933, exemplifica esse conteúdo político oculto nas felicitações.

Prezado, caro senhor chanceler do Reich! Receba os parabéns pelo seu aniversário, de todo nosso coração lealmente alemão. E que a graça de Deus lhe dê muita força, alegria e sabedoria. Sabemos que muito trabalho e preocupações pesam sobre seus ombros, mas também sabemos que o senhor se esquece de si mesmo e se lança ao trabalho por todos nós em nossa querida pátria com a firme dedicação alemã. Por isso temos que agradecer cordialmente ao senhor, caro senhor chanceler do Reich, aos seus fiéis ministros e auxiliares. Pedimos que Deus os mantenham ativos e saudáveis por muito tempo, para que nosso pobre povo torne a ser um nobre povo alemão. Com leais saudações alemãs, somos gratas – Augusta Obergössel, diaconisa, Friede Haede, diaconisa, Wilhelmine Burggraf, diaconisa, Martha Schmidt, diaconisa. (EBERLE, 2010, p. 258)

As pessoas escreviam com total confiança e devoção, depositando toda sua “fé” e esperança nas decisões do grande líder. Essa veneração à figura do líder nos movimentos fascistas é explicada por Paxton (2007):

[...] A imagem do ditador todo-poderoso personaliza o fascismo, criando a falsa impressão de que podemos compreendê-lo em sua totalidade examinando o líder, isoladamente. Essa imagem, cujo poder perdura até hoje, representa o derradeiro triunfo dos propagandistas do fascismo. Ela oferece um alibi às nações que aprovaram ou toleraram os líderes fascistas, desviando a atenção das pessoas, dos grupos e das instituições que lhes prestaram auxílio. Precisamos de um modelo mais sutil de fascismo, que examine as interações entre o Líder e a Nação, e entre o Partido e a sociedade civil. (PAXTON, 2007, p. 23)

O fascismo diferentemente dos demais “ismos” históricos (conservadorismo, liberalismo, socialismo, etc), era algo novo. Foi criado a partir do zero para servir a era da política de massas que nascia no século XX. Apelava às emoções, através de rituais, de cerimônias encenadas e de retórica carregada. O fascismo se baseia no “[...] sentimento popular sobre as raças superiores, a injustiça de suas condições atuais e seu direito a predominar sobre os povos inferiores.” (PAXTON, 2007, p. 26)

Embora essa veneração fosse ponto forte nas cartas escritas para Hitler, havia cartas em que partidários se mostravam insatisfeitos com as ações do líder. Infelizmente, como nos informa Eberle nos arquivos de 1935, que contém mais de cem cartas, há apenas uma carta que poderia ser considerada crítica ao regime, e o conteúdo dela mostra que o remetente reclamava da perseguição dos funcionários locais do partido contra a igreja. Infelizmente essa única carta crítica que Eberle menciona não aparece em sua obra.

As cartas até 1º de setembro de 1939, data em que a Alemanha atacou a Polônia, demonstram uma confiança extrema nas ações de Hitler e o apoio a tudo que ele fazia era visível. Mas não são deixadas de lado cartas em que há críticas ao governo, cobranças e exigências. Lamentavelmente cartas que traziam um cunho político fortemente crítico, em sua maioria, ficaram sem respostas.

Embora a escolha de publicação das cartas feitas por Eberle não apresente as que demonstram mais abertamente o ódio da população aos judeus, esse não será um assunto deixado de lado. Algumas cartas mostram de forma velada a ânsia pelo extermínio daquela “raça inferior”, contudo, nem mesmo nos apontamentos de Eberle, há menção de que a população conhecia o que se passava nos campos de concentração.

Sem dúvida se pode dizer que, exceto as trezentas ou quatrocentas mil pessoas diretamente envolvidas nas execuções, nas organizações dos massacres, no encaminhamento das vítimas aos campos ou às câmaras de gás, os outros podiam simular ignorância quanto ao destino dessas vítimas, ou até mesmo ignorar de fato, pois o segredo e a censura sobre a finalidade dessas operações eram absolutos. (FERRO, s.d.p., p. 140)

Ferro ainda escreve sobre o contraste entre esse segredo e o discurso público:

O traço mais importante é, sem dúvida, o contraste entre, de um lado, esse segredo – cada agente do processo ignorava o que fazia o outro, e com que finalidade – e o discurso público de aniquilação que Hitler e seus seguidores proferiam: eliminação dos judeus, acerto de contas definitivo, etc. (FERRO, s.d.p. p. 140)

Essa avaliação das narrativas das cartas em seus respectivos períodos nos possibilitou definir quais cartas seriam analisadas aqui. Em sua maioria elas tratam de política, o que as pessoas sabiam e o que não sabiam sobre as intenções nazistas. Algumas cartas que

demonstram apenas a lealdade de seus adeptos também foram apresentadas, pois elas trazem em si o poder que a propaganda exerceu e demonstram a força em torno da figura do líder.

Outra perspectiva importante foi entender o que envolve a tradução de um livro. Por isso também dialogamos com as tradutoras do livro: Claudia Abeling e Renata de Souza Dias Mundt. No site <http://www.goethe.de/ins/br/lp/prj/dgb/uek/uep/abe/ptindex.htm> elas responderam a sete perguntas sobre o processo de tradução de livros em alemão. Através de uma das respostas conseguimos entender certas palavras que não foram traduzidas e principalmente a falta de rima nos poemas.

Claudia Abeling nasceu em 1965 em São Paulo. Formou-se em Comunicação Social - Editoração / Escola de Comunicações e Artes pela Universidade de São Paulo em 1986. Em 1990 foi estagiária da Fundação Bertelsmann, estágio realizado na editora Campus Verlag, Frankfurt/Main. Em julho de 2012 participou da oficina de tradução alemão-português e português-alemão "Vice Versa", em Paraty/RJ organizada por Goethe-Institut, Universidade Federal Fluminense, Deutscher Übersetzerfonds e Fundação Robert Bosch. Entre 20-26 de agosto de 2012 participou na "Academia de Verão" para tradutores de literatura alemã, realizado pelo *Literarisches Colloquium Berlin* (Berlim). Quando perguntada sobre qual dificuldade linguística já a levou ao desespero em uma tradução, ela respondeu: “Algumas combinações de palavras em alemão são realmente desesperadoras, caso se queira traduzi-las ao pé da letra, o que evidentemente não é o caminho a ser tomado. Poemas também são momentos delicados no trabalho de tradução, podendo ser desesperadores!”

Renata de Souza Dias Mundt nasceu em 1968 em São Paulo. Entrou no curso de Letras: Português/ Alemão em 1990 na USP. Em 1992 fez o curso IPBA (Instituto Pedagógico Brasil/ Alemanha) - Referendariat Deutsch als Fremdsprache. No ano de 1994 se formou na Faculdade de Educação - Licenciatura em alemão pela USP. Fez o curso de especialização em Ensino de Alemão como Língua Estrangeira – pedagogia para estrangeiros na Universidade de Koblenz – Landau, Rheinland Pfalz / Alemanha em 1995. No ano 2000 realizou seu Mestrado em tradução de literatura infanto-juvenil alemã: *Traduzir para crianças, uma brincadeira muito séria* pela USP. Em 2002 recebeu uma menção *Altamente Recomendável para Jovens* da Fundação Nacional do Livro Infanto-Juvenil na categoria *Tradução/ adaptação para jovens* pela tradução do livro *Coloquei você no centro do mundo*, de Andrea Hensgen, Editora Ática. E em 2011 recebeu uma menção *Altamente Recomendável* da Fundação Nacional do Livro Infanto-Juvenil na categoria *Tradução/ adaptação para jovens* pela tradução do livro *Oportunidade para um pequeno desespero*, de Franz Kafka, com

organização e ilustrações de Nikolaus Heidelbach, Editora Martins Martins Fontes. Também perguntada sobre qual dificuldade linguística já a levou ao desespero em uma tradução, ela respondeu que não perder o lado lúdico das obras gera trabalho e em muitos casos é necessário uma extensa pesquisa linguística para entender o alemão de cada período e traduzir corretamente.

O que podemos constatar sobre as duas tradutoras, primeiro é que são altamente qualificadas para realizar um trabalho tão delicado como a tradução de cartas que refletiam os sentimentos dos adeptos ao nazismo; segundo, a falta de rima nos poemas se dá pelo cuidado que elas tiveram em não perder o lado lúdico da tradução, por isso prezaram por uma tradução fiel e não a uma rima coerente; e terceiro, não apenas no livro do Eberle, mas em tudo que foi consultado para a realização desse trabalho, as palavras que não foram traduzidas e que por ventura aparecerem aqui em alemão sem tradução, estão assim para que não se cometa erros na interpretação, pois como elas apontam, traduzir literalmente uma palavra nem sempre é o melhor caminho.

Dessa forma, ficam estabelecidas as diretrizes que guiaram essa pesquisa: o diálogo com o editor das cartas, Henrik Eberle, que tornou possível a definição da metodologia de análise apresentada e a importância do diálogo com as tradutoras, uma vez que não tivemos a oportunidade de acessarmos as fontes nos arquivos de Moscou, para que entendamos o universo da não tradução de algumas partes das cartas e a falta de rima nos poemas que serão apresentados.

## II- Por que estudar o nazismo a partir de cartas?

O estudo de cartas como objeto específico de trabalhos acadêmicos permaneceu por muito tempo distante do interesse dos pesquisadores. Algumas dificuldades adicionais costumam aparecer nesse tipo de trabalho, tais como acesso ao local onde se encontram os documentos, a existência de arquivos dos documentos que estejam disponíveis para consulta e a necessidade de cuidados especiais com a definição de pressupostos teórico-metodológicos. Segundo Gomes (2004), a utilização de cartas como fonte ocorre há muito tempo, mas a presença desses documentos como o objeto, em si, da pesquisa histórica, como fonte principal e orientadora da análise, é algo bastante recente.

O interesse desta pesquisa na utilização de cartas endereçadas ao Terceiro Reich surgiu a partir da constatação que a própria historiografia nos permite fazer: até mesmo alguns documentos de Estado, como ofícios, despachos e correspondência geral entre os

diversos órgãos, após receberem uma classificação, permanecem pouco tempo arquivados e alguns são descartados e outros não.

Uma das principais dificuldades do pesquisador que pretenda trabalhar com cartas é o acesso a elas. E quando se tratam de cartas políticas é comum termos a notícia de que foram destruídas para preservar esse ou aquele político porque eram comprometedoras. É de conhecimento dos historiadores, como nos mostraram Robert Gellately, Norbert Elias, Henrik Eberle, entre outros, que a maioria dos documentos referentes ao período nazista foram destruídos para que jamais pudessem confirmar certas ações realizadas. Diante disso, os historiadores que pesquisam esse período encontram várias lacunas na história da Alemanha.

A proposta desta dissertação é buscar entender a história do nazismo, a partir de cartas endereçadas a Hitler e analisar a partir dessa documentação a relação do regime nazista com seus apoiadores. E esse é um aspecto importante para a História, pois até o ano de 2007<sup>3</sup> o acesso a essa documentação era difícil e buscamos, de alguma forma, contribuir com os estudos desse período.

[...] Na capital do Reich, Berlim, os soldados soviéticos fizeram presas especialmente ricas. Em suas mãos foram parar milhares de documentos com os quais era possível se comprovar a responsabilidade pelos inúmeros massacres de tropas alemãs. No processo de Nuremberg, os acusadores utilizaram esse material para conseguir a condenação dos principais criminosos de guerra. Mas também em processos na União Soviética os documentos, sistematicamente compilados, foram utilizados como provas. [...] Como nem todos os documentos estavam corretamente arquivados, perguntas mais específicas revelaram mais material, indicado apenas nas listas de entrega, o qual nem historiadores “ocidentais” nem seus auxiliares russos haviam consultado até então. (EBERLE, 2010, p. 19-20)

Relatar e analisar essa experiência da população com o regime nazista demonstra a complexidade de escolhas que os cidadãos alemães tiveram que fazer diante da proposta política que lhes foi apresentada para reerguer a Alemanha e a variedade de situações com que se depararam.

Olhar nos dias atuais para o período nazista e entender essas escolhas torna-se complexo, pois às vezes parece inadmissível que a população tenha dado poder a alguém como Hitler, mas precisamos lembrar que essas pessoas não tinham como ver a situação da Alemanha pós Primeira Guerra Mundial como nós a vemos, munidos de conhecimentos do que aconteceu depois. Qualquer julgamento moral nesse sentido tem o potencial de levar a análise a um patamar arrogante, desprovido da serenidade necessária ao bom entendimento. Esse mesmo princípio é válido para a maioria dos alemães que hoje estão distantes desse

---

<sup>3</sup> Ano em que o livro “Cartas para Hitler”, de Henrik Eberle, foi publicado em alemão. No ano de 2010 foi lançada a publicação em português, exemplar que permitiu essa pesquisa.

período. Evans cita Ian Kershaw (1983) que, em sua obra *Popular Opinion and Political Dissent in Third Reich: Bavaria 1933-1945*<sup>4</sup> observou que, [...] “para alguém de fora, não alemão, que jamais experienciou o nazismo, talvez seja excessivamente fácil criticar, esperar padrões de comportamento que eram quase impossíveis de se atingir nas circunstâncias” [...] (KERSHAW, 1983, p. 7 apud EVANS, 2010, p. 21)

As cartas sofrem cortes, censuras ou nem mesmo são respondidas, como em alguns exemplares de nosso trabalho nos quais as pessoas escreveram fazendo várias perguntas intrigantes sobre o regime nazista e o missivista ficou sem resposta. Essa ausência causa certo transtorno por não sabermos o que os nazistas pensavam a respeito daqueles pontos levantados nas cartas. Fredrigo relata sua experiência com cartas e vem ao encontro de nossa pesquisa:

A experiência com cartas obriga o pesquisador a se dar conta de que, enquanto gênero, a correspondência se caracteriza pela interrupção, pela exigência de continuidade, pela pausa entre uma e outra carta, pela obsessão pelas cartas extraviadas e pela angústia do corte. A interrupção vem demarcar por duas fontes de intriga: se interrompe uma carta porque não se quer dizer mais nada sobre o referido assunto ou se interrompe para que o assunto vire o “ponto alto” da próxima missiva. Num e noutro exemplo, o pesquisador é sempre visitante indesejado, pois não era ele o interlocutor ou leitor ideal imaginado pelo missivista.<sup>5</sup> (FEDRIGO, 2009, p.50)

Essas cartas não foram escritas para serem lidas por nós, elas possuem um destinatário, é desse destinatário que o missivista quer respostas, conselhos, uma palavra amiga, talvez até mesmo escreva com a intenção de receber uma chamada de atenção quando o assunto trazido é problemático, mas com certeza essas cartas não são para os pesquisadores, por isso talvez entremos nesse desespero diante do corte, na angústia de não sabermos se a carta teve ou não resposta e, se teve, onde está essa resposta, ou o porquê de não ter resposta, e às vezes nos sentimos compelidos a querer dar uma resposta, mas sem podermos fazê-lo. E cabe ressaltar também que “[...] a reciprocidade que a correspondência estabelece não é simplesmente a do conselho e da ajuda: ela é a do olhar e do exame.” (FOUCAULT, 2010, p. 156)

As cartas, assim como diários, biografia e autobiografias compõem um tipo de documento conhecidos como escrita de si. Essa modalidade de escrita dentro da história se inicia a partir da influência da historiografia francesa, que foi consagrada, por exemplo, com a

---

<sup>4</sup> Embora esse seja um livro de leitura obrigatória em minha pesquisa, não tive oportunidade de lê-lo ainda, mas estudos sobre a participação popular na ascensão do regime nazista já é um fato conhecido entre os historiadores e em nossa investigação, Robert Gellately contribuiu com seu livro *Apoiando Hitler* (2011), para percebermos juntamente com as cartas as dimensões do envolvimento da população com o regime.

<sup>5</sup> Guardemos as devidas proporções na citação, pois a professora Fredrigo trabalhou em sua tese de doutorado com o epistolário bolivariano (1799-1830).

obra *História da vida privada*. O sucesso dessa iniciativa possibilitou a escrita de uma coleção no Brasil, conhecida como *História da vida privada no Brasil* (escrita em 1997 e 1998). Esse interesse pela análise das práticas missivistas contribui para que houvesse uma “(re)oxigenação” das práticas historiográficas e da história social da cultura, implicando dessa forma uma contribuição na investigação sobre a construção do privado. (LIMA, 2010, p. 215)

Segundo Gomes o consenso da literatura que trata da escrita de si sobre sua divulgação pode ser datado do século XVIII, quando os indivíduos “comuns” começam a produzir uma memória sobre si. Essa prática da escrita de si engloba um conjunto diversificado de ações, sejam elas ligadas diretamente à escrita de si propriamente dita – como autobiografia e diários – até aquelas realizadas pelo recolhimento de objetos materiais, resultando ou não em coleções, que constituem uma memória de si. Independente de qual seja o caso dessa formação da escrita de si, tanto grupos quanto indivíduos evidenciam a importância de dotar o mundo que os rodeia de significados especiais, relacionados e relacionando-os com suas vidas, que não precisam ter um motivo especial para serem lembrados. (GOMES, 2004, p. 10)

Diante dessa nova modalidade de documentação, os historiadores se viram compelidos a adotar esses novos objetos às suas práticas historiográficas, assim como construir novas metodologias e categorias de análise, enfrentando a grandiosidade da dimensão subjetiva desse tipo de documentação. Dentro desse conjunto da modalidade da escrita de si, as cartas ganham um lugar de destaque nas pesquisas dos historiadores, seja como fonte ou como objeto de estudo. Mesmo tendo destaque, ainda assim, como assinalado anteriormente, sua utilização ainda é pequena se comparada a outras fontes e objetos, mas independente disso, é preciso que façamos alguns apontamentos específicos sobre o estudo das cartas. Sobre essas especificidades, Gomes escreve:

[...] a correspondência constitui, simultaneamente, o sujeito de seu texto. Mas, diferentemente das demais, a correspondência tem um destinatário específico com quem se vai estabelecer relações. Ela implica uma interlocução, uma troca, sendo um jogo interativo entre quem escreve e quem lê – sujeitos que se revezam, ocupando os mesmo papéis através do tempo. Escrever cartas é assim “dar-se a ver”, e mostrar-se ao destinatário, que está ao mesmo tempo sendo “visto” pelo remetente, o que permite um *tête-à-tête*, uma forma de presença (física, inclusive) muito especial. (GOMES, 2004, p.19)

Existe dentro do campo da prática da escrita de cartas, uma “relação contratual”, que nos possibilita pensar as contradições que um texto missivista apresenta. Um mesmo sujeito pode ter vários perfis identitários – ao mesmo tempo ele pode ser pai, filho, político,

comerciante, amante, etc. – o peso do destinatário de sua carta pode levá-lo a escrever de forma diferente conforme a exigência da circunstância – algo que ele diz para um amigo pode ser desmentido para um parente. (LIMA, 2010, p. 219) Para a análise das cartas enviadas a Hitler, esse ponto a respeito dos “vários perfis identitários” é importante, pois o tom das cartas muda de acordo com o interesse do missivista – temos duas cartas escritas por um mesmo homem, na primeira o tom dele é de sugestão ao governo, ele se apresenta de forma humilde, dizendo apenas seu nome e onde mora. Não havendo uma resposta imediata à sua carta ele torna a escrever já em um tom de exigência, se apresentando como advogado e mostrando sua indignação por ter ficado sem um retorno da chancelaria.

Um problema que se apresenta no estudo das cartas e que Lilia Moritz Schwarcz trabalha é a questão da alteridade. Muitas vezes nos identificamos demais com nosso objeto de pesquisa e caímos na tentação de vivermos vidas alheias como se o autor da carta fosse um parente próximo. Trabalhar com essa alteridade é termos que transformar o estranho em familiar, mas sem nos identificarmos de forma absoluta. “[...] A verdadeira identificação é aquela que leva ao estranhamento do outro, mas também de si”. (SCHWARCZ, 2013, p. 53)

Para entendermos a função de se escrever cartas utilizaremos Foucault. Escrever cartas tem funções, embora hoje em dia já não tenhamos mais essa prática de escrita tão viva entre nós, o ato de escrever cartas tem intenção e espera uma resposta. Por isso, a angústia quando nos deparamos com cartas enviadas a Hitler e que ficaram sem resposta, pois,

[...] A carta que se envia age por meio do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como, pela leitura e releitura, ela age sobre aquele que a recebe. [...] A carta que é enviada para ajudar seu correspondente – aconselhá-lo, exortá-lo, admoestá-lo, consolá-lo – constitui para aquele que escreve uma espécie de treino. [...] A escrita que ajuda o destinatário arma aquele que escreve – e eventualmente terceiros que a leiam. Mas ocorre também que a assistência espiritual prestada por aquele que escreve ao seu correspondente lhe seja devolvida na forma de “retribuição do conselho”. [...] (FOUCAULT, 2010, p. 153-155)

De acordo com Salomon (2010), precisamos pensar o arquivo primeiro a partir de uma história das palavras; segundo, reconhecendo e considerando que a massa de homens comuns entram para a história como personagens falantes; terceiro, além de tratar esse excesso de palavras como positividade de um saber, devemos tratá-las como acontecimento de uma época; e por último, devemos impedir que a raridade dessas palavras seja emudecida pelas massas. (SALOMON, 2010, p. 41) O autor nos traz uma definição do que é arquivologia e a definição desse arquivo em que as cartas se encontram, no caso de sua pesquisa ele trabalhou com cartas de imigrantes que moravam em Santa Catarina, mas as definições se aplicam para arquivos nos quais cartas são encontradas:



[...] Tradicionalmente, arquivologia significa ciência do arquivo. Ciência, precisamente, no sentido régio e clássico: ordenação taxionômica. Talvez pudéssemos inverter esse sentido destacando a singularidade do *logos* em questão em um determinado arquivo. A arquivologia trataria, assim, de estudar e analisar o *logos* que se encontra implicado na singularidade de um arquivo. As cartas dos imigrantes se constituem no arquivo que reúne um novo tipo de *logos*, de palavra, a dos homens comuns. Estes alcançam a palavra, passam a ter voz. Os homens comuns deixam rastros de si. [...] O arquivo dessas palavras atesta que o homem comum se engaja nesse momento na própria ideia de um destino comum. Arquivologia poderia ser, assim, não mais a ciência do arquivo, mas sim, a análise das palavras com as quais e pelas quais um arquivo é arquivo. (SALOMON, 2010, p. 52)

Entrando um pouco mais sobre o estudo do nazismo, existe uma questão muito presente entre os estudiosos do período nazista: história do nazismo, já não se conhece tudo que estava ao alcance sobre esse período? A resposta é não. A História sempre terá algo a nos proporcionar, sempre teremos motivos para voltarmos o olhar para a Alemanha do período nazista. Algumas perguntas sobre o nazismo são sempre recorrentes:

Como uma nação avançada e altamente culta como a Alemanha pôde ceder à força brutal do nacional-socialismo tão rápida e facilmente? Por que houve tão pouca resistência séria à tomada nazista? Como pôde um partido insignificante da direita radical ascender ao poder com subtaneidade tão dramática? Por que tantos alemães fracassaram em perceber as consequências potencialmente desastrosas de ignorar a natureza violenta, racista e assassina do movimento nazista?<sup>6</sup> (EVANS, 2010, p. 23).

Essas questões foram respondidas de forma variada ao longo do tempo. O regime nazista foi um entre os vários vivenciados na Europa do século XX. A violência que grupos políticos de países, tais como Itália, Portugal, entre outros empregaram para ascender e permanecer no poder levou alguns historiadores, entre eles Mark Mazower (2001) a chamar a Europa de “Continente Sombrio”. Existem questões sobre em que medida o nazismo estava intrínseco na história alemã e em que medida foi resultado da influência de outros regimes europeus e de acontecimentos que mergulharam a Europa em características comuns e centrais.

O século XX foi marcado pela ascensão do totalitarismo, um período caracterizado por uma política imposta por Hitler e outros líderes fascistas, que tinha em sua base o controle policial total, terror, violência e assassinatos de oponentes, mas do outro lado dessa manobra política estava à mobilização e entusiasmo das massas movidas pela sofisticação da propaganda. O nazismo não é apenas um resultado cruel e inevitável do curso da história da

---

<sup>6</sup> Daí o catálogo de questões colocadas no início do clássico de Karl Dietrich Bracher *Stufen der Machtergreifung*, volume I de Karl Dietrich Bracher *et al.*, *Die nationalsozialistische Machtergreifung: Studien zur Errichtung des totalitären Herrschaftssystem in Deutschland 1933/43* (Frankfurt am Main, 1974 [1960]), p. 17-8. (EVANS, 2010, p. 554 – notas)

Alemanha, foi necessária a utilização de “tradições políticas e ideológicas e acontecimentos que eram de natureza especificamente alemã para ter sucesso.” (EVANS, 2010, p. 29)

Hitler tinha consciência de que nunca seriam todos os alemães que concordariam e o apoiariam. Já havia admitido isso francamente em *Minha Luta*. Segundo ele, o “primeiro fundamento para a formação da autoridade” seria sempre a “popularidade”. A propaganda seria o caminho para obter esses objetivos, e quanto mais levasse “em consideração o sentimento de massa”, mais bem-sucedida seria. A “violência”, segundo Hitler, seria o segundo pilar da dominação. Uma questão que ainda está em aberto é qual dos fatores foi decisivo após a tomada do poder pelos nacional-socialistas: propaganda ou violência? A partir dessa questão, de acordo com o ponto de vista de Hitler, qualquer um pode ser “integrado” à comunidade étnica. Em seu livro *Apoiando Hitler: consentimento e coerção na Alemanha nazista* (2011), Robert Gellately dá uma breve explicação sobre o uso do terror na tomada de poder nazista.

[...] o consentimento e a coerção estiveram inextricavelmente entrelaçados durante a história do Terceiro Reich, até certo ponto porque a maior parte da repressão e do terror foi usada contra indivíduos específicos, minorias e grupos sociais pelos quais o povo tinha pouca simpatia. A coerção e o terror eram altamente seletivos e não se abateram de maneira universal sobre o povo alemão. A partir do início de 1933, a polícia e as Tropas de Assalto nazistas começaram a recorrer à violência [...] No todo, o terror não foi necessário para colocar a maioria na linha, nem mesmo minorias importantes. Em meados de 1933, ou no mais tardar no final do ano, o poder já estava assegurado, e as brutalidades e violências que são identificadas com a chamada “tomada de poder” nazista começaram a diminuir. O terror por si mesmo não explica adequadamente como o Terceiro Reich foi instalado, nem responde por seu considerável e persistente prestígio junto aos alemães. (GALLATELY, 2011, p. 22)

Mesmo com esses dois pilares de dominação, houve pessoas que rejeitaram o regime completamente ou que estipularam um limite pessoal dizendo “até aqui e não mais adiante”. Incontáveis ofertas mantinham o regime para aqueles que queriam se integrar. Para os seguidores, a tomada do poder pelo NSDAP, proporcionou a chance de enriquecimento individual e ascensão social. Somente as pessoas que estavam extremamente alertas e com maior raciocínio político perceberam, antes de 1933, que o principal objetivo dessa “visão de mundo” era o antissemitismo.

Nesse ponto as propagandas do nacional-socialismo funcionaram como força motriz a favor do ódio contra os judeus. Não por acaso, encontram-se na historiografia explicações convincentes sobre a influência das condições econômicas de ascensão social e desenvolvimento que permitiram ao NSDAP recrutar milhões de eleitores nos últimos anos da República de Weimar. Pelas mesmas razões é comum encontrarmos o argumento de que o antissemitismo seria a religião substituta dos privilegiados.

Frequentemente os historiadores são indagados sobre as origens desse ódio de Hitler pelos judeus. É difícil responder essa pergunta de forma direta e clara, buscam-se explicações para além da que ele dá em seu livro quando diz:

O judaísmo provocou em mim forte repulsa quando consegui conhecer suas atividades, na imprensa, na arte, na literatura e no teatro. [...] Agora que me tinha assegurado de que os judeus eram os líderes da social-democracia, comecei a ver tudo claro. A longa luta que mantive comigo mesmo havia chegado ao seu ponto final. Uma coisa tornou-se clara para mim. [...] Os líderes do Partido Social Democrata, com os pequenos elementos do qual tinha estado em luta durante meses, eram quase todos pertencentes a uma raça estrangeira, pois para a minha satisfação íntima, convenci-me de que o judeu não era alemão. Só então compreendia quais eram os corruptores do povo. (HITLER, 2001, p. 48-50)

Outra explicação encontrada em *Minha Luta* para o ódio de Hitler pelos judeus é sua associação com o marxismo. A partir de seus estudos sobre as teorias marxistas, ele concluiu que o marxismo está intimamente ligado ao judaísmo e este por sua vez ligado às ideias da social democracia.

Não se tem a pretensão de esgotar a discussão sobre onde começa o ódio de Hitler pelos judeus. A maioria dos autores estudados, para fundamentar a pesquisa, aponta como fator principal a associação dos judeus aos social-democratas.

Outra abordagem sobre o ódio pelos judeus e seu extermínio por parte dos integrantes dos movimentos fascistas é seu estranhamento diante do diferente. Judeus, gays, ciganos, negros, deficientes físicos, causavam estranheza aos padrões de raça determinados pelos fascistas. De acordo com Silva,

A alteridade social surge, assim, como o objeto central de ação do fascismo. As próprias bases da diferença – a diversidade étnica, partidária, as classes sociais – devem desaparecer em face das instituições homogeneizadoras, únicas: nação, raça, corporação. [...] No fascismo não há espaço para o outro, mesmo o outro hierarquizado e subordinado, tampouco para sua educação e conversão num homem novo, como o comprova o extermínio de judeus e *gays*. Uma ideia força, raça ou nação, torna-se o único valor moral em torno do qual ergue-se um poderoso código de ação. Assim, armado com um sistema ideológico e mental adequado, o fascismo identifica em si mesmo valores absolutos e qualquer diferença tornar-se-á objeto de eliminação violenta. [...] (SILVA, 2000, p. 149)

O autor traz à superfície de sua análise pontos que “justificam” a escolha de judeus como os inimigos nos regimes fascistas. Ele se baseia em Franz Neuman (1944) para explicar as características que os judeus tinham que os fazia serem tão odiados pelos alemães: eram estrangeiros, identificavam-se com o capitalismo e, ao mesmo tempo, com o comunismo, eram largamente a *avant garde* literária, musical, artística em geral, possuíam uma religião específica e um anátema multissecular banido pelo cristianismo. O campo de escolha do inimigo já era conhecido. Mas, como escreve o autor, “[...] tais características, anteriores ao fascismo, não haviam votado os judeus, na Alemanha, por exemplo, ao desprezo e muito

menos à morte em períodos anteriores. [...]” (SILVA, 2000, p. 150) Desse modo, é possível perceber que o antissemitismo alemão não era homicida e excludente desde sempre.

Não foram apenas ações coletivas que levaram à morte milhões de pessoas, mas ações coletivas que vieram consolidar a ideologia de seus líderes. Sobre isso Silva indaga: como transpor a incapacidade ante o amor para o campo social, para a ação coletiva? “[...] A imperiosidade da resposta deve-se basicamente ao fato de que a explicação deve ser procurada no plano social e político, e não apenas no nível individual.” (TODOROV, 1995, p. 141 apud. SILVA, 2000, p. 152) O autor nos mostra uma explicação a respeito disso quando cita Adorno

Criam-se, assim, tipos característicos de personalidades: de um lado, uma identificação cega (libidial) com o coletivo, um sentimento único de salvação na imersão no coletivo, na massa identificada como grupo (arianos, os SS, os *Arditti*, etc.); de outro lado, tipos condicionados a manipular massas, controlar coletivos e conduzi-los, para além de qualquer afetividade ou ética. (ADORNO, 1986, p. 39 apud. SILVA, 2003, p. 153-154)

É preciso que ainda nos dias de hoje os estudos sobre a Alemanha nazista e os demais regimes fascistas estejam presentes nas pesquisas dos historiadores e que esse período da história da humanidade seja conhecido da forma mais completa possível, para que os horrores vividos na Alemanha nazista não tornem a se repetir.

Por isso nessa pesquisa analisamos as cartas, tentamos entender dentro do contexto histórico a real contribuição das pessoas adeptas às práticas nazistas no governo de Hitler, através de suas palavras escritas e arquivadas buscamos perceber até que ponto as pessoas realmente apoiavam o governo, até que ponto sentiam medo e até que ponto viram nas propostas de Hitler uma maneira de obter privilégios.

Por fim, cumpre apresentar a organização desta dissertação: no primeiro capítulo realizou-se a análise das cartas que abrangem o período da reorganização do partido nazista em 1925 até o dia 30 de janeiro de 1933, data em que Hitler foi nomeado chanceler do Reich; o segundo capítulo apresenta a análise das cartas no período do Estado nazista, a partir do ano de 1933 até o início da Segunda Guerra Mundial em 1º de setembro de 1939; e por fim, no terceiro capítulo é apresentado e definido o universo do “mito nazista”, a partir, principalmente, dos poemas enviados para Hitler.

## **CAPÍTULO 1 - “CARTAS PARA HITLER”: 1925 A 1933 – DA RECONSTRUÇÃO DO NSDAP ATÉ A NOMEAÇÃO DE CHANCELER DO REICH.**

### 1.1- Considerações iniciais

Após a derrota na Primeira Guerra Mundial em 1918 pelas forças aliadas (França, Grã-Bretanha, Itália e Estados Unidos), a Alemanha estava arrasada e humilhada e seu exército em retirada. Suas fábricas estavam paralisadas, suas cidades invadidas por soldados e operários insuflados pela revolução comunista. A conjuntura da Europa havia mudado, poisem função de acordos firmados em 1919 surgiram novos países: Polônia, Tchecoslováquia, Áustria, Hungria e países bálticos.

Em questões territoriais a Alemanhafoi muito prejudicada com esses acordos, pois perdeu parte do território para Tchecoslováquia onde viviam cerca de três milhões de cidadãos de origem alemã. Além disso, o território polonês se formou dividindo a Alemanha pelo “corredor polonês”. O Tratado de Versalhes imposto à Alemanha, firmado na ocasião do encontro dos países vitoriosos, considerou-a a grande responsável pela guerra.

É nesse cenário devastador para a Alemanha que Hitler entra para a política em 1919. Por um lado a decepção pela derrota acometeu Hitler, por outro lado nutriu sua visão política influenciada por Schönerer, Lueger e Wagner<sup>7</sup>. Seu ódio contra os judeus aumentou, e para ele, a derrota na guerra só podia ser culpa dessa “raça inferior” que habitava a Alemanha há tanto tempo. A derrota em 1918 viria a desempenhar papel crucial na caminhada de Hitler rumo ao poder. E ele viu na propaganda o motor político para a humilhação que a Alemanha estava sofrendo: vinda de fora, a propaganda de guerra inimiga, minando a disposição alemã; do lado de dentro, a propaganda judaica, socialista, espalhando dúvida e derrotismo. (EVANS, 2010, p. 222). Ao contemplar o desastre, ele aprendeu que a propaganda deve sempre ser dirigida às massas:

Toda propaganda deve ser popular e estabelecer seu nível espiritual de acordo com a capacidade de compreensão do mais ignorante dentre aqueles a quem ela pretende se dirigir. Assim sua elevação espiritual deverá ser mantida tanto mais baixa quanto maior for a massa humana que ela deverá abranger. [...] A arte da propaganda reside justamente na compreensão da mentalidade e dos sentimentos da massa. [...] A capacidade de compreensão do povo é muito limitada, mas em compensação, a capacidade de esquecer é grande. Assim sendo, a propaganda deve-se restringir a poucos pontos. E

---

<sup>7</sup>Schönerer nutria forte antissemitismo, antieslavismo, autoritarismo e nacionalismo e Hitler concordava com ele que as áreas de língua alemã na Áustria deveriam fazer parte do império alemão e que a mistura de raças em Viena era algo repulsivo e apenas uma nação homogênea poderia ser bem sucedida; Lueger era prefeito de Viena e sua demagogia antissemita revelava, na visão de Hitler, o verdadeiro entendimento do homem; Hitler admirava as óperas de Wagner e elas ajudaram a fortalecer sua visão política.(EVANS, 2010, p. 218)

esses deverão ser valorizados como estribilhos, até que o último indivíduo consiga saber exatamente o que representa esse estribilho. (HITLER, 2001, p. 135)

Munido com esses pensamentos, Hitler obedeceu à ordem e foi para os cursos de instrução política em junho de 1919 que viriam a iniciar sua vida na carreira política. Munique estava vivendo um caos enorme e estava arrasada com a derrota, era o momento de alavancá-la novamente e encaminhá-la para seu renascimento. Com a derrubada do comunismo em Munique, a cidade foi tomada por *slogans* e linguagem políticanacionalista, frases antissemitas, palavras reacionárias que quase convidavam a uma manifestação raivosa do sentimento revolucionário. Hitler seria a peça chave, demonstrando competência em retórica e mobilizar as imagens estereotipadas dos inimigos em uma linguagem extremista e emocionalmente violenta.

Hitler frequentou cursos e tinha a pretensão de tirar à força quaisquer sentimentos socialistas que pudessem restar nas tropas da Bavária para que fossem doutrinados nas crenças da extrema direita. O professor conservador de história, Gottfried Feder, economista teórico pangermânico “[...] colocou um verniz antissemita na economia ao acusar os judeus de destruir o meio de vida de esforçados trabalhadores “arianos” usando o capital de forma improdutiva. [...]” (EVANS, 2010, p. 223). Em agosto de 1919 Hitler foi enviado a um curso como instrutor, tamanha foi sua assimilação dos ideais dos professores com que teve contato. Nessa ocasião descobriu o tamanho de seu talento para falar em público, sendo admirado por àqueles que o assistiam por sua facilidade e capacidade de conversar com homens simples, comuns. A veemência de seu antissemitismo também foi notada.

Hitler havia se tornado homem de confiança do Exército e por esse motivo foi enviado para averiguar um dos grupos políticos que eram criados em Munique naquela época, para ver se era perigoso ou se seria um grupo que poderia ser recrutado para a causa da revolução. O Partido dos Trabalhadores Alemães (DP)<sup>8</sup> fundado em cinco de janeiro de 1919, por Anton Drexler é que estava na mira de análise de Hitler. Drexler via a situação da Alemanha da seguinte forma:

Atribuía os males contra os quais lutava a maquinações dos judeus, que também haviam tramado a ideologia pernicioso do bolchevismo. Dirigia seu apelo não aos trabalhadores da indústria, mas às “propriedades produtivas”, a todos aqueles que viviam do trabalho honesto. [...] o partido de Drexler, a longo prazo, buscava igualmente conquistar a classe trabalhadora do marxismo e alistá-la a serviço da causa pangermânica. (EVANS, 2010, p. 224)

---

<sup>8</sup> Deutsche Partei

Não havia nada de incomum no partido criado por Drexler, mas incomum foi a atenção que Hitler despertou ao ir a um encontro do partido em dois de setembro de 1919 e falar apaixonadamente, da plateia, contra um orador que havia defendido a separação da Bavária do Reich. Agindo sob ordens de seus superiores, Hitler pediu para se filiar ao partido, ao qual foi recebido prontamente por Drexler que estava impressionado com sua fala. Ainda encorajado por seus superiores, Hitler se tornou o orador de destaque do partido. Usando de seu potencial como orador, Hitler incentivou o partido a fazer reuniões públicas cada vez maiores, grande parte delas em cervejarias, que eram anunciadas com antecedência e contavam com cenas de desordem. Indispensável para o partido, em março de 1920 Hitler deixou o Exército e decidiu que aquela seria sua futura atividade, tornando-se agitador político em turno integral.

O antissemitismo radical na Munique revolucionária era óbvio, e já vinha ganhando espaço com uma organização de visão semelhante, a Liga de Defesa e Desafio Racial Alemã. Sob a insígnia da suástica, a liga comandava uma “sofisticada máquina de propaganda”, distribuindo milhões de folhetos e fazendo comícios de massas, atraindo milhares de pessoas em vez de centenas que a organização de Drexler conseguia atrair. O Partido Social Alemão também se encaixava no grupo de partidos de extrema direita, menor que a liga (um décimo de seu tamanho), mas contava com ramificações em várias cidades da Alemanha. Entretanto, nenhum partido tinha um orador com a capacidade que Hitler tinha de poder de persuasão. (EVANS, 2010, p. 224)

O clima de revolução mexeu com os ânimos dos políticos dos mais variados partidos, mas Hitler agitava a massa em relação aos comerciantes “judaicos” que supostamente estavam empurrando os preços para cima. Hitler disse que todos deveriam ser enforcados e teve aprovação de sua plateia. A revolução pós-guerra e o quadro de sentimento nacional motivaram Hitler e em fevereiro de 1920 o então Partido dos Trabalhadores Alemães, teve seu nome alterado para Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP), essa alteração de nome também teve a intenção de alinhar grupos semelhantes da Áustria e Tchecoslováquia e talvez para enfatizar o foco anticapitalista.

O termo “nazi” foi criado por comentaristas hostis ao movimento nacional-socialista. Sobre a mudança de nome, seria errado ver o nazismo como uma forma de socialismo, pois logo de início Hitler fez questão de deixar claro que era contrário à social-democracia e ao comunismo (em menor escala nesse momento), afinal em sua visão, os “traidores de

novembro” que assinaram a humilhação da Alemanha no Tratado de Versalhes não foram os comunistas, mas os social-democratas e seus aliados. (EVANS, 2010, p. 227)

É mais comum vermos em livros de história e em documentários sobre o nazismo o uso do termo movimento nacional-socialista no lugar de partido nacional-socialista, e existe um significado para isso. De acordo com Evans, a vontade do nacional-socialismo era unir dois campos políticos de esquerda e de direita, pois argumentavam que os judeus tinham manipulado a nação alemã. Por isso, a base para tal ideia seria a raça. Em *Minha Luta*, Hitler explica porque o pangermanismo fracassou na Alemanha e dessa forma, com essa ideia na cabeça, se assegurou que não cometeria o mesmo erro: em vez de ser fundado sobre base racial, o seu antissemitismo tinha fundamento religioso. A razão por que esse erro se insinuou foi a mesma que causou o segundo erro. (HITLER, 2001, p. 91)

De acordo com Evans, o nazismo era uma contra ideologia extrema ao socialismo em certos aspectos, que tomou emprestado a retórica dos socialistas no processo, “[...] desde a autoimagem como movimento em vez de partido, até o muito alardeado desprezo pela convenção burguesa e pela timidez conservadora. [...]”. (EVANS, 2010, p. 228)

A diferença entre partido e movimento é importante para a análise das cartas, pois na maioria delas quando uma pessoa se referia ao NSDAP, chamava de movimento e tinha convicção do que estava falando e isso é assim desde as primeiras cartas em 1925. Essa diferenciação pode ser vista nas seguintes palavras:

[...] A ideia de “partido” sugeria compromisso com uma democracia parlamentarista, operando com constância dentro de um sistema político democrático estabelecido. [...] Ao se apresentar como “movimento”, o nacional-socialismo, assim como o movimento trabalhista, anunciava a oposição à política convencional e a intenção de subverter e por fim derrubar o sistema político dentro do qual inicialmente era forçado a operar. (EVANS, 2010, p. 228)

Revertendo os termos da ideologia socialista, o nazismo substituiu classe por raça e ditadura do proletariado por ditadura do líder. Eles também queriam substituir Weimar por um novo Estado racial pangermânico diferente do *status quo* do guilhermino. Também teria sido possível o nazismo sem a ameaça comunista, pois o antibolchevismo de Hitler, ao contrário do que se pensa, era produto de seu antissemitismo.

Conforme João Bernardo (2003), podemos chamar as ações dos alemães liderados por Hitler, a partir de 1922, como “uma revolta no interior da coesão”:

[...] As contradições de uma coesão social assente na exploração; os movimentos de ruptura e a constituição de novos princípios de organização



da sociedade; os limites com que essas novas formas de organização têm até agora deparado e a sua recuperação pelas classes dominantes, que reestruturam assim a coesão social. [...] (BERNARDO, 2003, p. 25)

A Alemanha se encontrava em plena revolução após a derrota na Primeira Guerra, as antigas lideranças governamentais retomaram o poder e o Tratado de Versalhes causou grandes impactos no país e a população se sentia revoltada em relação ao que havia acontecido. Em dois de setembro de 1919, Hitler se filiou ao Partido dos Trabalhadores Alemães; em fevereiro de 1920 o partido foi reorganizado sob outra sigla: Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP) e ao se tornar líder do NSDAP em 1922, Adolf Hitler deu início ao processo de “revolta no interior da coesão”. Nas palavras de Isabel Loureiro (2005):

De 1918 a 1923, a Alemanha foi palco da primeira revolução numa sociedade industrial desenvolvida. Depois da Revolução Russa em 1917, pela primeira vez pareciam possíveis as perspectivas de uma vitória do socialismo no Ocidente. Mas, contrariamente ao que aconteceu na Rússia, a Revolução Alemã fracassou, e a vitória das forças conservadoras acabou por pavimentar o caminho para a queda da República de Weimar e a ascensão do nazismo. (LOUREIRO, 2005, p. 19)

A revolta de Hitler com a atual situação política e econômica da Alemanha crescia cada vez mais, apesar de o NSDAP não contar com um número significativo de membros, continha membros o suficiente para armar um golpe de Estado. Na noite de oito de novembro de 1923, com um grupo de camisas-pretas fortemente armados Hitler interrompeu uma reunião de líderes políticos do governo bávaro em uma cervejaria no centro da cidade de Munique. Com um tiro para cima para ter a atenção de quem estava presente, declarou que o governo bávaro estava deposto. Levando o grupo de políticos para uma sala anexa, Hitler explicou que marcharia sobre Berlim, instalando um novo governo do Reich sob sua chefia. Se tivesse o apoio desses líderes políticos, os compensaria com cargos de destaque. Agora com a plateia calma, Hitler discursou de forma dramática dizendo que combatia os “criminosos de novembro de 1918”. Sem opção, o grupo de políticos pego por Hitler declarou seu apoio. Com um plano mal-acabado, os nazistas conseguiram tomar apenas alguns prédios do governo, como o quartel-general do Exército em Munique e o comando da sede da polícia, mas a caserna do Exército permanecia nas mãos do governo. Enquanto Hitler ia à cidade para resolver a situação, Ludendorff soltou o grupo político que havia prendido na cervejaria e eles não hesitaram em retroceder seu apoio forçado com Hitler, e entraram em contato com a

polícia, o Exército e a imprensa para repudiar o golpe. Ao meio-dia de nove de novembro<sup>9</sup>, Hitler acompanhado de dois mil apoiadores armados seguiu pelas ruas de Munique em direção ao Ministério da Guerra, no final da rua se depararam com um cordão de policiais armados. Em meio a isso, alguém disparou um tiro e o tiroteio seguiu por meio minuto. No total, quatorze marchadores e quatro policiais foram mortos. Com a prisão de Hitler, o golpe havia chegado a um final inesperado pelos nazistas. (EVANS, 2010, p. 249-251)

Durante os meses em que ficou preso, Hitler escreveu *Mein Kampf*, um livro que foi visto por alguns historiadores como “[...] uma espécie de esquema para as ações posteriores de Hitler, um livro perigoso e diabólico que infelizmente foi ignorado por aqueles que deveriam ter percebido tal coisa.” (EVANS, 2010, p. 253).

Em 20 de dezembro de 1924, faltando ainda quatro anos de prisão a cumprir, Hitler foi solto sob condicional e teve que ter cuidado para não violar nenhuma regra, uma delas o proibia de falar em público até 1927. A esse “detalhe”, deve-se o fato de que em algumas cartas as pessoas ansiavam por seus discursos e as respostas serem negativas na maioria das vezes. Após ser solto e diante da sua fracassada tentativa de tomar o poder, Hitler declarou que não havia a intenção da tomada do poder pela força novamente, o que de certa forma não aconteceu como será possível constatar mais adiante. É a partir desse momento (1925) que as cartas começaram a chegar em maior quantidade. Em 1933, Hitler se torna chanceler do Reich e pôde colocar em prática suas propostas formuladas no NSDAP. Seus seguidores acreditavam ter chegado ao objetivo. Embora o Führer estivesse cercado por seus ministros, era ele quem determinava as diretrizes da política.

Diante dessa breve contextualização geral feita até a nomeação de Hitler como chanceler, faz-se necessário explicar alguns pontos mais teóricos importantes sobre a ascensão do movimento nacional-socialista e sua relação com os alemães que conseguiu atrair.

Em *A anatomia do fascismo*, Paxton explica como o fascismo ganhou tamanha proporção e, mesmo que esses apontamentos se refiram ao fascismo de forma geral, eles servem muito bem para o que propomos nesse trabalho que é buscar entender a relação da população com o nazismo. Sobre isso, o autor escreve:

Outro problema das imagens convencionais do fascismo é que elas enfocam os momentos mais dramáticos do seu itinerário e omitem a textura sólida da experiência cotidiana, e também a cumplicidade das pessoas comuns no estabelecimento e no funcionamento dos regimes fascistas. Eles jamais

---

<sup>9</sup> O golpe foi marcado para o dia 9 de novembro por ser uma data simbólica, aniversário da Revolução de 1918 que derrubou o regime do *Kaiser*.

teriam crescido sem a ajuda das pessoas comuns, mesmo das pessoas convencionalmente boas. Jamais teriam chegado ao poder sem a aquiescência, ou mesmo a concordância ativa das elites tradicionais – chefes de Estado, líderes partidários, altos funcionários do governo – muitos dos quais sentiam uma aversão enfastiada pela crueza dos militantes fascistas. Os excessos do fascismo no poder exigiam também uma ampla cumplicidade entre os membros do *establishment*: magistrados, policiais, oficiais do exército, homens de negócios. Para entender plenamente como funcionavam esses regimes, temos que descer ao nível das pessoas comuns e examinar as escolhas corriqueiras feitas por eles em sua rotina diária. Fazer essas escolhas significava aceitar o que parecia ser um mal menor, ou desviar o olhar de alguns excessos que, a curto prazo, não pareciam tão nocivos, e que, isoladamente, podiam ser vistos até mesmo como aceitáveis, mas que, cumulativamente, acabaram por se somar em monstruosos resultados finais. (PAXTON, 2007, p. 34)

Quanto à formação dos partidos fascistas que chegaram ao poder, João Bernardo chama à atenção para a questão da violência como um dos meios utilizados para se convencer as pessoas a tomarem um posicionamento frente ao NSDAP, mostrando dessa forma que a intenção de Hitler por uma abordagem não violenta de convencimento da massa e da tomada de poder fracassara:

Não se sustentando numa ideologia sistemática, os partidos fascistas reduziram o seu quadro doutrinário a meia dúzia de formulações genéricas. Desde que elas fossem admitidas, todas as orientações ideológicas eram aceitas, se não colocassem obstáculos à função essencial do partido, que era a de servir de órgão de violência para impor uma política prática. A verdade dos fascistas não consistia numa ideia verdadeira, mas numa ação verdadeira, e era verdadeira a ação que fosse eficaz. [...] A concepção fascista de partido exigia, no entanto, uma atitude exclusivamente irracionalista, porque implicava uma hierarquia de disciplina virada apenas para a ação, entendida sempre como violência. O fascismo, forma absoluta de idealismo, encontrava corpo no partido, que era a emanção da vontade do chefe. A hierarquia, consubstanciada no rigor da disciplina, devia considerar-se como a condição deste processo, e a violência era a expressão dessa atividade quando confrontada com a realidade exterior. (BERNARDO, 2003, p. 54)

Mark Mazower (2013) mostra que no lugar de ser visto como uma versão extrema de um “fenômeno europeu moderno”, o nacionalismo tem destaque em sua violência extrema, excepcional e patológica. O que os teóricos do totalitarismo descrevem é que o nacionalismo é

O tipo de sistema de governo felizmente raro em que um bando de homens toma o poder pelo simples amor à dominação, destrói as liberdades e usa o terror para perpetuar seu domínio. Eles enfatizam a importância do controle de uma elite política sobre as pessoas comuns, e por acreditarem que as massas foram coagidas pelo terror desde o início, não perdem muito tempo analisando as ideias dos nazistas. Em vez disso, o próprio ditador emerge

como o motor primordial e demoníaco numa espécie de contra ideologia niilista. (MAZOWER, 2013, p. 45)

Não devemos ver a ascensão de Hitler ao poder como mero “acidente” no curso da história da Alemanha. Houve condições peculiares que propiciaram que esse momento acontecesse e sem elas Hitler seria apenas mais um político sem importância. Em qualquer outra época seria difícil imaginá-lo subindo ao palco da história. Seu tipo de retórica e seu estilo não seriam atraentes não fosse o momento que a Alemanha vivia. De acordo com Kershaw (2010):

[...] O impacto da guerra, da revolução e da humilhação nacional sobre o povo alemão, e o medo agudo do bolchevismo compartilhado por amplos setores da população deram a Hitler sua plataforma. Ele explorou as condições brilhantemente. Mais do que qualquer outro político de sua época, ele foi o porta-voz dos temores, ressentimentos e preconceitos intensos da gente comum não atraída pelos partidos de esquerda ou ligada aos partidos políticos ortodoxos, e ofereceu a essas pessoas a perspectiva de uma sociedade nova, melhor, e que parecia se basear em “verdadeiros” valores alemães com os quais podiam se identificar. A visão do futuro ia de mãos dadas com a denúncia do passado na atração que Hitler exercia. O colapso total da confiança num sistema estatal baseado numa política partidária e numa administração burocrática desacreditada levou mais de um terço da população a depositar sua confiança e suas esperanças na política da redenção nacional. O culto da personalidade cuidadosamente alimentado em torno de Hitler transformou-o na encarnação dessas esperanças. (KERSHAW, 2010, p. 290)

Uma visão mais ampla da política alemã no tocante às variáveis que propiciaram as condições para a ascensão nazista permite lançar um olhar analítico sobre as cartas, observando-as como instrumento integrante dessas variáveis e não apenas como mero resultado do contexto vivido.

## 1.2- 1925: Reconstruindo o partido

No dia 25 de maio de 1925 o metalúrgico Alfred Barg, nascido dia 27 de dezembro (*Julmond*) de 1907 no vilarejo de Kohlfurt, no distrito de Görlitz escreveu uma carta para Hitler na qual ele demonstrou conhecimento diverso sobre que acontecia no NSDAP. Após uma breve apresentação de sua vida pessoal, Barg começa o assunto de sua carta:

[...] Por um colega, o serralheiro Rudolf Scholz, o qual é membro do partido de Kunze, eu soube há dois anos, ou seja, no verão de 23, sobre o movimento nacionalista. Desde então, uso a suástica com convicção e acompanho com detalhes tudo no movimento. A tentativa de salvamento em *Nebelung* (novembro) de 23 (a qual, infelizmente, fracassou), a subida nas eleições de maio de 1924, o processo contra Hitler, o período de sua prisão,

o discurso de Kunze no parlamento do Reich, o recuo dos votos em julho de 1924, seu “prazo de preservação”, a divisão de Dinter-Esser-Streicher-Wulle-Graefe, a nomeação de Ludendorff como presidente do Reich (a qual festejei) e, por fim, o atrevimento do partido nacional da Bav. [iera] que o proibiu de falar a favor de Hindenburg! [...] (Apud: Eberle, 2010, p. 37)

Barg acompanha o NSDAP desde aproximadamente a metade do ano de 1923 (o verão alemão começa no final de julho e se estende até o final de setembro), por isso escreve sobre a tentativa de salvamento em *Nebelung* (novembro) de 23, referindo-se ao fracasso do golpe da cervejaria.

A subida nas eleições de maio de 1924, o processo contra Hitler e o período de sua prisão, compõe um quadro só: as eleições de quatro de maio de 1924 a qual Hitler não queria que o NSDAP participasse, mas que mesmo assim participou. Aqueles dos grupos *völkisch* que estavam dispostos a entrar no Parlamento, mesmo que relutantes, para que um dia pudessem destruí-lo optaram por fazer alianças eleitorais que lhes colocassem em condições de competir na série de eleições regionais que começariam em fevereiro e na eleição do Reichstag em quatro de maio (essa seria a primeira de duas naquele ano).

Parece que o resultado da eleição para o Reichstag ajudou a persuadir Hitler de que a tática parlamentar, pragmática e premeditadamente explorada, prometia dividendos. O voto *völkisch*, favorecido pela publicidade e pelo resultado do julgamento de Hitler, alcançara 6,5% do Reichstag, correspondentes a 32 assentos. A votação em Mecklenburg (20,8%) e na Baviera (16%) foi particularmente boa. Porém, o fato de somente dez dos membros *völkisch* do Reichstag fossem do NSDAP e 22 do DVFP<sup>10</sup> – Partido da Liberdade do Povo Alemão – dava alguma indicação da relativa fraqueza dos remanescentes do movimento de Hitler naquela ocasião. (KERSHAW, 2010, p. 175)

Quando Barg fala em seu “prazo de preservação” ele está se referindo a junho de 1924, momento em que Hitler decidiu se retirar da política, pois mesmo preso passava orientações políticas para os membros do partido. Sua decisão de se retirar do cenário político deu-se por três motivos: primeiro, ele queria poder liderar de forma adequada e da prisão isso não era viável; segundo, queria aproveitar ao máximo o tempo para se dedicar ao seu livro; e terceiro não queria por em risco a sua chance de condicional que seria julgada dia 1º de outubro. A declaração oficial de sua retirada da política aconteceu em 07 de julho de 1924, com os pedidos de que seu nome não fosse usado nem vinculado à política e que seus admiradores não enviassem mais presentes.

---

<sup>10</sup> Deutschvölkische Freiheitspartei

Durante o “prazo de preservação” de Hitler era preciso que alguém liderasse o movimento nacional-socialista. Antes mesmo do fracasso do golpe e da prisão de Hitler Alfred Rosenberg, editor do jornal *Völkischer Beobachter*, foi encarregado de liderar o partido que viria a ser banido, indicado pelo próprio Hitler. Essa escolha surpreendeu a todos, inclusive a Rosenberg, que era um homem sem muitas capacidades de liderança e não era a escolha óbvia para substituir Hitler. Como alguns supuseram talvez essa falta de liderança fosse o ponto chave para que Hitler não encontrasse um rival no momento em que fosse retomar as rédeas do movimento. Por outro lado, supor isso seria o mesmo que admitir que Hitler traumatizado pelo golpe fracassado, teria arquitetado um plano maquiavélico e lúcido, prevendo que o golpe fracassaria e que queria que o movimento ruísse com sua ausência. Uma explicação um pouco mais provável é que Hitler tenha feito essa escolha sob pressão, tomando essa decisão apressadamente e mal pensada de confiar a liderança dos assuntos do movimento a um membro com lealdade inquebrantável e inquestionável. (EVANS, 2010, p. 257; KERSHAW, 2010, p. 173)

Com a ausência da figura forte de Hitler no comando do movimento, algumas divisões e tentativas de fusões com outros grupos políticos começaram a surgir. A divisão de *Dinter-Esser-Streicher-Wulle-Graefe*, a qual Barg se refere na carta, é justamente o reflexo da falta de liderança de Rosenberg

Gregor Strasser era farmacêutico e lutou na Primeira Guerra Mundial, após a experiência da guerra ele reorganizou o que considerava que fossem erros alemães. No final da guerra combateu junto com as Brigadas Livres em Munique, o que lhe permitiu entrar em contato com Hitler. A divergência entre Strasser e Esser-Streicher, é que para Strasser a causa é que importava e não o líder, e Esser e Streicher sendo leais seguidores de Hitler, acreditavam que o líder importava mais que a causa. Strasser também era seguidor de Hitler, estava junto na ocasião do golpe da cervejaria e foi detido. Após sua liberação foi eleito para o Parlamento Bávaro em abril de 1924. Demonstrando ser um administrador talentoso, ele conseguiu juntar muitos fragmentos da despedaçada ultradireita. Mas o pensamento de Strasser não era tão parecido com o de Hitler e ele desdenhava dos grupos de ultradireita que acreditavam “que a solução primitiva do antissemitismo fosse adequada”. Strasser afirmou para Oswald Spengler em julho de 1925, que “o nazismo era diferente porque buscava uma “revolução alemã” através de uma forma de socialismo alemão.” A ideia de socialismo de Strasser envolvia que o Estado assumisse uma participação de 51% nas grandes indústrias e 49% nos demais negócios, incluindo também a volta das cooperativas e o pagamento dos

salários em espécie no lugar de dinheiro. Esse tipo de ideias “socialistas” foram desenvolvidas por Strasser junto com outros líderes nazistas nas seções do NSDAP em vários lugares do norte da Alemanha. Esses encontros do partido deviam pouco ou nada a liderança de Hitler durante sua ausência no cenário político alemão, de certa forma, o movimento estava se reconstituindo sozinho independente do que acontecia na sede em Munique. Logo Strasser e seus aliados estavam expressando o que pensavam sobre a liderança de Herman Esser na sede em Munique, considerando-a uma “panelinha corrupta e ditatorial.” (EVANS, 2010, p. 260)

Entre os dias 15 e 17 de agosto de 1924 em uma conferência em Weimar, pretendeu-se firmar uma união entre o NSDAP e o DVVPF, mas conseguiram apenas uma unidade superficial, o Movimento Nacional-Socialista pela Liberdade (NSFB<sup>11</sup>). O final do verão trazia consigo um aumento na fragmentação do NSDAP e no movimento *völkisch* de forma geral, apesar de todas as deliberações sobre fusão e união. “[...] Do ponto de vista do NSFB, a unidade sem Hitler – ainda mais diante da sua recusa a se comprometer publicamente com uma organização unificada – era impossível. [...]” (KERSHAW, 2010, p. 177)

A rixa que existia em torno das figuras de Esser e Streicher foi transformada em ruptura aberta na Baviera. O Bloco Völkischer entrou para o NSFB em 26 de outubro de 1924 com a intenção de disputar as eleições que estavam por vir em 07 de dezembro com uma organização unida. Dessa forma, aceitou uma liderança nacional no movimento. Gregor Strasser, o porta voz do bloco, condenava abertamente os líderes Esser e Streicher, mas esperava que *Großdeutsche Volksgemeinschaft* – GVG, Grande Comunidade Nacional Alemã – entrasse em breve para o NSFB. Em sua carta resposta a essa união, Esser reafirmou sua lealdade a Munique: “[...] o único homem que tem o direito de excluir alguém que lutou durante anos por seu lugar no Movimento Nacional-Socialista é Adolf Hitler. [...]” (KERSHAW, 2010, p. 177) Essa resposta é um ataque incisivo à liderança do Bloco Völkischer, com tom de reprovação ao apoio que Ludendorff concedia à posição do Bloco. Mesmo com os ataques impetuosos de Esser e Streicher, apoiados por Artur Dinter, nacional-socialista da Turíngia, estava difícil esconder o declínio da GVG.

O resultado das eleições para o Reichstag em sete de dezembro de 1924 demonstrou que essa rixa no movimento *völkisch* estava aquém da política geral alemã. Com apenas 3% dos votos para o NSFB, – o que significa que perdeu mais de um milhão de votos em comparação às eleições de maio – o número de assentos assegurados caiu de 32 para catorze e apenas quatro deles era nacional-socialista. Embora o resultado fosse desastroso, isso agradou

---

<sup>11</sup> National-sozialistische Freiheitsbewegung

Hitler. Sua ausência significava que o *völkisch* entrara em colapso e como resultado as pretensões dele à liderança ganhavam força. Esse resultado trouxe para o governo bávaro a ideia de que não precisariam se preocupar nem com o perigo da extrema direita nem com a liberação de Hitler da prisão, pela qual seus fiéis seguidores clamavam desde outubro.

O viés político seria a única forma de explicar a liberação precoce de Hitler pelo Judiciário bávaro, que insistiu em sua soltura condicional apesar da bem fundamentada oposição da polícia de Munique e da promotoria pública. Mas aos 20 dias do mês de dezembro de 1924, Hitler deixava a prisão de Landsberg rumo a seu apartamento em Munique.

Nesse outro trecho da carta, Barg se refere ao jornal de Alfred Rosenberg, *Völkischer Beobachter*, que trouxe em seu conteúdo os principais pontos da renovação do movimento nacional socialista.

[...] Também observei atentamente todos os partidos, dos comunistas, economistas liberais até os nacionais alemães. Entre todos eles, percebi a qual pertencço como operário alemão: ao campo nacionalista, ou seja, ao NSDAP. Seus objetivos, ou o seu objetivo, eu conheço pelo: *GroBdeutsche*, o *Nationasozial*. e o *Beobachter*, que comprava às vezes. [...] (Apud: EBERLE, 2010, p. 37)

Após sua soltura, Hitler passou os primeiros meses em reuniões com os membros do partido se informando de tudo que havia acontecido em sua ausência e como estava o cenário político na República de Weimar. Aos doze dias de fevereiro de 1925, Hitler fez o seu pronunciamento oficial sobre a decisão de refundar o NSDAP e a essa notícia veio uma avalanche de declarações de lealdade. O jornal de Rosenberg voltou a publicar depois do golpe em 26 de fevereiro, trazendo em sua principal notícia o título: “Sobre a renovação de nosso movimento” com os pontos novos sob os quais o NSDAP trabalharia.

O editorial de Hitler “Sobre a renovação de nosso movimento” enfatizava que se deveriam evitar recriminações pelas divisões no movimento *völkisch* e, aprendendo com os erros do passado, era importante olhar para o futuro. Não havia dentro do movimento lugar para disputas religiosas. [...] Recusava-se a aceitar quaisquer condições externas que limitassem sua liderança, proclamava que os objetivos do movimento não haviam mudado e exigia unidade interna. (KERSHAW, 2010, p. 195)

Na mesma edição do *Völkischer Beobachter*, também foi publicado seu “Apelo aos antigos membros”. Ele não queria saber sobre o passado dos que voltariam ao movimento nacional socialista, interessava-lhe apenas que a desunião do passado não acontecesse de novo. Além disso, exigia, sem concessões, obediência, lealdade e unidade. Era a “pax



hitleriana” que estava sendo ofertada. O jornal também trazia os regulamentos novos do NSDAP reformado:

[...] Liderança e unidade eram novamente a tônica. Todas as divisões deveriam ser evitadas na luta contra “o inimigo mais terrível do povo alemão [...] a judiaria e o marxismo”. A SA<sup>12</sup> deveria retornar ao papel de tropa de apoio do partido e campo de treinamento para jovens militantes que ocupara antes de se incorporar à cena paramilitar bávara, em fevereiro de 1923. [...] A entrada no partido refundado só seria possível com uma nova inscrição. Não haveria renovação ou continuação de inscrições antigas. Além do valor simbólico, essa medida estava de acordo com a imposição do controle centralizado de Munique sobre os membros. [...] (KERSHAW, 2010, p. 195-196)

O primeiro discurso de Hitler aconteceu em 27 de fevereiro de 1925 e com a declaração: “Senhores, que a representação dos interesses do movimento fique sob meus cuidados a partir de agora”, ele pôs fim a qualquer rixa política que aconteceu em sua ausência e aqueles que quisessem retornar ao movimento deveriam deixar o passado para trás e segui-lo com lealdade e obediência, pois nas palavras dele: “Não estou disposto a permitir condições enquanto carregar pessoalmente a responsabilidade”, concluindo sua fala. Os líderes da GVG – Hermann Esser, Julius Streicher e Artur Dinter – e os parlamentaristas do Bloco Völkischer – Rudolf Buttmann, Gottfried Feder e Wilhelm Frick – subiram no palanque, apertaram as mãos com votos de perdão uns para com os outros e juraram fidelidade a Hitler.

No dia 28 de fevereiro de 1925 a notícia que encheu a Alemanha era a morte do primeiro Presidente da República de Weimar, o social-democrata, Friedrich Ebert. Hitler fez questão de nomear como candidato nacional-socialista o herói de guerra, Erich Ludendorff, o qual foi, nas palavras de Alfred Barg, autor da carta em análise, festejado por ele. A eleição ocorreu em 29 de março, mas o vencedor só foi definido no segundo turno, em 26 de abril, cabendo ao marechal de campo Hindenburg o cargo de Presidente. Ludendorff conseguiu apenas 1,1% dos votos, ou seja, 286 mil eleitores votaram por um governante nacional-socialista. Mas o resultado não desagradou Hitler, pelo contrário, afirmou a Hermann Esser: “Tudo bem, agora acabamos finalmente com ele”. Hitler e Ludendorff tinham suas divergências políticas e a sua nomeação para as eleições, na visão de Hitler, era pró-forma, pois ele sabia que a derrota era certa. Mais difícil que entender o raciocínio de Hitler, com a nomeação de Ludendorff, é entender os motivos que o levaram a aceitar:

[...] O motivo de Ludendorff aceitar ser candidato e menos fácil de entender do que as razões de Hitler querer a candidatura de um rival que tratava com

---

<sup>12</sup>Tropa de choque (*Sturmabteilung*)

particular sarcasmo. Parece que persuadiu o general de que o candidato conservador de direita, Karl Jarres, tinha de ser detido e, exaltando o prestígio de Ludendorff, induzi-o a concorrer. É provável que o general contasse com o apoio de seus amigos *völkisch*. Mas quando eles decidiram – a fim de não dividir o voto da direita – apoiar Jarres, o destino de Ludendorff estava selado. O que parecia uma estratégia arriscada para alguns membros do séquito de Hitler na verdade não representava quase nenhum risco, e era mais ou menos uma garantia de prejudicar Ludendorff. O fato de que essa era a real intenção por trás da manobra de Hitler foi mal disfarçado, até por alguns nazistas influentes. (KERSHAW, 2010, p. 198)

No dia 6 de abril de 1925, o professor de matemática e deputado nacional-socialista do Reich, Theodor Vahlen escreveu uma carta de agradecimento por ter sido confirmado como líder do *gau* da Pomerânia e escreve demonstrando lealdade e que, assim como Barg, também gostou da indicação de Ludendorff para presidência:

O senhor pode estar seguro de minha lealdade absoluta e espero ter logo a oportunidade de, em um encontro de líderes do Reich, poder reforçar esse juramento com um aperto de mão. A candidatura de Ludendorff também deve separar o joio do trigo no campo do *Freiheitspartei*<sup>13</sup>. (Apud: EBERLE, 2010, p. 28)

Esse tipo de artimanha política não ficava evidente para as pessoas comuns e nem todos os líderes locais tinham conhecimento, uma vez que Barg e Vahlen gostaram da indicação de Ludendorff para candidato nas eleições à presidência. Era preciso esconder esse tipo de estratégia política para que as pessoas não percebessem que o NSDAP estava vivendo uma crise interna, na qual os líderes dos grupos locais vinham divergindo sobre alguns pontos do programa político do movimento. Embora para alguns essa crise não fosse escancarada, Barg percebeu que talvez o partido não vivesse seu melhor momento, pois ao continuar a carta ele pede instruções:

[...] 1º) Já que, como Ele mesmo também diz (Minha luta), digo que os sindicatos devem existir, eu gostaria de me organizar como metalúrgico (mas não no “livre”, “Hirsch-Dunckerschen” ou cristão). Portanto, peço a Ele que me informe a que *Völkische*<sup>14</sup> devo me dirigir para resolver essa questão. [...] (Apud: EBERLE, 2010, p. 38)

A resposta foi enviada a Barg em quatro de junho de 1925, por “ordem do Führer”, como deixou claro Rudolf HeB<sup>15</sup>:

---

<sup>13</sup> Partido alemão contemporâneo ao NSDAP de vida curta, também de tendência antissemita e que acabou se aliando ao NSDAP, formando um novo movimento. (Apud: Eberle, 2010, nota de rodapé, p. 28).

<sup>14</sup> O termo *völkische* designa, neste contexto, provavelmente órgãos ligados ao movimento racista, especialmente antissemita, associados ao nacional-socialismo. (Apud: Eberle, 2010 nota de rodapé, p. 38).

<sup>15</sup> A letra “B” está em itálico, pois o nome aparece nas transcrições das cartas com o “B” do alfabeto grego, como não disponho dessa letra e para ser o mais próxima possível da escrita do organizador do livro das cartas, sempre que o nome de Rudolf HeB aparecer, será com o “B” em itálico.

[...] Infelizmente, ainda não temos sindicatos. No momento, porém, estão sendo realizadas negociações e reuniões sobre a possibilidade de fundarmos um. É preciso muito dinheiro para tanto e o movimento não o tem. De qualquer forma, não se associe a sindicatos “amarelos”. De preferência, permaneça nos marxistas e tente conquistar simpatizantes de forma que o senhor se torne influente nas eleições do comitê de trabalhadores, e com o tempo, imponha dessa forma o nacional-socialismo aos sindicatos existentes que podem passar para o nosso lado. Assim foi na Tchec[o]slováquia.[...] (Apud: EBERLE, 2010, p. 39)

O que é visível na resposta de HeB é que o NSDAP, apesar de existir a alguns anos, ainda não era um partido que tinha uma quantidade considerável de membros e por isso, cartas como a de Barg, recebiam resposta e o incentivo de que conquistasse simpatizantes, para aumentar tanto o número de membros quanto o caixa do NSDAP. Outro ponto a ser ressaltado é que o movimento dos nazistas ainda não possuía seus próprios sindicatos, de forma que a orientação por “ordem do Führer” era que as pessoas se associassem aos sindicatos dos outros partidos e impusessem o nacional-socialismo, agregando dessa forma, pessoas aos objetivos do NSDAP. Além disso, é visível que o cidadão não apenas conhecia o caráter racista e antissemita das atividades nazista como também compartilhava das mesmas ideias e solicitava orientações para se filiar a uma entidade que desenvolvia tais práticas.

Existe um motivo para na instrução de HeB ao escrever a Barg que se associasse, por enquanto, aos sindicatos marxistas. O Partido Social-democrata Alemão (SDP<sup>16</sup>) foi elaborado em bases marxistas, assim como o Partido Operário Social-democrata Alemão (SDAP<sup>17</sup>). O SDP era o partido que governava a República de Weimar e era considerado por muitos e por ele mesmo, como o partido que criou a república alemã. Permanecendo fechado no modelo marxista de sua ideologia dos anos pré-guerra, esperava que o capitalismo fosse derrubado e que a burguesia fosse substituída pelo proletariado como classe dominante. E a instrução dada a Barg pode ser explicada dessa forma:

A Alemanha da década de 1920 era inegavelmente uma sociedade capitalista, e, para muitos social-democratas, desempenhar um papel de liderança no governo parecia ajustar-se de modo muito desconfortável com o radicalismo verbal de sua ideologia. [...] Não podiam livrar-se de sua ideologia marxista sem perder uma grande parte do apoio eleitoral na classe operária; por outro lado, contudo, uma política mais radical, como formar um exército vermelho com uma milícia de operários em vez de contar com as Brigadas Livres, com certeza teria tornado impossível sua participação nos governos burgueses de coalizão e desencadeado a fúria do Exército sobre suas cabeças. [...] Sua força no início da república deveu-se em muito ao apoio de eleitores da classe média que julgavam que um Partido Social-

---

<sup>16</sup> Sozialdemokratische Partei Deutschlands

<sup>17</sup> Sozialdemokratische Arbeiterpartei Deutschlands

democrata forte ofereceria a melhor defesa contra o bolchevismo por meio da efetivação de uma transição rápida para a democracia parlamentarista. À medida que a ameaça decresceu, sua representação no Reichstag também caiu. (EVANS, 2010, p. 134)

E é nessa diminuição da visibilidade dos partidos marxistas que deveria entrar o discurso do nacional-socialismo, mostrando que além dos grupos marxistas estarem se associando, de certa forma, com a burguesia e com o capitalismo, eles também não eram maioria nas eleições que aconteciam e que a Alemanha precisava de um governo forte que mudasse de forma considerável a vida dos trabalhadores alemães, uma vez que o partido governante estava deixando a desejar e a ameaça do bolchevismo como forma de governo não amedrontava mais.

A carta de um estudante de 20 anos da cidade de Marburg, Wilhem Tempel, que cursava Direito e Economia e paralelamente História, pedindo orientações políticas em 22 de junho de 1925 traz em si uma profundidade da situação do movimento no cenário político e seu mais amplo conhecimento sobre os pontos do programa político nazista. A respeito do programa político do NSDAP, Tempel escreve:

[...] O nosso partido tinha, antes de nove de novembro [1923], força de vida e impacto suficientes para se tornar o movimento popular de uma Alemanha única nacional? Não!!! E por que não? Como ele deve ser para construir nossa ditadura? Desde 1918, vários movimentos nacionalistas borbulham como uma fonte e, depois de atingirem uma determinada altura, voltam a cair no esquecimento. Nosso movimento também se inflou com uma rapidez que preocupou os outros – e recuou. Nosso movimento também tinha, no lado político, a meta de comunidade étnica, da reunião em uma nação de todas as forças nacionais ainda não esgotadas. Pessoas de todas as posições e classes vieram e colaboraram para atingir nosso objetivo. Devido ao fato do crescimento, em parte vindo dos círculos burgueses, proprietários e empregadores, ter sido relativamente grande, uma pessoa de fora podia às vezes dizer, com razão, eu me baseio aqui nas circunstâncias em Plauen, que nosso partido não teria mais o direito de possuir o nome de partido dos trabalhadores. A acusação de que nós queremos criar uma falange dos trabalhadores contra os ganhadores de dinheiro não teve penetração suficiente, já que as pessoas ouviram com grande frequência os nomes de empresários, delatados por trabalhadores, que segundo a etiqueta estavam conosco, e muitas vezes se comportavam, em suas ações na vida cotidiana, socialmente contra seus empregados. [...] (Apud: EBERLE, 2010, p.44)

O que Tempel chama a atenção aqui é para a forma como Hitler discursava para a burguesia e como isso enfraquecia o objetivo de alcançar a massa de trabalhadores. Em um discurso em 28 de fevereiro de 1926, oito meses depois de Tempel enviar essa carta, é possível ver uma mudança na forma que Hitler falou no Hotel Atlantic para os membros do Hamburger Nationalklub. Entre os ouvintes, Hitler discursou para altos oficiais, funcionários

públicos, advogados e homens de negócios. Sabendo que seu discurso antissemita primitivo não surtiria o mesmo efeito que surtia na grande massa, Hitler deixou de lado sua menção aos judeus e mudou o foco para a necessidade de eliminar os marxistas como forma principal de recuperar a Alemanha do caos que vivia. Ao se referir aos marxistas, Hitler se referia a “todas as variedades de socialismo do tipo ‘nacional’ com exceção daquele que pregava, e o utilizava em particular para atacar o SPD e o sindicalismo.” (KERSHAW, 2010, p. 211)

Hitler precisava de membros financeiramente poderosos para conseguir patrocínio para o movimento, abrir mão do apoio de grandes empresários seria loucura, uma vez que o caixa do NSDAP estava em baixa devido ao pouco número de pessoas filiadas e por não contar com sindicatos próprios. Mas essa “aliança” com a burguesia incomodou Tempel. Ele continua escrevendo, buscando entendimento a respeito de certas atitudes do NSDAP e mostrando que estava muito bem familiarizado com o que acontecia:

E, por fim, onde está na prática o limite entre produzir e buscar lucros? Será que um empresário que age de forma associativa também não produz valores por meio de seu trabalho intelectual? E será que alguns pequenos proletários também não buscam lucros quando eles, em sua fábrica, ignoram a jornada diária de 8 horas? Isso poderia se estender ainda mais, a partir dessa questão podemos perceber que nosso partido estava no limite onde os objetivos reais se transformam em sublimação ideal do movimento.(...) Se nossa ação do dia 9 tivesse sido bem-sucedida, então nosso movimento, apesar desse sucesso momentâneo, teria cedo ou tarde se esvanecido segundo sua própria essência. O fascismo, lidando com um povo passional e facilmente excitável, precisou de cinco anos após uma guerra vitoriosa para penetrar as massas. O nacional-socialismo alemão, após 4 ½ anos nem mesmo plantou raízes nas massas, que dirá ter se ancorado, daí vem, de meu ponto de vista, nosso fiasco! (Apud:EBERLE, 2010, p.44-45)

O que fica claro é que Tempel, conhecendo os propósitos de Hitler tanto pelo programa político quanto pelo *Mein Kampf*, não consegue entender como é que se associar aos empresários seria bom para o movimento, além da parte financeira. Na visão dele, essa forma associativa com o empresariado afastava as massas do movimento que sofriam em seus trabalhos como empregados desses empresários. Ele não cita diretamente, mas o que ele está trazendo a tona é a própria visão de Hitler em *Mein Kampf*, sobre a importância do apoio das massas para que o fracasso do pangermanismo não acontecesse novamente:

[...] Deverá ser evitado tudo o que possa diminuir ou enfraquecer a capacidade de ação sobre a coletividade, não por motivos “demagógicos”, mas pelo simples reconhecimento de que sem a força formidável da massa de um povo não se pode realizar uma grande ideia, por mais elevada e sublime que ela pareça. [...] Caso tivesse sido reconhecido o incrível poder que cabe à massa como portadora de resistência revolucionária em todos os tempos, ter-se-ia trabalhado de outra maneira, tanto socialmente como com relação a propaganda. [...] O terceiro erro, porém, se caracterizou ainda mais

pelo não reconhecimento do valor da massa, que, uma vez movimentada em determinada direção, por espíritos superiores, mais tarde, como um volante, dá impulso à força e tenacidade uniforme ao ataque. [...] (HITLER, 2001, p. 83)

A continuação da carta de Tempel, talvez seja a parte mais importante de seu pensamento sobre a situação econômica da Alemanha, uma vez que vai tratar diretamente da relação empregador e empregado e medidas que deveriam ser tomadas para resolver a situação da exploração que os empregados sofriam:

Como devemos posicionar nosso partido para atingir nosso objetivo?  
Em minha opinião, não há dúvida de que a situação desfavorável pós-guerra da massa de trabalhadores não se deve apenas à perda da guerra, mas talvez se baseie, em grande parte, no vício, ainda não enfraquecido, dos empresários no lucro, os quais querem transferir para os trabalhadores encargos que precisam pagar em forma de juros sobre o capital emprestado. Como pode, então, um trabalhador que tem noção disso, na medida em que acredita que o empresário só o mantém por puro vício absoluto em lucro, ficar do lado do empresário? Ele consequentemente preferirá se confraternizar com os trabalhadores de outros países do que com seu (suposto) explorador. A verdadeira comunidade étnica,<sup>18</sup> portanto, só pode surgir se o trabalhador não se sentir mais como o lado oprimido. (A teoria do valor adicional de Marx não surgiu assim do nada como os empresários sintomaticamente costumam apresentá-la.) [...] Devemos considerar a melhora da posição do trabalhador não apenas como objetivo secundário tácito, mas como tarefa principal de nosso partido – batalha inclemente contra todos aqueles que se opõem a ele. Sendo assim, será impossível se evitar que, do lado econômico, sejam tomadas medidas até mesmo mais radicais do que as adotadas pelos socialistas livres e seus sindicatos. Isso causará mais uma vez a impressão de que somos um partido puramente de luta de classes. No entanto, algumas pessoas de outros círculos diferentes dos trabalhadores também reconhecerão que isso é necessário para se atingir uma comunidade étnica (principalmente estudantes, segundo minha experiência) e se unirão a nós. (Apud: EBERLE, 2010, p.45-46.)

Aqui mais uma vez, ele chama a atenção para a própria visão de Hitler em *Mein Kampf*, quando Hitler escreve sobre a insatisfação do trabalhador com o governo em exercício que cada vez mais, apesar da base marxista, favorecia o empregador ao invés do trabalhador. Sobre isso, Hitler concluiu o seguinte sobre o pensamento dos trabalhadores:

[...] 1º que eles não estavam satisfeitos com a sorte que tão áspera lhes era; 2º que odiavam os empregadores que lhes pareciam os responsáveis por essa situação; 3º que injuriavam as autoridades que lhes pareciam indiferentes ante a sua deplorável situação; 4º que faziam demonstrações nas ruas sobre a questão dos preços de gêneros de primeira necessidade. (HITLER, 2001, p. 50)

---

<sup>18</sup> O termo utilizado aqui é “*Volkgemeinschaft*”, o qual tem significado racista neste contexto. (Apud: Eberle, 2010 nota de rodapé, p. 45)

Tempel não era contra o apoio dos empresários, ele apenas queria que esse apoio fosse dado de forma discreta para que a massa de trabalhadores não se voltasse contra o movimento nazista como vinha fazendo com o governo dos social-democratas, por isso ele sugere uma solução para a questão que ele levantou:

Sendo assim, para nos promovermos principalmente de forma atraente entre a classe trabalhadora, seria bom, ou melhor, necessário, que os empresários que compreendem e aprovam nossas ambições não se aliassem a nós ativamente, mas nos concedessem apenas seu apoio moral, na medida em que propagassem nossas ideias em seus círculos. O mesmo vale para oficiais, principalmente para aqueles dos quais a massa dos trabalhadores desconfia por preconceito (talvez injusto). Como devemos coordenar essa luta metodologicamente a história da social-democracia liberal nos ensina. (Apud: EBELE, 2010, p.46)

Tempel finaliza sua carta sugerindo como que o nacional-socialismo deveria agir para conseguir seus objetivos:

Além dessa batalha econômica, precisamos lutar com a mesma energia e o mais alto fanatismo pelo nosso objetivo político, o qual, no que diz respeito à Grande Alemanha, está a ponto de fugar a social-democracia liberal, já que ela foi esperta para reconhecer a tempo que, do contrário algumas de suas esperanças podem ser eliminadas por nós. A meu ver, é pressuposto básico que nosso nacional-socialismo tenha de se posicionar imprescindivelmente como republicano, contra as correntes monarquistas atuais. Sim, e se essa questão, por exemplo, se tornar aguda nos próximos tempos, então deveríamos repeli-la ombro a ombro com seus opositores. [...] (Apud: EBERLE, 2010, p.46)

A ideia de uma Grande Alemanha era ponto claro para todos aqueles que apoiavam o movimento e deveria ser o objetivo principal para seus adeptos. Tudo que era proposto e que viria a ser feito, a partir de 1933, apontava para a construção da Grande Alemanha. A definição do conceito de Grande Alemanha e sua importância tem que estar claro para quem se interessa pelo estudo do nazismo tanto quanto estava para os nazistas, que dedicaram sua existência para essa realização.

[...] O próprio Hitler descreveu o nacional-socialismo como o “filho da Liga Pangermânica”. Tampouco podiam ser mais categóricos os artigos iniciais de fundação do partido. Proibindo a cidadania aos judeus e a outros de sangue não alemão, eles exigiam a criação de uma Grande Alemanha com base no direito à autodeterminação racial, a revogação dos tratados de paz e a necessidade de colônias nas quais a Alemanha pudesse acomodar sua “população excedente”<sup>19</sup>. [...] (MAZOWER, 2013, p. 83)

A resposta à carta de Tempel veio no dia 1 de agosto de 1925. Pela detalhada resposta que Rudolf HeB deu a Tempel é possível perceber que ele via no autor da carta um

---

<sup>19</sup> Grifo meu para chamar a atenção aos pontos principais que definem a Grande Alemanha.

talento político que devia ser aproveitado para o partido. Quanto à questão dos produtores levantada por Tempel, HeB escreveu:

O senhor quer saber a diferença entre os produtores e os que buscam o lucro? Pense em nosso nome. Quem produz nem por isso é nacional-socialista. Pois faz parte tanto do nacional quanto do social que o trabalho não prejudique o público em geral. Alguém que age de forma associal, porém, prejudica o todo. Apenas aquele que, em tudo o que faz, pondera se isso auxilia ou prejudica o povo, está sinceramente conosco, apenas este é *völkisch*. (Apud: EBERLE, 2010, p.48)

A respeito do posicionamento econômico do trabalhador, Rudolf HeB deixa claro como o NSDAP pretende agir:

Para o melhor posicionamento econômico do trabalhador é pressuposto justamente que algumas coisas se alterem fundamentalmente. Penso principalmente nas contínuas sangrias por meio dos contratos, do Plano Dawes, e pelo capital de empréstimo internacional de maneira geral. Pois nós não podemos apoiar o marxismo, por exemplo, culpando o empregador de tudo, enquanto ele hoje, em grande parte, também está vivendo um dilema. Precisamos sempre apontar, diante do trabalhador, o principal culpado, que também tem o controle sobre o empregador, o que o marxista omite conscientemente, para desviar a luta levando-a na direção errada. Que, independente disso, as coisas não estão bem mesmo para a grande parte dos empresários, nós sabemos muito bem. Aqui devem ser aplicados alguns pontos do programa (participação nos lucros, por exemplo). Mas, para tudo isso é necessário justamente o poder, para a execução gradual do programa, para alterações nos impostos e principalmente para a anulação dos contratos, para a interrupção dos pagamentos aos sanguessugas internacionais. (Apud: EBERLE, 2010, p.48-49)

HeB dá uma explicação quanto à forma de governo:

No que diz respeito à forma de governo, sempre reforçamos que ela nos é indiferente. Trata-se, para nós, apenas de que se governe em favor do todo, sob que nome, é uma questão secundária. Uma luta pelas superficialidades da forma de governo gasta forças inutilmente. Por isso somos há muito tempo absolutamente contra a introdução da monarquia, enquanto isso não for o desejo da maioria da população. Esse não é o caso hoje. Mas também podemos nos posicionar contra a introdução da monarquia sem estarmos necessariamente “ombro a ombro” com nossos piores inimigos. (Apud: EBERLE, 2010, p.49)

A resposta do secretário diante de todos os apontamentos de Tempel foi pouco satisfatória. Primeiro, quanto a questão levantada por Tempel sobre os produtores, HeB dá uma resposta um pouco contraditória, pois Hitler discursava para a burguesia e trabalhava de forma associal com ela para obter dinheiro para o partido, dessa forma, de acordo com a resposta de HeB, o próprio Hitler estaria prejudicando o todo; segundo, a respeito do posicionamento econômico do trabalhador definido por HeB na resposta, ele afirma que não



podem apoiar os marxistas, culpando o empregador de tudo, pois até eles viviam um dilema, mas em seus discursos Hitler atacava o marxismo com veracidade e o colocava como causador que se beneficiava da situação econômica e política da Alemanha, incluindo a participação nos lucros que HeB aponta como um caminho para solucionar os problemas do país; e por fim, quanto a forma de governo HeB dá uma explicação diferente de tudo que Hitler discursava, ao afirmar que ela era indiferente e que para eles o que interessava apenas era que se governasse a favor do todo, quando sempre ficou claro tanto em *Mein Kampf* quanto nos discursos que a forma ideal de um Estado forte estava calcado em uma ditadura.

A carta de 3 de setembro de 1930 do cônsul-geral de Munique F. F. Pflüger, mostra outra perspectiva sobre a questão dos trabalhadores e o apoio de empresários ao NSDAP. Ele começa a carta se apresentando e mostrando como contribui com o movimento:

Como antigo soldado e como grande industrial, colaboro há anos com a reconstrução de nossa pátria; principalmente com o treinamento físico e intelectual de nossa juventude, assim como com a educação de nossos trabalhadores para que compreendam as questões nacionais e sociais. [...] (Apud: EBERLE, 2010, p. 64)

Ele dá continuidade tratando que o uso da suástica estava criando impedimentos para que o movimento obtivesse mais apoio. Isso é interessante, pois mesmo apoiando o movimento via um problema no uso do principal símbolo do nazismo que tinha como objetivo deixar evidente quem estava apoiando Hitler e era um símbolo que na visão dos nazistas devia ser reverenciado e temido, mas jamais escondido. Ele também sugere que assim como na Inglaterra, eles precisavam tirar proveito das habilidades dos círculos judeus para solucionar tarefas nacionais, políticas e econômicas, demonstrando dessa forma que ou não estava familiarizado com o caráter antisemita do movimento ou não tinha o entendido muito bem:

Para amplos e bons círculos alemães, a suástica muito destacada é impedimento para que se aliem aos seus esforços. A Inglaterra, assim como outros países, tiram proveito das habilidades, das relações, etc. de bons círculos judeus que pareçam apropriados para solucionar tarefas nacionais, econômicas e políticas muitas vezes do tipo mais complicado. (Apud: EBERLE, 2010, p. 64)

Ao entrar na questão sobre os trabalhadores, ele demonstra mais uma vez estar pouco familiarizado com o que o movimento pretendia fazer no âmbito econômico sugerindo que o movimento precisava deixar claro para os trabalhadores que eles não precisavam ser contra a propriedade privada e a formação de capital, e que essas eram necessárias dentro de certos limites. Finalizando, afirma que se Hitler tomasse essas providências, os grandes círculos alemães, que ainda estavam distantes, passariam a apoiar o NSDAP:

O senhor soube muito bem conquistar amplos círculos de trabalhadores, cativá-los. Sem dúvida – sem os trabalhadores, a Alemanha não pode existir. Esse grupo de seguidores, no entanto (de forma facilmente explicável!), despertou em amplos círculos alemães preocupados a ideia de que seus seguidores seriam “contra a propriedade”. Deve ser do interesse de seu movimento enfraquecer esses pontos de vista fortemente presentes, até mesmo eliminá-los se possível. [...] Assim, mande que todos os líderes do NS sempre e sempre voltem a reforçar em seus discursos que a propriedade, a formação de capital, a propriedade privada [são] necessárias – naturalmente em determinadas formas saudáveis e dentro de certos limites. Então, os grandes círculos alemães, os quais ainda estão distantes, aguardando, também se voltarão para o senhor com seus recursos físicos, intelectuais e materiais. [...] Nenhuma concessão para o centro, menos ainda para a esquerda: somente esse princípio lhe trará especial reconhecimento. (Apud: EBERLE, 2010, p. 64)

Fica claro que o senhor Pflüger não via nos discursos de Hitler que o interesse dele nos industriais era apenas financeiro. Por mais que o objetivo do movimento fosse agregar a “massa ignorante” aos seus ideais, um partido sem dinheiro não prospera e este é o motivo de na década de 1920 o NSDAP ter poucas pessoas do alto escalão da elite alemã em suas fileiras. Quando o movimento consegue o investimento dos grandes industriais e empresários, a burguesia passou a ter interesse nesse movimento das massas que surgira no início daquela década. Mas interessava a Hitler que a burguesia participasse mais como investidora do que como seguidora. É justamente por causa desse tipo de interesse que a resposta enviada no dia 9 de setembro de 1930 ao senhor Pflüger, pelo secretário não é explicativa:

Prezado senhor cônsul-geral! O senhor Hitler recebeu sua carta expressa do dia 3 do presente mês ao retornar de uma viagem. Ele manda lhe agradecer muito. Lamenta muito o fato de lhe faltar tempo para responder à sua carta pessoalmente. Saudações alemãs. [sem assinatura] (Apud: EBERLE, 2010, p. 66)

Uma resposta enviada ao senhor Sievers no dia 11 de maio de 1925 nos ajuda a compreender a visão e a relação que o NSDAP tinha com o Parlamento. Infelizmente, a carta que o senhor Sievers enviou à chancelaria do movimento não consta no livro de Eberle, mas diante da resposta, é possível deduzir que o autor da carta tenha pedido informações sobre o posicionamento do NSDAP frente ao Parlamento. Também não consta a resposta inteira, pois segundo informações de Eberle o final da cópia original com carbono estavara rasgado.

Prezado senhor Sievers! O senhor Hitler manda agradecer muito suas cartas de 28 e 29 de abril. O senhor Hitler é da opinião que, uma vez que já temos – contra a vontade – entrado no Parlamento, nossa atuação no mesmo deve ser vista como um dos vários meios de combate ao sistema atual, inclusive ao parlamento. Porém, não uma atuação por meio da “colaboração positiva” – como infelizmente foi utilizada também por parlamentares nacional-socialistas com pouquíssimo sucesso – mas, por

meio da mais acirrada oposição e obstrução, por meio da crítica constante ao sistema existente no Parlamento. Conduzir o Parlamento ou o parlamentarismo no Parlamento *ad absurdum!* (Apud: EBERLE, 2010, p. 56)

O secretário Rudolf Heß nessa resposta dá uma explicação simples e clara da visão de Hitler sobre o Parlamento. Algumas cartas trazem, em seu conteúdo, pedidos de esclarecimentos sobre o pensamento político de Hitler em seu livro (que ainda seria publicado) e em seus discursos, porque nem sempre elas são de fácil entendimento, uma vez que Hitler faz relações complexas sobre a política alemã. Hitler deixou claro, tanto em seu livro quanto em seus discursos, que odiava o Parlamento, mas não a instituição em si. Ele odiava a forma que o Parlamento funcionava, sempre favorecendo os parlamentares e não o povo. Nas palavras de Hitler:

Ele só existe para executar a vontade da maioria parlamentar em todos os casos. Propriamente só se poderia ajuizar de sua capacidade política pela arte com que ele consegue se adaptar à vontade da maioria ou atrair para si essa mesma maioria. Cai, assim, da posição de verdadeiro governo para a de mendigo da maioria ocasional. Na verdade, seu problema mais premente consistirá em vários casos, em garantir-se a favor da maioria existente ou em provocar a formação de uma nova mais favorável. Caso consiga isso, poderá continuar a “governar” por mais tempo; caso não o consiga, terá que resignar o poder. A retidão de suas intenções, por si só, não importa. (HITLER, 2001, p. 69)

Parafraseando Bernardo (2003), essa seria uma “revolta no interior da coesão”, uma vez que para lutar contra o sistema de governo vigente era necessário operar a mudança de dentro dele, por isso cada cadeira que o NSDAP obtinha em eleições era importante e preciosa, pois com os nacional-socialistas dentro do Reichstag aos poucos eles conseguiram convencer políticos de outros partidos a se aliarem a eles, fazendo crescer o movimento nazista.

A carta de H. Ockel de 15 de maio de 1925 é muito interessante, pois além de tratar de assuntos políticos, ele também mostra insatisfação com a demora em receber uma resposta de outra carta que ele havia enviado à chancelaria no mês de abril, sugerindo que apenas pessoas “importantes” eram merecedoras de resposta e que ele, como leal seguidor, também era merecedor de algumas palavras do Führer:

Prezado senhor Hitler! Minha missiva de 3 de abril foi, segundo o aviso de recebimento, entregue ao senhor em pessoa. Infelizmente, o senhor não teve tempo ou oportunidade até hoje de me responder ou mandar escreverem uma resposta. Lamento esse fato sinceramente, pois era da opinião que, se um homem alemão que não seja oficial ou acadêmico, mas mesmo assim tenha se mantido leal ao seu Führer durante um difícil período, tenha sido

insultado por isso, deveria receber desse mesmo Führer uma resposta a uma carta escrita de todo o coração. (Apud: EBERLE, 2010, p. 31)

Continuando sua carta, ele entra no tema dela, explicando que na carta anterior havia chamado a atenção para três pontos: primeiro, que a renovação da Alemanha não poderia ser feita a partir da Baviera, pois estava contaminada de judeus; segundo, que estando o movimento nacional-socialista em crise, se não era mais adequado fazer a renovação a partir de objetivos puramente econômicos e nacionais; e terceiro, lembrou Hitler da renovação espiritual que o povo tanto ansiava.

Eu havia alertado em minha carta que a renovação da Alemanha nunca poderia ser feita a partir da Baviera contaminada pelos jesuítas e que, portanto, é necessário que o senhor, prezado Hitler, transfira o campo de suas atividades da Baviera para o norte da Alemanha, onde o ar não está tão pesado. Além disso, eu me permiti alertá-lo de que, ao que tudo indica, o movimento nacional-socialista se encontra em uma crise e questioneei se seria possível renovar nosso povo com objetivos puramente econômicos e nacionais. Lembrei-o da renovação espiritual religiosa pela qual o próprio povo anseia. Fiz essas sugestões apenas na esperança de que o senhor me escrevesse de alguma forma, concordando ou discordando, ou demandando descrições mais detalhadas. Esses problemas têm tamanha profundidade e grandeza que valeria a pena dedicar-lhes uma carta. Despeço-me com fiéis saudações. Seu devoto H. Ockel. (Apud: EBERLE, 2010, p. 31)

A sugestão do senhor Ockel de levar a sede da renovação do partido para o norte da Alemanha ao invés de fazê-la a partir da Baviera, dá-se pelo motivo que lá Hitler ainda estava proibido de discursar em público desde 9 de março, assim como em outras localidades, fez o senhor Ockel acreditar que isso era prejudicial e que agravava a crise que o movimento vinha sofrendo. Mas Hitler aproveitou esse momento para fazer reuniões partidárias fechadas, cimentando as relações com seus membros, montando uma sólida plataforma para sua liderança.

A resposta a essa carta nos permitirá analisar melhor os outros dois pontos sugeridos pelo senhor Ockel, mas não há dúvidas que o secretário HeB não gostou das insinuações feitas a respeito de quem é merecedor de uma resposta de Hitler. O secretário respondeu ao senhor Ockel no dia 29 de maio de 1925:

Confirmo o recebimento de sua carta de 15 de maio. O senhor parece não ter ideia da enorme quantidade de cartas que chegam constantemente com sugestões, críticas, propostas, etc. se acha que o senhor Hitler deveria ou poderia responder a todas elas em detalhes. Se ele o fizesse, então não lhe restaria nenhum tempo para trabalhar realmente. Ser oficial ou acadêmico não faz diferença – espero que o senhor não tenha pressuposto isso! O fato de ter-se mantido fiel é algo que o senhor felizmente tem em comum com milhares de outros, o que não impede que o senhor Hitler se alegre com cada

um. No que diz respeito ao campo de atividades, o senhor obterá uma resposta num futuro próximo, quanto aos objetivos puramente econômicos e nacionais, a resposta virá do livro do senhor Hitler a ser publicado nos próximos dias. O senhor Hitler concentra todas as suas forças na renovação política e intelectual de nosso povo. O trabalho para uma renovação religiosa ele precisa deixar para outra pessoa, pois não pode se dividir em muitos. Saudações alemãs. Por ordem [sem rubrica](Apud: EBERLE, 2010, p. 32)

O livro *Mein Kampf* foi publicado dia 18 de julho de 1925 e é na definição do conceito de Estado para Hitler que vamos entender a resposta que o secretário dá a Ockel, quando escreve que quanto aos objetivos puramente econômicos e nacionais ele encontraria uma explicação para sua sugestão no livro de Hitler. A visão de Hitler sobre a renovação da Alemanha tem bases raciais e todas as suas visões apontam para isso. Buscar uma renovação puramente econômica e nacional seria cometer os mesmos erros dos pangermanistas, na visão de Hitler. Por isso, a definição do conceito de Estado ajuda a esclarecer porque não era possível fazer a renovação da Alemanha de acordo com as sugestões de Ockel:

O Estado não é uma assembleia de negociantes que durante uma geração se reúna dentro de limites definidos para executar projetos econômicos, mas a organização da comunidade, homogênea por natureza e sentimento, unida para a promoção e conservação da sua raça e para a realização do destino que lhe traçou a Providência. Esse e nenhum outro é o objeto e a significação de um Estado. A economia é tão somente um dos muitos meios necessários à realização desse objetivo. [...] (HITLER, 2001, p. 113)

Além disso, Hitler discorre sobre as forças que fazem e conservam o Estado, mostrando que nunca a economia é a base para tal, mas sim pelo sacrifício individual e pelo instinto da conservação da espécie e por isso, a sugestão de Ockel jamais seria aceita por Hitler:

E se perguntarmos a nós mesmos quais são as forças que fazem e conservam os Estados, vemos que elas aparecem sob uma única denominação: habilidade e abnegação para o sacrifício individual, por amor da comunidade. Que essas virtudes não têm relação com a economia torna-se óbvio pela compreensão de que o homem nunca se sacrifica por negócios, isto é, os homens não morrem por negócios, mas por ideais. [...] Jamais um Estado foi fundado pela economia pacífica e sim, sempre, pelo instinto de conservação da espécie, esteja este situado no campo da virtude heroica ou da astúcia. O primeiro produz os Estados arianos, de trabalho e cultura, o segundo, colônias judaicas parasitárias. [...] (HITLER, 2001, p. 114-115)

O último ponto da carta de Ockel trata da “renovação espiritual religiosa” pela qual o próprio povo ansiava, a qual obteve uma resposta curta do secretário, que diz que “o trabalho para uma renovação religiosa ele precisa deixar para outra pessoa, pois não pode se dividir em muitos”, na verdade existe uma explicação melhor para essa não intromissão de Hitler nesse

campo que pode ser percebido em seu livro. Para Hitler os partidos políticos nada tem a ver com os problemas religiosos, a não ser que esses venham a interferir na moral e nos costumes da própria raça e do mesmo modo, a religião não deveria se envolver em intrigas de partidarismo político. (HITLER, 2001, p. 89) Dessa forma, as relações de Hitler com as denominações religiosas na Alemanha foram apenas de caráter a obter apoio e as que não se posicionaram a favor do NSDAP sofreram o terrível destino dos campos de concentração.

No dia 9 de julho de 1925, o advogado Niedermayer, enviou uma carta a Hitler comunicando que sua cliente, a senhora Margarete Meindl, de Munique, havia falecido, mas que deixara designado um presente para ele: uma palmeira. Essa carta não traz um conteúdo político, mas sim a lealdade a Hitler em sua forma mais pura. Esse tipo de carta passa a ser constante a partir de 1933 e é importante apresentarmos algumas delas, para percebermos que demonstrações de apoio, lealdade, dedicação, fanatismo, confiança, entre outros sentimentos, ao movimento nazista e a Hitler eram importantes para quem escrevia e era muito comum as pessoas enviarem presentes para ele:

Senhor Adolf Hitler, Thierschstr. 41/I. Como gratidão da herança da falecida viúva do diretor, senhora Margarete Meindl, em Munique, Widenmeyerstr. 4/III, tenho a honra de lhe informar o seguinte: A falecida, que era grande admiradora de seus esforços políticos, declarou antes de sua morte que uma grande palmeira que tinha em seu apartamento deveria ser entregue ao senhor após seu falecimento. Os herdeiros querem realizar o desejo desse legado, motivo pelo qual eu me permito lhe perguntar se o senhor teria interesse em buscar o referido objeto. Se este for o caso, então solicito que me informe o quanto antes para que eu possa lhe informar a data em que o senhor pode mandar buscar a palmeira. Respeitosamente! Niedermayer, Advogado. (Apud: EBERLE, 2010, p. 53)

A resposta do secretário Rudolf Heß chegou no dia 14 de julho de 1925 com os seguintes dizeres: “Em resposta à sua carta do dia 9 de julho, referente ao legado da senhora Meindl, eu o informo que o senhor Hitler aceita a palmeira com prazer. Aguardo sua informação para a retirada.” (Apud: EBERLE, 2010, p. 53)

Nem toda carta com demonstrações de lealdade e envio de presentes eram apenas sobre seu sentimento pelo movimento e por Hitler, na verdade a maioria vinha com um conteúdo político junto, um pedido de favor, uma busca de ajuda, mas manter-se fiel a Hitler e demonstrar isso nas cartas, provavelmente, fazia aquele que escrevia acreditar em dias melhores.

A carta de Alois Simmert, infelizmente sem dados sobre a data que foi enviada, é particularmente interessante, pois expressa, através de seu conteúdo, um ódio puro pelos judeus e poloneses que moravam na Alemanha, mostrando que não há indícios que escrevera

sobre o assunto com alguma outra intenção por trás disso, como em outras cartas em que o autor busca privilégios e benefícios, com o fechamento de uma loja judia, por exemplo. Não, nesse caso, nos parece realmente um ódio puro, tal como o de Hitler, um ódio que menospreza tudo que não é alemão.

Muito honrado senhor Hitler! Esperamos que o senhor providencie, em sua revista assim como no Partido Nacional-Socialista do Parlamento do Reich, para que não apenas os judeus poloneses sejam imediatamente deportados, mas que todos os poloneses sejam logo deportados da Alemanha. Estes parasitas incômodos já deviam estar deportados há ano + dia. Heil + Saudações, Al. Simmert, Hirschbergstr. 17/4 (Apud: EBERLE, 2010, p. 54)

Embora o NSDAP contasse com algumas poucas cadeiras no Reichstag, alguns de seus seguidores já acreditavam que era possível por em prática o plano de Hitler de limpar a Alemanha dessas “raças inferiores”. Mas o ponto forte da carta do senhor Simmert, é que não apenas os judeus poloneses, mas todos os poloneses fossem deportados. A explicação para isso pode ser encontrada se voltarmos um pouco no tempo e entendermos o que aconteceu na época dos Habsburgo.

De acordo com Mazower (2013), o nazismo se apropriou de alguns elementos do nacionalismo alemão tardio dos Habsburgo, mas mais ainda das ideias dos prussianos, principalmente, no que se referia ao tratamento dos poloneses. Devido a divisão entre a Áustria, Prússia e Rússia, a Polônia havia deixado de existir no final do século XVIII. Os prussianos viam essa partição como uma ideia particularmente ruim, pois destruiu o “Estado-tampão” que protegeu, no passado, a Prússia do poderio russo e fez aumentar a minoria de poloneses no país.

Ao longo dos anos, a questão sobre a presença dos poloneses em solo alemão foi pauta de estratégias políticas, principalmente durante o governo de Bismark, em que houve organizações de boicotes aos negócios poloneses e patrocínio de palestras sob os seguintes títulos, por exemplo, “Civilização e Estado nacional” ou “O que une os alemães e o que os divide?”. Alguns políticos alemães, sob pressão, que resolveram abandonar a infrutífera e velha política bismarkiana, agora se viam voltando a ela.

[...] Mas os pangermânicos queriam deles muito mais que isso – queriam que proibissem o polonês, por exemplo, nas vitrines e nas fachadas das lojas, nos registros das igrejas e nas associações privadas, ou que obrigassem os jornais poloneses a publicar ao lado de cada artigo a correspondente tradução alemã. “o Estado que abre mão da unidade de seu idioma renuncia completamente à sua unidade política”, escreveu um jurista. Isso era nada menos que uma “guerra dos povos”, e o tempo estava se esgotando. [...] (HAGEN, 1980, p. 142 apud. MAZOWER, 2013, p. 60)

A assimilação deixara de ser a solução e em 1902 um escritor publicou: “Para o alemão que deseja preservar o tipo alemão das raças inferiores, como os eslavos fortemente mongolizados, o primeiro mandamento é: ‘Nada de misturas raciais com estrangeiro’”. (MAZOWER, 2013, p. 61) Mazower relata que Weber havia identificado o problema fundamental: enquanto os prussianos queriam garantir sua mão-de-obra barata, os patriotas de classe média queriam que os poloneses partissem, pois se preocupavam com a questão racial. Um jornal, de língua alemã, em Posen, tentava recordar que o que estava em questão

(...) não é uma agressiva luta de “vida ou de morte”, empreendida contra a totalidade da população polonesa; não se trata de, por assim dizer, exterminar os poloneses. Mais exatamente, a política governamental para os poloneses se destina apenas a derrotar os esforços e as campanhas dos nacionalistas poloneses cuja realização seria incompatível com a ideia de Estado prussiano e com a segurança do Reich alemão. (HAGEN, 1980, p. 283, apud MAZOWER, 2013, p. 61)

Segundo Mazower, durante a Primeira Guerra Mundial, o Exército alemão tentou se apresentar como o libertador que colocou fim à tirania russa, com uma política consciente de apoio à imprensa judia na Polônia e com a criação, por parte do governador Hans von Besler, de uma autonomia judaica. Além disso, Besler defendeu a formação de um “Estado nacional polonês” que tivesse “a mais estreita relação com a Alemanha”. O general Erich Ludendorff, chefe do Estado Maior do Exército alemão do Leste (Oberost), defendia, em julho de 1916, que a Polônia devia ser transformada em principado, contendo seu próprio Exército, sob controle alemão. Em agosto, as potências centrais entraram em acordo para apoiar um reino independente da Polônia e um conselho de Estado com poloneses notáveis que ajudariam a governar o país foi criado.

Tanto nas colônias antes de 1914 quanto na Europa depois de 1939, a combinação de exploração sistemática com pacificação violenta delinearam o quadro das políticas do Exército alemão como força de ocupação. O Exército polonês, pretendido ser criado anteriormente, não foi possível, pois um ressentimento extremo foi despertado e segundo um relato da época por causa de

(...) toda uma série de intervenções militares e industriais, como o confisco de matérias-primas, fábricas, máquinas, a compra compulsória de casas e a derrubada de bosques particulares. [...] Todas essas medidas fizeram surgir uma sensação geral de queixas concretas, como também o fato de que geralmente os soldados e oficiais alemães tratavam a população com dureza e impunham restrições desnecessárias aos seus movimentos. (POLONSKY, s.d.p., p. 127-8, apud MAZOWER, 2013, p. 63)



Após o término da Primeira Guerra Mundial, a presença de poloneses na Alemanha continuava forte e como demonstra o senhor Simmert em sua carta esse era um assunto que deveria ser resolvido para que a Alemanha ficasse livre e se tornasse de fato um país de raça pura. Nesse momento, não era possível por em prática a “limpeza” que Hitler e seus seguidores tanto desejavam, mas a Alemanha conheceria essa ação partir de 1939.

### 1.3- Os anos entre 1926 e 1929: Sem cartas!?

O livro de Eberle apresenta uma lacuna entre os anos de 1926 e 1929 sem cartas. Como já mencionado anteriormente, as estatísticas levantadas pelo próprio autor indicam que, desde a reorganização do NSDAP em 1925 até 1945 com o fim da Guerra, não passou um ano sem que as pessoas escrevessem para Hitler. É certo que os anos entre 1926 até o início de 1929 não trazem acontecimentos nem eventos grandiosos, mas ignorar as cartas desses anos e não utilizá-las em sua obra nos faz pensar em duas possibilidades: ou as pessoas escreveram apenas correspondências julgadas irrelevantes, perdendo o senso político que as cartas de 1925 apresentaram; ou a escolha de manter essa lacuna foi infeliz por parte do autor, uma vez que ele teve acesso a uma imensidão de opiniões, queixas, pedidos e visões políticas dos seguidores de Hitler. Obviamente como historiador e editor dessas cartas, ele teve que fazer escolhas, mas essa lacuna deixa a desejar no objetivo de seu trabalho que era apresentar a visão de pessoas comuns durante o período em que o nazismo esteve presente no cenário político da Alemanha.

Diferentemente de Eberle, não podemos manter uma lacuna em nosso trabalho, pois o período entre esses anos delinearam o quadro que alavancou o NSDAP na política alemã a partir de 1930 e que futuramente possibilitou a Hitler ser nomeado chanceler do Reich. Com a ausência de cartas, definiremos os principais momentos entre esses anos para que haja uma coerência na análise das cartas e descrição dos momentos posteriores.

Com a proibição de fazer comícios e discursar entre os anos de 1925 e 1926, o movimento sofreu uma queda na participação de pessoas que iam ouvir Hitler em sessões mais discretas e reservadas. E sem poder se manifestar em público, Hitler vivenciou uma crise no movimento, pois o número de membros filiados ao partido era baixo e com isso não havia dinheiro o suficiente para manter propagandas eficazes a favor do NSDAP.

Em 1926, quando Hitler passou a discursar para empresários e industriais nas cidades em que tinha permissão para falar, como em Weimar, por exemplo, o movimento conseguiu

apoio financeiro razoável para se manter a vista das pessoas. O ano de 1926 foi mais tranquilo, os membros e o próprio Hitler buscavam se organizar internamente para acertarem os detalhes de como agiriam após o fim da proibição de falar imposta a Hitler. É a partir de 1927, momento em que a proibição aos discursos de Hitler é suspensa, que o movimento nazista começa a marcha sobre a Alemanha.

De acordo com Kershaw, o primeiro grande estado a suspender a proibição aos discursos de Hitler foi a Saxônia, no final de janeiro de 1927. As autoridades bávaras cederam à pressão para que ele falasse em público novamente em 5 de março. Mas o retorno de Hitler ao espaço público causou pouco impacto, e as notícias que corriam é que havia pouco interesse no NSDAP, apesar dos seus esforços propagandísticos. Frequentemente os comícios do movimento contavam com pouca plateia. As reuniões que somavam cerca de trezentas a quatrocentas pessoas em 1926, agora contavam com apenas sessenta a oitenta membros. Entre os dias 19 e 21 de agosto de 1927 em Nuremberg, foi realizado o Congresso do Partido, pela primeira vez, e mesmo com toda a meticulosa tentativa de obter o “efeito propagandístico máximo”, não obteve sucesso em conseguir o apoio e interesse que esperavam. Os únicos estados que mantiveram a proibição até o outono de 1928 foram a Prússia e Anhalt. Diante da suspensão da proibição dos discursos de Hitler, pode-se imaginar que as autoridades governamentais acreditavam que a onda nazista estava superada e que Hitler não era mais uma ameaça.

[...] Em 1927, um informe, confidencial do ministro do Interior do Reich já havia julgado que o NSDAP não passava de um “grupo dissidente incapaz de exercer influência observável sobre a grande massa da população e sobre o curso dos eventos políticos”. (KERSHAW, 2010, p. 218)

A estratégia criada para atrair simpatizantes foi eficiente e acompanhou o movimento até o fim da guerra: o culto a Hitler. Fazendo pouco progresso externo no clima político que se encontrava mais ou menos estável na metade dos anos de 1920, as experiências que o NSDAP passava acabaram ajudando a colocar Hitler em uma posição forte para explorar a crise econômica que chegaria no outono de 1929 na Alemanha.

De acordo com Kershaw, ter se tornado um “movimento de líder”, centrado no ponto de vista ideológico e organizacional no culto de Hitler foi o ponto mais importante que o NSDAP investiu. O ano de 1924 “sem liderança” e a recusa de Hitler em tomar partido na luta interna que seu no movimento viveu em sua ausência mostravam-se, nesse momento, como uma enorme vantagem. Dessa forma, o ano de 1924 provou que não era possível haver uma unidade sem Hitler e, portanto, o movimento não podia existir.

Uma carta do verão de 1933 da senhora C. Klose, de Wiesbaden, demonstra como a propaganda destinada ao culto a Hitler deu certo. Ela escreveu um poema para ele e junto um pedido de que este pudesse ser publicado em jornais de Berlim, Munique e Wiesbaden:

As pessoas todas o saúdam,  
Desejo de esperança, alegria e tranquilidade!  
Oh, nossa sorte!  
Labuta e esforço você tem bastante!  
Fixo no olhar, porém, o objetivo!  
Adolf Hitler, Heil!  
Heil, Hitler! O mundo todo clama,  
Idolo de todos os corações!  
Te seremos fiéis!  
Louvor cantamos aqui!  
Erguemos os braços e,  
Reunidos, dizemos, “Salve Hitler” durante a luta.<sup>20</sup>

É possível perceber que a devoção e confiança no trabalho de Hitler eram muito fortes e que o fato dela escrever o nome inteiro de Hitler e começar as frases a partir de cada letra de seu nome demonstra que mais importante que o que ele fazia pela Alemanha ou como seus seguidores se sentiam em relação a ele, era a sua figura que estava acima de tudo e de todos. Interessante que, em 19 de junho de 1933, o ajudante de ordens de Hitler, Brückner, lhe enviou a seguinte resposta: “Muito prezada senhora Klose! O Führer agradece muitíssimo a sua carta. Infelizmente, não é possível permitir a impressão de seu poema, pois o Führer rejeita totalmente a glorificação de sua pessoa”. (Apud: EBERLE, 2010, p. 135)

Essa resposta é surpreendente, pois foi justamente o culto a Hitler que alavancou o movimento em seu momento de crise e que permitiu que em 1933 Hitler fosse nomeado chanceler do Reich, mas manobrar a percepção de sua pessoa, também foi uma estratégia usada para que as pessoas se mantivessem fiéis ao movimento.

[...] O culto ao Führer era aceito porque oferecia a todas as partes o único remédio para isso. A fidelidade pessoal a Hitler, genuína ou forçada, era o preço da unidade. Em alguns casos, os líderes nazistas estavam totalmente convencidos da grandeza e da “missão” de Hitler. Em outros, suas ambições próprias só podiam obter sustentação se apoiassem o Líder supremo, ainda que da boca para fora. Nos dois casos, o resultado era que o domínio de Hitler sobre o movimento aumentava até uma posição quase incontestável. E ainda, nos dois casos, a corrente de transmissão entre os adeptos do partido

---

<sup>20</sup> (Apud: EBERLE, 2010, p. 135). Optamos por manter o poema no corpo do texto para destacá-lo.

havia sido manufaturada para a subsequente extensão do culto ao Führer para setores mais amplos do eleitorado alemão. O culto ao Líder era indispensável ao partido. E a subordinação da “ideia” à pessoa de Hitler era necessária se se quisesse que a energia do partido não se dissipasse em divisões faccionais danosas. Ao evitar a disputa doutrinária como fizera em 1924, e centrar todas as energias no objetivo único de obter poder, Hitler pôde – às vezes com dificuldade – manter o partido unido. Ao longo do caminho, o culto ao Führer ganhara ímpeto próprio. (KERSHAW, 2010, p. 219)

Entre esses anos de crise que o movimento viveu, uma das estratégias foi buscar estabelecer contatos importantes para obter fundos para o partido que vivia uma situação financeira crônica. Com o partido estagnado, os esforços de Hitler não rendiam quase nada. Cortejando industriais e empresários do Ruhr em seus discursos de 1926 e 1927, os quais foram bem recebidos, mesmo assim eles não tinham interesse em um movimento que parecia não andar para frente. O partido precisava e dependia da contribuição dos membros comuns, por isso, na melhor das hipóteses, o crescimento nas filiações era lento, significando dores de cabeças para o tesoureiro do partido. No final de 1927, o partido contava com apenas 75 mil membros e somente sete deputados eleitos para o Reichstag. (EVANS, 2010, p. 266; KERSHAW, 2010, p. 220)

De acordo com Evans e Kershaw, coordenando as atividades de propaganda do partido, Gregor Strasser ganhou bastante liberdade para trabalhar de forma a atrair adeptos, principalmente o proletariado urbano, mas essa estratégia foi se mostrando fraca e perigosa, pois poderia por em risco o apoio daqueles que pertenciam à classe média baixa. Chegaram alguns informes de Schleswig-Holstein, Turíngia, Mecklenburg, Pomerânia e outras regiões, que mostravam que a inquietação nas áreas rurais poderia ser um bom campo de atividade para atrair apoiadores. Estando bem informado, Hitler discursou em 27 de novembro de 1927, no Hotel Elephant, em Weimar, anunciando uma mudança de plano, explicando que não podiam esperar uma mudança de posicionamento político dos marxistas nas eleições que estavam por vir (em maio de 1928) e que os pequenos comerciantes e trabalhadores de “colarinho branco”, muito dos quais já eram antissemitas, eram os alvos mais propícios para suas ideias. Em seu discurso de dezembro de 1927, ele falou pela primeira vez para milhares de camponeses da Baixa Saxônia, Schleswig-Holstein e Oldenburg. No Ano-Novo de 1927 assumiu o cargo de Líder de Propaganda no lugar de Strasser.

Quando em 1928 ganhou apoio maciço dessa parte da população, esclareceu que retificou, em 13 de abril, o ponto 17 de seu programa, a fim de que ficasse assegurado aos pequenos fazendeiros que seu compromisso com a “expropriação de terra para os propósitos

comunitários sem compensação”, se referia apenas aos judeus. Essa mudança na ênfase da propaganda significou um afastamento da postura “programática”, que até então era direcionada para atrair e conquistar trabalhadores do marxismo, direcionada agora a atrair a todos e não apenas a alguns selecionados previamente. A política de propaganda comandada por Hitler não se importava mais com quem iria atrair contanto que atraísse e fossem conquistados. O objetivo era ganhar o poder e para se alcançar isso qualquer arma servia. Isso significou que o NSDAP se afrouxaria em seus grupos de interesse concorrentes. “[...] Somente a ausência de um programa claro e um conjunto de objetivos distantes incorporados à imagem do Líder poderiam mantê-los unidos – por algum tempo”. (KERSHAW, 2010, p. 222)

A Alemanha se encontrava em seu momento mais estável desde o começo da República de Weimar e isso se refletiu de forma negativa para o NSDAP nas eleições de 20 de maio de 1928. O partido nazista obteve apenas 2,6%, o que equivalia a 12 assentos no Reichstag. De acordo com Evans, os nazistas perderam 100 mil votos nessas eleições. Entre os deputados nazistas que ocuparam assento no Reichstag estavam: o ex Líder de Propaganda Gregor Strasser, o economista Gottfried Feder, o futuro Ministro de Propaganda Joseph Goebbels, o cavaleiro Franz Von Epp e o fundador da Gestapo<sup>21</sup> em 1933, Herman Göring.

[...] Todavia, em algumas zonas rurais do norte protestante, eles foram muito melhor. Enquanto conseguiram fazer apenas 1,4% em Berlim e 1,3% no Ruhr, por exemplo, conquistaram nada menos que 18,1% e 17,7% em dois condados em Schleswig-Holstein. Uma votação de 8,1% em outra zona habitada por pequenos agricultores protestantes descontentes, isto é, Francônia, reforçou a sensação de que, conforme o jornal do Partido colocou em 31 de maio, “os resultados da eleição em zonas rurais em particular provaram que, com menor dispêndio de energia, dinheiro e tempo, podem-se obter resultados melhores ali do que nas grandes cidades”. (EVANS, 2010, p. 269)

Após o resultado das eleições ter se mostrado positivo nas áreas rurais, a propaganda e a organização do partido precisaram ser ajustadas. Strasser, que havia se tornado Líder Organizacional em 2 de janeiro de 1928, dedicou uma maior atenção para o campo e suborganizações afiliadas começaram a ser criadas, tornando-se de extrema importância no trabalho de perceber os interesses que grupos de classe média tinham. Entre essas organizações estão: Ordem das Mulheres Alemãs, fundada em 1923 e incorporada ao partido em 1928; Liga Jovem do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, fundada em 1922 e renomeada em 1926, como Juventude Hitlerista; e a Liga Nacional-Socialista dos

---

<sup>21</sup> Polícia secreta do Estado (Geheime Staatspolizei)

Estudantes Alemães, fundada em 1926 por Wilhelm Tempel passaram a ser filiadas ao NSDAP. (EVANS, 2010, p. 272; KERSHAW, 2010, p. 223)

De acordo com Kershaw, a crise econômica que só ganharia força total na Alemanha em 24 de outubro de 1929 com a quebra da bolsa de valores de Nova Iorque começou a mostrar suas primeiras nuvens escuras no final do inverno de 1928-1929. A agricultura estava em crise crescente, os agricultores contraíram dívidas, alguns estavam falindo e outros se viram forçados a vender suas terras. A indústria de ferro e aço também dava seus primeiros sinais de problemas, quando 230 mil operários precisaram ser demitidos ou trabalhavam sem salário, porque os industriais se recusaram a aceitar uma arbitragem e fizeram um *lockout*. O desemprego crescia em ritmo acelerado, e em janeiro de 1929, contava com 3 milhões de pessoas sem emprego. A política de “grande coalizão” sob o comando do chanceler Hermann Müller nunca havia sido estável e só piorava. E o SPD vinha perdendo prestígio entre a população.

Com a insatisfação tomando conta das pessoas, o fim do inverno de 1928-1929 foi promissor para o partido nazista que ganhou um número considerável de adeptos, principalmente da grande massa de trabalhadores e camponeses. Como Evans, Kershaw e Mazower mostram, algumas pessoas nem sabiam quais eram os objetivos do NSDAP, mas encontravam nele a oportunidade de ver a Alemanha sair da situação de crise em que se encontrava, concordando com qualquer tipo de medida proposta pelos nazistas, inclusive com a violência.

O foco dos discursos de Hitler mudou, o judeu deixou de ser o assunto principal, e Hitler começou a atacar o governo dos social-democratas, mostrando os pontos nos quais eles falhavam em reestruturar a Alemanha política e economicamente, e acentuando que havia uma necessidade tangente de restaurar a força e a unidade alemãs e que a obtenção de terras era essencial para o futuro do país. A salvação desse declínio se daria pelo poder e concluiu um de seus discursos afirmando: “O sistema inteiro precisa ser alterado. Portanto, a grande tarefa é devolver ao povo sua crença na liderança”. (KERSHAW, 2010, p. 225)

O início do ano de 1929 começou com resultados positivos para o NSDAP em eleições locais: 5% dos votos na Saxônia; 4% em Mecklenburg; a cidade de Coburg no norte da Baviera foi a primeira a eleger um conselho municipal dirigido por nazistas; e em outubro o partido já contava com 7% dos votos nas eleições do Estado de Baden. O partido e a adesão a causa nazista crescia em ritmo acelerado, Hitler possuía um domínio completo, os rivais do movimento caíram na insignificância. Sua estratégia de martelar a mesma mensagem e

esperar que oportunidades externas o favorecessem estava dando certo. Apesar do quadro geral de apoio ao NSDAP ter melhorado muito de 1925 até o momento, o percentual de votos nas eleições ainda era modesto, e muitos dos que estavam à frente do governo alemão não acreditavam que Hitler conseguiria chegar ao poder. A esperança de Hitler, no entanto, é que a crise que o Estado vivia se tornasse abrangente e ampla. Gustav Stresemann tentava sustentar o vacilante governo de Müller e era visto por Hitler como o único estadista com verdadeiro prestígio na Alemanha, com sua morte em 3 de setembro, o país se viu sem defesas para segurar a crise que vivia e em 24 de outubro de 1929, em Wall Street, Nova Iorque, a maior bolsa de valores do mundo quebrou, proporcionando a Hitler o momento de caos que ele estava esperando. (EVANS, 2010, p. 291; KERSHAW, 2010, p. 227)

De acordo com Kershaw, o colapso da bolsa de valores não foi reconhecido de imediato pelas lideranças nazistas em outubro de 1929, tanto é que o jornal *Völkischer Beobachter* não mencionou a Sexta Feira Negra de Wall Street. A crise agrícola se intensificou, 3.218 milhões de pessoas estavam desempregadas em janeiro de 1929. Pessoas comuns começaram a protestar e assumiram que a visão de que a democracia havia decepcionado e queriam a erradicação do “sistema”, tanto os que estavam à esquerda quanto à direita do governo bradavam juntos. O Plano Young dera um poder de publicidade inestimável para os partidos e Hitler aproveitou o momento para declarar que “a ocasião para uma onda de propagandas como nunca se vira na Alemanha” estava a caminho, o Plano Young permitiu que o NSDAP se projetasse da forma mais radical da direita.

Nas eleições que ocorreram entre os meses de outubro e dezembro de 1929 os resultados foram positivos para o partido nazista, de acordo com Kershaw: nas eleições de 29 de outubro, em Baden, o NSDAP conseguiu 7% dos votos; mais ou menos quinze dias depois, nas eleições de Lübeck, conseguiram 8,1%; em 17 de novembro, nas eleições municipais de Berlim, o percentual de votos foi de 5,8%, quadruplicando o número de votos em relação às eleições de 1928; na Turíngia, o resultado mais significativo, as eleições de 8 de novembro renderam 11,3% dos 90 mil votos. A questão nesse momento era:

[...] O Partido Nazista deveria explorar a situação concordando em entrar para o governo pela primeira vez, mas correndo o risco de impopularidade por participar de um sistema cada vez mais desacreditado? Hitler decidiu que o partido tinha de entrar na composição do governo. Se recusasse, explicou, enfrentaria novas eleições e os eleitores poderiam dar-lhe as costas. O que aconteceu dá uma indicação do modo como, nessa época, a “tomada do poder” no próprio Reich era imaginada. (KERSHAW, 2010, p. 229)

Nos anos posteriores Hitler só precisaria reunir forças para maquirar estratégias e propagandas, para que em cada eleição que acontecesse o número de votos para o NSDAP crescesse, dando margem e segurança para a tomada de poder. Como ele havia declarado que não tentaria tomar o poder pela força novamente, ele usou de suas melhores artimanhas políticas: discurso e propaganda. Os eventos dos anos de 1930 a 1932 serviram a ele como o trampolim que o lançou direto ao dia 30 de janeiro de 1933 e sua nomeação como chanceler do Reich alemão.

#### 1.4- 1930 a 1932: Construindo as bases para a tomada do poder

Diante do bom resultado nas eleições de 1929, a senhora von Ponief escreveu uma carta no dia 28 de fevereiro de 1930 depositando sua confiança no trabalho de Hitler e fazendo o pedido de que Hitler limpasse a Alemanha do comércio judeu e exaltasse o comerciante alemão:

Prezado senhor Hitler! Como membro do NSDAP eu me alegraria muito com o seguinte! Para trabalharmos bem de forma completamente livre de judeus, precisamos fazer nossos membros prometerem que não comprarão de judeus, dessa forma podemos conseguir pouco a pouco que os judeus sejam eliminados dos pequenos negócios e, assim, voltar a colocar as rédeas nas mãos da classe média. Isso não será muito fácil de ser executado com os grandes comércios, já que em grande parte, apenas o capital judeu trabalha nas áreas de confecção e sapatos. Mas, localmente, nosso movimento seria bastante beneficiado por essa medida restritiva. Na maioria dos casos, o que ocorre é apenas falta de reflexão e o judeu se alegra bem no fundo com os compradores alemães tontos!! Ele próprio naturalmente sempre compra de companheiros de fé. Com um leal Heil alemão. Sua devota, Senhora von Ponief (Apud: EBERLE, 2010, p 63)

O que podemos perceber nessa carta é que a intenção de se livrar dos comerciantes judeus é a de beneficiar os comerciantes alemães, pois como os judeus mantinham seus preços mais razoáveis e de mais fácil acesso à população menos afortunada, até mesmo membros do partido compravam deles deixando de favorecer o comércio alemão. É complicado afirmar aqui se há ódio em relação aos judeus, no geral a carta não nos passa esse sentimento, mas a intenção de promover o comércio alemão, e essa intenção prejudicaria os judeus em termos financeiros, mas não culminaria em violência física, não nesse momento por enquanto. Pode ser que a autora da carta sentisse o mesmo repúdio pelos judeus que Hitler sentia, mas nessa carta isso não fica explícito e pode ser que sua manifestação de ódio se deu através da vontade



de ver o comércio judeu decaindo, o que podemos afirmar, é que o que movia ela não era necessariamente o ódio, mas a intenção de obter privilégios para os comerciantes alemães.

A senhora von Ponief recebeu uma resposta no dia 6 de maio de 1930. A resposta contribuiu para a compreensão das atitudes tomadas por Hitler agora que compunha o governo com dois ministérios sob comando nazista na Turíngia – Ministério do Interior, que controlava a polícia e o serviço público; e o Ministério da Educação, responsável pela cultura e diretrizes do ensino secundário e universitário – demonstrando cautela em suas atitudes para não perder credibilidade junto daqueles que passaram a apoiar o NSDAP:

Prezada senhora. O senhor Hitler manda agradecer sua carta de 28 de fevereiro e as sugestões contidas. Nós, na verdade já temos a intenção de, futuramente, estimular continuamente os nossos colegas de partido por meio de demandas em nossos jornais a comprarem o mais possível de nossos membros. Infelizmente, uma ordem para que não comprem de judeus é considerada dano aos negócios e pode ser punida por lei, pelo menos se os judeus forem explicitamente citados. Saudações alemães. Seu mais devoto.  
(Apud: EBERLE, 2010, p. 64)

A resposta do secretário é coerente com a propaganda eleitoral realizada no ano de 1929, a qual começou a tirar de foco o antissemitismo e colocava em cena os problemas que a Alemanha vinha passando devido a má gestão e administração dos social-democratas. Começar a atacar o comércio judeu, voltar a discursar imediatamente e direcionar as propagandas para a causa principal do partido, o antissemitismo, seria arriscado demais nesse momento, uma vez que, embora houvesse apoio e os resultados das últimas eleições tivessem sido consideravelmente melhores que nos anos anteriores, as pessoas que votaram em Hitler propiciando bons resultados nas urnas foram convencidas pelos discursos e propagandas direcionados a mostrar no que a social-democracia falhava e o que os nazistas fariam se chegassem ao poder. Nesse momento, o caráter antissemita e racista do programa nazista não eram evidentes e não era o principal para todos que votaram no NSDAP, apenas poucas pessoas, como a senhora von Ponief que já era membro do partido entendia o principal foco e por isso a cobrança. De maneira geral, a ação de Hitler em não se envolver diretamente nesse tipo de problema e tirar o foco dos judeus, ajudou sua popularidade crescer baseando sua propaganda em “salvar” a Alemanha da social-democracia, a partir de problemas políticos e econômicos mais palpáveis, como o desemprego. Associar esses problemas com os judeus voltaria a ser foco de propagandas posteriores.

De acordo com Kershaw, a renúncia de Müller ao governo no dia 27 de março de 1930 devido ao aumento dos preços para a contribuição do seguro-desemprego pelos

empregadores e a nomeação de Heinrich Brüning, do Zentrum<sup>22</sup>, para chanceler do Reich, como substituto de Müller, em 30 de março, marca o início do fim da República de Weimar. Seus problemas começaram de forma imediata, tentando diminuir os gastos públicos, em junho, através de decretos de emergência. Em 18 de julho de 1930, Brüning conseguiu do presidente a autorização para dissolver o Parlamento, porque uma moção aprovada pelo SPD apoiada pelo NSDAP previa a retirada de sua proposta do decreto que impunha impostos mais altos e cortes radicais nos gastos públicos. Diante dessa situação novas eleições foram marcadas para o dia 14 de setembro. Essas eleições representariam uma catástrofe para a democracia, e por consequência culminariam em um avanço eleitoral inestimável para o movimento de Hitler.

Dissolver o Reichstag foi uma má decisão de Brüning, mesmo que ele tenha levado em conta a boa quantidade de votos que o NSDAP havia ganhado nas eleições regionais da Saxônia que tinham sido realizadas há pouco tempo, contando com 14, 4% dos votos, sua determinação em substituir o governo por um sistema autoritário, baseado em decretos presidenciais, ele deixou de lado a raiva e frustração do país e errou em subestimar os efeitos da alienação e dos níveis perigosos de manifestações e protestos populares. Sorte dos nazistas que nem estavam acreditando nesse quadro favorável para eles. Com a chegada do novo chefe de propaganda do movimento, Joseph Goebbels, o verão traria uma agitação nunca vista na política alemã.

A carta de Elsa Walter, escrita no natal de 1930, nos ajuda a entender a situação em que a Alemanha se encontrava. Mesmo tendo sido escrita após as eleições, o quadro político, econômico e cultural que ela apresenta não mudou de setembro para dezembro. A carta original possui oitenta páginas, de acordo com informações de Eberle. O autor apresentou os pontos relevantes para o trabalho dele em treze páginas e alguns desses pontos serão trazidos para nossa análise. O autor traz uma informação interessante sobre essa carta:

[...] Em 1940, ela se tornou funcionária do partido em tempo integral no *gau* de Baden. Pouco tempo depois, trabalhou em Colmar, na Alsácia anexada. Seu último emprego registrado está anotado no cartão de registros do NSDAP como funcionária na direção da Liga Nacional de Mulheres do *Gau* em Posen, no *gau*, Wartheland, também anexada ao Reich alemão. (Apud: EBERLE, 2010, p. 81)

Eberle afirma que “não vale a pena confrontar toda a declaração de Elsa Walter com as circunstâncias da época”, para o trabalho dele talvez não, mas para nós é importante esse

---

<sup>22</sup>Partido Católico. Foi fundado em 1870.

confronto, pois foi a partir da situação que o governo alemão se encontrava que a primeira vitória considerável do NSDAP aconteceu nas eleições de 14 de setembro de 1930.

[...] Eu quero lhes dizer, grande parte do mistério da penúria estará solucionada se o homem voltar a ocupar sua antiga posição e o lugar da mulher for o lar e a beira do fogão, e nas relações, já que a mulher é obrigada a receber um salário, a mulher solteira, a menina mais velha, serão abertos para ela caminhos para profissões que correspondem à sua psique! Quando a postura do homem diante da vida estiver acertada, então toda essa penúria mil vezes originária dele se solucionará automaticamente. Vocês mulheres, não ficam coradas de vergonha quando pensam que pobres irmãos alemães desempregados, pessoas jovens e cheias de esperanças, andam sem destino de noite pelo Tierpark sem um teto e se vendem para outros homens. Essas manchas não impregnam apenas a honra dessas pessoas, não, mas também sua alma, envenenando-a talvez para sempre. (Apud: EBERLE, 2010, p. 72)

De acordo com Evans, o desemprego era tão grande que as pessoas perderam o auto respeito e seu *status* foi minado, principalmente dos homens, os quais viviam em uma sociedade na qual o reconhecimento, a identidade masculina e o prestígio derivavam, principalmente, do trabalho que faziam. No início da década de 1930, era possível ver muitos homens nas esquinas usando placas com os dizeres: “À procura de trabalho de qualquer tipo”. A prostituição, tanto feminina quanto masculina, ficou mais à vista de todos, sendo disseminada com rapidez, significando tanto o fracasso econômico de Weimar quanto sua tolerância sexual, chocando a elite por sua visibilidade descarada.

[...] A sociedade alemã parecia afundar em um pântano de miséria e criminalidade. Nessa situação, as pessoas começaram a se agarrar à política de salvação: qualquer coisa, por extrema que fosse, parecia melhor que a embrulhada sem esperança em que pareciam estar agora. (EVANS, 2010, p. 297)

Elsa Walter em sua carta dedicou muito de seu tempo escrevendo sobre o papel da mulher e o papel do homem na Alemanha. Ela não aceitava que mulheres se intelectualizassem, estudassem ou trabalhassem fora de casa, ocupando o emprego que deveria ser de um homem. Para ela o trabalho da mulher era em casa, cuidando dos filhos e zelando pelo marido para que a família vivesse em harmonia, e ao mesmo tempo apoiava as organizações femininas relacionadas, apenas, ao NSDAP, pois um governo que não tivesse mulheres para serem o conforto dos homens nas horas de dificuldade não poderia ser bem sucedido. Ela, inclusive, faz um pedido a Hitler de que a deixasse participar da construção da Grande Alemanha, e como Eberle demonstrou, mais tarde ela passou a fazer parte de organizações filiadas ao partido. Elsa Walter também tinha sua visão e opinião sobre outros

assuntos que solapavam a Alemanha e que deveriam ser resolvidos. Ela continua sua carta escrevendo sobre as lojas de departamento e as associações de consumo:

Eu me alegro pelo fato de estar anotado no programa do P.T. Nac. Soc. como um ponto central: combate às lojas de departamentos, às associações de consumo. O pequeno burguês e cidadão de classe média tão satirizado e objeto de gracejos, que serve de alvo para as piadas de mau gosto dos social-democratas, é responsável, enquanto estiver ali saudável, pelo bem-estar de um país. [Em] seus círculos podem ser encontrados os poupadores honestos e esforçados, honestos e competentes também no trabalho. Deles foi roubado, da noite para o dia, o dinheiro gerado poupado com esforço na inflação, e agora que eles querem criar para si com ácida perseverança uma nova existência, uma existência para a alimentação de sua família, a afetuosa e cuidadosa social-democracia lhes enfia seu programa diante do nariz. Morte à burguesia, viva as associações de consumo, as lojas de departamentos, e ainda um jornal cheio de piadas de mau gosto sobre a burguesia em extinção. E depois esse partido dos internacionais ainda se admira quando os nazistas são apoiados pela burguesia! No futuro, a vida profissional do cidadão deve ser protegida por altos impostos às lojas de departamentos, e cada um pode ter imprescindivelmente apenas uma loja, ou seja, nenhuma filial. As associações para necessidades vitais organizadas pelos social-democratas, associações de consumo, também deveriam desaparecer da face da Terra, pois elas são realmente a ruína do pequeno comerciante. (Apud: EBERLE, 2010, p. 74)

É preciso olhar com atenção para esse trecho da carta. Para muitas pessoas a relação que Hitler fazia da social-democracia com os judeus não era clara, como exposto anteriormente, muitos que passaram a apoiar o programa do NSDAP desconheciam seus pontos e passaram a apoiar o partido como última esperança para “salvar” a Alemanha da crise que vivia. O pedido de Elsa Walter e sua explicação do por que deveriam ser destruídas as lojas de departamentos e as associações de consumo estão nas entrelinhas de sua carta. Os maiores responsáveis por esse tipo de comércio eram os judeus e para Elsa Walter estava claro que apoiar a social-democracia significava permitir que os judeus continuassem lucrando à custa dos alemães de “raça pura”, de forma geral o que ela pede é um boicote a esse tipo de comércio para que o comerciante alemão pudesse “receber o que era dele por direito”.

Ao citar que se alegrava que no programa político do NSDAP estivesse explícito que um dos objetivos nazista, caso chegasse ao poder, era acabar com as lojas de departamento e as associações de consumo, ela deixa claro que conhece bem o partido pelo qual milita e que vai cobrar o cumprimento do que está previsto no programa. O pedido dela veio a ser atendido, não nesse momento, mas em 1º de abril de 1933, quando foi organizado um boicote ao comércio judeu a nível nacional. Para a infelicidade de Elsa Walter, o boicote não foi bem recebido pelos alemães que não deixaram de comprar em lojas de judeus e não viam

problemas em seu comércio, pelo contrário, as lojas judias cobravam preços mais baratos que as lojas alemãs e na atual situação de crise, deixar de pagar mais barato para favorecer os seus seria um tiro no pé. Nesse momento a Alemanha ainda não estava preparada para a onda de violência que viria a ser empreendida contra os judeus e demonstrou isso ao não compactuar com o boicote.

Elsa Walter continua sua carta tratando da questão das fábricas alemãs, demonstrando insatisfação com o modelo de sistema americano – capitalismo – e que a Alemanha não podia continuar se curvando a esse tipo de trabalho. O trabalho alemão era superior e por isso deveria ser feito de forma manual, a fim de se atingir alto nível de qualidade nos produtos. Ela escreve:

Agora vamos às fábricas. Com ouvimos das bocas de artífices e operários antigos e experientes, ali justamente o sistema americano é um dos maiores males. Trabalhar na esteira segundo o cronômetro de um teórico. Esse é um trabalho sem alma, um trabalho acelerado sem qualidade. Vamos tirar o sistema americano de nossas fábricas e fazer um trabalho alemão de qualidade com alma, diligência, alegria – e feito com precisão –, então vamos voltar a ser alemães e teremos um produto que pode ser visto. É bom se utilizar a tecnologia para ajudar a humanidade, mas ela não pode dominar esta última e menos ainda tirar desta ou de uma multidão incontável, o pão de cada dia, senão a benção da tecnologia deixa de existir. Pois ela é desalmada. Por isso principalmente trabalho manual, trabalho alemão de qualidade. Vamos disseminar isso pelo mundo afora como fama do trabalho manual alemão. No que diz respeito à penúria da classe trabalhadora atual, ela se compõe justamente pela combinação desse superpoder da tecnologia com a necessidade do desempregado, mas a social-democracia, que se autodenomina acima de tudo partido dos trabalhadores, não encontrou nenhuma solução para essa grande penúria dos trabalhadores nesses doze anos. Abaixo o sistema americano, depois de um ano de serviço profissional obrigatório para os jovens, eliminação dos salários duplos, prioridade para os homens nos empregos, aposentadoria aos 60 anos como empregado ou funcionário público, e então vamos ver quantos desempregados vão restar. (Apud: EBERLE, 2010, p. 75)

O pedido de Elsa Walter chega a ser absurdo, pois ela queria que a Alemanha retrocedesse no tempo, voltando quase ao feudalismo. As fábricas viviam uma crise, os investimentos outrora feitos, principalmente, pelos EUA foram diminuídos de forma grandiosa por causa da quebra da bolsa de valores em 1929, dessa forma os donos das fábricas tiveram que demitir muitos funcionários e os que mantiveram seus empregos tiveram sua jornada reduzida e conseqüentemente seus salários também, mas isso nada tinha a ver com a forma de produção. O que parece é que ela desconhecía essa parte da crise e atribuía o desemprego à forma de produção e não à falta de investimento financeiro. A visão dela de que a tecnologia não deveria substituir o trabalhador e que para que se operassem as máquinas era

necessário pessoas é coerente e é até hoje um dos pontos discutidos a respeito do capitalismo, mas acreditar que apenas o trabalho manual resolveria a situação do desemprego e alavancaria a economia alemã acabando com a crise é uma ideia muito ingênua. A Alemanha estava quebrada por falta de investimento, a administração governamental era fraca e somada a isso, as indústrias, que são responsáveis por grande parte da geração de capital de uma Nação, não conseguiam alcançar suas metas de produção e vendas, pois não tinha quem comprasse.

A crise instaurada ia muito além do sistema de produção, as medidas tomadas pelo governo social-democrata deixavam a desejar no campo econômico, político e cultural, culminando não apenas na crise econômica, mas numa crise geral, representada por má gestão, decretos de emergência, falta de investimentos, falta de visibilidade e principalmente, perda da identidade. Os nazistas tinham uma solução para todo esse cenário e aos poucos foi encaminhando o país, a partir de propagandas e discursos a números exorbitantes por mês, para que a revolta contra a social-democracia crescesse no sentimento alemão e seus olhares se voltassem para Hitler como o “salvador” da pátria.

Continuando sua carta, Elsa Walter tratou da questão sobre os judeus e os sentimentos que a invadiam em relação a eles. De acordo com ela, não era ódio o que a movia, mas o sentimento de superioridade cristão e esse sentimento é que deveria mover o antissemitismo do movimento nazista também.

Agora, qual a postura de uma mulher alemã em relação à questão dos judeus. Exatamente conforme sua predisposição, o ódio no sentido verdadeiro da palavra batalha ela não profundamente, não. Mas em compensação ela tem o orgulho que a impede de cometer o erro de não interpretar corretamente os carinhos e adulação de um judeu dirigidos a uma cristã. [...] Mas se o senhor me perguntasse, Adolf Hitler, qual a minha posição diante da questão dos judeus, que lhe responder sem demora, de forma verdadeiramente feminina: tenho compaixão pelos judeus que foram atingidos imerecidamente por golpes morais e espirituais. Mas eu seria sempre a favor de que o sentimento de superioridade do cristão cresça, por ser cristão, e isso com todas as honras. Não servo dos judeus, não rapariga dos judeus, mas simplesmente um cristão, orgulhoso da cristandade, e uma batalha sincera contra o espírito lucrativo dos judeus de acordo com sua predisposição, ao impor-lhe limites para manter a moderação. Justamente trabalho manual, e não apenas comércio. Ou emigração, para quem não quiser ganhar o pão com as mãos. No entanto, assim que surgirem possibilidades de que a sua pátria, sua antiga pátria, possa voltar a ser acessível ao judeu, então que eles saiam com tranquilidade, os apátridas. Nós [não] queremos nos confraternizar com eles, pois não se ajustam ao nosso país em todas as suas visões de mundo. (Apud: EBERLE, 2010, p. 76)

O primeiro ponto interessante de analisarmos é que o antissemitismo que a move é diferente do que o que movia Hitler e que ele “pregava” em seus discursos e em seu livro, nos

parece que quando ela trata do sentimento de superioridade cristã, ela entende que ser judeu está relacionado mais à religião do que à raça. E isso, na visão de Hitler, foi o ponto em que os pangermanistas erraram em sua ideia de antissemitismo. A segunda questão, é que ao afirmar que sentia compaixão pelos judeus demonstrando que conhecia sua história e seu sofrimento, ela tratou de um sentimento impossível de ser sentido por Hitler, pois para ele não era possível ter compaixão por aqueles que ele via como responsáveis por toda a desgraça e vergonha que a Alemanha passava desde o final da Primeira Guerra Mundial. Terceiro, o sentimento de superioridade cristã a que ela se refere está ligado ao estilo de comércio judeu que buscava lucros, para ela a necessidade de trabalho manual era o ponto-chave para uma boa economia e não apenas o comércio visando o lucro, era preciso que ao judeu fosse imposto um limite no “espírito lucrativo” se eles quisessem permanecer na Alemanha, ou a opção para quem não quisesse viver do trabalho das próprias mãos era se mudar da Alemanha.

O fato de ela sugerir uma possibilidade de que os judeus permanecessem na Alemanha, demonstra que não era ódio o que ela sentia, mas talvez desdém pelo judeu e seu estilo de vida. Todavia, mesmo mostrando uma forma de que o judeu pudesse permanecer de forma “justa” na Alemanha, o sentimento maior era que, assim que fosse possível, eles retornassem à sua pátria e deixassem a Alemanha para os realmente alemães dignos de tal, mostrando que essa saída dos judeus poderia ser feita de forma tranquila e sem violência. Sua justificativa final, de que não poderiam se confraternizar com os judeus, pois não se ajustavam ao país em todas as suas visões de mundo, se refere, principalmente ao “espírito lucrativo”, e claro à religião.

É um pouco ingênuo da parte dela escrever para Hitler sobre os judeus dessa forma, pois mesmo demonstrando, em parte, que apoiava uma “Alemanha para alemães”, ela era munida de sentimentos bons em relação aos judeus, coisa que faltava a Hitler. Escrever afirmando que existe uma forma tranquila deles permanecerem e irem embora da Alemanha demonstra que ela não entendia o caráter antissemita e racista do movimento nazista por completo, no qual só existia uma opção para os judeus: seu fim.

De acordo com Kershaw, o verão de 1930 trouxe em si uma mudança significativa nos assuntos abordados por Hitler em seus comícios. Se para as eleições de 1929 ele já havia tirado um pouco o foco dos judeus e atacado o governo da República de Weimar, em 1930 o assunto “judeus” não compõe mais a pauta em momento algum, e os ataques ao governo passaram a ser maciços. Propondo um novo programa político, no qual o antissemitismo não

era o principal objetivo. Essa nova abordagem oferecia “um programa novo e gigantesco atrás do qual não estaria o novo governo, mas um novo povo alemão que deixaria de ser uma mistura de classes, profissões e propriedades”. Hitler declarou com ênfase que seria “uma comunidade de um povo que, para além de todas as diferenças, resgatará a força comum da nação, ou levará à ruína”. O efeito esperado foi alcançado e o partido nazista presenciou seus melhores resultados nas urnas desde sua reorganização em 1925. As eleições do dia 14 de setembro de 1930 contabilizaram 18,3% dos votos, representando 107 cadeiras, fazendo do NSDAP o segundo maior partido no Reichstag. Quase 6,5 milhões de alemães votaram nos nazistas.

O NSDAP conquistara o apoio de todos os setores da sociedade, desde áreas rurais protestantes, operários até as classes médias da Alemanha e nenhum outro partido na República de Weimar podia afirmar o mesmo. Dessa forma, a estrutura dos filiados ao partido sofre um aumento na variedade de adeptos, que agora vinham de todos os setores da sociedade, porém não de forma igual.

[...] A composição era avassaladoramente masculina e somente o KPD tinha filiados com um perfil tão jovem. As classes médias protestantes estavam super-representadas. Mas havia também uma boa presença da classe operária, ainda mais pronunciada na SA e na Juventude Hitlerista do que no próprio partido. Ao mesmo tempo, o grande avanço político significava que cidadãos “respeitáveis” se sentiam agora dispostos a entrar para o partido. Professores, funcionários públicos e até mesmo alguns pastores protestantes estavam entre os grupos que alteravam o prestígio social do partido nas províncias. Na Francônia, por exemplo, o NSDAP já tinha em 1930 a aparência de um “partido do serviço público”. A penetração do partido nas redes sociais das cidades e vilas provincianas começou a se intensificar de forma notável. (KERSHAW, 2010, p. 238)

Kershaw afirma que a vantagem de Hitler em relação aos outros partidos estava tanto na sua não participação de um governo impopular, quanto na sua forma simples e clara de falar em seus discursos. Para Kershaw, os políticos da República de Weimar vinham falhando na sua forma de se comunicar com população e com isso foram perdendo apoio. A linguagem de Hitler demonstrava os sentimentos que as pessoas não podiam ou não sabiam externalizar em relação ao governo: a amargura contra um sistema desacreditado. Hitler usava essa linguagem, mexendo com esse sentimento e usava uma linguagem de renovação e renascimento nacional mostrando que apenas o NSDAP poderia solucionar os problemas do país. Para os que não tinham uma convicção política forte, para os que estavam totalmente desacreditados e para os que estavam indecisos, a linguagem de Hitler era cada vez mais inebriante.



Chamou-nos a atenção a falta de cartas sobre esse momento no livro de Eberle. Tendo em vista que foi o melhor resultado do NSDAP desde sua reorganização e que esse resultado impulsionou de uma vez por todas Hitler ao poder, a ausência de cartas na obra de Eberle não descarta a possibilidade de sua existência. Em seu trabalho ele não fala se existem cartas desse momento, mas de acordo com outras cartas, tanto de incentivo e apoio quanto de congratulações quando eleições estavam marcadas, é possível indagar se nos arquivos de Moscou há cartas sobre essa eleição. Sabemos que o NSDAP contava com apoio desde as eleições de 1929 e o resultado das eleições de 1930 comprovam isso. Pela primeira vez, Hitler obtinha apoio maciço e usou isso em discursos e propagandas para cada vez mais envolver a população alemã. Por essas razões pode-se acreditar que as pessoas tivessem escrito para Hitler tanto antes quanto depois das eleições. Cada historiador adota um método de trabalho e triagem de suas fontes e documentos de pesquisa e não conhecemos os motivos pelos quais Eberle não apresentou cartas desse momento tão emblemático do início da tomada de poder. A ausência de tais cartas representou um pequeno óbice para a continuidade de nossa análise, mas, como será possível ver mais adiante, as pessoas faziam questão de escrever em momentos significativos e decisivos para Alemanha.

Depois das eleições o mundo todo passou a dar atenção a Hitler. Por causa do julgamento de três jovens oficiais que simpatizavam com a causa nazista e que foram acusados de estarem se preparando para cometer alta traição, Hitler aproveitou o momento para afirmar o compromisso da legalidade que o partido havia assumido. Ao ser perguntado como ele imaginava a construção do Reich alemão, ele declarou que:

[...] O Movimento Nacional-Socialista buscará realizar seus objetivos neste Estado por meios constitucionais. A Constituição nos mostra apenas os métodos, não a meta. Desse modo constitucional, tentaremos ganhar maiorias decisivas nos órgãos legislativos a fim de, no momento em que isso acontecer, pôr o Estado no molde que combina com nossas ideias. (KERSHAW, 2010, p. 239)

O ano de 1931 foi marcado por alguns problemas para Hitler. No início do ano, Ernst Röhm foi chamado de volta à Alemanha por Hitler e assumiu o posto de novo chefe do Estado-Maior da SA em 5 de janeiro. A situação que ele encontrou a SA era preocupante. Os soldados estavam impacientes com a espera da “tomada do poder” pela forma legal e somado a essa impaciência estava a falta de recursos financeiros que levou a uma breve rebelião em agosto de 1930. Hitler conseguiu acabar com essa crise com um investimento grande de capital para a organização, resultado das mensalidades dos membros do partido, e um novo juramento de fidelidade foi feito pelos homens da SA. Com a renúncia de Pfeffer da direção

da SA, Hitler acabou assumindo a liderança integral da SA e da SS e mesmo assim os pedidos de maior autonomia em relação ao partido não foram atendidos. Embora Ernst Röhm fosse um homem de prestígio junto aos principais líderes do partido e, principalmente, junto a Hitler, o fato de ser homossexual foi usado de pretexto por soldados que não gostavam dele para tentar minar seu cargo de chefe do Estado-Maior da SA. Diante dessa situação, em 3 de fevereiro de 1931, Hitler refutou ataques a “coisas que são exclusivamente da esfera privada”, enfatizando que a SA não era um “estabelecimento moral”, mas sim “um bando de lutadores rudes”. Mas isso não resolveu o problema estrutural que estava instalado na SA e sua tendência golpista estava voltando à tona. Em fevereiro de 1931, o líder da SA nas regiões orientais, Walter Stannes, publicou no jornal do partido em Berlim, *Der Angriff*, a defesa da tomada de poder pela força, deixando a liderança nazista alarmada, pois meses antes Hitler havia feito um juramento público sobre o compromisso com a legalidade e havia afirmado isso em várias ocasiões desde então. O decreto de emergência de 28 de março que dava ao governo Brüning amplos poderes para resolver problemas de “excessos” políticos piorou a preocupação de Hitler em relação a SA, ordenando obediência total ao decreto de emergência por todos os membros do partido, SS e SA, contudo, Stannes não estava disposto a ceder. Com a ocupação da sede do partido em Berlim pela SA liderada por Stannes, Hitler se viu obrigado a agir e o depôs do cargo de liderança. Houve muito esforço de Hitler e Goebbels para manter o apoio dos homens da SA ao NSDAP, mas Stannes também buscava apoio e conseguiu com que parte dos homens da SA o seguisse. Seu sucesso teve vida curta, em 4 de abril, Hitler publicou no *Völkischer Beobachter* uma denúncia muito bem articulada contra Stannes e um apelo de lealdade aos homens da SA. O apoio a Stannes sumiu, cerca de quinhentos homens foram expurgados da SA no norte e no leste alemão e o restante passou a ser obediente. A SA finalmente estava sob controle e ficaria assim, embora com dificuldade, até a “tomada do poder” quando a onda de violência praticada voltaria a ser pauta dos problemas de Hitler (KERSHAW, 2010, p. 248-250).

A morte de sua sobrinha Geli no dia 18 de setembro de 1931 também era um problema, pois a moça foi encontrada com um tiro do revólver de Hitler dentro do apartamento dele. Kershaw afirma que a relação de Hitler com a sobrinha era abusiva, no sentido de ele ser muito ciumento e possessivo com ela, não permitindo nem que ela namorasse. Os inimigos de Hitler aproveitaram esse momento para fazer acusações de que havia maus-tratos, indícios de abuso sexual, histórias de brigas violentas entre os dois, e até mesmo histórias de que Hitler havia mandado matar a moça por ciúmes de ela ter arrumado

um namorado em Viena e ter a pretensão de se mudar, realmente ela pretendia voltar a Viena por causa de um namorado que havia arrumado e ela e Hitler haviam discutido no dia de sua morte por causa disso, mas não há provas que o coloquem na cena do crime nem que indiquem que foi um assassinato encomendado. A questão é que ele caiu em profunda depressão, mas de acordo com o relato de Hans Frank seu desespero e tristeza se deram mais por causa do escândalo e da campanha da imprensa contra ele, do que sua dor pessoal. Hitler tinha em mente que a política vinha em primeiro lugar e não compareceu ao enterro de Geli no dia 24 de setembro, no lugar disso, fez um discurso em Hamburgo onde teve uma recepção muito boa, acima inclusive, de suas expectativas.

De acordo com Evans e Kershaw, mais ou menos uma semana depois da morte de Geli aconteceram eleições em Hamburgo, que deram aos nazistas 26,2% dos votos, levando-os a ficar à frente dos comunistas e a menos de um ponto atrás dos SPD. No mês de maio quando houve eleições no estado rural de Oldenburg, o NSDAP ganhou 37,2% dos votos, tornando-se o maior partido num legislativo estadual. Governando por decretos de emergência e por políticas que só pioravam a situação da crise na Alemanha, Brüning não vivia um bom momento em seu governo. A insatisfação da população crescia ao mesmo passo que o apoio aos nazistas aumentava. Quando os bancos Darmstädter e Dresden quebraram, aqueles que defendiam a recuperação da democracia ficaram descrentes, somando uma minoria que ainda via uma possibilidade melhor na democracia do que em programa político autoritário. A solução autoritária que poderia chegar ao país depois da falência total da República de Weimar não estava clara, e tanto as elites quanto a massa da população estavam desunidas em relação a essa questão.

O ano de 1931 terminou com apoio de grupos filiados ao partido nazista, demonstrando confiança, fanatismo, lealdade, anseio pela vitória nas eleições presidenciais que estavam por vir em 1932 e a disposição de permanecer ao lado de Hitler independente do que acontecesse. As quatro cartas a seguir demonstram essa devoção e confiança inquebrantável de que o trabalho dele estava sendo feito em prol de todos na Alemanha. Goebbels escreveu em 31 de dezembro de 1931:

DESEJAMOS AO NOSSO QUERIDO E ADMIRADO FUEHRER PARA O ANO DECISIVO DE 1932 SAÚDE, FORÇA, DISCERNIMENTO E PODER, CORAÇÃO QUENTE E CABEÇA FRIA E EM TODAS AS TEMPESTADES E PERIGOS SORTE E NERVOS DE AÇO A VITÓRIA SERÁ NOSSA. GAU GRANDE BERLIM SEU GOEBBELS. (Apud: EBERLE, 2010, p. 83 – Caixa Alta conforme o original).

Goebbels era completamente apaixonado pelo trabalho de Hitler e gostava de manifestar seu apoio e devoção publicamente e em seu diário pessoal, no qual por muitas vezes escreveu sobre as maravilhas que Hitler pensava para a Alemanha e sobre sua força e determinação para alcançar o objetivo da construção da Grande Alemanha. No dia 31 de dezembro de 1931, Hitler também recebeu uma carta de Brand-Erbisdorf, um homem da SA:

Na passagem do ano, é meu dever sagrado como defensor fanático da pureza e da verdade e do destino do nosso povo. Meu caro e mais alto Führer Adolf Hitler, que o senhor permaneça conectado como toda energia à natureza todo-poderosa, e respeite essas leis, para que se mantenha até a idade avançada de nosso povo alemão, esse é nosso desejo alemão para o novo ano. Estamos convictos com firme crença de que o senhor como o mais alto Führer de nossa nação alemã, até mesmo do mundo todo, isso o senhor já provou com muitos grandes feitos, é o salvador do povo alemão, o que a história ainda não conseguiu documentar. Assim clama a maior parte das vozes alemãs, fortes como aço, como todos os sinos alemães na passagem de ano, vindas do povo alemão, pelo nosso mais alto Führer Adolf Hitler. Saudações alemãs, viva a batalha! Lorenz Kircheis. SA-Res. – Homem VI/1(Apud: EBERLE, 2010, p. 87)

Os líderes do grupo local de Greiffenberg, na Pomerânia, escreveram em conjunto uma carta no final do ano de 1931, declarando sua fidelidade e confiança:

À direção do Reich! O grupo local de Greiffenberg, na Pomerânia, toma a liberdade de expressar à direção do Reich do NSDAP os mais cordiais votos para o ano novo. Deixamos para trás um ano de batalhas, e se o novo ano também nos trazer duras batalhas, então vamos entrar na mesma com coragem renovada e certeza inabalável da vitória, sem temer a morte nem os ferimentos. Reforçamos aqui ao nosso Führer Adolf Hitler o juramento de fidelidade inalterável e devoção até a morte. Que o novo ano nos traga a vitória final! Com fidelidade inalterável. Heil nosso Führer. O diretor do grupo local Hans Borrhart; O secretário Erich Hammermanns; O líder comercial Kohlhepp. (Apud: EBERLE, 2010, p. 86)

Marga P. escreveu em nome das Moças da Alemanha Ocidental, do município de Jülich, Renânia, também demonstrando confiança no trabalho de Hitler e expressando sua lealdade:

Ao senhor, o grande Führer do maior movimento alemão libertador de todos os tempos, as moças alemãs da Renânia enviam seus votos. Com firme crença no senhor e no sentimento nacional nascente de todo o povo alemão, acreditamos no ano da libertação de 1932. Uma saudação alemã e um forte “heil” ao nosso grande Führer da libertação. Marga P. DürwiB. Município de Jülich (Renânia). (Apud: EBERLE, 2010, p. 87)

Essas três últimas cartas servem para mostrar que existia apoio na sua forma mais pura, o apoio pelo apoio, baseado na confiança, na devoção, na lealdade e não aquele apoio em busca de privilégios pessoais. Embora em todas elas haja um leve tom de esperança e de

que todas as fichas foram apostadas em Hitler, ainda é possível percebermos que o amor, veneração e certeza de permanecerem ao lado de Hitler independente do que acontecesse eram enormes, não importando se ele iria conseguir atingir seus objetivos no ano que estava por vir, mas que permaneceriam fiéis até o momento da vitória, levasse quanto tempo fosse necessário. Esse tipo de apoio crescia e a partir de 1933 a lealdade daqueles que seguiam Hitler aumentaria cada vez mais se tornando a principal alavanca para fazer a “limpeza” da Alemanha.

O início de 1932 foi marcado pelas eleições presidenciais de 24 de abril. O mandato de Hindenburg acabaria em 5 de maio e aos 84 anos ele estava relutante em se candidatar de novo, propondo que ficaria no cargo sem problemas se fosse feita uma renovação automática de seu governo sem novas eleições, mas isso não foi aceito pelos nazistas. Quando a eleição foi anunciada, Hitler não poderia deixar de se candidatar, pois poderia parecer que diante de um desafio grande não tinha coragem de encarar a situação.

Mas para que Hitler pudesse concorrer como presidente um problema deveria ser resolvido primeiro: a cidadania de Hitler. Ele ainda não era cidadão alemão e em vários momentos tentou obtê-la, mas fracassou. Ainda em 24 de abril de 1925, Fritz Vogel escreveu para Hitler pedindo que ele obtivesse a cidadania alemã:

Realmente é uma abjeção o fato de o senhor simplesmente não ser reconhecido como alemão, mas será que o senhor pode exigir mais dos atuais governantes? E justamente por esse motivo o senhor deveria se tornar cidadão alemão. Se isso não for possível na Baviera, então venha para a Turíngia e faça a requisição lá. Os governantes atuais estão muito satisfeitos pelo fato de o senhor ainda não ter solicitado a cidadania alemã. (Apud: EBERLE, 2010, p. 30-31)

A sugestão de Vogel de que ele deveria tentar obter a cidadania na Turíngia caso na Baviera lhe fosse negada, também não seu certo quando em 1929 ele tentou conforme Evans e Kershaw informam. Hitler só conseguiu obter sua cidadania em 26 de fevereiro de 1932 às pressas, sendo nomeado para o serviço público, para o cargo de Conselheiro do Governo no Departamento Estadual de Cultura e Medição de Braunschweig e representante do Estado de Berlim. Dessa forma, pôde lançar-se candidato à presidência da Alemanha.

De acordo com Eberle, Evans e Kershaw o resultado do primeiro turno das eleições que ocorreram em 13 de março, não foi o que o NSDAP esperava, o partido obteve apenas 30% dos votos, contudo mesmo com os esforços dos social-democratas aliados ao Partido de Centro renderam 49,6% dos votos para Hindenburg e Thälmann pela esquerda obteve 20,4% dos votos, esses resultados significavam que nada estava definido e que as eleições

avançariam para o segundo turno. A máquina de propaganda nazista trabalhou incessantemente. Comícios, discursos, marchas, reuniões não davam brechas para que as pessoas se esquecessem de Hitler, mas a maior novidade propagandística dos nazistas foi o “voo da Alemanha”, no qual Hitler embarcou em um avião com o *slogan* “o Führer sobre a Alemanha” e sobrevoou várias cidades fazendo uma campanha fervorosa e contínua de 46 discursos por todo o país. O resultado do segundo turno, no dia 10 de abril foi positivo para os nazistas, eles aumentaram seus votos nas urnas para 37%, contabilizando 13 milhões de votos. Hitler não havia ganhado as eleições, mas o aumento de votos em relação ao primeiro turno foi motivo de comemoração para o NSDAP, pois o número de votos para Thälmann caiu para 10% apenas e a vitória de Hindenburg se deu com 53%, uma porcentagem baixa se se considerar que ele tinha o poder combinado de votos dos principais partidos políticos, com exceção dos nazistas e comunistas.

Esse bom resultado nas eleições presidenciais demonstrou que as estratégias propagandísticas de Goebbels estavam dando certo e as pessoas estavam prestando atenção no partido de Hitler. O próximo passo era se preparar para a série de eleições estaduais que aconteceriam em 24 de abril de 1932 na Prússia, Baviera, Württemberg, Hamburgo e Saxônia-Anhalt. A campanha não teve pausa e acontecia de forma frenética por toda a Alemanha. Entre os dias 16 e 24 de abril Hitler fez seu segundo “voo da Alemanha” discursando vinte e cinco vezes, levando suas ideias não apenas para as cidades, mas para o interior das províncias também. Os resultados nas eleições não poderiam ser melhores e em 25 de abril de 1932, P. F. Becker escreveu para Hitler: “As mais cordiais felicitações pela vitória eleitoral de ontem é o que lhe desejam, muito estimado Führer, um nacional-socialista com sua família. [...] Viva os seus méritos em relação a Hindenburg! [...]”.(Apud: EBERLE, 2010, p. 90)

O movimento nazista tinha ganhado o *status* de partido político mais popular da Alemanha. Os resultados das eleições se assemelharam às eleições presidenciais: na Prússia, com 36,3% dos votos, o NSDAP passou a ser o maior partido, muito adiante do SPD que era dominante desde 1919, contando agora com 162 cadeiras no Parlamento; na Baviera, obtiveram 32,5% dos votos, ficando 0,1% atrás do BVP que governava o estado; em Württemberg, subiram 1,8% em 1928 para 6,4% dos votos; em Hamburgo conquistaram 31,2% dos votos; e em Saxônia-Anhalt, obtiveram 40,9% dos votos, podendo indicar o primeiro-ministro presidente de um estado alemão. (EVANS, 2010, p. 349; KERSHAW, 2010, p. 260)

A carta de Becker não parou na parabenização pela vitória. A carta se estendeu em uma demonstração de confiança nas propostas e nas vitórias de Hitler de que a tomada do poder estava próxima, mas também lembrando porque as pessoas estavam apoiando ele e que elas esperavam que Hitler cumprisse suas promessas. Becker continua sua carta escrevendo:

[...] Sim, senhor Hitler, nós lutamos e ganhamos algumas coisas, fizemos isso com prazer, com amor, amor profundo pelo senhor, nosso Führer, nosso popular salvador dessa escravidão. Mas, senhor Hitler, não sangramos e sacrificamos nossas vidas por uma liderança nacional-socialista que queira voltar a colaborar com o antigo opositor. [...] Queremos ser completamente libertados pelo senhor daqueles que até agora nos trouxeram necessidade e miséria. Não queremos saber de nenhum outro governante, só queremos ADOLF HITLER como Führer, como única mão forte, como ditador. Queremos Adolf Hitler, o qual nos prometeu expulsar esses bonzos dos cargos, livrar-se imediatamente dos sacerdotes que fazem política. Queremos o Adolf Hitler que jamais capitula e faz concessões e não se envolve em negociações com antigos inimigos que atacaram nosso amado Führer com sujeira e difamação. Queremos viver em breve a elevação e libertação da Alemanha, e não depois de anos. Ofertamos nossas vidas por essa meta e pelo nosso Führer. (Apud: EBERLE, 2010, p. 90)

Essa primeira parte da carta demonstra confiança, mas ao mesmo tempo deixa estampado os sacrifícios que os alemães que apoiavam Hitler estavam fazendo em prol da Alemanha, lembrando que alianças com os partidos que haviam levado a Alemanha a situação que se encontrava não seriam toleradas, pois apostavam em Hitler, justamente, por causa das mudanças que ele discursava dizendo que eram necessárias, dessa forma, manter um apoio, mesmo que leve para fazer a mudança de “dentro para fora” não seria aceita. A vontade de uma ditadura comandada por Hitler fica clara e nenhuma outra forma de governo direto ou de forma associada seria suficiente para resolver os problemas da Alemanha. Ele mostra que conhece as promessas de Hitler de expulsar os bonzos, nesse caso os judeus e poloneses dos cargos públicos e quando escreve sobre Hitler livrar a Alemanha dos “sacerdotes que fazem política”, ele se refere aos social-democratas, que na visão de Hitler estavam associados aos judeus intrinsecamente. Ao falar em libertação da Alemanha, ele deixa claro que a propaganda em torno da figura de Hitler como salvador da pátria estava dando certo, o que contribuiu para consolidar o mito nazista.

Becker continua sua carta escrevendo: [...] Desejamos Adolf Hitler como ditador e não Hindenburg, que se opôs à elevação. Nós não queremos uma rebelião, o que certamente para muitos é sensacional. Queremos conquistar a liberdade com mãos ousadas.(EBERLE, 2010, p. 91) Ele não estava feliz com a reeleição de Hindenburg e não o via como um governante disposto a resolver os problemas do país. Ele afirma que eles não queriam uma rebelião e ao fazer isso, demonstra conhecimento e apoio à promessa pública de Hitler de não

tentar tomar o governo novamente pela força, mas de forma legal, deixando claro que muitos gostariam novamente da tentativa de um golpe, mas que o caminho mais correto era a conquista por “mãos ousadas” daquele que sabia o que estava fazendo e lutava pela Alemanha. Ele continua sua carta:

Nós, nacional-socialistas, queremos a proibição de todos os jornais que espalharam veneno contra nosso Führer, expulsão de todos os judeus, deposição de todos os prefeitos que apoquentaram os habitantes dos vilarejos e cometeram injustiças revoltantes. Queremos a proibição de vários partidos. Punição dos criminosos da inflação, nenhum pagamento a ministros que saírem, pensões, etc.(Apud: EBERLE, 2010, p. 91)

Nesse momento da carta ele mostra estar bem familiarizado com as propostas do NSDAP, valorizando os pontos mais extremos das ideias de uma ditadura nazista. A partir de 1933, provavelmente, Becker ficou feliz com o NSDAP, pois uma das primeiras medidas de Hitler ao ser nomeado chanceler do Reich foi acabar com os outros partidos alemães e promover a sua “justiça” aqueles que arruinaram a Alemanha. Becker termina sua carta com euforia e a mais devotada confiança no líder nazista: Adolf Hitler, a quem ofertamos nosso sangue: segure os renitentes com mão de ferro e severidade e complete o programa com vontade ditatorial. Não negocie, mas aja! Confiamos em nosso Führer e o presentamos com nossos corações a cada batimento! (EBERLE, 2010, p. 91)

No dia 11 de abril de 1932, um dia após a reeleição de Hindenburg, o estudante universitário e membro da SA, Barão Helmut escreveu para Hitler com a sugestão de que ele pedisse que o chanceler Brüning renunciasse ao cargo, deixando o caminho livre para Hitler:

Heil Hitler! Meu sentimento de responsabilidade em relação à Alemanha me leva, apesar de ser um desconhecido homem da SA, a deixar à sua escolha o seguinte estratagema político para consideração: Escreva ao chanceler do Reich Brüning uma “carta aberta” de grande efeito. Intime-o a compreender o momento histórico universal que o destino lhe oferece, ou seja, a sua renúncia para então permitir a síntese Hindenburg-Hitler que levará a população imediatamente à unificação que o próprio chanceler do Reich considerou absolutamente necessária nas últimas eleições. Intime-o a fazer o sacrifício de sua renúncia por amor à Alemanha. Pressione Brüning convencendo-o da mais grave responsabilidade! Ameace ao mesmo tempo, no caso de rejeição à sugestão, com uma campanha de demonstrações e esclarecimentos nunca antes vista na Alemanha. Eu acho que Brüning teria que ceder. Salve a vitória! Barão Helmut de Bechtolsheim. Estudante, Sturn 16/2. (Apud: EBERLE, 2010, p. 89)

Pouco mais de um mês separava a carta de Helmut com a apresentação da renúncia de Brüning ao cargo de chanceler. De acordo com Kershaw, após três dias das eleições presidenciais, uma proibição foi imposta à SA e à SS pelo chanceler Brüning e o Ministro do



Interior e da Defesa, Groener, que convenceram Hindenburg que era preciso dissolver “todas as organizações paramilitares” do NSDAP. Essa medida foi tomada por causa da descoberta feita pela polícia prussiana, que a SA continha materiais que indicavam uma tomada de poder pela força, caso o resultado das eleições fossem favoráveis para Hitler no primeiro turno. Como havia um rumor de que a esquerda tentaria um golpe de estado se Hitler fosse eleito presidente, a SA já estava se preparando para a luta no país inteiro. Dois dias antes da proibição a informação já havia sido vazada, dando tempo de reorganizarem os membros da SA e da SS em outras organizações do partido, fazendo com que parecessem membros comuns. A dissolução de grupos paramilitares não atingiu a esquerda e dessa forma, as autoridades acabaram entregando nas mãos dos nazistas uma arma de propaganda poderosa que seria usada mais tarde.

A peça-chave que ajudaria a derrubar Groener e Brüning do governo era o general Von Schleicher, chefe do Escritório Ministerial, bureau<sup>23</sup> político do Exército, no Ministério de Reichswehr<sup>24</sup>, e considerado protegido de Groener. De acordo com Evans, o Exército estava impaciente com o efeito mutilante da política econômica armamentista tomada por Brüning a respeito da indústria armamentista e com a proibição dos grupos paramilitares, pois atrapalhava seu recrutamento como tropas auxiliares. Aos poucos Schleicher foi minando a posição de Groener no Exército e Brüning ficava cada vez mais isolado. A intenção de Schleicher era “domar” Hitler, incorporando os pontos “valiosos” de seu movimento, instaurando um regime autoritário, baseado na Reichswehr com apoio populista dos nacional-socialistas. Em um encontro de Hitler com Schleicher, o líder nazista ficou sabendo que ele não apoiava mais Brüning e era contrário à proibição dos grupos paramilitares do NSDAP.

[...] Um novo encontro ocorreu em 7 de maio, naquilo que Goebbels descreveu como “uma discussão decisiva com o general Schleicher”, à qual compareceram membros do círculo imediato de Hindenburg. “Brüning vai cair nos próximos dias”, acrescentou. “O presidente do Reich vai retirar sua confiança. O plano é instalar um gabinete presidencial. O Reichstag será dissolvido; todas as leis coercitivas serão revogadas. Ganharemos liberdade de ação e então faremos uma obra-prima de propaganda”. A suspensão do banimento da SA e as novas eleições eram então o preço de Hitler para apoiar um novo gabinete de direita. Com a ênfase nas eleições, está claro que Hitler pensava, como sempre, em nada além de chegar ao poder conquistando as massas. (KERSHAW, 2010, p. 261)

---

<sup>23</sup> Bureau é um termo de origem francesa cujo significado é “escritório”, “repartição” e “agência”. É um estabelecimento onde se realizam trabalhos administrativos e outros negócios relacionados com a atividade da empresa. (Dicionário Aurélio) Nesse contexto, podemos entender que Von Schleicher como bureau político do Exército, era alguém que dava suporte ao Exército alemão, ajudando nas questões políticas.

<sup>24</sup> Em tradução livre significa: *Defesa do Império ou Defesa da Nação*. Conjunto de forças armadas no período entre as duas guerras mundiais, 1919 a 1935, quando foi rebatizada de Wehrmacht.

No dia 11 de maio Groener renunciou às suas funções e não tardou muito para que Brüning fizesse o mesmo. Sem apoio, e minado pelas intrigas dos aliados de Hindenburg, no dia 29 de maio Brüning pediu sua renúncia, que foi apresentada em uma audiência curta no dia 30 de maio de 1932.

Hindenburg nomeou Franz von Papen para o cargo de chanceler do Reich. Papen era um aristocrata rural, ex-diplomata, bem relacionado com a nobreza católica e arqui-conservador que pertencera à direita do Zentrum, sendo mais extremista que Brüning. Como havia sido pré-arranjado, o Reichstag foi dissolvido e novas eleições foram marcadas para o dia 31 de julho. A intenção de Schleicher e Papen era conquistar os nazistas, para terem o apoio das massas às medidas antidemocráticas do novo governo. Com a proibição das camisas-pardas suspensa, Schleicher acreditava que domaria o extremismo dos nazistas e persuadiria os camisas-pardas a trabalharem com o Exército como força auxiliar, contornando dessa forma as limitações que o Tratado de Versalhes havia imposto quanto ao efetivo das armadas alemãs.

A renúncia de Brüning e a nomeação de Papen para chanceler fez com que os seguidores de Hitler voltassem a escrever, mas dessa vez com demonstrações de medos e angústia por ele ainda não estar efetivamente no poder e dessa forma não conseguir colocar em prática seus projetos que resolveriam de forma definitiva a situação da Alemanha. Em 7 de junho de 1932, a senhora Luise Cramer escreveu para Hitler:

Prezado senhor Hitler! Por causa de meus três filhos, eu me tornei nacional-socialista. Já comecei a trabalhar para as próximas eleições. Hoje posso lhe informar por que muitas mulheres não se aliam ao NSDAP. Nós não podemos votar em Hitler porque ele voltará a instituir a inflação. Levei anos para economizar de novo um dinheirinho, e se ele for perdido de novo, o que vai ser? Essas e outras afirmações semelhantes são retrucadas a mim. Outra mulher me disse que agora teria economizado algumas centenas de marcos para seu filho doente e precisava votar no homem que vai procurar manter o dinheirinho das viúvas e dos órfãos. Posso lhe aconselhar para as eleições, que diga aqui em todos os discursos eleitorais que os pequenos poupadores não vão perder seu dinheiro com sua subida ao governo. Então nosso trabalho será mais fácil, pois, para público, o fantasma assustador dos próximos tempos é a inflação. Com um “Heil Hitler”, Sra. Luise Cramer. (Apud: EBERLE, 2010,p. 94-95)

A falta de uma boa administração do governo Brüning, a nomeação de outro nome que não o de Hitler para chanceler e os boatos de que Hitler acabaria com o dinheiro dos que haviam conseguido poupar algum dinheiro naqueles anos de crise, causavam medo e afastavam as pessoas do partido nazista, pois, embora as eleições trouxessem resultados positivos, não era o suficiente para colocar os nazistas no poder de forma definitiva. A

insegurança, pelo que os opositores de Hitler andavam espalhando sobre as suas ideias, fazia o medo de a inflação piorar aumentar. Se com um governo que tendia mais para a direita a crise não se resolvia, o que esperar de um governo de extrema direita? O secretário Albert Bormann, enviou uma resposta a senhora Cramer a fim de tranquilizá-la em relação ao que os opositores falavam do NSDAP:

Prezada senhora Cramer! Sua carta do dia 7 deste mês ao senhor Hitler chegou até nós. A mentira de que o NSDAP teria como meta a inflação ou que a provocaria ao tomar o poder já foi sistematicamente espalhada pelos opositores durante as últimas eleições, e justamente pelos partidos que são culpados pela última inflação. Eu lhe envio em anexo um pequeno folheto que toma posição também em relação a essa mentira. Saudações alemãs, Albert Bormann. (Apud: EBERLE, 2010, p. 95)

Embora os resultados das últimas eleições presidenciais e estaduais tenham sido bons para os nazistas, a maioria da Alemanha votava nos social-democratas e marxistas. Ser membro e apoiador de Hitler estava causando problemas para algumas pessoas, como no caso de Anna Dietz de Obernbreit em Marktbreit, que escreveu para Hitler em 9 de junho expondo seus problemas e com um pedido especial:

[...] Estimado senhor Hitler, o senhor poderia fazer-me a amabilidade de me emprestar 500-600 RM com o prazo de um ano com boas garantias, eu lhe ofereceria como garantia toda a minha mobília assim como um bom fiador. [...] Nosso pequeno negócio não está bem no momento. Carvão e madeira não vendem nada mais agora, perdemos muitos clientes porque nos declaramos publicamente como gente de Hitler. Em compensação, vamos estar melhor quando nosso senhor Hitler governar o Reich, Deus nos ajude para que isso aconteça logo. Há muito eu queria lhe escrever e sempre me faltava a coragem, mas como está chegando a hora, eu não sabia mais o que fazer. Pois perdemos muito dinheiro nos últimos anos no comércio, pois os grandes querem acabar conosco, os pequenos. Por favor, realize o meu desejo, o bom Deus no céu vai recompensá-lo por isso. [...] (Apud: EBERLE, 2010, p. 102-103)

Os anos de crise estavam acabando com o comércio dos pequenos empreendedores, que gastavam mais para produzir e lucravam menos, pois não havia compradores o suficiente. Além da exposição dos problemas com a venda de carvão e madeira e o pedido de dinheiro emprestado, o mais importante é que de certa forma, ela atribui a “culpa” desses problemas por ter se declarado nacional-socialista, mostrando que a situação que vivia naquele momento poderia ser diferente se não fosse apoiadora do NSDAP, e ao mesmo tempo depositando sua confiança em dias melhores quando Hitler chegasse ao poder. Mas o fato de “culpar” seu apoio aos nazistas pela sua situação econômica é um problema em si que gera indagações: primeiro, sim, ela poderia estar sendo prejudicada em seu comércio por ter se declarado nacional-socialista, uma vez que a maioria dos alemães votavam nos social-democratas e que

eles pudessem estar fazendo um “boicote” ao comércio daqueles que apoiavam Hitler; por outro lado, a crise que o mundo vivia era enorme e na Alemanha não era diferente, quem tinha algum dinheiro gastava com o mínimo possível para suprimir as necessidades básicas, principalmente alimentação, seria natural pensarmos que o comércio de carvão e madeira não estariam inclusos como gasto principal no orçamento das famílias e são produtos que não tem, necessariamente, uma procura enorme em tempos bons para a economia; por fim, não custava pedir, o máximo que ocorreria era uma resposta negativa, que provavelmente foi caso, dado a falta de resposta.

Vê-se que nesse ponto, ela não percebia que o NSDAP investia apenas em uma estratégia: propaganda. Não interessava ao partido ajudar aqueles que já o seguiam, eles precisavam de mais apoiadores para conseguir mais votos nas eleições. Uma estratégia arriscada, pois ao mesmo tempo em que poderiam usar esse tipo de problema como manobra de propaganda para atacar a República de Weimar, por outro lado poderiam causar sentimento de abandono naqueles que depositaram sua confiança no movimento nacional-socialista.

A campanha para as eleições de 31 de julho não parava, comícios, reuniões, folhetos e pronunciamentos no rádio lotavam a agenda política de Hitler. Sabendo que Hitler discursaria no rádio no dia 14 de junho, Gusti Danzl de Hanover escreveu para Hitler no dia 10 de junho com um pedido de esclarecimento para os eleitores:

Como o senhor vai discursar no rádio no dia 14 deste mês, gostaria de lhe sugerir que reforce claramente em seu discurso que não lhe foi possível até agora ajudar o povo porque o senhor ainda não governou. Eu também não sou membro inscrito no partido porque, devido à doença de meu pai, faltam-me os recursos para tanto. Porém, sou nacional-socialista convicta e percebo com o horror nos últimos tempos cada vez mais que justamente aqueles que até então votaram no senhor Hitler estão ficando indecisos. A grande massa está sofrendo demais. Para o povo, principalmente para as mulheres, o que importa é que elas e seus filhos tenham comida suficiente. As pessoas se confundem e não compreendem que um Führer não tem os direitos daquele que governa, e [eu] tenho de mobilizar toda minha arte de convencimento a cada vez para esclarecer essa questão. Se aqui no norte da Alemanha essas vozes já se multiplicam, o que será no sul da Alemanha, onde o centro subverte tudo. Acredito firme e inabalavelmente em sua grande missão no coração, por isso acho que não poderia ter deixado de lhe escrever as linhas acima. Saudações alemãs, Gusti Danzl. Hanover, Heinrich-Heine-Platz, 3.(Apud: EBERLE, 2010, p. 103-104)

A indecisão e a impaciência começavam a crescer entre aqueles que haviam votado em Hitler em abril daquele ano. As pessoas não estavam entendendo como, mesmo com um número grande de deputados nazistas no Reichstag, a situação da Alemanha continuava ruim, para elas já poderia ser posta em prática algumas promessas feitas em campanha e a falta de

atitude começava a incomodar. O que Gusti Danzl buscava fazer era esclarecer que os projetos de Hitler só poderiam ser executados mediante uma posição de destaque no governo, por hora Hitler tinha que se ajustar ao governo vigente da forma mais nacional-socialista possível, mas que não era o suficiente para muitos. Gusti Danzl adverte Hitler da indecisão das pessoas para chamar a atenção de que alguma coisa precisava ser feita imediatamente.

A carta escrita por sete companheiros de partido de Viena, no dia 20 de junho, mostra a lealdade e confiança que eles depositavam em Hitler e que o trabalho deles em conquistar mais membros dentro de seu círculo de conhecidos estava apenas começando:

Prezado Führer! 7. Esse número que já desempenhou tantas vezes um papel tão importante no desenvolvimento do NSDAP – esse número agora também adquiriu importância para os empregados das fábricas Kathreiners Malzkaffe Frabriken A. G., em Viena. Até a pouco, havia apenas um membro do partido entre os empregados. Hoje já são sete. Esses sete decidiram, hoje iniciar, com toda paixão e o entusiasmo fervente e fanático que faz pulsar o nosso movimento como um todo, a batalha contra as tendências marxista dentro do grupo de empregados e pelo posicionamento consciente a favor de uma visão alemã, ou melhor, de uma visão alemã nacional-socialista. Eles prometeram ao senhor levar a batalha com determinação e consequência a qualquer custo; prometeram ao senhor que não se esquecerão do exemplo do Führer em nenhum momento, e prometeram ao senhor que não vão descansar nem por um instante até poderem lhe anunciar que entre os empregados da Kathreiner existem setenta nacional-socialista. Dito isso, o saudamos como o nosso mais cordial Heil. [seguem-se sete assinaturas] (Apud: EBERLE, 2010, p. 112-113)

Essa carta demonstra um fanatismo incrível. Primeiro, trazendo a tona o número sete, e talvez eles não soubessem, mas esse número se refere ao número do cartão provisório de membro do NSDAP que Hitler seria, mas na verdade ele era o 55º membro do partido, com o número 555. Segundo, venerar esse número demonstrando que agora no local em que trabalhavam também era o número sete que os guiava e impulsionava nos ideais nacional-socialistas, foi uma forma de afirmar seu conhecimento sobre o movimento e sua lealdade. Terceiro, afirmar que trabalhariam dentro do seu emprego para acabar com a tendência marxista e levar as pessoas para uma visão nacional-socialista, com a promessa de que fariam isso a qualquer custo, demonstra que a propaganda estava funcionando, uma vez que os havia convencido de que qualquer meio era plausível de uso para que o NSDAP obtivesse o poder de governo. Esse tipo de declaração de lealdade aumentou a partir de 1933.

O resultado das eleições de 31 de julho de 1932 foi bom para o NSDAP, embora não tenha sido uma vitória esmagadora como foi em abril. Aumentaram apenas para 37,4% dos votos, o que lhe assegurava 230 assentos, tornando ele o maior partido no Reichstag,

enquanto os social-democratas enviaram apenas 133 deputados ao Parlamento. Quanto ao sucesso do NSDAP, Evans afirma:

Os motivos para o sucesso nazista no pleito de 1932 foram bem parecidos com os de setembro de 1930; quase dois anos de crise aguda na sociedade, na política e na economia haviam tornado tais fatores ainda mais poderosos que antes. A eleição confirmou o *status* dos nazistas como uma coalizão multicolor de descontentes, dessa vez com apelo muitíssimo maior entre a classe média, que evidentemente haviam superado a hesitação que exibiram dois anos antes, quando se voltaram para grupos dissidentes de direita. A essa altura, quase todos os eleitores dos partidos de classe média haviam rumado para as fileiras votantes do Partido Nazista. [...] (EVANS, 2010, p.363)

Embora o aumento no número de votos não tenha sido muito grande, mostrou que a população estava prestando a atenção em Hitler e no NSDAP e que ao contrário do que temia Anna Dietz e Gust Danzl, as pessoas estavam se decidindo a tomar a posição política dos nacional-socialistas, pelo menos até esse momento. Os líderes nazistas não estavam muito felizes com o desempenho dessas eleições, uma vez que a diferença de votos das eleições presidenciais no segundo turno e as eleições estaduais de abril trouxe um aumento leve. Eles estavam com a sensação de que a votação nazista havia chegado ao seu ápice e que nas urnas não conseguiriam atingir seus objetivos. Dessa forma, imediatamente após as eleições, Hitler insistiu que ele deveria entrar para o governo como chanceler do Reich, sendo essa a única forma de preservar a mística de seu carisma entre seus apoiadores. E com isso, ele asseguraria uma forma de ditadura nacional, através de todos os poderes de Estado que o cargo lhe garantiria, transformando a política alemã de forma definitiva. Emmy Hoffmann de Dresden-Alstadt escreveu para Hitler em 2 de agosto:

Eu o parabenizo pelo sucesso eleitoral do movimento nacional-socialista, ao qual me filiei. O inchaço dos votos comunistas tem sua origem nos últimos descontos de ajuda de custo aos desempregados. Eu gostaria de lhe contar, a esse respeito, uma experiência que minha amiga, uma enfermeira de recém-nascidos, viveu pouco antes das eleições. Ela estava atravessando a rua de manhã com uniforme de enfermeira quando foi abordada por uma mulher pobre e mais velha, acompanhada de três crianças. A mulher pediu uma ajuda. Era viúva, o homem morrera de câncer de pulmão. Ela tinha 9,60 RM semanais de ajuda de custo e disse que, depois de descontar o aluguel, o dinheiro já se acabava no domingo. Então entrava com seus filhos nas casas para receber pelo menos a refeição mais necessária. Contou que já havia se deitado certa vez com seus filhos para morrer voluntariamente e abriu a válvula do gás, mas então a menininha se levantara e dissera: “Mas, mãe, eu quero crescer e ficar grande!”. Então ela perdeu a coragem para levar a cabo sua intenção. Ela completou: “Na Rússia também é possível que os pobres consigam viver, só na Alemanha ninguém cuida de nós!” – Essas pessoas votam nos comunistas. [...] O Estado entra em colapso ao deixar as mães entrarem em colapso, e os homens que hoje governam não aprenderam mais

do que aqueles do período pré-guerra. Do senhor, caro senhor Hitler, as mulheres esperam um futuro melhor. Peça a ajuda de Deus para que o senhor consiga legitimar a confiança de milhões, com a graça de Deus lhe será concedida a vitória total. (Apud: EBERLE, 2010, p. 104-105)

Essa carta tem um apelo emocional e político grandes. Que o desemprego solapava a Alemanha não era segredo e o governo não tinha como contornar a situação nem maquiá-la em campanhas eleitorais. Os comunistas se aproveitaram disso em sua propaganda partidária e ajudavam algumas pessoas com dinheiro, dessa forma, pode-se falar em compra de votos, mas o que interessava para essas pessoas é que elas tinham algum dinheiro para pelo menos se alimentarem. Nas eleições de 31 de julho os comunistas conseguiram obter 89 assentos no Reichstag, aumentando um pouco sua visibilidade em relação a abril quando obtiveram apenas 77 assentos. Pessoas em situações parecidas com a da senhora que Emmy Hoffmann descreveu, votariam em qualquer partido que lhes desse dinheiro para sobreviverem. Aqui podemos pensar na carta de Anna Dietz que escreveu pedindo dinheiro porque seu pequeno negócio de venda de carvão e madeira não estava bem e que não teve uma resposta, nos levando a acreditar que não teve a ajuda solicitada atendida. Enquanto o NSDAP investia, financeiramente, de forma pesada em propaganda, os comunistas estavam investindo em pessoas e em suas necessidades básicas. E o resultado do “tipo de investimento” nazista foi sentido por eles nas eleições de 6 de novembro de 1932.

De agosto de 1932 até o dia 30 de janeiro de 1933 o cenário político alemão mergulhou em disputas entre os partidos, reuniões de Hitler com Schleicher e Hindenburg na tentativa de ser nomeado chanceler do Reich e a recusa do presidente por diversas vezes e as últimas eleições estaduais, em novembro, antes de Hitler ascender ao poder. O episódio de violência dos camisas-pardas, em agosto, contra o polonês Potempa, em protesto ao decreto de emergência estabelecido por Papen que previa pena de morte aqueles que matassem oponentes políticos movidos por raiva ou ódio, marcou o início dos acontecimentos que culminariam na nomeação de Hitler para chanceler.

O assassinato do polonês virou um ponto de negociação entre Papen, Hindenburg e Hitler quanto à participação nazista no governo. De acordo com Evans, Hindenburg estava relutante em nomear Hitler como chanceler, pois indicar o líder do partido que havia ganhado as últimas eleições para o governo poderia parecer um retorno ao sistema parlamentarista. O assassinato de Potempa mexeu com os ânimos do presidente que declarou que não tinha dúvidas do amor de Hitler pela pátria, mas que “[...] contra possíveis atos de terror e violência, como foram lamentavelmente os cometidos por membros das divisões da SA, hei

de intervir com toda a severidade possível. [...]” (EVANS, 2010, p. 366) Papen estava ao lado de Hindenburg e não permitiria um gabinete chefiado por Hitler, diante dessa “má vontade” do presidente e do chanceler, Hitler declarou aos seus membros:

Camaradas da raça alemã! Qualquer um de vocês que possua qualquer sentimento de luta em favor da honra e liberdade da nação entenderá por que me recuso a participar desse governo. A justiça de *Herr* von Papen no fim talvez condene milhares de nacional-socialistas à morte. Alguém pensou que também poderia colocar meu nome nessa ação agressiva irracional, nesse desafio ao povo inteiro? Esses cavalheiros estão enganados! *Herr* von Papen, agora eu sei o que é sua “objetividade” manchada de sangue! Eu quero a vitória de uma Alemanha nacionalista, e a aniquilação de seus destruidores e corruptores marxistas. Não tenho vocação para carrasco de nacionalistas que combatem pela liberdade do povo alemão. (EVANS, 2010, p. 366-367)

Papen se sentiu intimidado por esse discurso de apoio a violência brutal e voltou atrás de sua decisão de pena de morte para os envolvidos no assassinato de Potempa, mudando a sentença para prisão perpétua em 2 de setembro, como esperança de acalmar os ânimos dos nazistas. Hitler colocou suas tropas de licença por quinze dias, para evitar outro banimento. Os nazistas que estavam confiantes na vitória de julho se viram desapontados pelo fracasso de Hitler em se juntar ao governo e isso trouxe problemas para Papen e Hindenburg em conseguir apoio popular, uma vez que a simpatia dos alemães havia crescido pelos nazistas. A decisão que eles tomaram foi a de dissolver o Reichstag, mas Herman Göring que presidia a reunião não deixou Papen discursar para fazer a dissolução e permitiu uma moção dos comunistas de desconfiança em relação ao governo. Com o apoio de 512 deputados a moção foi aprovada e Papen percebeu que não obtinha apoio e voltou atrás na decisão de anunciar a dissolução do Reichstag e novas eleições foram marcadas para o dia 6 de novembro de 1932.

Sem uma estratégia de propaganda nova, Hitler fez o seu quarto “voo da Alemanha” entre os dias 11 de outubro e 5 de novembro. Direcionando seus discursos a ataques furiosos contra Papen e seu governo, Hitler esperava que o resultado das eleições fosse positivo, mas não levou em conta que os alemães estavam exaustos de tantas eleições e que sem uma estratégia nova de propaganda os resultados poderiam ser ruins. Perdendo dois milhões de votos, os nazistas obtiveram apenas 33,1% de apoio nas urnas, contabilizando 196 assentos, perdendo 34 cadeiras no Reichstag e os comunistas continuavam ganhando mais votos e aumentando sua participação nas decisões do Reichstag, o que causava uma sensação de ameaça comunista na Alemanha. Diante do resultado das eleições o Reichstag ficou menos controlável. Os 196 nazistas confrontavam os 100 comunistas, ambos decididos a acabar com



o sistema parlamentarista que odiavam. Papen se viu com uma maioria esmagadora contra seu gabinete, tendo ideias que não levou adiante e com Schleicher se voltando contra ele, não havia mais nada que pudesse fazer a não ser apresentar sua renúncia ao cargo de chanceler no dia 17 de novembro de 1932.

Durante duas semanas Hitler teve reuniões com Hindenburg para ser nomeado chanceler, mas o presidente estava irredutível e nomeou Schleicher no dia 2 de dezembro. No seu discurso do dia 17 de dezembro, Papen criticava o governo de Schleicher e afirmava que o NSDAP deveria ser incluído no governo. Papen estava disposto a interceder para a nomeação de Hitler como chanceler, tanto que assinou uma petição, no início de dezembro, a Hindenburg. Em uma bateria de reuniões que se desenrolaram entre os dias 4 e 28 de janeiro de 1933, entre Papen, Hitler, Hindenburg e assessores do governo foi decidido o futuro da Alemanha.

Hindenburg ainda estava relutante em nomear um gabinete do governo sob liderança nazista, mas Papen que tinha a intenção de governar por trás do governo de Hitler defendia cada vez mais que Schleicher não era o homem certo para comandar a chancelaria do Reich. Na cabeça de Papen a estratégia estava formada após a nomeação de Hitler para chanceler: “Dentro de dois meses, teremos apertado Hitler de tal forma que ele cederá”. (EVANS, 2010, p. 378) Fracassando em seu governo com a tentativa de garantir um suporte parlamentar, não conseguindo controlar os camisas-pardas como força auxiliar do Exército e sem estratégias para recuperar a economia alemã, Schleicher foi conversar com Hindenburg para obter poderes extra constitucionais, mas o presidente não permitiu e já se preparava para demiti-lo do cargo de chanceler.

Alguns esperavam que Schleicher e o Exército tomassem a situação à força, mas eles só consideravam um golpe se Papen fosse admitido novamente ao cargo de chanceler. Diante disso, Schleicher passou a ver uma melhor expectativa para a Alemanha se apoiasse um governo com Hitler à frente da chancelaria, mas com uma solução bem definida em relação ao Exército: se Hitler estabelecesse um ditadura no Reich, o Exército comandaria uma ditadura dentro da ditadura de Hitler. Como não conseguiu apoio do presidente para governar de forma inconstitucional, Schleicher apresentou sua renúncia e de todo o seu gabinete no dia 28 de janeiro.

No dia 30 de janeiro de 1933 por volta de 11 h e 30 da manhã Hitler fez o juramento de chanceler do Reich da Alemanha. “Hitler é chanceler do Reich. É como se fosse um conto de fadas” escreveu Goebbels em seu diário. O destino da Alemanha agora estava nas mãos

daquele que traria os anos mais violentos e de terror a todos que não o apoiassem e que não fossem arianos.

## CAPÍTULO 2 - “CARTAS PARA HITLER”: 1933 A 1939 – DA CONSOLIDAÇÃO DO ESTADO NAZISTA AO INÍCIO DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

### 2.1- A construção do ditador: os anos de 1933 e 1934

As intenções de Hitler finalmente viraram realidade e agora ele era o chanceler do Reich. Não faltaram demonstrações de alegria com essa notícia e a professora primária de Hamburgo, Louise Solmitz, se expressou de forma entusiástica:

Hitler é chanceler do Reich! E que gabinete! Um com o qual não ousávamos sonhar em julho. Hitler, Hugenberg, Seldte, Papen!!! Sobre cada um deles paira minha esperança alemã. O *élan* nacional-socialista, a razão nacional alemã, os Capacetes de Aço apolíticos e Papen, de quem não esquecemos. É tão indizivelmente lindo que escrevo isso aqui depressa, antes que soe a primeira nota discordante... (EVANS, 2010, p. 387)

De acordo com Evans e Kershaw, as reações foram as mais diversas, variando de acordo com concepções ideológicas e políticas e disposição pessoal: a esquerda entendia Hitler como uma marionete dos “verdadeiros” donos do poder; a população católica, que vinha sendo influenciada pelo clero havia anos, estava apreensiva e insegura; os protestantes estavam otimistas e confiantes de que a renovação nacional traria com ela uma revitalização moral interior; muitas pessoas comuns, depois de tudo que já haviam vivido com a Depressão, ficaram apáticas diante da notícia da nomeação de Hitler para chanceler; os que não eram fanáticos nazistas deram de ombro e continuaram suas vidas, sem acreditar que um novo gabinete poderia mudar a situação da Alemanha; algumas pessoas acreditavam que Hitler duraria menos que Schleicher e que a desilusão daqueles que seguiam o nazismo despencaria no momento em que as promessas não fossem cumpridas; os críticos do nazismo viam a nomeação de outra forma: acreditavam que se Hitler conseguiria superar boa parte do ceticismo e obteria grande apoio se resolvesse o problema do desemprego em massa, coisa que nenhum antecessor seu conseguiu fazer.

Os nazistas, por sua vez, estavam extasiados com a nomeação de Hitler em 30 de janeiro de 1933. Para eles era a porta de entrada para a realização de suas lutas e o primeiro passo a caminho do mundo novo que haviam idealizado, sendo para muitos o início de prosperidade, progresso e poder. Olga Pianning escreveu um poema para Hitler no dia de sua nomeação:

A bandeira ao alto! Que os estandartes tremulem!  
A “manhã alemã” chegou ao país,  
soou a hora da verdade, que tanto aguardávamos:  
“O leme está na mão de nosso Führer!”

As ruas livres aos batalhões marrons,  
a mão com o punho cerrado, estamos prontos!  
E uma nova esperança preenche o coração dos milhões  
Que sempre acreditaram no Führer!  
Por isso fiquemos juntos, firmemente unidos,  
e elevemos a mão para mais um juramento de fidelidade!  
Deixemos a suástica, a bandeira da liberdade, ondular,  
“Heil, Adolf Hitler! Heil, pátria alemã!” (Apud: EBERLE, 2010, p. 130)

A carta de Olga é uma demonstração de lealdade e devoção puras. Da mesma forma Para os seguidores do nazismo as expectativas em torno da nomeação do novo chanceler estavam muito claras: Hitler era o homem destinado a salvar a Alemanha das terríveis tormentas vividas após a Primeira Guerra Mundial e sua nomeação confirmava que pela primeira vez desde 1919 a Alemanha não seria mais humilhada.

Embora o poder não tenha sido tomado como a mitologia nazista afirmava, mas entregue a Hitler pelo presidente do Reich, assim como foi entregue a seus antecessores, as ovações que punham os líderes nazistas em êxtase demonstravam que aquela não era uma transferência comum de poder. Os que ainda não haviam entendido a grandiosidade da nomeação de Hitler, não tardariam a perceber quais suas reais intenções e perceberiam que depois do dia 30 de janeiro de 1933 a Alemanha jamais seria a mesma. Aquele era um começo e um fim. O começo de um processo que, além de consolidar o fim da República de Weimar, levaria a Alemanha a uma guerra catastrófica, culminando na criação dos campos de concentração de Auschwitz, Treblinka, Sobibor, entre outros, que viriam a aniquilar milhões de vidas. (KERSHAW, 2010, p. 294)

A primeira reunião do novo gabinete aconteceu às cinco da tarde do dia 30 de janeiro. As discussões perpassavam dois assuntos importantes: a dissolução do Parlamento e a convocação imediata de novas eleições. Não podendo dissolver o Parlamento sem o apoio do Zentrum, que contava com um número considerável de assentos no Reichstag, essa medida não poderia ser tomada sem causar uma greve geral. Diante dos impasses que essa reunião apresentava, ela terminou sem uma solução. Mas na noite do dia 31, Hitler conseguiu persuadir Hindenburg a conceder a dissolução do Parlamento, argumentando que

[...] o povo deveria ter a chance de confirmar seu apoio ao novo governo. Embora pudesse obter maioria no Reichstag atual, novas eleições produziram uma maioria mais forte, que, por sua vez, possibilitaria a aprovação de uma lei autorizando poderes excepcionais, dando uma plataforma para as medidas que trariam a recuperação. [...] (KERSHAW, 2010, p. 296)

As primeiras eleições sob o governo de Hitler foram marcadas para o dia 5 de março de 1933. O slogan dessa campanha eleitoral era “Ataque ao marxismo” e a respeito de suas intenções, Hitler se pronunciou pelo rádio pela primeira vez: “Os partidos do marxismo e aqueles que os acompanham tiveram catorze anos para ver o que poderiam fazer. O resultado é um monte de ruínas. Agora, povo alemão, deem-nos quatro anos e depois nos julguem e nos sentenciem.” (KERSHAW, 2010, p. 296)

De acordo com Evans e Kershaw, a relação de Hitler com o Exército era o ponto crucial para retomar o poder político. Contudo, o Exército deveria se manter fora da política e acima dos partidos. O Exército não precisava se preocupar com a luta interna, pois essa era uma preocupação para as organizações nazistas. O General do Exército, Blomberg proibiu os oficiais de se filiarem ao NSDAP, mantendo assim, a independência da instituição. Nesse momento isso era bom para Hitler, pois significava que não haveria interferência por parte do Exército. Para Hitler, era essencial o apoio do Exército e para isso a ampliação das Forças Armadas deveria ocorrer o mais breve possível. Hitler deixou claro que os gastos militares eram prioridades nesse momento, dando início ao rearmamento do Exército alemão que ganharia ainda mais força em 1934.

De acordo com Kershaw, Hitler nutria uma opinião pouco convencional sobre a economia, ignorando totalmente seus princípios. Em 20 de fevereiro ele declarou aos industriais que a economia tinha importância secundária e estava subordinada à política. Sendo a luta entre as nações decisivas para a sobrevivência no futuro, do mesmo modo a economia deveria estar subordinada à preparação dessa luta e depois a sua efetivação. Isto significava que as “ideias liberais de competição econômica tinham de ser substituídas pela sujeição da economia aos ditames do interesse nacional.” Dessa forma, toda e qualquer ideia “socialista” do NSDAP tinha que seguir esses mesmos ditames. (KERSHAW, 2010, p. 301)

Aqui é preciso fazer uma pequena pausa. Há muita confusão a respeito do NSDAP ser um partido socialista. Algumas pessoas, na maioria leigas no assunto, associam o nazismo com o socialismo, uma vez que o partido se chama Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães. Kershaw traz uma visão sucinta e direta do porquê não é possível afirmar que Hitler era socialista:

[...] Hitler nunca foi socialista. Mas, apesar de defender a propriedade privada, a empresa individual e a competição econômica, e desaprovar a interferência de sindicatos e trabalhadores na liberdade de donos e gerentes de dirigir seus negócios, seria o Estado, e não o mercado, que determinaria a forma do desenvolvimento econômico. Desse modo, o capitalismo continuaria vigente – mas, em seu funcionamento ele foi transformado em um adjunto do Estado. (KERSHAW, 2010, p. 302)

Desta forma, seria o Estado o mantenedor do capitalismo, fazendo-o funcionar em favor do próprio Estado e não para o mercado. Dentro dessa perspectiva, Hitler conseguiria ter controle absoluto do capital que movimentava a Alemanha, travestindo esse controle na forma de preocupação com a propriedade privada, empresa individual e competição econômica, mas apenas com a real preocupação de aumentar o montante para o Estado e usá-lo da forma que achasse melhor.

Faltava a Hitler o conhecimento e entendimento dos processos teóricos econômicos, não podendo ser considerado um inovador na área. A recuperação econômica da Alemanha que se tornou um fator essencial para o mito do Führer não foi obra sua. Sem mostrar interesse nos projetos para reerguer a economia alemã, propostos pelo Ministério do Trabalho, Hitler não tomou nenhuma atitude antes de maio de 1933 em relação ao desemprego. Assumido pelo secretário de Estado no Ministério das Finanças, Fritz Reinhardt, foi promovido um projeto de ação. No primeiro momento Hitler estava hesitante de que o projeto trouxesse uma renovação da inflação, mas ele foi convencido de que isso não aconteceria. No dia 31 de maio ele reuniu seu gabinete e ouviu as propostas, concordando em anunciar em 1º de maio a Lei para a Redução do Desemprego. Conforme os projetos de obras públicas, no início, e o rearmamento começavam a tirar a Alemanha da recessão e o desemprego diminuía numa rapidez que ninguém ousara imaginar, Hitler obtinha os benefícios da propaganda. De forma indireta, Hitler teve sua participação na recuperação econômica: a reconstrução da estrutura política para a atividade empresarial com a imagem de renovação nacional.

Além dos projetos para recuperar a economia alemã, estava em andamento a campanha eleitoral para as eleições de 5 de março. Durante muitas ocasiões proclamou que o inimigo do nazismo a ser combatido era o marxismo: “Jamais, jamais me desviarei da tarefa de esmagar o marxismo... Só pode haver um vencedor: ou o marxismo ou o povo alemão! E a Alemanha triunfará!” Referindo-se, claro, a comunistas e social-democratas. Sua linguagem impulsiva e beligerante era um incentivo às tropas de assalto a fazerem justiça com as próprias mãos. Em 10 de janeiro de 1933, Hitler afirmou que o movimento seria “intolerante contra qualquer um que peque contra a nação”. Em 15 de fevereiro ele declarou: “Eu repito, que nossa luta contra o marxismo será implacável, e que todo movimento que se aliar ao marxismo virá a padecer com ele.” (EVANS, 2010, p. 394)

Assim se deu início à primeira onda de violência após a nomeação de Hitler. A intimidação aos partidos opositores foi maciça. Pessoas foram espancadas, torturadas, feridas e mortas. Os jornais locais dos partidos foram proibidos um a um, ou tiveram suas redações

atacadas de forma violenta pelos camisas-pardas. Diante dessa onda de violência, Hitler fez o papel de moderado, dissimulando que os membros radicais do movimento estavam contrariando suas ordens, mas que os traria de volta ao controle e pediu paciência para que os disciplinasse. Não tendo a necessidade de se envolver, em 1933, em atos de violência, Hitler deixava o comando das ações nas mãos de Göring e demais líderes nazistas dos estados. Apenas era preciso dar sinal verde para que os sanguinários do partido desencadeassem sua violência contra aqueles que conheciam bem em seus bairros e locais de trabalho. A violência e a brutalidade não prejudicaram a reputação de Hitler junto à população. Muitos acreditavam que ele era o “homem certo” e que era preciso dar-lhe uma chance de mostrar suas manobras para reerguer o país. O antimarxismo fervoroso da população, que incluía o ódio ao comunismo e socialismo, ambos adicionados na categoria de “marxismo”, foi amplamente trabalhado na propaganda nazista gerando uma paranoia coletiva anticomunista. O medo estimulado pelos nazistas de um levante comunista estava no ar, e quanto mais próximas estavam as eleições, maior era a histeria e ela aumentou na noite de 27 de fevereiro.

Em fevereiro de 1933 houve uma grande histeria anticomunista, que aumentou na noite do dia 27, quando um solitário incendiário tentou colocar fogo no Reichstag. Apesar de Marinus van der Lubbe, um holandês sem nenhum vínculo especial com os comunistas, ter sido pego, Hitler imediatamente culpou todos os comunistas e exigiu que os membros do KPD no Parlamento fossem enforcados na mesma noite. Rudolf Diels registrou a explosão e a fala de Hitler, que, gritando sob a luz das labaredas, disse que os marxistas haviam cometido um erro de cálculo: “Esses sub-humanos não compreendem que o povo está ao nosso lado. Dentro de seus buracos de ratos, dos quais agora querem sair, é claro que eles não ouvem o clamor das massas.” (GELLATELY, 2011, p. 46)

De acordo com Evans, Gellately e Kershaw, Göring ordenou a prisão dos principais comunistas naquela madrugada. As prisões se deram de forma brutal por parte dos esquadrões da polícia. O alvo principal eram os comunistas, mas social-democratas, sindicalistas e intelectuais de esquerda também foram tirados de suas camas naquela madrugada e arrastados para prisões improvisadas, muitas vezes em porões da SA e da SS, onde foram selvagemmente espancados, torturados e em alguns casos mortos. No dia seguinte, Hitler convenceu o presidente Hindenburg a decretar estado de emergência, insistindo no “decreto presidencial para a proteção do povo e do Estado”, o chamado Decreto do Incêndio do Reichstag, que tinha em suas primeiras linhas a intenção de despertar o sentimento da maioria anticomunista da Alemanha. Deixando clara sua intenção de proceder de forma implacável e com pouca ou nenhuma estima às sutilezas da lei, ele afirmou que a luta contra os comunistas não deveria

depender de considerações judiciais. O Decreto do Incêndio do Reichstag continha dois parágrafos que davam total liberdade de ação a Hitler:

O parágrafo 1 suspendeu artigos-chave da Constituição de Weimar e declarou: Assim, restrições à liberdade pessoal, ao direito de livre expressão de opinião, inclusive liberdade de imprensa, ao direito de reunião e associação, e violações da privacidade das comunicações postais, telegráficas e telefônicas, e mandados para buscas domiciliares, ordem de confisco, bem como restrições aos direitos à propriedade são permissíveis além dos limites legais prescritos de outro modo. O parágrafo 2 permitia ao governo assumir o controle dos estados federados caso a ordem pública estivesse em perigo. Esses dois parágrafos, válidos “até aviso contrário”, forneceram o pretexto legal para tudo que viria nos meses seguintes. A tomada do poder pelos nazistas agora podia começar para valer. (EVANS, 2010, p. 407-408)

O dia 5 de março chegou e com ele resultados que de acordo com Goebbels havia sido um “trunfo glorioso”: os nazistas obtiveram 43,9% dos votos, o que representava 288 dos 647 no novo Reichstag enquanto seus parceiros de coalizão nacionalistas ganharam 8%. Mesmo com todo o terror incutido contra o KPD, o partido conseguiu 12,3% e o SPD, 18,3%. O Zentrum recebeu 11,2%, um resultado levemente inferior em relação às eleições de novembro de 1932. E o apoio aos demais partidos caiu a quase zero. Com certeza foi menos que um “trunfo glorioso”, mas houve ganhos substanciais, principalmente ajudados pelo surto do Incêndio do Reichstag. Hitler esperava alcançar maioria absoluta nessa eleição, mas com esse resultado ele continuava dependente de seus aliados conservadores. De qualquer modo, diante do quadro de tensão política que estava acontecendo contra a esquerda, obter 43,9% dos votos não era fácil. O lucro do NSDAP se deu por parte de uma maioria que não havia comparecido às urnas nas eleições anteriores, somando 88,8% de votos dos eleitores. Apesar do apoio mais significativo continuar vindo das áreas protestantes, os ganhos nas áreas católicas foram consideráveis. E algo muito significativo: nem todos que não votavam no NSDAP se opunham a tudo que Hitler defendia, exceto a esquerda. Quando liquidasse o sistema pluralista (acabasse com os demais partidos) e conseguisse transformar sua imagem de líder partidário em líder nacional, o reservatório de apoio seria muito maior do que recebeu em março de 1933. (KERSHAW, 2010, p. 309)

De acordo com Evans e Kershaw, após as eleições de 5 de março uma verdadeira corrida rumo à “tomada do poder” começou nos estados que ainda não eram controlados por nazistas. Com esse intuito enorme pressão era feita sobre os governos estaduais não nazistas para que um nacional-socialista fosse posto no comando da polícia; as grandes cidades sofriam manifestações ameaçadoras por parte das tropas da SA e SS; as prefeituras tinham



que hastear a bandeira da suástica de forma simbólica; os governos eleitos deviam ser capitulados sem resistência; sob o pretexto de restaurar a ordem, um comissário do Reich era designado. A aparente legalidade dos atos não escondia a usurpação do poder dos estados pelo Reich, caracterizando uma clara violação da Constituição. A pressão, força e paranoia das organizações nazistas foram as responsáveis por criar “agitação” com o propósito de restaurar a “ordem”. Os termos do decreto de emergência de 28 de fevereiro não eram justificáveis, pois não havia a necessidade de defesa contra “atos de violência comunista que põem o Estado em risco”. Os únicos que provocavam esses atos eram os próprios nazistas.

O verão e a primavera de 1933 (final de março até o final de setembro) foi marcado pelo processo de *Gleichshaltung* – “coordenação” das instituições postas sob comando nazista. Os militares desempenharam papel importante no ritmo da “coordenação” por meio de pressão, mas muitas organizações se anteciparam em “coordenar” elas mesmas de acordo com a nova era que começara, deixando claro sua disposição e entusiasmo frente ao novo governo. A ditadura nazista estava enormemente fortalecida no outono. Hitler, apesar de seu instinto para a realidade do poder e manipulação da propaganda, teve que tomar pouquíssimas iniciativas para que tudo ocorresse como planejou.

Uma iniciativa que de fato veio dele foi, no entanto, a criação dos governadores do Reich (*Reichsstatthalter*) para sustentar as “linhas de política estabelecidas pelo chanceler do Reich” nos *Länder*. Com sua apressada criação por meio da Segunda Lei para a Coordenação dos *Länder* com o Reich, de 7 de abril de 1933, a soberania de cada estado foi decisivamente diminuída. Tudo indica que Hitler estava ansioso por ter representantes de confiança nos *Länder* a fim de combater qualquer perigo de que em sua base a “revolução do partido” pudesse ficar fora de controle e, quem sabe, até ameaçar sua própria posição. [...] (KERSHAW, 2010, p. 315)

Além dos ataques violentos contra a esquerda alemã, o principal inimigo do Estado não havia sido esquecido por Hitler: o judeu. Ataques aos negócios de judeus e espancamentos por parte de nazista haviam se tornado lugar-comum. De acordo com Gellately,

[...] a opinião pública não estava contente com a violência nas ruas, e havia uma ameaça de um boicote dos EUA contra produtos alemães em resposta aos brutais ataques dos nazistas aos judeus. Em 26 de março, Hitler, que até certo ponto foi forçado por nazistas radicais “das bases”, optou por um boicote nacional a todos os negócios judaicos. [...] O boicote não deveria se limitar às cidades, mas atingir o campo e chegar “até o menor dos vilarejos”. Nada do gênero jamais acontecera antes, e isso anunciava as ondas de discriminação, violência e terror que viriam. [...] (GELLATELY, 2011, p. 57)

Pedidos para que medidas contra o comércio judeu fossem tomadas eram anteriores à nomeação de Hitler para o cargo de chanceler. Karl Horstmann, de Wuppertal-Barmen, escreveu para Hitler em 1º de agosto de 1932, tentando dissuadir Hitler e o NSDAP do ódio aos judeus como pessoas, mas enfatizando que o ódio deveria ser dirigido ao espírito judeu, ou seja, sua associação com o comércio.

Antes de mais nada, gostaria de reforçar que sou acentuado e implacável opositor do espírito judeu, não do judeu como ser humano, entre os quais os melhores têm também um caráter que luta pela verdade. Esse espírito não existe apenas nos judeus, mas em qualquer ser humano. O espírito judeu é o canalha do homem como o designa Frederico, o Grande. Todo homem que queira participar da construção do mundo tem de lidar com o bem e o mal. Nosso movimento tem a obrigação de, acima de tudo, continuar sendo pioneiro a esse respeito. O distanciamento violento dos judeus ou a sua expropriação seriam uma prova de que o senhor não está acima deles espiritualmente. A violência está onde falta o espírito: veja o nacional-socialismo e o comunismo. Trata-se, portanto, em primeiro lugar, de se obter o intelecto em nossas cadeias. A meta, porém, só será atingida quando agirmos no geral. Limites estreitos embotam o espírito. O governo, portanto, deve tomar suas medidas de forma que atinja a correção geral, a correção que é vantajosa para todos. A exploração de um ser humano pelo espírito judeu, o qual se faz perceptível principalmente no mundo do comércio, só pode ser evitada se proibirmos severamente toda a agregação de empresas cujos diretores não tenham tanto capital privado responsável para poderem pagar todas as dívidas integralmente no caso de uma insolvência. Todas as desvantagens de nossos grupos empresariais até agora, sociedades da ação, sociedades limitadas, etc. seriam assim superadas de um único golpe. Outros caminhos, como a mencionada reforma da legislação acionária, são apenas paliativos. Quando se trata da vida de milhões, precisamos ver o sangue de alguns correr. O judeu, com sua insalubre valorização excessiva do espírito entre a maioria dos seus, pode então mesmo assim permanecer tranquilamente no país, junto com seu capital de que toda a população precisa necessariamente. O capital, porém, não pode ser uma corrente que amarra o político, mas deve funcionar como uma correnteza abençoada que é cuidadosamente regulada pelo governo para que não ultrapasse os limites do seu leito causando destruição. Possivelmente, porém, os fins justificam os meios. [...] (Apud: EBERLE, 2010, p. 107)

É interessante a visão de Karl Horstmann em relação ao espírito judeu, pois ao mesmo tempo em que ele culpa esse espírito voltado para comércio e para o lucro que levou a Alemanha ao colapso econômico pós Primeira Guerra, ele não vê problema na existência do judeu como pessoa e acredita que a violência não é o caminho certo para se atingir os objetivos de uma economia puramente alemã. De certa forma, podemos entender a carta de Karl Horstmann como um pedido de boicote ao comércio judeu, para que os judeus entendam seu lugar na Alemanha e não causem mais danos à economia. Hitler não pensava da mesma

forma e o boicote do dia 1º de abril de 1933 se desenrolou em cenas de ataques brutais aos judeus.

A semana que antecedeu o boicote foi marcada por várias notícias nos jornais explicando a atuação dos judeus dentro e fora do país. Normas de conduta ensinavam como proceder contra os negócios e profissionais judeus, e isso incluía slogans e sinais que deveriam aparecer nas faixas que seriam colocadas nas ruas e nas lojas. O boicote nas grandes cidades foi dirigido contra as lojas de departamento, muitas delas de propriedade de judeus. De acordo com Gellately, na maioria das regiões as pessoas não reagiram da forma esperada pelos nazistas e no dia do boicote “[...] a maioria dos cidadãos com certeza não demonstrou nada semelhante ao fervor antissemita de seus líderes. A Alemanha tinha uma tradição antissemita, mas levaria algum tempo até os nazistas a radicalizarem.” (GELLATELY, 2011, p. 59) O boicote apresentou a posição do regime em relação aos judeus. Frente a não colaboração da maioria dos alemães, a mensagem que ficou era a de que os judeus estavam mais representados do que deveriam no comércio e em certas profissões e que era preciso quebrar essa influência.

Judeus que amavam a Alemanha sentiram que estavam sendo transformados em intrusos sociais. Muitos judeus alemães eram orgulhosamente nacionalistas, e por esse motivo não demonstraram muita receptividade aos apelos do movimento sionista inicial. Alguns começavam a pensar que um violento pogrom se aproximava e, pela primeira vez em suas vidas, passaram a se sentir mais como reféns do que como cidadãos iguais a todos os outros. O boicote foi o primeiro evento antissemita nacionalmente organizado e tolerado e obrigou até mesmo judeus nacionalistas a concluir, com tristeza, que tinham se enganado a respeito da amada Alemanha. (GELLATELY, 2011, p. 59)

O governo de Hitler se viu obrigado a fazer uma pausa nas ações contra os judeus, pois havia uma preocupação relacionada com os prejuízos à economia e com a opinião pública internacional. Esse não era o momento de perder o apoio do capital estrangeiro. De maneira descoordenada, radicais nazistas continuaram suas ações individuais contra os judeus.

No dia do seu aniversário, 21 de abril, Hitler recebeu duas cartas: uma de felicitação do Almirante da Marinha e outra de Harald Von Koenigswald tratando de um assunto pessoal. Ambas as cartas dão uma visão de como estava o cenário da política alemã até aquele momento, governada por Hitler. O Almirante Raeder escreveu:

Em nome da Marinha do Reich e em meu próprio, tomo a liberdade, no dia de seu aniversário, de expressar-lhe os mais sinceros votos de felicidade. A Marinha e eu esperamos, de todo coração, que seu trabalho de reconstrução de nossa pátria seja coroado, também neste novo ano, com os maiores êxitos.

Ela está sinceramente agradecida ao senhor por poder novamente usar as antigas cores, cheias de glórias, e pelo seu interesse tão sincero e compreensivo nas questões do prestígio naval alemão. Ela está disposta a apoiar seu trabalho pela Alemanha com devoção e alegria. [...] (Apud: EBERLE, 2010, p. 260)

Essa carta embora tenha o tom de felicitação traz muito mais nas suas entrelinhas. O agradecimento pelo “interesse tão sincero e compreensivo nas questões do prestígio naval alemão” está relacionado ao plano de rearmamento das Forças Armadas. Hitler tinha em mente que, caso a Alemanha entrasse em guerra novamente, o poderio militar alemão deveria se dar por ar, terra e mar. Os investimentos bélicos feitos até aquele momento, aproximavam cada vez mais as Forças Armadas do líder nazista e isso seria de extrema importância no futuro próximo. No dia 10 de maio de 1933, Hitler respondeu pessoalmente à carta do Almirante e nela é possível perceber sua satisfação com as palavras escritas: “[...] As felicitações que o senhor enviou, em seu nome e no nome da Marinha, me deixaram especialmente satisfeito. Agradeço-lhe de coração, tardiamente, por isso.” (Apud: EBERLE, 2010, p. 261)

A carta de Harald Von Koenigswald, escrita no dia 21 de abril, foi endereçada a Bormann. Pode-se acreditar que algumas pessoas tinham conhecimento que Hitler não lia as cartas pessoalmente e preferiam escrever diretamente ao secretário:

[...] O senhor bem sabe como nos sentimos responsáveis por medidas duras, que demandam atitudes essenciais, quando elas atingem pessoas que dedicaram toda sua vida e toda sua força para a nação. Trata-se do subsecretário do Império prof. Dr. Göppert, que descende de uma antiga família de funcionários públicos prussianos (Frederico, O grande, hospedava-se com frequência na casa de seus avós). Sua filha tem sangue judeu, como neta do prof. Hirschfeld, à época muito prestigiado, amigo de Th. Mommsen, que também lhe dedicou seu Staatsrecht [Direito público]. A senhorita Göppert foi dispensada agora de seu estágio no funcionalismo público, algo muito amargo para o Excelentíssimo dr. Göppert, que, como professor de direito na Universidade de Bonn, sempre reiterou seu espírito nacional, principalmente durante o tempo dos separatistas e dos franceses no Reno e que, antes, tinha se dedicado integralmente ao Estado, como subsecretário e funcionário público. Seria possível, por conta da pessoa do Excelentíssimo dr. Göppert, possibilitar à sua filha o prosseguimento e a conclusão de sua formação, por meio de uma indicação ao procurador-geral do tribunal de primeira instância? Afinal, ela não pretende ingressar na carreira pública no futuro, mas exercer seus conhecimentos num trabalho privado, científico. Ser-lhe-ia muito grato se o senhor me informasse se é possível fazer alguma coisa nesse caso. [...] (Apud: EBERLE, 2010, p. 185)

Eberle informa que Bormann não respondeu à carta e também não ficou claro se pôde ser feito algo em relação à situação da estagiária em 1933, mas de todo modo ela

sobreviveu ao terror nacional-socialista. Essa carta tem um conteúdo interessante, pois mesmo depois do boicote, episódio em que ficou clara a posição do governo em relação aos judeus, Harald Von Koenigswald não teve receio de escrever pedindo que intercedessem no caso de uma judia. Talvez ele acreditasse em algum tipo de bondade por parte da liderança nazista já que a moça era filha e neta de renomados professores, ou pode ser que apenas tentou a sorte ao escrever. Outro ponto importante nessa carta é que o funcionalismo público aos poucos já vinha sendo “limpo” e ao demitir a estagiária pouco importou o fato de ela ser filha e neta de professores conhecidos na Universidade. Nesse início de governo, apesar dos ataques brutais que vinham acometendo a Alemanha, algumas pessoas não deixavam de escrever com pedidos semelhantes a esse.

Com o partido comunista fora do caminho dos nazistas desde 28 de fevereiro e a Lei Plenipotenciária em vigor – que permitia ao chanceler do Reich preparar leis que se afastavam da Constituição sem a aprovação do Reichstag e sem considerar o presidente – a atenção dos nazistas se voltou para os social-democratas e os sindicatos.

Havia uma irritação em relação a essa interferência arbitrária nos direitos democráticos e por isso o líder sindical Theodor Leipart e seu sucessor designado Wilhelm Leuschner se esforçavam muito para manter a sobrevivência institucional do movimento. Movidos pela crença de que os nazistas falavam sério sobre a criação de empregos reivindicados há anos, foram encorajados a um acordo. Em um pacto com os sindicatos cristão e liberal, em 28 de abril, se pretendia dar os primeiros passos rumo à unificação completa dos sindicatos em uma única organização. No documento de unificação constava: “A revolução nacionalista criou um novo Estado. Esse Estado quer reunir toda a nação alemã e assegurar o poder”. Pensando que pudessem ter um papel positivo no processo e querendo fazer sua parte de forma independente, concordaram em apoiar a declaração pública de Goebbels, que o 1º de Maio seria um feriado público pela primeira vez, data em que havia muitas manifestações públicas da força do movimento nacionalista. Esse dia ficou conhecido como “Dia Nacional do Trabalho”. (EVANS, 2010, p. 434; KERSHAW, 2010, p. 320)

Crentes na ideia de que preservariam suas organizações com os acordos firmados com os nazistas, os sindicalistas não podiam contar com o que estava sendo arquitetado para dar fim aos sindicatos. Em 17 de abril, Goebbels anotou em seu diário:

Em 1º de maio, organizaremos o Dia do Trabalho como uma demonstração grandiosa da vontade do povo alemão. No dia 2 de maio, os escritórios dos sindicatos serão ocupados. Coordenação também nesse setor. É possível que haja confusão por uns dias, mas depois, eles também serão nossos. Não mais faremos concessões. Estamos apenas prestando um serviço aos trabalhadores

aos livrá-los da liderança parasita que só dificultou sua vida até agora. Uma vez que os sindicatos estejam em nossas mãos, os outros partidos e organizações não terão como aguentar por muito mais tempo. (EVANS, 2010, p. 435)

No dia 2 de maio, homens da SS e camisas-pardas atacaram os sindicatos de orientação social-democrata, as redações de seus jornais e os bancos dos sindicatos. Leipart e os demais líderes sindicais foram levados sob “custódia preventiva” para campos de concentração, onde muitos foram brutalmente violentados e humilhados antes de serem soltos uma ou duas semanas depois. O gerenciamento do movimento foi colocado em mãos nazistas por completo. Os sindicatos cristão e demais instituições sindicais se colocaram sob liderança nazista de forma incondicional em 4 de maio. Em 10 de maio, deu-se prosseguimento ao fechamento definitivo do partido social-democrata, que teve suas posses e propriedades tomadas pelos nazistas por ordem judicial, que foi justificado pelo procurador-geral do Estado de Berlim, com a suposição da malversação de fundos dirigida por Leipart e outros, não possuindo bases de fato sobre essa acusação. Dessa forma, o partido social-democrata ficou proibido de se reorganizar e um a um dos demais partidos opositores foram minados pelas forças nazistas até que restasse apenas o NSDAP. Logo a Alemanha conheceria o significado de Estado Total.

De acordo com Kershaw, em 14 de outubro, Hitler tomou uma atitude drástica: retirou a Alemanha das conversações em Genebra sobre o desarmamento e também da Liga das Nações. As relações internacionais foram elevadas a um novo patamar da noite para o dia. Havia começado na Europa a “revolução diplomática”. Nesse mesmo dia, Hitler dissolveu o Reichstag e convocou novas eleições para o dia 12 de novembro, com a intenção de ter um Parlamento puramente nacional-socialista. Mesmo sem adversários políticos após a dissolução dos demais partidos, Hitler voou mais uma vez sobre a Alemanha fazendo campanha política. Dessa vez a campanha tinha como foco direcionar uma exibição de lealdade a Hitler em pessoa. Embora a manipulação de votos não fosse tão refinada quanto a que viria a ser em 1936 e 1938, ela não era inexistente e o sigilo das urnas estava longe de ser mantido. Com 92,1% de votos, Hitler viu em suas ações um triunfo genuíno. Tanto no exterior quanto na Alemanha, mesmo havendo manipulação de resultados e falta de liberdade, era inegável que a maioria da população alemã apoiava o governo nazista. O *status quo* de líder nacional acima dos interesses partidários foi realçado amplamente.

Entre os meses de maio e novembro, a violência continuou a fazer parte do cotidiano alemão. Fosse contra judeus ou contra remanescentes opositores, fato é que a violência já era

algo intrínseco à Alemanha. Sobre os atos de violência, Ludendorff escreveu para Hitler em 18 de novembro de 1933:

Senhor presidente do Reich! Há dois dias, relatei-lhe casos escandalosos. Tais casos se multiplicam de maneira assustadora. Hoje informo que, em Hedwigskoog, na noite de 12 para 13 de novembro, a casa do agricultor Wollatz Rohlinge foi invadida, a fim de assaltar esse alemão e homem temente a Deus<sup>25</sup>. O homem fugiu dos bandidos. A situação da mulher e mãe de cinco filhos tornou-se a mais desonrosa possível. Ela acabou por fugir, apenas com a roupa do corpo, até seus pais, que moram longe. O filho mais velho foi ameaçado com o revólver e ainda está tremendo. 145 RM foram roubados ou furtados. Empregados foram maltratados. Os bandidos, membros da SS, apesar de notificados, estão em liberdade. Assim se desenrolam repetidamente os acontecimentos no Reich regido pelo senhor. O direito é pisoteado mais e mais, apesar de todo o falatório sobre situações de direito e sobre a introdução de um novo direito. A liberdade física do alemão está ameaçada de maneira inaudita. Agora, quando são montadas “câmaras de cultura”, quer dizer “câmaras de chumbo” para a vida intelectual alemã, o que resta da liberdade intelectual será enterrado, como não aconteceu nem no Estado jesuíta do Paraguai ou aqui, na maior escuridão da Idade Média. No futuro, quando a história do povo alemão for escrita, o final de sua presidência será descrito como o tempo mais negro da história alemã. O senhor só precisaria convocar o exército do Reich para proporcionar um fim a esses estados intoleráveis do povo alemão. Diante de mim, porém, está a pesada censura de minha vida, a de que o senhor pôde se tornar o presidente do atual infeliz povo alemão apenas pelos conselhos que lhe dei e por meus atos. Viva a liberdade! Que esse chamamento ecoe em seus ouvidos até que seus olhos se fechem. Ass. Ludendorff. (Apud: EBERLE, 2010, p. 187)

A carta de Ludendorff é uma crítica pesada ao primeiro ano de governo nazista. “No futuro, quando a história do povo alemão for escrita, o final de sua presidência será descrito como o tempo mais negro da história alemã. [...] Diante de mim, porém, está a pesada censura de minha vida, a de que o senhor pôde se tornar o presidente do atual infeliz povo alemão apenas pelos conselhos que lhe dei e por meus atos”, nesse trecho Ludendorff admite que os conselhos dados a Hitler no início dos anos 20 serviram para criar um tirano e que a história da Alemanha seria manchada para sempre pelos atos de violência do governo mais cruel que o país haveria de passar. Seu lamento é uma demonstração clara de que os atos violentos não estavam passando despercebidos e que um dia isso custaria caro aos envolvidos.

Os problemas da violência e falta de atitudes do governo para conter os agressores se estendiam também a SA. Em 10 de setembro de 1933, o doutor Krampe escreveu para Hitler, denunciando crimes cometidos por membros da SA e se queixando que nenhuma atitude de punição era tomada. Hitler encarava uma crise interna por causa das tropas da SA que em 30 de junho de 1934 culminaria no episódio conhecido como “Noite dos longos punhais”.

---

<sup>25</sup> Ou deísta (EBERLE, 2010, p. 188)

A última ocorrência do tenente-general Ernst é o ensejo para que eu relate circunstâncias que são desonrosas a uma SA. Como é possível que um homem como esse Ernst, que está desde 1930 no movimento, detenha um cargo tão alto? O homem acoberta todos os ataques por parte de sua tropa, sem se meter. Principalmente quando dirigidos à direção política. [...] P. ex.; Um homem da SA viola uma menor de idade, todos os superiores sabem disso. O tenente-general Ernst transfere o homem para outro batalhão. Um Sturmabführer procede da mesma maneira e faz dívidas de milhares de marcos, e por isso se torna líder de regimento. Comunistas que lutaram contra nós até a revolução hoje estão nos batalhões e viajam para Nurembergue [para a convenção partidária da NSDAP], tirando o lugar dos antigos combatentes. [...] Em Döberitz, os oficiais reclamam que o tenente-general Ernst chegou para o juramento bêbado feito um gambá. Durante chamamento da SA no campo de Tempelhof, o tenente-general conseguiu a proeza de cair algumas vezes do cavalo. O último acidente de carro foi causado por embriaguez. Será que o figurão não estava saindo da casa do senhor Röhrbein, com o qual o senhor tenente-general se divertiu há anos? (§ 175) Eis o representante de nosso movimento. Foi para isso que os antigos combatentes, esses que estão sendo colocados de lado agora, lutaram – para dar lugar a esses novos senhores. Saudações alemãs, Dr. Krampe (Apud: EBERLE, 2010, p. 172)

De acordo com Kershaw, as tropas da SA sob o comando de Ernst Röhm foram essenciais para a revolução que Hitler queria e para sua chegada ao poder, mas não estavam claras as funções dela após a tomada do poder e no ano de 1933 a “política de arruaça” dos membros da SA estava causando problemas para Hitler. Mas eliminar a SA não era uma medida fácil a se tomar, pois ela era uma organização bem maior que o NSDAP e abrigava “velhos combatentes” fervorosos do movimento e havia sido a força violenta motriz da revolução desde que Hitler assumira a Chancelaria. Porém, as ambições de Röhm não eram as mesmas que as de Hitler, causando tensões e rebeliões ocasionais contra o partido nazista desde os anos 1920, mas mesmo diante das crises Hitler sempre conseguiu preservar a lealdade da SA. Entrar em um confronto que poderia levar ao fim da organização paramilitar e perder sua lealdade não poderia ser feito de forma leviana e com facilidade.

A SA de Ernst Röhm havia sido a ponta de lança da revolução nazista nos primeiros meses de 1933. A explosão de violência prescindira de comando de cima. Havia tempo que a organização era mantida sob controle, com ordem de esperar o dia do ajuste de contas. Agora, não mais podia ser contida. [...] O número mínimo de quinhentos a seiscentos assassinatos, naquilo que os nazistas proclamavam ser uma revolução legal e sem sangue, pode ser computado em grande medida na conta da SA. [...] (KERSHAW, 2010, p. 334)

A necessidade de ação por parte de Hitler se tornou urgente no momento em que Röhm declarou que tinha como objetivo continuar com a “revolução alemã”. Na época, com cerca de 4,5 milhões de membros, Röhm afirmava que a revolução estava apenas começando



e fazia questão de protagonizar as ações dessa revolução. Hitler se viu forçado a escolher entre a ala paramilitar do partido e os “grandes batalhões” que queriam ordem, fazendo uma reunião em 6 de junho de 1933 com os governadores do Reich. Hitler anunciou que “a revolução não é uma condição permanente, ela não deve se transformar numa situação duradoura. É necessário conter o rio da revolução que se espraizou livremente, no leito seguro da evolução.” Röhm desejava criar um “Estado da SA”, que teria ampla interferência e poderes em assuntos militares, política e na administração pública. As expectativas que foram nutridas pela liderança da SA após a tomada do poder pelos nacional-socialistas foram frustradas. Não havia um programa claro de mudança social em uma “segunda revolução”, mas essa ideia estava ganhando forças entre os soldados da base das tropas da SA.

Em público Röhm se mantinha leal a Hitler e essa lealdade era retribuída, mas Hitler hesitava e continuaria a hesitar nos primeiros meses de 1934. Sem conseguir reunir forças para disciplinar Röhm, muito menos demiti-lo, Hitler tinha que ter cuidado para não perder credibilidade e popularidade, o que o levou a tentar agradar a todos.

Em 27 de fevereiro, os comandantes do Exército definiram suas “diretrizes para a cooperação com a SA”, que foram a base para o discurso de Hitler no dia seguinte e que, portanto, haviam sido estabelecidas de comum acordo. Na reunião no Ministério das Forças Armadas, em 28 de fevereiro, à qual compareceram os líderes da Reichwehr, da SA e da SS, Hitler rejeitou totalmente os planos de institucionalização de uma milícia, apresentados por Röhm. A SA deveria confinar suas atividades aos assuntos políticos, não militares. Uma milícia, como Röhm sugeria, não era apropriada para a defesa nacional. [...] (KERSHAW, 2010, p. 337)

Hindenburg se encontrava enfermo e seu fim estava próximo. Papan se aproveitou disso para fazer um discurso dia 17 de junho contra as ações de Hitler de ter proposto um acordo entre o Exército e a SA. Em seu discurso ele alertava os ouvintes sobre os perigos de uma “segunda revolução”, criticou um “falso culto da personalidade” e afirmou que grandes homens não nascem da propaganda, mas de suas ações. Com esse discurso Papan e seus apoiadores esperavam uma ação do Exército, com o apoio do presidente, para sobrepujar Hitler, mas ficaram decepcionados com a falta de apoio, desencadeando os eventos brutais que aconteceriam no final daquele mês.

Goebbels proibiu a publicação do discurso de Papan, o que o levou a uma conversa com Hitler sobre a possibilidade de renunciar ao seu cargo e que iria levar esse acontecimento a conhecimento do presidente a não ser que Hitler se dispusesse a seguir as diretrizes delimitadas no discurso. Agindo com esperteza, Hitler admitiu que Goebbels se precipitou e que suspenderia a proibição da publicação do discurso. Afirmou, em forma de ataques a SA,

que daria um jeito nela, pedindo a Papen que protelasse sua renúncia até que os dois pudessem conversar com o presidente e resolvessem a situação. Papen cedeu e perdeu sua oportunidade.

Hitler conseguiu uma audiência com Hindenburg em 21 de junho, ganhando a companhia de Blomberg – comandante do Exército – que fora convocado pelo presidente após a euforia causada pelo discurso de Papen. Uma vez que o governo do Reich não conseguia conter a tensão enorme e crescente no país, o presidente deveria declarar lei marcial, entregando o controle do Exército. Hitler viu que não podia esperar mais, precisava agir imediatamente e não havia solução a não ser aplacar o Exército, atrás do qual estava Hindenburg, e essa medida significava destruir a SA o mais rápido possível.

Hitler convocou uma reunião com os líderes da SA para a manhã do dia 30 de junho e deixou o Exército de prontidão para agir. Alguém ligou informando que membros da SA estavam prontos para atacar Berlim e tomar o poder – essa informação foi um boato, pois não havia nenhum golpe por parte da SA em andamento – o que agitou mais ainda a fúria de Hitler que decidiu agir imediatamente. As 06:30 da manhã do dia 30 de junho, os membros da SA foram atacados ainda em suas camas, resultando no assassinato em massa de membros da SA. Ernst Röhm foi levado para a prisão e a ele foi oferecida, no dia 1º de julho, uma arma para que ele mesmo tirasse a própria vida, passado algum tempo e sem que se ouvisse um tiro, dois oficiais armados entraram na cela de Röhm e o fuzilaram obedecendo à ordem pré-estabelecida de Hitler, que declarou para a imprensa no dia 2 de julho que a “ação de limpeza” estava concluída e que ao ex-comandante Röhm foi dado a chance de se retratar e tirar a própria vida, mas ao não fazê-lo a consequência foi o fuzilamento. Sobre a reação da população em relação à noite dos longos punhais, Gellately escreve:

[...] A maioria das pessoas aceitou que Hitler (e não as cortes) “sentenciasse” os cerca de 100 culpados à morte. Longe de provocar questionamentos entre o povo alemão, pelo que se viu, esse primeiro assassinato em massa no Terceiro Reich rendeu dividendos políticos a Hitler, porque deu a muitos cidadãos a oportunidade de aceitar a nova “normalidade” e o lado coercitivo da ditadura. A polícia queria que o governo tivesse mais confiança, sem censurar as notícias, e que fosse claro sobre o que acontecera com aqueles mortos no expurgo. Eles achavam que seria impossível impedir os cidadãos de ouvir rádios estrangeiras e sugeriram que seria melhor publicar “explicações autênticas para acabar com a base para rumores descontrolados”. (GELLATELY, 2010, p. 75)

Em resposta aos eventos recém acontecidos Hitler recebeu duas cartas em apoio as atitudes tomadas em relação à SA. Ilse escreveu para Hitler em 2 de julho numa demonstração de lealdade e confiança nas atitudes de Hitler e crente de que ele fazia o trabalho para o qual

Deus o havia incumbido. Para ela a “limpeza” no governo era extremamente importante para que o Estado Nacional fosse reestruturado de forma correta e conforme os ideais do líder nazista.

Caro, prezado senhor Führer! Quando o senhor terminar sua grande limpeza do templo, que era imprescindível a fim de manter a simpatia pelo Estado Nacional, então passe um ou dois dias, calmos e sossegados (incógnito) em Einsiedeln ou venha até minha casa, para que seus nervos e olhar se mantenham fortes e claros! Todo minuto e tempo livre rezo para que sua cólera seja verdadeira e justa e que no calor dos acontecimentos o senhor não tome nenhuma atitude ou expresse nenhuma palavra desditosa, para que seus inimigos o confrontem e honrem, também em sua cólera, com grande respeito. Seu povo o ama, está ligado ao senhor com todas as fibras de um coração e não pode ficar sem o senhor. O senhor também está imune, pois a graça de Deus está no bolso de seu casaco e se o senhor ainda carregar um rosário, então o segure sempre que estiver no calor dos acontecimentos ou precisar fazer algo em nome de Deus, pois tudo dará certo! Portanto, em frente em nome de Deus! “A dignidade obriga”. Salve a vitória! S. Ilse (Apud: EBERLE, 2010, p. 165)

A segunda carta com demonstração de apoio foi escrita no dia 13 de julho de 1934, por Stanislau Jaros, membro da SA e do partido, que via a ação de Hitler como um mal necessário para que se evitassem problemas maiores com os membros desordeiros:

Meu Führer e chanceler do povo! Acompanhei, frase por frase, sua fala do edifício do parlamento com o coração alerta e pensamentos sérios. Senti como a libertação, a salvação de todo o povo alemão transpassava todo meu corpo. Meu coração sangrava internamente e meus olhos estavam cheios de lágrimas. Felicito-o, meu Führer, por sua energia e rápida decisão ao nos salvar desse amargo destino negro, expondo a corja e perpassando-lhe a punição justa. Queira Deus Todo-Poderoso continuar dando a força para nos proteger, alemães, de todas as fatalidades. Também estou disposto, assim como meu pai, a sacrificar minha vida pela Alemanha, quando o senhor nos chamar. Salve, meu Führer. Com sincera fidelidade, membro da SA e do partido, Stanislaus Jaros (Apud: EBERLE, 2010, p. 166)

Segundo Evans e Kershaw, o ano de 1934 começou com uma decisão importante no governo de Hitler: o pacto de não agressão contra a Polônia, firmado no dia 26 de janeiro. Após a retirada da Alemanha das conversações sobre o desarmamento em Genebra e da Liga das Nações, era importante para a Alemanha aproveitar todas as oportunidades de acordo na Europa oriental capazes de impedir que as pretensões alemãs fossem contidas por pactos multilaterais franceses.

[...] O pacto beneficiou a Alemanha ao prejudicar a influência da França na Europa oriental (acabando, desse modo, com a possibilidade de uma ação militar franco-polonesa contra o país). Para os poloneses, propiciou ao menos a segurança temporária que se julgou necessária, diante da diminuição da proteção fornecida pela Liga das Nações enfraquecida após a saída dos alemães. (KERSHAW, 2010, p. 363)

Um assunto recorrente nas cartas enviadas para Hitler ao longo do ano de 1934 foi a questão dos “privilégios” que os judeus continuavam a ter em relação aos alemães. Como já explicado anteriormente, após o fracasso do boicote de 1º de abril de 1933, os ataques aos judeus aconteciam em episódios isolados e sem chamar muita atenção, principalmente, da imprensa internacional. Em decorrência disso, alguns alemães que se viam prejudicados em relação aos judeus, em seu comércio ou em assuntos pessoais, escreveram para Hitler mostrando sua insatisfação e cobrando atitudes. Em três cartas poderemos ver a dimensão dessa “insatisfação” que será ponto de análise após a exposição dos documentos. A primeira carta é de R. Fichte que escreveu dia 2 de fevereiro de 1934 explicando que três listas de descontos para comerciantes foram divulgadas:

Muito honrado governo do Reich. Sobre uma questão que faz o sangue subir à cabeça de todos os comerciantes alemães, dirijo-me – como antigo defensor nacionalista do Terceiro Reich – ao governo do Reich com o pedido de que se evite que os judeus no Terceiro Reich tenham vantagens em relação aos comerciantes de sangue alemão no que diz respeito às compras. [...] Na lista 1 estão todos os pequenos comerciantes alemães do setor, que recebem 5% de desconto. A lista 2 vale para todos os comércios maiores e especiais do setor, com direito a 7% de desconto. A lista 3, que prevê um desconto de 10%, vale principalmente para lojas judias, empresas judias e grandes empresas, as quais o Terceiro Reich queria vigiar muito de perto. Daí resulta que os judeus no Terceiro Reich podem, mais uma vez, realizar suas compras muito mais barato do que os comerciantes de sangue alemão. Estou convencido de que o governo do Reich saberá impedir essa vergonha. Afinal, são quase somente judeus, isto é, grandes empresas judias, que constam nesta lista de 10% de desconto. Essa regulamentação motivou-me, como comerciante de sangue alemão, a protestar energicamente na associação do Reich da indústria alemã de embalagens de vidro. O sucesso foi nulo. [...] Ou seja, permanece que apenas os judeus e as poucas grandes empresas que porventura tenham alcançado alguma vez esses valores de compras no ano – de mil grandes empresas de sangue alemão, não devem chegar nem a duas – é que poderão usufruir dos 10 % de desconto. Dessa maneira, estamos duplicando o tamanho dos judeus, que já superaram o comércio alemão e a indústria alemã em todos os sentidos, à custa dos alemães. [...] Por favor, intervenha de imediato e vigorosamente com providências nacional-socialistas, para evitar o tumulto que o mundo do comércio de sangue alemão necessariamente proverá assim que souber que, também no terceiro Reich, ele é achacado a favor dos judeus. [...] Peço ao governo do Reich por um decreto abrangente, de acordo com o qual nenhum comércio judeu possa estar em posição vantajosa nos descontos em relação aos comércios alemães. Esse decreto é basicamente necessário para evitar que o nacional-socialismo seja falsificado por órgãos subalternos. Certamente não preciso dizer que sou movido apenas por motivos populares ao endereçar esse grito de socorro ao governo do Reich. Saudação alemã hitleriana. Mui fielmente, R. Fichte (Apud: EBERLE, 2010, p. 180)

Fica claro na carta a vontade que o comerciante alemão tem de ver novamente um boicote contra o comércio judeu e alega sua “qualidade” de comerciante alemão para protestar contra descontos menores para empresas alemães do que para os estabelecimentos judeus. O autor se diz movido apenas por motivos populares, mas o tom da carta e suas justificativas mostram um interesse pessoal, valendo-se dos sentimentos que Hitler nutria contra os judeus. A segunda carta em análise, foi escrita por um ex-membro da SA, Ralphj Felgenträger, em 5 de fevereiro de 1934:

[...] decidi redigir esta carta porque acredito sentir-me internamente autorizado para não apenas pedir-lhe alguns minutos como também para reclamá-los e exigí-los. Que ironia do destino se esta carta não chegasse às suas mãos. Se ela fosse retida pelas pessoas ao seu redor e eu, depois de poucos dias, tivesse oportunidade de refletir, num campo de concentração, de como um desconhecido se dirigiu ao líder primeiro desta pátria por tamanho patriotismo. Entretanto, espero encarecidamente que a ligação entre o senhor, o líder nacional, e eu, o desconhecido do povo, ainda não esteja partida e que esta carta realmente chegue às suas mãos. [...] É o senhor mesmo que se ocupa no seu livro Minha Luta com a verdade e avaliza o antigo ditado que diz: Quem conhece a verdade e não a divulga, é e será um deplorável canalha! O senhor teve coragem de dizer a verdade e provou isso, na medida em que expurgou catorze anos de vergonha alemã por um ano de política alemã de ação. O senhor teve de pedir apoio nessa hora e pôde contar com seus fiéis partidários, com a SA e a SS. Então: exorto-o como meu Führer! Fui membro da SA de 1925 a 1930 e suporrei, com orgulho, sanções penais e ossos quebrados para o senhor, nossa grande idéia e nossa amada pátria. (Apud: EBERLE, 2010, p. 189- 190)

O primeiro ponto a ser analisado nessa carta é que o autor, apesar de em alguns momentos abrandar o tom da escrita, não se priva de mostrar sua participação para que Hitler chegasse ao lugar que ocupava nesse momento e não exime também de deixar claro, logo no início, que suas palavras farão cobranças do que foi prometido por Hitler. Poucas cartas, das que tivemos acessos, apresentam esse tom, tornando-a excepcionalmente interessante. O ex-membro da SA continua:

Mas é insuportável receber seu desdém e ironia por causa disso. Afinal, é realmente ideologia se a preocupação pela Alemanha não nos deixa descansar enquanto a última influência maligna de forças internacionais sobre nossa pátria não tiver sido anulada? E essas forças internacionais escondem-se atrás do cristianismo de ambas as confissões. Não me permito fazer qualquer crítica à sua política ideológica. Mas o senhor, honrado chanceler do Reich, nos coloca – nós que nos denominamos com orgulho partidários de Ludendorff, velhos companheiros de luta do senhor, o maior comandante supremo do século – como traidores da pátria e bandidos. De uma só tacada, o senhor nos mistura com companheiros covardes, que não tem amor à pátria! Nós, que temos o mesmo objetivo que o seu e que por causa disso fomos seus partidários por seis anos para, por fim, tornar a Alemanha totalmente livre e feliz. Se, por reflexões que só ao senhor são conhecidas, ainda não quiser ou não puder de modo algum lutar contra o

cristianismo judaico, então nos permita ao menos a liberdade espiritual de avançar com essa luta, em todos os lugares e sem impedimentos, claro que de maneira adequada e objetiva, ajudando a verdade a triunfar. [...] Não somos literatos ou ideólogos! Somos idealistas, assim como o senhor, orgulhosos combatentes alemães, que não temem qualquer sacrifício, mesmo se este for a vida, quando se trata da manutenção da natureza alemã. E não importa se formos colocados todos atrás dos muros das prisões e se nossas línguas forem arrancadas, como o papado fez na cristianização violenta da Alemanha. Apesar disso, a verdade viria à tona e, algum dia, se tornaria vitoriosa! A violência vem na frente da justiça! O senhor mesmo passou por essa experiência por mais de dez anos. Mas a justiça venceu com o senhor em 30 de janeiro de 1933 e também vencerá em nosso caso, enquanto a verdade estiver conosco. E a verdade está conosco, na fé deista alemã! Nem mesmo um ato de poder seu, senhor chanceler do Reich, líder mais irrestrito de nossa pátria, pode mudar isso! [...] Viva a liberdade espiritual alemã! Viva a revolução espiritual alemã! Viva a amada pátria Alemã! Grande saudação alemã. Seu mui devoto, Ralphj Felgenträger – Pensionista. (Apud: EBERLE, 2010, p. 190-191)

A reclamação de Ralphj Felgenträger é que enquanto a SA faz seu trabalho de “limpar” a Alemanha dos judeus, seus membros estão sendo chamados de bandidos e traidores e que isso não podia ser aceito por Hitler, uma vez que sua ideologia insistia que os judeus não eram dignos daquele país. Ao pedir que a SA pudesse fazer seu trabalho sem ser advertida, ele chama a atenção para o fato de que nesse momento a crise que existia entre Hitler e a SA era prejudicial para a Alemanha e que a SA deveria ter “passe-livre” para cumprir com seu trabalho. Além disso, a carta tem o tom de não deixar que Hitler esquecesse os feitos da SA em prol de sua ascensão ao poder. É preciso lembrar que após o fracasso do boicote em 1933, Hitler passou a observar mais a relação da população alemã com os judeus para que pudesse agir explicitamente e colocar seus planos em prática. Nesse momento, todo cuidado para não perder popularidade era pouco.

A terceira carta foi escrita por Elisabeth, infelizmente sem data, que relata um pouco de sua vida para explicar o quão injustiçada é ao receber na pensão do seu falecido ex-marido um valor menor em relação a uma judia com quem ele casou:

[...] Uma mulher judia destruiu meu casamento de vinte anos e, em conseqüência, eu me separei do meu marido. Meu ex-marido foi julgado culpado, ficando com a obrigação de me pagar uma pensão até sua morte. Depois da separação ele se casou imediatamente com a mulher judia. Nessa época, ele já tinha pedido demissão de seu cargo de funcionário público; [...] De 1912 até 1931, ou seja, por vinte anos, ele trabalhou na indústria, não voltando ao funcionalismo público. Devido a essas seis semanas que meu falecido ex-marido trabalhou no Estado, a mulher judia tem direito, segundo a Constituição marxista, a uma pensão por viuvez do Estado prussiano. O Estado prussiano continua pagando essa pensão à mulher judia, que recebe ainda uma aposentadoria como viúva por parte do seguro dos empregados, porque meu falecido ex-marido também era assegurado por lá, depois de

vinte anos de trabalho na indústria. [...] Recebo do Estado prussiano apenas pensão de viuvez de 38,33 marcos mensais, e depois das diversas deduções por causa dos decretas emergenciais, restam apenas 33,35 marcos por mês, de modo que não chego a receber tanto quanto alguém que recebe assistência social; mesmo em relação ao pagamento de assistência social, que estou apta a receber, sou descontada em 5 marcos por mês, porque essa contribuição não é tida como pensão por invalidez. Um aposentado por invalidez recebe 42 marcos por mês, e eu tenho de me contentar com esses centavos de fome, enquanto essa mulher judia recebe o dobro do dinheiro, pensão por viuvez do Estado prussiano e pensão por viuvez do seguro dos funcionários, que somadas chegam a cerca de 130 marcos, depois das diversas deduções. (Apud: EBERLE, 2010, p. 177)

Nesse primeiro momento da carta ela expõe o acontecido e mostra que conhece as leis que permeiam a questão de pensão no caso de traição do cônjuge. O segundo momento da carta aparece um tom de cobrança interessante, pois demonstra que ela não tinha receio de mostrar seu conhecimento e que para ela era importante que o governo tomasse atitudes coerentes com o programa político do NSDAP e com as promessas feitas. Ela continua:

Certamente não corresponde ao sentido do nacional-socialismo que, no sagrado Terceiro Reich, uma mulher judia seja tão privilegiada em relação a uma honrada mulher alemã. É legítimo que eu reivindique a pensão que me é legalmente de direito até por motivo de justiça, porque, em primeiro lugar, sofri no meu casamento de vinte anos para conseguir a pensão e, em segundo lugar, porque meu ex-marido tinha a obrigação de me sustentar até a morte. Por causa disso, depois da morte do falecido, tenho direito a essa pensão. Informo que meu falecido ex-marido era de uma antiga linhagem ariana, assim como eu também. Os velhos combatentes, que conhecem minha situação, estão muito surpresos que hoje inclusive o Estado pague uma pensão tamanha a tal mulher judia ordinária, que não teve de mover nem um dedo sequer, enquanto aqueles que combateram durante anos pelo NSDAP, sem trabalho, recebem somente os trocados do seguro-desemprego e têm de sobreviver passando fome. Isso não corresponde à luta contra o judaísmo, e por isso fui aconselhada a relatar o fato pessoalmente ao ilustríssimo Führer. [...] Quando eu, como mulher e mãe alemã, não sou tratada de maneira equivalente a uma mulher judia, mas essa última ainda é favorecida de duas a quatro vezes, isso não é apenas de uma dureza injusta como também não corresponde à justiça do Estado nacional-socialista. Por essa razão, segundo aquilo que o muito honrado senhor chanceler do Reich escreveu no seu livro *Minha Luta* sobre os judeus, não acredito [que ele] aprove esse privilégio de uma mulher judia, e espero que uma gentil intercessão do senhor chanceler do Reich possa trazer uma decisão definitiva, pela qual eu agradeço antecipadamente, com meus melhores votos para a prosperidade futura de nosso amado chanceler do povo. [...] (Apud: EBERLE, 2010, p. 177)

As três cartas têm uma particularidade em comum: além do fato de fazerem queixas em relação aos judeus, não é possível mensurar com exatidão até que ponto os autores de cada carta odiavam os judeus e até que ponto se valiam do sentimento que movia Hitler para conseguirem benefícios próprios. A primeira carta, o autor, apesar de insatisfeito com as

vantagens que o comércio judeu ainda tinha em relação ao comércio alemão, não parece nutrir um ódio baseado nos mesmos motivos que moviam Hitler, mas deixa transparecer a intenção de fazer uma reclamação e obter vantagens para seu próprio negócio, aproveitando-se do ódio de Hitler contra os judeus. Na segunda carta, há traços de ódio contra os judeus, mas a indignação maior e sua reivindicação são de que Hitler não coloque freios no trabalho da SA, pois, como uma organização paramilitar enorme, era preciso que ela tivesse liberdade de ação. Se prestarmos bem a atenção na carta, o autor usa o assunto dos judeus como gatilho para chamar a atenção de Hitler para o verdadeiro assunto de sua escrita. Por fim, na terceira carta, embora seja visível a raiva da autora em relação às atitudes do ex-marido e do fato de que ela se sentia injustiçada recebendo menos pensão que a esposa judia, podemos afirmar que ela tinha raiva daquela mulher judia em questão, mas isso não garante que ela tinha ódio dos judeus como um todo. Ela, provavelmente viu uma forma de conseguir o que queria apelando para o sentimento nacional-socialista, ao apontar que o Estado estava falhando em sua justiça. De forma geral, é difícil e complicado nesse tipo de carta afirmar com certeza se os autores das cartas nutriam o mesmo ódio contra os judeus pregado por Hitler ou tratava-se de pura maldade e oportunismo travestidos de veneração.

No ano de 1934, Hitler recebeu duas cartas interessantes escritas por judeus. O conteúdo de ambas é parecido no sentido de quem os autores se sentem alemães e não entendem porque estão sendo tratados de forma diferente. A primeira carta foi escrita por Rudolf Willi Ernst Jaenicke, de Berlim, em 23 de março:

Nosso grande e amado Führer Adolf Hitler! Peço-lhe um conselho. Devo abrir mão de tudo? Afinal, também somos seres humanos e talvez melhores do que alguns outros. Preciso me desligar do NSDAP e etc.? Eu não saberia o porquê. Mas, apesar de tudo, ninguém tira minha crença sincera em nossa pátria alemã, na idéia nacional-socialista, e principalmente no senhor, grande Führer. Por isso, amado grande Führer, Senhor chanceler do Reich Adolf Hitler! Ajude-nos também, por favor. Pois essa é a obra de Deus, que acreditemos naquele que Ele nos enviou. (Apud: EBERLE, 2010, p. 200)

Rudolf Willi Ernst Jaenicke recebeu uma resposta de Albert Bormann em 5 de abril: “[...] Infelizmente, devo informar-lhe que daqui não é possível fazer nada em relação a seu caso. Dessa maneira, sugiro que o senhor procure seu grupo regional responsável, que talvez possa ajudá-lo de alguma maneira. [...]” (EBERLE, 2010, p. 201)

É interessante que o autor da carta nutre o mesmo sentimento de superioridade que Hitler dizia terem os alemães arianos. E é interessante também na resposta que ele recebeu, que Bormann lhe indica a alternativa de tentar conversar com o grupo local para ver se havia algo que pudesse ser feito. Obviamente não havia, pois os judeus começavam, mesmo que aos



poucos, a serem expurgados de seus empregos e não era admissível que alguém com sangue judeu fosse funcionário do partido.

A segunda carta foi escrita por Heinrich Herz, no dia 27 de abril, na qual ele pede assistência do governo, pois é alemão, mas foi submetido aos horrores que os membros do partido faziam aos que eram de origem judaica:

[...] dirijo-me ao senhor, honrado chanceler do Reich, já que tenho a sensação de que o senhor, chanceler do Reich, também não está de acordo com isso. Olho para os acontecimentos dos últimos anos com inteira admiração e inteira confiança e sou, no meu íntimo, um bom alemão, que está totalmente dedicado ao bem-estar da querida pátria. Apesar de toda essa veneração, porém, uma gota de fel se infiltrou no meu coração, e me pergunto centenas de vezes por que teve de ser assim? Estou longe de ser acusado disso e durante toda a minha vida combati o que era ruim e imoral. A sinceridade e a honestidade eram e são minhas maiores obrigações. Com grande satisfação observo a extinção dos salafrários e dos egoístas, independente de suas origens. Mas não consigo concordar com o tratamento unilateral de milhares de meus irmãos de fé, que se sentem tão alemães e que pensam de um modo tão alemão quanto eu. O quanto eu gostaria de participar da construção de minha querida pátria, caso me fosse dada a oportunidade para tanto. Da mesma maneira, honrado chanceler do Reich, como o senhor lutou por seus ideais durante anos, quero lutar pelos meus irmãos de fé, e não descansarei antes de me saber vencedor. [...] Tenho a firme convicção de que o senhor, honrado chanceler do Reich, logo terá outra opinião sobre grande parte de meus irmãos de fé – da maior parte, quero crer. Mesmo que não disponha dos meios materiais para lutar por nossa causa, isso não pode impedir que eu invista toda minha força em prol de meus ideais. [...] Antes do início da revolução nacional, minha situação era estável. A tempestade me atingiu como um raio vindo do nada. Meus clientes se foram. Nenhuma repartição, nenhuma comuna, nem mais um particular me passava um pedido, embora eu nunca tivesse tido nenhuma divergência de opinião com meus clientes, particulares ou não. Meus filhos crescidos foram arrancados do trabalho, e fiquei à mercê da previdência pública por algum tempo. Apesar das muitas disposições dos senhores ministros Frick, Schmitt e outros, os antigos clientes do governo não voltam de maneira nenhuma, e os clientes particulares estão hesitantes, porque dizem – algo que não posso provar – que poderiam talvez ter dificuldade nos órgãos do partido. E agora, honrado senhor chanceler do Reich, julgue o senhor – mereci isso? Minha mulher, que caiu doente durante esse duro período de sofrimento, recebeu uma prescrição médica de quatro semanas de recuperação na região de Sauerland. Por causa da falta de pagamento, não temos mais cobertura de assistências, seguros, e perdi muito dinheiro em seguros de vida, etc. [...] (Apud: EBERLE, 2010, p. 197)

No início, era complicado para os judeus que sofriam com os ataques nazistas não se identificarem como alemães e conseqüentemente entenderem porque aquela revolta contra eles. Viam seu comércio sendo atacado, seus cargos serem retirados, eram vítimas de agressões, mas mesmo assim ainda recorriam a Hitler para pedir explicações sobre o que estava acontecendo e ajuda para que os ataques parassem. Muitos nem praticavam a fé

judaica, mas tinham na linhagem da família membros que praticavam e isso era o suficiente para sofrerem violência. No ano de 1935, as Leis de Nuremberg viriam a “esclarecer” algumas questões em relação ao antissemitismo nazista.

Outro tipo de carta recorrente a partir de 1934 são as cartas escritas por crianças ou escritas por seus pais em nome da criança e essas cartas nos fizeram refletir sobre o grau de veneração que algumas famílias mantinham por Hitler. Apresentaremos cinco cartas, quatro escritas em 1934 e uma escrita em 1935 para podermos tecer nossa análise no final. A primeira carta foi escrita por Ida Fiebig, no dia 2 de fevereiro de 1934:

Prezado senhor chanceler do Reich! Na qualidade de mãe alemã, estou aqui em silêncio pensando em meu querido Führer ADOLF HITLER! E exalto o destino e peço diariamente ao Todo-Poderoso que Ele o mantenha saudável. O desejo de meu coração é agradecer-lhe a revalorização das famílias que têm muitos filhos. Não posso expressar em palavras como me sinto e como penso. Por isso, vou resumir tudo. Estimado senhor chanceler do Reich, aceite meus agradecimentos mais sinceros. E esteja certo de que irei educar meus nove filhos como o senhor o faria e para nossa querida pátria. Como agradecimento, junto uma pequena foto. É o caçulinha. Assim que escuta: “A bandeira ao alto, as colunas bem cerradas”, ele ergue a mão. Eu ficaria muito feliz se recebesse alguma coisinha escrita à mão por meu querido Führer. SALVE A VITÓRIA! Senhora Ida Fiebig, Haynau i. Schl., Goethestrabe 2 (Apud: EBERLE, 2010, p. 158)

A segunda carta foi escrita em 19 de abril de 1934, por 5 crianças de variadas idades, em decorrência do aniversário de Hitler:

Caro senhor chanceler do Reich Adolf Hitler, nós, meninos e meninas hitleristas, não queremos deixar de expressar nossos mais sinceros votos de felicidade no dia de seu aniversário. Desejamos de todo o coração, que Deus lhe dê muitos e muitos anos de vida, para que possamos nos tornar, sob seu governo, autênticos e corajosos alemães e para que possamos desfrutar das suas obras na Alemanha recém-despertada, debaixo do sol brilhante de sua magnífica vitória. Soubemos que você é o padrinho de todo sétimo filho. Mas como isso vai demorar demais para nós e já que não somos batizados e queremos de coração ser seus afilhados, pedimos que você consagre nosso sentimento divino por meio do batismo e se torne padrinho de todos nós. Não temos mais ninguém que possa fazer isso, porque somos tantos filhos. Você vai atender a esse nosso desejo? Por favor, por favor! Seus jovens congratulantes, que o adoram sobre todas as coisas. Gerhard 11 anos (membro do Jugendvolk), Horst 8 anos, Evi 5 anos, Dietricj 3 anos, Sigfried 2 anos (Apud: EBERLE, 2010, p. 279)

Albert Bormann respondeu a essa carta em maio de 1934: “[...] Infelizmente, devo informar a você que o Führer não pode mais aceitar pedidos de apadrinhamentos tardios, visto o grande número de solicitações semelhantes que são recebidas diariamente. [...]” (Apud: EBERLE, 2010, p. 279) Ainda no dia 19 de abril, Angela Raubal, irmã de Hitler (chamada

erradamente de senhorita Hitler), recebeu do prefeito aposentado K. H uma carta de felicitação ao Führer:

Nossa pequena Doris, o raio de sol de seus pais, quer enviar ao nosso prezado senhor chanceler do Reich, seu companheiro de aniversário, um pequeno desenho. Ela gosta do “seu Adolf Hitler” de todo o coração. Por exemplo, se durante um evento qualquer são içadas bandeiras, sua primeira pergunta é: “Papai ou mamãe – estou fazendo anos hoje, junto com meu Adolf Hitler?”. Todos os dias, ela encerra suas orações com os irmãos, um e dois anos mais velhos, pedindo que Deus dê saúde à sua mamãe e ao seu Adolf Hitler. Muitas vezes é comovente participar desses momentos. Nós, pais, nos juntamos a esse pedido de um puro coração infantil e lhe seríamos gratos caso a senhora pudesse entregar, no dia do aniversário do senhor seu irmão, essa lembrança vinda de um pequena e doce menininha sábia. Na expectativa de que a senhora não leve a mal nosso pedido, despeço-me com as melhores saudações alemãs. (Apud: EBERLE, 2010, p. 267)

A terceira carta foi escrita dia 22 de abril de 1934, por Heinz H e endereçada a Angela Raubal:

Querida tia Raubal! Eu também gostaria de dar um presente de aniversário para o tio Hitler, mas não tenho nada além de um pequeno desenho meu, que ficou pronto hoje. Por favor, querida tia, dê-lhe o desenho e diga que rezo todas as noites para ele: Querido Deus, ajude a Alemanha na sua grande necessidade; dê ao tio Hitler o poder para fazer uma nova Alemanha. Proteja-o e guie-o em todos os seus caminhos, e o abençoe. Heil Hitler! Heinz H. Rottweil a. N. P.S.: Mamãe teve de escrever por mim, pois tenho só 4 anos. (Apud: EBERLE, 2010, p. 267)

A última carta em análise foi escrita em 12 de abril de 1935, por uma família de Berlim na qual relatam uma cena que teria acontecido entre seus dois filhos. Para que não se perca a essência da carta ela será apresentada em sua forma completa, pois ela foi contada em forma de uma história de humor, intitulada: “Lógica Infantil” Ah, essas crianças:

Ah, essas crianças! Justo hoje, quando sua pobre mãe completou 29 anos, esse bando já lhe chama a atenção para sua futura dignidade de sogra. E que sogra serei! Escutem e espantem-se: Minha filhinha de 7 anos, mais uma vez, está com preguiça de ajudar na arrumação do quarto das crianças. O irmão maior tem de fazer tudo sozinho; o irmão menor acabou sumindo dali. Ele também não é grande amigo de arrumações. E a paciência do irmão maior também não é infinita. “Ei, Gina, você tem de ajudar. Suas coisas de boneca você pode guardar sozinha, e faça o favor de dar um jeito na louça também.” “Não”, diz a pequena Gina, “só vou trabalhar quando for grande e tiver um marido.” “Ah, você não vai conseguir um marido, Princesa Preguiçosa!” “Vou te mostrar, seu cabeção. Vou conseguir o melhor marido de toda a Alemanha.” “Ora, e quem será esse cara, assim que for a hora?” “O que? Você quer entrar no Jugendfolk<sup>26</sup> e não sabe quem é o mais, é o melhor homem da Alemanha? E você quer ser um jovem hitlerista!” “Escute aqui, Gina, Você está ficando muito atrevida! Sei muito bem quem é o melhor

---

<sup>26</sup> Organização hitlerista para meninos entre 10 e 14 anos (nota de rodapé da pág. 216)

homem da Alemanha; só não quem será o melhor quando você finalmente quiser se casar.” “Quando eu quiser e tiver idade para isso, o melhor será o melhor de agora..” Aribert ficou atônito e mudo. “Você não quer se casar com nosso Hitler????” “Só e somente só com Hitler”, diz a mocinha. “Não quero outro homem.” “Papaiiii, papaiiii!!! Venha cá. Papaiiii, papaiiii!!! Venha rápido.” O pai entra correndo no quarto, imaginando, irritado, quem está com um galão na cabeça e quem vai precisar de umas palmadas pela travessura. “Papai, imagine só, a Gina quer se casar com o Führer! E ela só tem 7 anos! Nossa Princesa Preguiçosa quer se casar com o Führer! Ai, Gina, ele vai acabar passando fome por sua causa!!! Ah, pobre homem!” Aribert está excitadíssimo, não consegue se acalmar. A pequena Gina está no meio do quarto, indignada e humilhada. “Você não precisa ficar gritando tanto, eu vou me casar com ele. Agora ele está sem tempo de se casar; mas, quando eu for grande, as coisas estarão mais ajeitadas, e daí ele não terá mais tanto trabalho. Daí eu vou ser a mulher dele.” “Mas, Gina, diz o pai, sorrindo. “Ele nem te conhece. Você nem sabe se ele vai gostar de você.” “Faz tempo que ele já gosta de mim tanto quanto vocês gostam”, a pequena senhorita afirma, altiva. E daí ela gritou furiosa e amargurada.: “todos os homens dele têm mulheres e filhos, só ele está sozinho. Eu gosto tanto dele, fico com pena.” “Todos os homens dele têm mulheres e filhos?!, perguntamos, espantados. “Bem, o dr. Goebbels tem mulher e filhos, e logo o outro também vai se casar na catedral.” “Quem é esse, fofinha?”, perguntou o pai. Um pequeno pé bate no chão, inconformada com tamanha falta de compreensão. “Mas, papai! Estou falando do homem que também é amigo dele e que usa calças com os lados coloridos. E ele também sempre usa um negócio como se fosse chover.” Agora a ficha tinha caído! “Você está se referindo a Hermann Göring?” O pai falou, desconcertado: “Mas não é por isso que você precisa ter pena do Führer, minha pequena mocinha. Afinal, ele fica contente quando seus amigos estão contentes”. “Hum, você também ficaria contente, papai”, a pequena Gina começa a perguntar, olhando o pai de lado, “se todas as outras pessoas ganhassem coisas legais, só você que não? Você também ficaria tão contente assim, mesmo que não recebesse nada?” “Mas, Regina, vamos com calma”, o pai se irritou. “E eu vou me casar com ele! Por que ele tem de ficar sozinho? Se ele é o melhor homem da Alemanha, então ele vai ter os melhores filhos.” “E”, desdenha Aribert, “a melhor mulher. Você quer ser ela, Gina? “Cale a boca, Aribert boboca! Não me encha tanto. Não sou a melhor mulher; mas eu gosto dele, e não quero que ele fique sozinho.” “Minha filhinha”, disse o pai, sério, “ele não está sozinho. Ele tem a nós todos, homens, mulheres e crianças da Alemanha e de muito além. Todos nós o amamos. Isso vale mais do que o amor de apenas uma pessoa.” “Sim, eu sei disso tudo, e você tem razão, papai. Mas ele tem de ter alguém que goste muitíssimo dele. Quando eu for a mulher dele, vou por a mesa para ele, sempre com flores, vou fazer carinho nele, vou beijá-lo.” “Gina, sua boba”, diz Aribert, “quando você tiver crescido, Hitler estará velho. Ele continuará sendo nosso Hitler, mas um homem assim não serve mais para uma mulher. Ele não vai mais ter os dentes, os cabelos vão cair. Ele não vai mais ser bonito e...” “Pare, menino ridículo”, diz papai bem bravo. “Arre, você é nojentão”, fala nossa mocinha. “Papai, isso é verdade? Ele vai continuar sendo tão novo e bonito quanto agora, não é, papai? Seu nojentão! Quando eu morar com ele, não vou convidar você nunca. Se você casar, vai ser com uma bruxa capenga dos contos de fadas.” “Agora chega!”, diz o pai. “Deixe a menina em paz! Saia, Aribert!” Ele pega a bobinha nos braços, que soluça até dormir. Ao colocar a menina na cama, ela fala mais uma vez, meio dormindo: “Eu ainda vou ser a

mulher dele”. Daí o polegar escorrega da boca, e a criança dorme profundamente. Lá fora, em nosso minúsculo jardim, Aribert e Pips estão brincando e cantam uma música que eles mesmos compuseram: “A Gina quer ficar com Hitler, hahahá! A Gina vai ser sua mulher, hahahá” Daí chega o pai, cata os dois filhos pelo colarinho, sacode-os para lá e para cá e diz: “já para a cama! E quem irritar a Gininha – vocês já sabem com o quê -, vai se ver comigo”. (Apud: EBERLE, 2010, p. 216)

As cartas escritas por crianças nos fazem parar para refletir sobre as intenções dos “autores”. Embora nada nos textos atente contra a autenticidade das cartas, não se pode desconsiderar que algumas crianças apresentam idades entre 2 e 4 anos e tem outras pessoas escrevendo em nome delas, como se os sentimentos expressados nas cartas partissem daquelas crianças, como se elas conseguissem expressar sentimentos nacional-socialistas. A carta de 2 de fevereiro escrita pela mãe da criança relatando a atitude do menino, erguendo a mão, provavelmente para a saudação nazista, ao ouvir “A bandeira ao alto, as colunas bem cerradas”. Apesar de ela não dizer a idade do filho, ele é o caçula de nove irmãos, então deve ter pouca idade. Isso torna pouco provável uma admiração consciente da criança pela causa nazista e parece muito mais uma tentativa dos pais de expressarem sua veneração por Hitler.

Na quarta carta apresentada, do dia 22 de abril de 1934, a mãe relata que o filho pede “que diga que rezo todas as noites para ele: Querido Deus, ajude a Alemanha na sua grande necessidade; dê ao tio Hitler o poder para fazer uma nova Alemanha. Proteja-o e guie-o em todos os seus caminhos, e o abençoe.” O que torna duvidoso que sejam as palavras de uma criança de quatro anos é que ela não usaria a frase “ajude a Alemanha em sua grande necessidade; dê ao tio Hitler o poder para fazer uma nova Alemanha”, por mais que crianças sejam inteligentes, esse é o tipo de pedido que revela uma intenção política e um certo tom de cobrança e uma criança nessa idade não teria discernimento suficiente para tal pensamento, por mais que fosse criada com princípios nacional-socialistas em casa. A carta escrita em 12 de abril de 1935 é uma carta que mais parece uma história inventada para agradecer a Hitler do que realmente uma situação que tenha acontecido.

Essas cartas escritas por crianças ou em nome delas são importantes para demonstrar o alcance da veneração e lealdade a Hitler e a vontade de demonstrá-las. Talvez até mesmo ele não acreditasse na veracidade de algumas delas, mas essas cartas, possivelmente, o fizeram acreditar que seu trabalho estava no caminho certo e que sua popularidade só aumentava com o passar dos anos.

Ainda no ano de 1934, Hitler enfrentou problemas com Testemunhas de Jeová. Hitler recebeu duas cartas de pessoas da comunidade das Testemunhas de Jeová que se mostraram

firmes em sua fé e crença e que se recusavam a ver em Hitler um Salvador e não temeram “amaldiçoar” o governo do líder nazista. Em 7 de outubro, um grupo de Testemunhas de Jeová de Bad Dürkheim escreveu para Hitler:

Ao governo do Reich em Berlim. A palavra de Jeová, como apresentada nas Sagradas Escrituras, é a lei máxima e é nossa única diretriz, porque nos consagramos a Deus e somos seguidores verdadeiros e sinceros de Jesus Cristo. Nos últimos anos, em oposição à lei de Deus e violando nossos direitos, o senhor nos proibiu de nos reunir como Testemunhas de Jeová, a fim de escutarmos a voz de Deus, de rezar a Deus e a servi-lo. Deus nos ordenou, com sua palavra, que não devemos deixar nossa congregação (Hebreus 10, 25). Jeová nos ordena e diz: Vós sois minhas testemunhas; eu sou Deus... Vai e dize a este povo: eis-me aqui” (Isaías 43,10, 12, Isaías 6, 9, Mateus, 24, 14). Há uma contradição direta entre sua lei e a lei de Deus. Na medida em que seguimos o conselho dos fiéis apóstolos, “importa mais obedecer a Deus do que aos homens”, é isso que faremos (Atos 5, 29). Informamos, por meio desta, que seguiremos os mandamentos de Deus a qualquer preço, que iremos nos reunir para escutar Sua palavra, vamos rezar e servi-Lo, assim como Ele nos ordenou. Se seu governo ou seus funcionários usam de violência conosco porque agimos assim, então haverá nosso sangue nas suas cabeças, e o senhor terá de prestar contas a Deus, o Todo-Poderoso. Não temos qualquer relação com assuntos políticos, pois estamos totalmente entregues ao reino de Deus, sob o reinado de Cristo, seu rei. Não iremos machucar ou prejudicar ninguém. Seremos felizes se pudermos ficar em paz e, na medida do possível, fazer o bem a todos. Mas como seu governo e seus funcionários continuam tentando nos forçar a desobedecer a lei máxima do universo, somos obrigados a avisá-lo agora que, por meio de Sua misericórdia, obedecemos a Jeová e confiamos plenamente que Ele nos libertará de quaisquer opressões e opressores. Testemunhas de Jeová, Bad Dürkheim (Apud: EBERLE, 2010, p. 203)

A segunda carta não consta a data e foi escrita por Th. Bykerth, relator do grupo que em tom de ameaça escreveu: “[...] Seus maus-tratos impostos às testemunhas de Jeová indignam todos os homens de bem e desonram o nome de Deus. Pare de perseguir as Testemunhas de Jeová, senão Deus destruirá o senhor e seu partido nacional. [...]” (Apud: EBERLE, 2010, p. 205) Gellately explica o que as Testemunhas de Jeová representavam para Hitler e quais foram as medidas tomadas:

A “ameaça” representada pelas testemunhas de Jeová era insignificante. A perseguição a elas sugere como a guerra foi utilizada como uma oportunidade para acentuar a batalha contra todos os inimigos “políticos” e para forjar a “comunidade nacional” alemã em uma unidade indivisível. As testemunhas de Jeová eram estimadas entre 25 mil e 30 mil no começo de 1933. Em abril/maio de 1933, a organização foi proibida em um estado após o outro, sendo banida em todas as partes apenas em 1º de abril de 1935. Eles ofendiam os nazistas por uma série de razões, em particular por se recusar a fazer a saudação a Hitler e a servir nas Forças Armadas após a reintrodução da conscrição. [...] Durante o curso da ditadura, até 10 mil membros da comunidade foram presos, com 2 mil sendo mandados para campos de

concentração, onde receberam um tratamento terrível, e até 1.200 morreram ou foram mortos. (GELLATELY, 2011, p. 128)

Os anos de 1933 e 1934 serviram para que Hitler junto com os demais líderes começassem a organizar a Alemanha de acordo com os ideais nazistas, conhecendo o que resultaria em maior apoio da população ou não. Tendo preparado o “terreno”, os anos de consolidação que estavam por vir levariam inevitavelmente à Segunda Guerra Mundial e muitos não se deram conta que a guerra sempre foi um propósito de Hitler, mas perceberiam isso antes mesmo de ela chegar.

## 2.2 - Consolidação do Terceiro Reich – 1935 a 1937: os ideais nazistas postos em prática

De acordo com Kershaw, as relações diplomáticas favoreciam Hitler na primavera e verão de 1935 e com isso uma nova onda de violência antissemita se estabeleceu na Alemanha estimulando seu principal objetivo ideológico, após a relativa calmaria nos anos de 1933 e 1934. Hitler se envolveu nessa questão durante esses anos apenas esporadicamente, pois estava muito envolvido com a política externa e com os problemas internos que vinha enfrentando em seu governo. Mas passaria a ter um envolvimento ativo a partir de 1935, principalmente no evento do grande Congresso do partido, com as Leis de Nuremberg, promulgadas em setembro. Hitler afirmara: “No que diz respeito aos judeus, eu também havia ficado inativo por muito tempo. Não faz sentido criar artificialmente dificuldades adicionais. Quanto mais astutamente você agir, melhor.” Hitler apenas precisava apoiar os radicais do partido, ou melhor, não fazer nada para impedir suas ações e posteriormente pôr em prática uma legislação que tornasse legal a agitação de outrora.

O início de 1935 havia começado de forma branda em relação aos judeus sob o ponto de vista dos antissemitas fanáticos. Havia o sentimento de que a burocracia estatal se desviara dos propósitos do partido em relação à “limpeza” do país e não havia sido tomada nenhuma medida em termos legais para a eliminação dos judeus e da influência judaica. Com a nova onda de violência antissemita havia uma urgência para a criação de leis discriminatórias contra os judeus e que culminassem na realização do programa do partido.

Foram frustradas as tentativas de mobilizar a massa indiferente em relação à violência contra os judeus, o efeito foi o contrário do esperado: a onda de violência apenas alimentou mais críticas daqueles que não concordavam com as práticas dos nazistas. A participação dos atos de violência daqueles que não pertenciam ao NSDAP era muito pequena. Muitos ignoravam as novas tentativas de boicote ao comércio judeu, e os ataques de

violência nos quais judeus eram espancados e tinham suas propriedades vandalizadas apenas serviram para ser um ponto de condenação ao governo de Hitler. Parte das críticas não tinha sentimento humanitário, mas sim o egoísmo econômico que desempenhava um papel maior e havia a preocupação de que a violência chegasse às igrejas. As objeções contra a discriminação aos judeus eram poucas, mas eram a arruaça, a violência, as cenas desagradáveis e a perturbação da ordem que preocupavam as pessoas. Dessa forma, as autoridades se viram obrigadas a tomar medidas para condenar esses atos e restaurar a ordem. “[...] O terror nas ruas cumprira sua função. Fizera a discriminação avançar. A radicalização exigia ação de cima.” (KERSHAW, 2010, p. 374)

A ação de cima veio com as Leis de Nuremberg no “Encontro Nacional de Liberdade do Partido” em setembro de 1935. De acordo com Gellately, o encontro representou o termo de perseguição e discriminação racial na Alemanha. Em 15 de setembro foram aprovadas três leis pelo Reichstag e a mais importante acabou sendo a “lei para proteção do sangue alemão e da honra alemã” ou “lei do sangue” que proibia novos casamentos e relações sexuais extramaritais entre judeus e “alemães” ou pessoas de “sangue correlato ou similar”. “[...] Embora quase desprovida de conteúdo, a lei proporcionava a base para a massa de decretos subsidiários que nos anos seguintes empurrariam os judeus para as margens da sociedade, prisioneiros em sua própria terra. [...]” (KERSHAW, 2010, p. 378) Ainda segundo Gellately, no dia 11 de setembro, outro evento movimentou Nuremberg, quando Hitler proclamou a chamada “luta contra os inimigos internos da nação”. Para ele os inimigos eram:

[...] o “marxismo judaico e a democracia parlamentar a ele associado”; “o moral e politicamente depravado Partido do Centro Católico”; e “certos elementos de uma burguesia burra, reacionária e incapaz de aprender.” A proclamação não informou quais passos seriam dados, mas soou como o princípio de uma guerra social. O discurso foi ainda mais peculiar por ir adiante e enfatizar que a Alemanha desfrutava de mais segurança e tranquilidade do que em qualquer momento do passado recente. Hitler comparou a situação em 1935 com o “fermento da decomposição” e os “sinais de degeneração” que existiam na época de sua nomeação. (GELLATELY, 2011, p. 76)

Uma pergunta que comumente é feita aos historiadores que pesquisam sobre nazismo é a definição do que era ser judeu na Alemanha de Hitler. Não obstante, para algumas pessoas, é difícil compreender que muitos dos judeus mortos no Holocausto eram alemães de religião judaica, mas isso se confunde com a idéia que Hitler tinha de raça judaica. Na Alemanha nazista, até mesmo para os apoiadores de Hitler foi necessário que se definisse o que era ser judeu e mesmo assim não ficaram muito claros os limites entre raça e religião



nessa definição. Essa definição fez com que o público, em sua maioria, aceitasse passivamente a discriminação ou, às vezes, estava diretamente envolvida ou ao menos estimulando aquela situação.

[...] Judeu, para os efeitos da lei, era aquele que tinha três quartos de sangue judeu. Os “meio judeus” (com dois avós judeus e dois “arianos”) eram considerados judeus somente se praticassem a religião judaica, fossem casados (a partir da promulgação das Leis de Nuremberg) com judeus, filhos de um casamento com um cônjuge judeu, ou filhos ilegítimos de um judeu e uma “ariana”. A definição de judeu acabara numa contradição. Para os propósitos legislativos fora impossível chegar a uma definição biológica de raça dependente de tipos de sangue. Então, foi necessário apelar para a crença religiosa a fim de determinar quem era racialmente judeu. Por conseguinte, era possível imaginar descendentes de pais “arianos puros” convertidos ao judaísmo que, desse modo, seriam considerados judeus raciais. Era absurdo, mas apenas destacava o disparate de toda a coisa. (KERSHAW, 2010, p. 380)

Outro assunto que normalmente causa curiosidade diz respeito sobre a organização e funcionamento dos campos de concentração. Ouve-se muito em relatos de alemães que viveram o governo de Hitler que eles não faziam ideia nem mesmo da existência dos campos, muito menos do que acontecia lá dentro. Em seu trabalho, Gellately apresenta dados sobre a fundação dos campos, como os cidadãos foram informados sobre a função deles e como os campos se mantiveram até o final da Segunda Guerra Mundial. Sobre a criação dos campos ele escreve:

Os primeiros campos de concentração mal eram “campos”, mas locais temporários que os nazistas usaram para manter seus inimigos políticos logo após a nomeação de Hitler. Foram resultado de iniciativas locais e não de uma “ação centralmente conduzida” pelo governo de Hitler. No princípio, ninguém parece ter imaginado que os campos se tornariam uma parte permanente da ditadura, e eles foram montados em construções como velhos alojamentos militares e castelos, ou então eram apenas seções especiais em casas de correção ou prisões. As autoridades regionais criaram tais “campos” para lidar com a inundação de prisioneiros, mas as SA e os nazistas irascíveis os usaram para espancar comunistas e outros inimigos. Assim como as câmaras de tortura das SA em muitas cidades, nenhum deles foi planejado para durar. (GELLATELY, 2011, p. 93)

De acordo com Gellately, usando o exemplo da criação do campo de concentração de Dachau, em 21 de março de 1933, a manchete que Himmler havia mandado circular é a de que a abertura dos campos de concentração seria para prisioneiros políticos. Podendo abrigar até cinco mil prisioneiros, os primeiros presos foram descritos como funcionários do Partido Comunista e Himmler afirmou que estava fora de cogitação soltá-los, pois o risco de voltarem a suas atividades subversivas era grande. Dessa forma, o caráter provisório dos campos de concentração foi explicitado desde o início. Uma justificativa para a criação dos campos era

trazer tranquilidade à “população nacional”, a qual supostamente sentia que uma revolução de esquerda estava se formando e temiam esse tipo de governo. Os jornais veiculavam matérias afirmando que, diferente dos boatos levantados, não havia maus-tratos e que ninguém ficaria preso além do período necessário para se retratar. Os moradores de Dachau foram avisados para se manterem afastados do campo de concentração, mas a curiosidade levou muitas pessoas para verem a chegada dos primeiros 200 comunistas ao campo.

Um trabalhador comunista, Friedrich Schlotterbeck, foi detido em 1933 e relatou mais tarde como era o tratamento que os prisioneiros recebiam no campo, relatando cenas de sua própria experiência ao ser interrogado por um grupo da SS:

[...] Esmurraram-no no rosto, bateram-lhe com cassetetes de borracha, amarraram-no, golpearam sua cabeça com um pedaço de madeira, chutaram-no quando ele caiu no chão e jogaram água em cima dele quando perdeu a consciência. Um policial disparava perguntas nos momentos mais calmos e interveio apenas quando um dos homens da SS, enraivecido pela vigorosa resistência física de Schlotterbeck, ameaçou atirar no prisioneiro. Sem ter confessado, foi levado de volta para a cela, machucado, coberto de cortes e contusões, com sangue escorrendo pelo rosto e mal conseguindo caminhar. Schlotterbeck foi tratado com gentileza pelos carcereiros, que, não obstante, informaram que tinham de deixar a luz da cela acesa e dar uma olhada nele constantemente, para o caso de ele tentar se matar. Ele passaria a dezena de anos seguintes e mais um pouco em penitenciárias e campos de concentração. Sua experiência não era atípica para o comunista que se recusava a ceder. (EVANS, 2010, p. 423)

Os anos de 1933 e 1934 foram marcados pelo crescente número de prisioneiros políticos nos campos de concentração e seu conhecimento público era influenciado pela mídia. Segundo Gellately, os jornais culpavam as próprias vítimas que estavam presas, inclusive as que já estavam mortas. Em 1933, uma morte em Dachau foi anunciada como um ato que precisou ser feito, pois o prisioneiro tentou fugir sem dar opção para os soldados. Adotando uma visão ampla, no plebiscito e na eleição de 1933 e no plebiscito de 1934, é possível perceber que o povo alemão estava disposto a tolerar ou aceitar os campos de concentração, pois a maioria deixou de lado as reservas que tinham em relação ao governo de Hitler, causando surpresa se a maioria ficasse indignada pela Gestapo ou pelos campos.

No final de 1933, início de 1934, o número de inimigos políticos dos nazistas havia diminuído, levando Hitler a pensar em acabar tanto com os campos quanto com a Gestapo. A solução que encontraram foi divulgar na imprensa que muitos presos receberiam anistia de Natal, pois os prisioneiros haviam aprendido sua lição. Em 1934, as reportagens seguiram sobre mais solturas de prisioneiros, encolhimento e fechamento dos campos. No final desse ano, havia “no máximo” três mil prisioneiros, atingindo o nível mais baixo durante todo o

Terceiro Reich. Em 7 de agosto de 1934, Hitler concedeu uma anistia que acelerou o declínio dos campos, restando pouco tempo depois, menos de 500 prisioneiros em todos os campos prussianos e cerca de 1.600 na Baviera. Dessa forma:

[...] Fazia todo o sentido fechar os campos, pois em 1934-35 o país estava decididamente inclinado para o lado da ditadura de Hitler. A oposição organizada estava em silêncio ou morta. A surpresa foi apesar de toda a popularidade de Hitler e do consenso social que sustentava o novo regime, os campos não terem desaparecido. (GELLATELY, 2011, p. 108)

Avançando um pouco para o ano de 1936, apresentaremos três cartas de pessoas indignadas com o que acontecia dentro dos campos com pessoas que conheciam, demonstrando também que nem todos estavam apáticos à existência dos campos de concentração. A primeira carta, sem data, é de Martin Andersen Nexö da Dinamarca, cobrando o fim dos campos de concentração e anistia para os que estavam presos:

Ao governo do Reich alemão e ao senhor chanceler do Reich Hitler, Berlim. Nós, dinamarqueses abaixo-assinados, dirigimo-nos hoje ao governo do Reich alemão e ao senhor chanceler do Reich Hitler para pedir anistia àqueles que estão confinados nas prisões, cárceres ou campos de concentração por motivos políticos, raciais ou religiosos. Sabemos que a Alemanha valoriza a simpatia e a compreensão dos países nórdicos em relação ao povo alemão. Dessa maneira, sentimo-nos autorizados a lembrar que nos nossos países, onde humanidade e justiça são extremamente valorizadas, tal anistia para presos por motivos políticos, raciais ou religiosos e a – frequentemente prometida – eliminação dos campos de concentração é tida como uma exigência humanística indispensável. Ao mesmo tempo, expressamos nossa simpatia e apoio às personalidades de peso de todo o mundo reunidas na conferência europeia pela anistia aos presos políticos na Alemanha, que acontecerá em 5 de julho de 1936 em Bruxelas. Martin Andersen Nexö, Forfatter. Gentofte, Dinamarca. (Apud: EBERLE, 2010, p. 208)

A segunda carta trata da prisão do social-democrata Edgar André que foi preso, segundo os autores da carta, como forma de vingança contra os adversários políticos e sem nenhuma justificativa melhor para tal ato. Em 18 de julho de 1936, Hitler recebeu a seguinte carta:

Senhor chanceler do Reich. Os trabalhadores e a maior parte da população da Basileia tomaram conhecimento, com decepção, da sentença do Supremo Tribunal hanseático contra Edgar André. O povo da Basileia não a considera uma reparação dos delitos do passado, mas um ato de vingança do partido dominante contra seus adversários. Contra isso, erguemos um protesto ardente em nome da humanidade. Também não permitiremos que nosso protesto seja desautorizado pela afirmação de que não teríamos direito de nos imiscuir em assuntos internos da Alemanha. Se um ser humano, inocente segundo nosso ponto de vista, deve ser executado apenas por sua orientação política, então as fronteiras dos países perdem sua importância. A Humanidade precisa se defender e tentar impedir essa ação. Senhor

chanceler do Reich, está em suas mãos impedir o assassinato jurídico de Edgar André. Apoiados pelo povo da Suíça e pelo povo da Basileia, rogamos ao senhor que faça uso de seu direito de clemência e salve Edgar André do machado de seu carrasco. Pedimos também justiça e, desse modo, liberdade, pelas outras vítimas do domínio de seu partido – por Carl Von Ossietzky, Mierendorff, Thälmann e os muitos outros. Com exemplar consideração: Partido Social-Democrata da cidade da Basileia. O presidente do Parlamento E. Herzog, Conselho Nacional e O secretário do partido Schneider, conselho Nacional (Apud: EBERLE, 2010, p. 209)

Como poderá ser notado na terceira carta, escrita em 9 de setembro de 1936, o pedido de soltura de Edgar André não foi acatado e o social-democrata acabou sendo morto, o que causou revolta em um amigo seu, que infelizmente não aparece o nome. Ele escreveu:

Senhor chanceler do Reich. Nesta carta quero dizer-lhe mais uma vez, com exatidão, o que a humanidade internacional pensa da injustiça que o senhor cometeu com nosso querido Edgar André, que foi surrado à morte por causa de seu caráter maravilhoso e livre - pensar [...] Sabemos que a Alemanha enxerga o inferno para aqueles que lutam pela liberdade e os homens direitos como esses são executados e todo o mundo sabe como são assassinados. Por isso a humanidade trabalhadora internacional apóia nosso querido Edgar André, que chegou a mostrar sua inocência, mas ele não pensa como o senhor e precisa morrer. Justiça, justiça é o que restará. [...] (Apud: EBERLE, 2010, p. 210)

Precisamos retornar ao ano de 1935, pois a visão das pessoas sobre a função dos campos de concentração remanescentes começaria a mudar. Gellately explica que os jornais não davam explicações sobre os planos de longo prazo, mas ao se dirigirem aos leitores usavam termos injuriosos a respeito dos tipos sociais e indivíduos indisciplinados que ainda estavam sob custódia. Ao longo do ano, os ataques contra comunistas e demais esquerdistas continuaram, mas aos leitores eram apresentadas matérias a cerca de uma vasta variedade de “criminalidade política”, principalmente em muitos casos envolvendo judeus. Em um ensaio fotográfico de 13 de fevereiro de 1936, era possível perceber as mudanças na ênfase dos campos. O texto que seguia a imagem dizia aos leitores que

[...] em contraste com 1933, quando a maioria dos detentos era de prisioneiros políticos, agora a maior parte era de “elementos antissociais”. As “virtudes” dos campos, segundo a matéria, eram sua disciplina militar, a pontualidade, a limpeza escrupulosamente observada e a ética do trabalho. O objetivo declarado era proteger o Estado e a comunidade de inimigos implacáveis e daqueles que haviam mostrado ser “parasitas do corpo político”. O campo também pretendia reconquistá-los para a comunidade, despertando novamente seus instintos sociais por meio do trabalho. Era evidente que os campos de concentração nunca desapareceriam, pois seu propósito educativo jamais poderia ser um sucesso completo. O artigo terminava dizendo que a “disciplina era dura”, mas se tratava de uma batalha de “pedra contra pedra” para os campos conseguirem cumprir sua missão

primária de servir como “um local de educação nos mais básicos princípios da vida social humana.” (GELLATELY, 2011, p. 112)

A indignação dos autores das três cartas de 1936 apresentadas pode ser entendida a partir do ano de 1935, quando diferente de 1933, não estava mais “claro” o que acontecia nos campos e uma vez que os inimigos políticos do Reich estavam controlados não havia mais a necessidade de manter as pessoas presas. Provavelmente o que ninguém entendeu nesse momento é que os campos de concentração criados para inimigos políticos tinham um propósito muito maior que seria o extermínio dos judeus. Já tendo percebido que seus apoiadores de pessoas comuns não se inclinaram de início para os ataques contras os judeus, podemos pensar que a criação dos campos para inimigos políticos foi uma estratégia inteligente dos nazistas para justificar, mais tarde, o envio de tantos judeus para os campos de extermínio como seriam chamados alguns anos depois.

A primavera de 1936 traria um assunto importante que balizaria a arquitetura da guerra que estava por vir. De acordo com Kershaw, estava visível que não era possível manter a demanda do rearmamento rápido com o consumo interno sempre crescendo. Göring foi destacado para comandar a política de rearmamento visando não causar mais danos à economia de forma geral. Com a pressão que os militares do Exército faziam para que o rearmamento fosse cada vez mais intenso, Göring, que era Plenipotenciário para a Obtenção de Matérias Primas e Exigências de Moeda Estrangeira no Reich, reuniu uma equipe sob o comando do tenente-coronel da Luftwaffe, Fritz Löb, que apresentou um projeto organizado por Karl Krauch, que visava maximizar a produção de combustíveis sintéticos e alcançar rapidamente a autossuficiência na extração de óleo mineral. Os planejadores de Löb apresentaram um projeto, na metade do verão, para acabar com a crise incessante.

[...] Ele previa uma forte inclinação para uma economia mais dirigida, com prioridades claras baseadas num esforço total para assegurar o programa de rearmamentos e melhorar o abastecimento de alimentos por meio da máxima autarquia possível em campos específicos da produção de matérias-primas substitutas, tais como combustíveis sintéticos, borracha e gorduras industriais. Não era uma economia de guerra, mas era a coisa mais próxima disso em tempos de paz. (KERSHAW, 2010, p. 393)

Em setembro de 1936 a política de rearmamento foi posta em um novo plano no Congresso do Partido em Nuremberg com o anúncio do Plano Quadrienal. De forma prática, significava que o balanceamento entre os gastos com rearmamento e consumo só poderia ser mantido por um tempo limitado, graças a um plano de emergência autárquico maximizado que visava preparar a Alemanha o mais rápido possível para uma guerra que na visão de Hitler era iminente e inevitável e que outras pessoas da liderança julgavam plausível

acontecer muito provavelmente nos próximos dez anos seguintes. O Plano Quadrienal empurrou a economia da Alemanha na direção da conquista territorial e da guerra. O plano de emergência de autarquia parcial consistia no seguinte objetivo:

[...] A maximização da produção interna, sempre que possível, permitiria a importação necessária de alimentos, que não poderia ocorrer ao custo do rearmamento. A produção de combustíveis, ferro e borracha sintética tinha de aumentar. O custo era irrelevante. As objeções – e a oposição se manifestou as semanas precedentes – foram levadas em conta e postas de lado. A nação não vivia para a economia: ao contrário, “as finanças e a economia, os líderes e as teorias econômicas, devem todos servir exclusivamente a essa luta de autoafirmação em que nosso povo está engajado”. O Ministério da Economia tinha simplesmente de estabelecer as missões econômicas nacionais; a indústria privada tinha de cumpri-las. Se não o fizesse, o Estado nacional-socialista, ameaçou Hitler, “conseguiria realizar essa tarefa sozinho”. Embora os problemas econômicos do país, segundo o memorando, pudessem ser temporariamente aliviados pelas medidas propostas, só seriam resolvidos por completo com a ampliação do “espaço vital”. [...] Nos quatro anos seguintes, seria preciso tornar o Exército alemão operacional e a economia, pronta para a guerra. (KERSHAW, 2010, p. 398)

Ainda segundo Kershaw, para muitos observadores, tanto externos quanto internos, o regime de Hitler após quatro anos no poder parecia forte, bem-sucedido e estável e a posição do Führer era intocável. Fabricada pela propaganda, a imagem de líder e grande estadista nacional satisfazia as expectativas e os sentimentos de grande parte da população. Os triunfos na política externa e a reconstrução interna do país, tudo atribuído ao “gênio” de Hitler, fizeram dele o líder político mais notório da Europa. As pessoas queriam prosperidade e paz e para elas Hitler parecia ter estabelecido as bases para que isso acontecesse: a autoridade do governo fora restaurada; voltaram a reinar a lei e a ordem; as liberdades civis que haviam sido destruídas no processo não preocupavam a maioria; havia trabalho novamente; a economia crescia em ritmo acelerado. Contrastava de forma drástica com o fracasso econômico da República de Weimar, a qual foi marcada pelo desemprego em massa e inflação. Ainda havia muito que fazer e algumas queixas permaneciam. Muitos nutriam um rancor contra as igrejas, mas Hitler não se abalava com isso e não se sentia culpado. Para a maioria, os aspectos cotidianos negativos não eram obra de Hitler, mas era culpa dos subordinados que não contavam a ele tudo o que estava acontecendo.

Em relação a isso é interessante notarmos que nas cartas com respostas até agora expostas e nas que ainda serão analisadas, nenhuma foi respondida por Hitler e poucas começavam dizendo que Hitler ordenou ao secretário que respondesse daquela forma. É de se imaginar inviável para um líder de Estado ler tantas cartas e respondê-las uma a uma e que

uma das funções dos secretários era se ocupar da demanda de cartas que chegavam à Chancelaria, respondendo as cartas da melhor forma que pudessem quando achassem necessário dar uma resposta ao remetente. Culpar os subordinados de Hitler de que ele não tinha conhecimento dos aspectos negativos do cotidiano das pessoas, em parte, faz algum sentido, pois nem tudo que chegava à Chancelaria era repassado a Hitler imediatamente, a não ser que fosse de extrema urgência e/ou necessidade. Dessa forma, a culpa atribuída aos subordinados não seria possível ser passada a Hitler uma vez que provavelmente – e aqui é apenas uma hipótese – muitas coisas ficavam “escondidas” dele. Talvez Hitler até soubesse de grande parte desses aspectos cotidianos negativos, mas não se importava porque não fazia diferença nos seus objetivos como líder.

Em seu discurso de 30 de janeiro de 1937, Hitler declarou que o período de surpresas na Alemanha acabara, levando as pessoas a acreditarem que a estabilidade e a consolidação seriam prioridade para ele. Na verdade, como poderiam constatar em pouco tempo, isso foi uma ilusão e o ano de 1937 se mostraria como a calmaria antes da tempestade.

### 2.3- Arquitetando a Segunda Guerra Mundial: os anos de 1938 e 1939

Os triunfos da política externa encorajaram Hitler a dar um passo grande a cerca da expansão do território alemão. No mês de março de 1938, Hitler recebeu quatro cartas sendo parabenizado por sua primeira ação que culminaria em 1º de setembro de 1939 no começo da Segunda Guerra Mundial, sem que muitas pessoas tenham percebido isso em 1938. A primeira carta foi escrita em forma de poema com o título “Da Áustria para o Führer” em 16 de março e, infelizmente, o nome do autor não é citado:

A Ostmark<sup>27</sup> está livre! A ditadura terminou.  
Não houve vítimas, não derrubamos nenhuma lágrima,  
Vemos um sentido profundo em todo o sofrimento:  
Apenas assim nasce um novo mundo.  
Comovidos, sentimos o destino seguir seu caminho,  
Pois o maior filho de nossa bela pátria,  
Em que se concentravam anseios, esperança, vontade  
Oferece alívio, desprezando qualquer inimigo.  
Sim, você, meu Führer, comparável a uma estrela  
Que sobe reluzente entre nuvens da tempestade,  
Você traz o que antes era sonho e inalcançável,  
a grande época, você traz liberdade, unidade, vitória! (Apud: EBERLE, 2010, p. 229)

---

<sup>27</sup> Ou “Marca Oriental”, termo utilizado para se referir à Áustria após a sua anexação. (EBERLE, 2010, p. 229)

A segunda carta, também em forma de poema, foi escrita em 18 de março de 1938 e o nome do autor também não aparece:

Meu Führer, seu é o grande poder.  
O sol do futuro brilha para cada povo que você lidera  
A Áustria será livre por sua causa...  
E vai segui-lo eternamente.  
Onde o escutamos e onde você está  
A alegria é indescritível.  
Seja em Hamburgo, seja em Viena,  
Seja em Linz, seja em Berlim.  
Por esse feito, meu Führer,  
Lhe somos especialmente gratos.  
E esperamos que esse feito  
Faça com que todos o venerem.  
A inspiração para estes versos veio quando eu estava ouvindo seus  
agradecimentos em 22 de março de 1938. Sieg Heil! (Apud: EBERLE, 2010,  
p. 230)

Assim foram as primeiras reações de agradecimento pela anexação da Áustria que na visão de Hitler nunca deixou de fazer parte da Alemanha e era apresentada como ponto fundamental no livro *Mein Kampf*, no qual Hitler procurava deixar clara a importância de ter a Áustria integrada novamente ao solo alemão, o que na verdade seria usado como trampolim para a expansão territorial que visava:

A Áustria Alemã deve voltar a fazer parte da grande pátria alemã, e não por causa de alguma consideração econômica. Não, e outra vez não: mesmo que tal união não tivesse importância de um ponto de vista econômico; sim, mesmo que fosse prejudicial, ainda assim deve se realizar. Um só sangue exige um só Reich. Jamais terá a nação alemã o direito moral de desenvolver uma política colonial até que, ao menos, abrace os próprios filhos dentro de um Estado único. Só quando as fronteiras do Reich incluírem até o último alemão, mas não puderem mais garantir seu pão de cada dia, surgirá da dor de nosso próprio povo o direito moral de adquirir terra estrangeira. (MAZOWER, 2013, p. 86)

Segundo Mazower, o processo que resultou na anexação da Áustria ao território alemão começou em julho de 1936 quando a Áustria concordou com a política externa baseada no princípio de que o país “reconhece ser um Estado alemão”. Hitler tinha em mente que “o objetivo da política alemã é assegurar e preservar a comunidade racial e ampliá-la”. Mas nesse momento ele acreditava que a guerra só chegaria no início dos anos 1940.

No começo do ano de 1938 os acontecimentos chegaram de forma inesperada a um ponto culminante. Hitler havia feito algumas substituições em seu governo: trocou o ministro das Relações Exteriores por Ribbentrop, que era mais flexível e demitiu Von Fritsch, ministro da Guerra e comandante em chefe do Exército, que eram contra a ideia da invasão a Áustria. Hitler acabou se proclamando comandante supremo das Forças Armadas, deixando clara a



subordinação do Exército ao regime nazista. Enquanto isso, na Áustria, as tentativas do chanceler Schusching em reprimir os nacional-socialistas austríacos fracassavam e sob pressão ele foi obrigado a tomar algumas medidas: revogar a proibição do partido nazista no país, anistiar seus assassinos que foram condenados e indicar candidatos nazistas para ocupar cargos em seu gabinete. “[...] Essa era a estratégia “evolutiva” que, conforme Hitler insistira mais tarde, dispensaria uma invasão ou um levante; e, como essa estratégia levaria à tomada do país pelos nazistas “por dentro”, ele não queria, segundo disse, “uma solução por meios violentos”. (MAZOWER, 2013, p. 87)

Hitler recebeu outra carta em 1938 sobre a anexação da Áustria, infelizmente não tem a data exata e foi escrita por Gertrude Sator, que escreve com demonstrações de lealdade e alívio por agora estarem anexados ao solo alemão de fato e por ter Hitler como o líder que traria melhorias para o país. Ela escreveu:

O povo inteiro passou os dias de março com muita preocupação. Quando Schusching renunciou pela noite, ele disse: “Áustria, Deus a proteja”. Na manhã seguinte, porém, a mensagem feliz já podia ser lida em todos os jornais: “A Áustria voltou à pátria-mãe Alemanha”. As casas foram decoradas com bandeiras com suásticas e fotos. Tropas alemãs entravam no país. Quando elas chegaram à cidade de Viena, foram festejadas. Em 15 de março de 1938, uma terça-feira, nosso Führer veio a Veina. Fui com algumas garotas à cidade, para cumprimentar o Führer. Todas usávamos uma pequena suástica do lado esquerdo do casaco. Passamos pela multidão, pois queríamos ver nosso Führer. Depois de passarmos algum tempo na segunda fila, o carro do Führer se aproximou. Coros de vozes e uma alegria indescritível. “Sieg Heil”, “Um povo, um reino, um Führer” ouvia-se de todos os lados. Pudemos enxergar bem nosso Führer. Na eleição de 10 de abril confirmamos com um “sim” a alegria com a qual fomos anexados ao Reich. 99,75% foram a favor de nosso Führer Adolf Hitler. Quando o Führer soube disso, falou: “Este é o momento mais belo de minha vida”. Em 9 de abril de 1938, Adolf Hitler discursou na estação do noroeste. Eu escutei a fala pelo rádio. Fiquei com lágrimas nos olhos quando nosso Führer disse: “A Áustria será uma pérola para os meus olhos!”. Todos ficaram emocionados com essas palavras. Nunca na minha vida me esquecerei desse dia. Gertrude Sator (Apud: EBERLE, 2010, p. 234)

De acordo com Mazower, pouco menos de duas semanas depois de o chanceler austríaco ter concordado com as exigências de Hitler para que não ocorresse uma invasão à Áustria, Hitler foi surpreendido com a notícia de que Schusching planejava convocar um plebiscito. Era irônico utilizar um instrumento que na década de 1920 foi requisitado para evocar a anexação ser usado nesse momento para impedi-la. Os austríacos nazistas arrasavam as ruas de Viena e enquanto isso Hitler abandonava sua linha “evolutiva” e ameaçava invadir se Schusching não fosse substituído por Seyss-Inquart, ministro do Interior pró-nazista. Na noite de 11 de março, sob pressão, Schusching renunciou ao cargo de chanceler e Seyss-

Inquart assumiu a chancelaria na mesma noite, enquanto grupos de nazistas austríacos invadiam e saqueavam prédios do governo e prendia membros do regime antigo. Na manhã seguinte, sem planos atualizados para uma invasão, a Wehrmacht atravessou a fronteira e foi recebida por uma multidão em êxtase.

A liderança nazista que havia sido surpreendida com uma recepção tão calorosa, agora precisava enfrentar um problema constitucional que anteriormente dera pouca importância: a Áustria deveria continuar sendo um Estado centralizado, com governo próprio, dentro da estrutura federal alemã de forma ampla, ou, o país deveria ser governado diretamente de Berlim?

[...] Na última vez em que o Anschluss<sup>28</sup> estivera na agenda, Hans Kelsen, talvez o mais célebre jurista do país, defendera a manutenção da Áustria como “um Estado federal dentro de um Estado federal”: ele achava que isso permitiria que os austríacos preservassem tanto sua identidade austríaca como sua identidade alemã. Mas essa era provavelmente a opção menos atraente para os nacional-socialistas da Alemanha, e, depois de uma recepção triunfal em Linz, Hitler decidiu por um “Anschluss total” no qual o país, suas leis e sua administração seriam integrados ao Estado alemão. Em resumo, a Áustria desapareceria. Desse modo, a Áustria foi inteiramente despojada de sua identidade (como aconteceria mais tarde com a Tchecoslováquia, a Iugoslávia e a Polônia): foi rebatizada como Ostmark e tratada como uma província do Reich. A lei alemã foi sendo estendida aos poucos para todo o país, e as instituições do governo austríaco foram dissolvidas ou subordinadas às suas equivalentes alemãs. [...] (MAZOWER, 2013, p. 88)

A quarta carta em análise desse momento do governo de Hitler foi escrita em 22 de março de 1938, por Julie Oesterle, relatando sua admiração por ele, seu medo ao momento que a Áustria vivia antes da anexação e o alívio e felicidade que vivia agora:

Meu Führer. Escrevo com olhos lacrimejados de felicidade. É quase impossível que o senhor venha a ler minha carta pessoalmente, mas o acontecido é um milagre tão grande que tudo é possível. Tenho de escrever, pois enorme é minha admiração por aquilo que o senhor, meu Führer, fez das pessoas a partir de seu exemplo. Eu pensava com medo na evolução que estava por acontecer, muitos estavam cheios de sentimentos de vingança, pois aquilo que nosso povo sofreu até agora é indizível + a idéia de vingança é humanamente justificável. Tudo transcorreu de maneira tão pacífica + agora essa ordem, essa disciplina. Até o momento, não aconteceu nada que pudesse ter envergonhado o partido. É possível notar que nossos adversários estão sendo mais conquistados para a causa pelo comportamento dos companheiros de partido do que a violência poderia fazer. Todos nós esperamos pelas eleições com tranquilidade + temos agora o desejo de ver em breve nosso Führer em Bregenz. Uma por todos: Julie Oesterle (Apud: EBERLE, 2010, p. 232)

---

<sup>28</sup> Anexação

Julie Oesterle afirma que “é possível notar que nossos adversários estão sendo mais conquistados para a causa pelo comportamento dos companheiros de partido do que a violência poderia fazer”, mas ao contrário da visão dos contemporâneos a esse evento, o processo de anexação não havia se dado de forma tão tranqüila assim. De acordo com Mazower, a capital da Áustria foi convertida em um laboratório de violência contra os judeus: as pessoas envolvidas nesse processo e que desempenhavam papéis fundamentais, quatro anos mais tarde, teriam enorme importância na Solução Final.

[...] Muitos judeus foram maltratados, espancados e torturados com sofrimentos horríveis por sicários nazistas que pilhavam e destruíam. Lojas judaicas foram saqueadas à vontade. Judeus foram roubados nas ruas, perdendo dinheiro, jóias e casacos de pele. Grupos de judeus, homens e mulheres, jovens e velhos, foram arrastados de escritórios, lojas e lares e forçados a escovar as calçadas em “esquadrões de limpeza”, vigiados por seus suplciadores que os chutavam, jogavam água fria e suja e os submetiam a toda forma de humilhação impiedosa, enquanto os espectadores gritavam “trabalho para os judeus, finalmente”. (KERSHAW, 2010, p. 447)

O Terceiro Reich estava surgindo tal como Hitler havia prometido: a Wehrmacht não encontrava obstáculos para penetrar em solo austríaco e assim abriu uma brecha na ordem territorial de Versalhes. De acordo com Kershaw, “a anexação da Áustria foi o divisor de águas para Hitler e o Terceiro Reich”. A euforia das multidões fez com que ele se sentisse um deus. A improvisação rápida da anexação provou mais uma vez que para ele não havia limites e que ele podia fazer o que quisesse. Ele acreditava que seus instintos estavam sempre certos e as “potências” ocidentais eram débeis.

Com a anexação da Áustria, sua terra natal, Hitler criou a “Grande Alemanha” e estava impaciente por mais. Ele acreditava que para formar o Grande Reich germânico, que abrangeria todos os alemães e a Europa continental, não precisava ser um projeto de longo prazo, como antes ele imaginava e que ele mesmo poderia criá-lo. Incorporar a Áustria a Alemanha enfraqueceu as defesas da Tchecoslováquia – Hitler detestava o Estado eslavo desde sua fundação, o qual era aliado dos bolcheviques e da França. Dessa forma, o próximo passo para a expansão alemã lhe acenava.

Ao contrário do que alguns pensaram a anexação não colocou somente em movimento a montanha-russa da expansão, como também deu um grande impulso ao ataque aos “inimigos internos”. Especialmente socialistas, comunistas e judeus, mas também os defensores do regime derrubado, foram postos aos milhares em “custódia preventiva”, caçados por Adolf Eichmann, que estava em ascensão no Departamento Judaico do SD.

As manifestações de agradecimento à anexação da Áustria não acabaram em março. Em maio Hitler ainda recebia homenagens por seu grande feito. Em 31 de maio de 1938, ele recebeu um poema de Lotti H. com demonstrações de que Hitler havia salvado a pátria alemã e continuaria fazendo seu trabalho:

Adolf Hitler é um homem trabalhador,  
Que sempre poderá salvar a Alemanha.  
Nós realmente gostamos dele  
E precisamos ser sempre gratos a ele.  
Eu não posso fazer muito mais  
Do que escrever esta cartinha.  
Ela deve lhe dizer tudo, tudo  
E pedir que você descanse um pouquinho.  
Você se esforça o dia inteiro  
E está sempre preocupado.  
Por isso, você tem de continuar se sentindo bem.  
Querido Führer, você pode me entender.  
Um forte “Sieg Heil” para nosso Führer! (Apud: EBERLE, 2010, p. 239)

Em 7 de setembro de 1938, Karl Jorde de Viena, escreveu para Hitler na mais profunda admiração e agradecimento pelo tempo novo que estava vindo junto com a anexação da Áustria à Alemanha. Sua carta tem um caráter mítico-religioso muito forte que será explorado de forma mais detalhada no capítulo 3, mas que nesse momento é importante aparecer para que se tenha dimensão da importância da figura de Hitler para aqueles que o seguiam. Ele começa sua carta escrevendo um pouco sobre aspectos pessoais de sua vida e continua com sua demonstração de lealdade e veneração:

Fiquei sete anos desempregado como porteiro de hotel no antigo regime, apesar de um período de cinco anos trabalhando no exterior e de meus conhecimentos de inglês e de francês, de modo que eu já olhava o futuro com desesperança. Depois da incorporação do Altreich, porém, me dei conta de como tudo mudava rapidamente para melhor e que havia trabalho e reconhecimento em todos os lugares, retomei minha crença e esperança, e embora ainda esteja desempregado, tenho a certeza de que num futuro próximo reconquistarei trabalho e reconhecimento, e tudo isso por causa de nosso Führer, Por essa razão, não posso deixar de expressar ao senhor, nosso Führer, gratidão e veneração – não só minhas, mas também de todos os alemães -, e disseminá-las na forma de uma confissão de fé “nacional-socialista”, a qual gostaria que fosse autorizada, pois tenho certeza que todos os alemães leais consideram que aquilo que Jesus Cristo foi para a humanidade, no sentido religioso, Adolf Hitler o é no sentido laico para o povo alemão. (Apud: EBERLE, 2010, p. 245)

A carta continua com a confissão de fé “nacional-socialista” que é uma releitura do Credo Apostólico cristão, substituindo o caráter da fé em Cristo para uma fé em Hitler que era o “predestinado a salvar a Alemanha” e que estava fazendo seu trabalho, tal como Cristo fez.

Creio em Deus Pai, Todo-Poderoso, Criador do deus e da terra. Em Adolf Hitler, seu filho predestinado, que foi escolhido para redimir o povo alemão da cria de víboras e serpentes (judeus, padrecos e dinastias) que há séculos os desmembram, pisoteiam e empobrecem mais e mais, a quem foi confiada de tal maneira a liderança do ressurgimento de unidade, poder, nova força criadora e ânimo vital, que, apesar de adversidades e agressões diversas, ela permanecerá de agora em diante para todo o sempre. Amém. (Apud: EBERLE, 2010, p. 245)

Sob o ponto de vista dele, Hitler era ao mesmo tempo homem e um ser superior que fora enviado para guiar a Alemanha para fora dos anos de horror vividos depois de 1919. Um aspecto interessante da carta é ela finalizar com “amém” que significa “que assim seja” e que é usado pelos cristãos para finalizar suas orações na intenção de que seus pedidos sejam atendidos e no caso da confissão de fé tem o sentido de confirmar tudo que foi confessado. Como veremos mais adiante, o aspecto mítico-religioso em torno da figura de Hitler foi determinante para seu sucesso como líder.

A anexação da Áustria abriu caminho para que Hitler se sentisse confiante para dar prosseguimento ao seu plano de construção do Grande Reich alemão, unificando com a Alemanha os territórios que foram perdidos com o Tratado de Versalhes em 1919. O próximo alvo de Hitler era a Tchecoslováquia em outubro de 1938. No dia 1º de outubro Hitler recebeu uma carta de incentivo e agradecimento ao seu trabalho de reunir o território alemão em um só novamente. Walter Orthmann escreveu:

Ao nosso muito amado Führer Adolf Hitler! Receba o agradecimento de um trabalhador da Turíngia pelos seus esforços e ações tendo em vista a manutenção da paz. Já li muitas coisas sobre milagres, mas os seus, aqueles que o senhor realizou e que ainda realizará, serão um documento único, eterno, inesquecível da história alemã. Meu Führer esteja certo de que nós, da Turíngia, ainda mantemos a mesma lealdade dos tempos de luta. Em 26.9.38, quando o senhor proferiu as palavras: “Sou o primeiro soldado do meu povo”, despertou em mim um sentimento dos tempos de luta. Com alegria eu teria seguido a ordem de meu Führer na luta contra o bolchevismo judaico. Hoje, todos os alemães sabem por que, para quem está lutando na guerra. Quem ama seu povo com sinceridade carrega também a grandeza de odiar o inimigo mortal de seu povo. Quer dizer: o povo judeu. Que o Todo-Poderoso abençoe o senhor, meu Führer, com muita saúde, para que o senhor alcance uma vida longa e continue a nos proteger do perigo do bolchevismo judaico. Heil, meu Führer. Companheiro de partido Walter Orthmann. Eisennach, Frankfurter Str., 52 (Apud: EBERLE, 2010, p. 343)

Assim como chegaram cartas de agradecimento para Hitler na ocasião da anexação da Áustria, quando Hitler tomou os sudetos na Tchecoslováquia, cartas também chegaram para demonstrar a satisfação e alegria de voltarem para a pátria-mãe. Em três de outubro, Bruno Jäschke e sua esposa escreveram para expressar sua lealdade:

Prezado senhor chanceler do Reich, amado Führer! Palavras não são suficientes para expressar aquilo que sentimos em relação ao sucesso admirável que o senhor, querido Führer, alcançou. Dessa vez certamente foi a mais difícil, além das noites insones, para poupar a nós e aos outros povos grande derramamento de sangue. Nossa grande confiança nos dizia, porém, que o senhor, querido Führer, iria pensar e ponderar tudo, antes do primeiro tiro. Não apenas pelo retorno de nossos torturados irmãos e irmãs dos Sudetos, a ação com a Inglaterra também é fantástica. Finalmente os ingleses dispõem de um homem decidido, que irá ensiná-los. Por isso, também, a França voltou a acreditar mais em nós. Por tudo isso, com o coração transbordando, agradeceu ao senhor, querido Führer, desejando-lhe saúde de todo o coração. Receba nossos cumprimentos, querido Führer. Sieg Heil! Sieg Heil! Sieg Heil! Companheiro de partido Bruno Jäschke e esposa. Dresden Leubnitz – Bärenklauer Str., 9 (Apud: EBERLE, 2010, p. 344)

Em 10 de outubro de 1938, Hitler recebeu um poema intitulado “Canção dos reféns dos Sudetos”, do qual vamos, nesse momento, apresentar apenas duas partes que nos ajudarão a entender como aconteceu o processo da tomada da Tchecoslováquia. Jos Jahn escreveu do Campo Stefanau em 30 de setembro:

Somos milhares em prisões e correntes  
e esperamos ajudar a salvar a pátria  
da vergonha e da servidão insuportáveis  
mas mentira e fraude nos derrubaram ao chão.  
[...]  
Embora os grilhões e a necessidade ainda nos oprimam,  
os olhos brilham de prazer e deslumbramento:  
logo ele irá soltar as amarras, explodir as comportas,  
nós comemoramos para agradecer ao Führer.  
(Apud: EBERLE, 2010, p. 346)

Em contraste com outra carta recebida em 10 de outubro, esse poema mostra que o autor conhecia as intenções de Hitler de entrar em guerra nos anos seguintes, ou pelos menos era o que ele esperava. Mais uma vez aparece a ideia de Hitler como salvador da pátria, aquele que aniquilaria a vergonha e a servidão que eles vinham sofrendo em solo estrangeiro. Diferente foi o tom da carta de Mary Albrecht, que escreve convicta que Hitler quer apenas a paz:

Meu Führer! Permita que também eu expresse meu obrigada, do fundo do coração. O seu feito tem conseqüências hoje ainda imensuráveis! Chegará, porém, o dia em que toda a humanidade vai agradecer-lhe e reconhecer sua grandeza! Hoje volta a dizer seu muito obrigado todo o povo alemão, inclusive fora das fronteiras! Meu caro Führer, nós que moramos no exterior podemos agora mostrar a todos os inimigos, preto no branco, que o senhor quer apenas a paz + à Alemanha. Há 26 anos, quando eu, como estrangeira (armênia), me casei com um alemão, sabia exatamente quais minhas obrigações diante da Alemanha! Meus filhos são autênticas crianças alemãs, mas quando puderam, aqui, ser os primeiros a entrar na Juventude Hitlerista, não estavam despreparados e nem lhes eram estranhos o ideário do nacional-

socialismo e seus objetivos. Caro Führer, como é maravilhoso poder viver & lutar pelo país mais maravilhoso do mundo, pela Alemanha, e não sei nem como dizer como é muito mais bonito para a Alemanha lutar sob sua liderança! Em eterna lealdade, gratidão + admiração, Mary Albrecht, Nasc. Parséghian (Apud: EBERLE, 2010, p. 349)

O mês de outubro de 1938 presenciou mais uma vez o ímpeto expansionista de Hitler. De acordo com Mazower, mesmo antes da anexação da Áustria, os tchecos se preocupavam com o que o futuro lhes preparava. Hitler mencionou publicamente, em fevereiro de 1938, que não assistiria passivamente a perseguição que os 10 milhões de alemães estavam sofrendo nos Estados vizinhos. De um lado Göring tranquilizava os tchecos, do outro, Hitler assegurava ao líder do Partido Alemão dos Sudetos, Konrad Henlein, que a nação alemã iria ao socorro deles. Um novo Estatuto da Nacionalidade, aprovado pelo governo tcheco para aumentar a autonomia da minoria e intensificar o uso do idioma alemão não foi suficiente: Hitler e Henlein, em um encontro, haviam concordado, segundo as palavras do segundo, que “devemos sempre exigir tanto que nunca possamos estar satisfeitos”.

Em setembro de 1938, quando Hitler exigiu a desistência imediata dos Sudetos, os franceses e britânicos concordaram sem resistência. Mas isso não significou “para o nosso tempo” como capitulou Neville Chamberlain, na verdade foi um desastre para os tchecos e, diferente do que se esperava, não colocou freios à escalada bélica dos alemães. Abandonada por seus aliados, a Tchecoslováquia se viu indefesa e cercada por forças hostis. A aposta de Hitler havia dado certo.

[...] O Exército alemão, que mal possuía quarenta divisões, desafiara não apenas 35 divisões tchecas bem equipadas e entrincheiradas ao longo de linhas bem fortificadas, mas também uma força francesa de cem divisões potencialmente esmagadora no Oeste. Apesar disso, tanto franceses quanto britânicos se deram conta que precisavam de muito mais tempo para se rearmar e temiam ser vulneráveis ao poderio aéreo alemão numa guerra prolongada. Assim, entregaram os Sudetos sem lutar. Os soldados tchecos na fronteira simplesmente abriram caminho, e os alemães não encontraram resistência. [...] (MAZOWER, 2013, p. 97)

Segundo Mazower, a Alemanha obteve ganhos extraordinários e o Ano-Novo de 1939 começou com Hitler em clima de júbilo: “Quem poderia deixar de se comover profundamente vendo o Grande Reich alemão de hoje [...] ao refletir sobre a situação que enfrentávamos apenas seis anos atrás?”. Ele ainda fez um agradecimento aos seus homens que lutaram para que seus planos se concretizassem: “Eu agradeço a vossa lealdade obediente. Acredito firmemente que no futuro também estareis dispostos a proteger o direito da nação à vida diante de qualquer tipo de agressão”. Para os vizinhos da Alemanha, o significado dessas palavras estava se consolidando cada vez mais. A Polônia deveria sofrer pressão crescente

para que Danzig voltasse a fazer parte do Reich. O argumento para ocupar de forma total o território tcheco é que essa ocupação possibilitaria esmagar os poloneses a partir de três flancos. Com essa ideia já consolidada em sua mente, a tomada de Praga deveria ser rápida e fácil. As instruções dadas ao Exército definiam que “externamente se deve fazer ver de forma bastante clara que [a ocupação] é apenas uma ação pacífica e não um empreendimento bélico”.

Sem ter se rendido por completo, os tchecos davam sinais de que acreditavam nas garantias concedidas em Munique em relação às suas fronteiras e exigiam que a Alemanha cumprisse com suas palavras. Eles tiveram a resposta que não esperavam escutar no final de fevereiro, de que as garantias haviam sido “concedidas de forma prematura”, uma vez que a região estava “acima de quaisquer considerações, dentro da esfera dos mais altos interesses do Reich alemão”. Os planos de “liquidar” de forma absoluta o que restara do Estado tcheco foram acelerados. Forçados a exigir independência imediata, os eslovacos sofreram o golpe final com a invasão dos soldados tchecos entrando na capital para reprimir essa reivindicação. Com o apoio de Hitler, o sacerdote e político eslovaco monsenhor Jozef Tiso declarou a independência da Eslováquia. Hitler chamou o presidente tcheco, Emil Hácha, e comunicou que tinha permissão para invadir. Hácha, que fora submetido a uma enorme pressão psicológica, se viu resignado a assinar um memorando, no qual colocava seu país sob “proteção” do Reich, para não ver Praga sendo bombardeada pelos aviões de Göring. O regime que seria implantado, naquele momento, guardava uma semelhança com os protetorados estabelecidos pelas potências coloniais.

[...] Mantinha um presidente e um governo, uma milícia de sete mil homens e uma administração pública interna que permaneceria relativamente intacta. Mas o poder deveria ser exercido “em conformidade com os direitos políticos, militares e econômicos do Reich”, e a interpretação destes ficava nas mãos de um defensor do Reich nomeado por Berlim com seus próprios administradores regionais civis e forças policiais e militares, bem como o poder de confirmar ou de negar cargos a membros do governo tcheco. Também remanescente da prática colonial era o estabelecimento de um sistema de leis dual – pelo qual os alemães com cidadania tcheca podiam se inscrever automaticamente para obter a cidadania do Reich, enquanto os demais continuavam sendo cidadãos do Protetorado. Desse modo, desenvolveu-se uma jurisdição extraterritorial paralela para os 250 mil alemães do Protetorado. (MAZOWER, 2013, p. 101)

As razões para manter o interesse nas atenções internacionais eram boas para os alemães. De acordo com Mazower, tanto a invasão de Praga quanto a criação do Protetorado colocaram o restante da Europa em estado de alarme e levantaram novas suposições quanto às intenções de Hitler. Uma vez ressaltado que a Alemanha não tinha nada contra os tchecos, o



líder nazista afirmou que o Reich “não intencionava atacar outras nações”. Os eventos de 1939 se desenrolariam de outra forma.

Dias antes de as tropas alemãs avançarem sobre o território polonês, Hitler recebeu duas cartas de apoio e lealdade aos seus atos e de que permaneceriam ao seu lado se houvesse uma guerra. A primeira carta foi escrita em 25 de agosto de 1939, por três ex-combatentes tchecos em Praga, Jan Dolecek, Svaz Vojáku z Fronty V Praze e Goufried Cetkovsky:

Sua Excelência, Senhor chanceler do Reich Adolf Hitler em Berlim. Tendo em vista a tensa situação na fronteira polonesa, a associação de ex-combatentes tchecos em Praga toma a liberdade de dar as seguintes explicações. Nós soldados tchecos, lutamos com os camaradas alemães e juntos vencemos. Hoje declaramos, solenemente, que no caso de uma guerra lutaremos ombro a ombro com os camaradas alemães – assim como há 25 anos – até a vitória definitiva. Com o pedido de que esta declaração seja aceita, firmamo-nos com saudações de camaradagem. Por parte de: Svaz Vojáku z Fronty V Praze (carimbo); Jan Dolecek (Secretário); Cetkovsky, Goufried (Secretário-geral) (Apud: EBERLE, 2010, p. 379)

Em 27 de agosto de 1939, ele recebeu uma carta de Von Weiss expressando a mais alta lealdade e disposição de estar ao lado de Hitler numa luta armada, fazendo cumprir com suas obrigações:

Ao Führer e chefe supremo das Forças Armadas, Adolf Hitler, Berlim. Em nome dos 12.000 combatentes de todas as regiões da grande Alemanha reunidos no monumento por ocasião do 25º aniversário da batalha de Tannenberg, expresso ao líder nossa confiança inabalável e lealdade incondicional. Junto ao túmulo do marechal de campo, os velhos soldados saúdam o Führer das jovens Forças Armadas, sabendo que os filhos cumprirão sua obrigação caso assim o Führer lhes ordenar, assim como os pais o fizeram. Von Weiss – Líder militar do nordeste da Liga Nacional-Socialista Dos Combatentes do Reich (Apud: EBERLE, 2010, p. 372)

No dia 27 mesmo Hitler enviou uma resposta em agradecimento ao apoio prestado: “Agradeço aos antigos combatentes de Tannenberg, reunidos junto ao monumento no 25º aniversário da batalha de Tannenberg, pelas saudações enviadas, as quais retribuo cordialmente em comunhão de camaradagem. Adolf Hitler” (EBERLE, 2010, p. 372)

Segundo Mazower, o processo que culminou com a invasão da Polônia e consequentemente com o início da Segunda Guerra Mundial, começou após a invasão de Praga, resultando numa intensa atividade diplomática entre Londres, Varsóvia, Paris e Bucareste que estava alterando o humor político na Europa, sendo esse o momento em que se percebeu, de fato, que uma guerra mais ampla estava se tornando incontável. Quanto às exigências de Hitler, em janeiro de 1939, a Polônia mais uma vez havia se fechado e agora, as reivindicações alemãs prognosticava um conflito. Hitler não abria mão da anexação de Danzig

e Poznan, enquanto Berlim pressionava a Lituânia a devolver a faixa de terra que antigamente pertencia à Prússia e que era conhecida como Memel. Diante dessas intensas pressões que a Alemanha fazia, franceses e britânicos deixaram de lado a política de apaziguamento e ofereceram apoio militar à Polônia

O valor desses apoios estava em aberto, pois nem britânicos nem franceses queriam lutar, esperavam que as garantias de apoio servissem como elemento de persuasão. Mas Hitler pensou à frente e intensificou seu relacionamento com a Itália fascista, declarando que queriam apenas a manutenção da paz. Mas a Alemanha intensificava seus preparativos para guerra por trás desse discurso pacífico. Hitler e Mussolini tinham concordado (assim pensava o Duce) que o momento ideal para um confronto era o ano de 1943. Mas a aliança entre Alemanha e Itália nunca foi uma relação que tivesse como base a confiança e um dia após firmarem o acordo, Hitler comunicou seus generais sobre seus planos de atacar a Polônia em breve. Mussolini ao saber disso convenceu Hitler a liberá-lo de suas obrigações dos termos da aliança, pois não queria se envolver em uma guerra de forma tão precoce. Hitler não viu problema nisso, pois já havia firmado com Stálin um acordo sobre a Polônia, sendo talvez sua maior jogada política durante toda sua carreira: o Pacto Molotov-Ribbentrop, que estabelecia a divisão da Polônia e que abriu caminho para que a Alemanha a invadisse.

Hitler, ao contrário de Mussolini, acreditava que Grã-Bretanha e França não se envolveriam e que a Polônia seria esmagada facilmente pelas tropas alemãs. De acordo com os relatos, Hitler se surpreendeu ao saber que os ingleses entrariam na luta. Enquanto Ribbentrop voava para Moscou, no dia 22 de agosto, para assinar o pacto de não agressão, Hitler discursava para seus principais comandantes militares. O tipo de guerra que ele antecipava foi anotado:

Uma luta de vida e morte [...] A destruição da Polônia tem prioridade. O objetivo é eliminar forças ativas, não alcançar uma linha definida [...] Darei uma razão propagandística para começar a guerra, não importa que seja plausível ou não. O vitorioso não será interpelado depois se disse ou não a verdade. Quando se começa uma guerra, não é a razão que importa, mas a vitória. Fechem seus corações à compaixão. Ajam com brutalidade. Oitenta milhões de pessoas podem obter o que lhes é de direito. A existência dessas pessoas tem de ser assegurada. O homem mais forte é o que tem razão. A maior rispidez. (MAZOWER, 2013, p. 106)

A estratégia de propaganda de Goebbels determinou que nas primeiras páginas dos jornais deveria vir notícias sobre ofensas da Polônia contra a Alemanha e mostrar o ódio dos poloneses a tudo que fosse alemão. Essa ação propagandística teve o efeito esperado em uma população determinada a recuperar o que era seu por direito e, como vimos, o apoio a Hitler

veio de forma rápida. No dia 1º de setembro de 1939, quase dois milhões de soldados alemães atravessaram a fronteira com a Polônia, entrando pelo oeste, norte e sul. Hitler declarou:

Para Wehrmacht! O Estado polonês rejeitou a regulamentação pacífica das relações de vizinhança que tentei conseguir e apelou para as armas. Os alemães na Polônia estão sendo perseguidos pelo terror sanguinário e sendo expulsos de seu lar. Uma série de violações fronteiriças, de natureza não tolerável para uma grande potência, demonstra que os poloneses não estão mais querendo respeitar as fronteiras do Reich alemão. Para pôr fim a essa loucura, não há outro caminho para mim senão enfrentar a força com a força. (MAZOWER, 2013, p107)

Dessa forma, Hitler mergulhou a Alemanha na fase mais cruel de sua história e que ficaria marcada para sempre na mente de quem viveu e sobreviveu a essa época. Esse período traria em si um dos maiores genocídios já cometidos em um único governo contra a espécie humana e traria mais alguns anos de problemas econômicos e reestruturação do país após o final da guerra. O apoio incondicional que Hitler recebeu por parte da população alemã, serviu de força motriz para que ele cada vez mais experimentasse se seus planos funcionariam e, infelizmente, a maioria funcionou.

## **CAPÍTULO 3 - A CONSTRUÇÃO DO MITO NAZISTA A PARTIR DAS CARTAS DOS SEGUIDORES DE HITLER**

### **3.1- O sucesso do nazismo**

Para que possamos entender a construção do mito nazista, faz-se necessário um apanhado geral do período em que Hitler liderou a Alemanha. É preciso que as raízes que levaram Hitler a ser aclamado pelo povo estejam explicadas de forma simples e clara nesse momento, numa breve análise a partir do diálogo com Evans (2010). De acordo com o autor,

[...] As raízes do sucesso nazista jaziam no fracasso do sistema político alemão em produzir um partido conservador viável em âmbito nacional, unindo tanto católicos quanto protestantes de direita; na fraqueza histórica do liberalismo alemão; no amargo ressentimento de quase todos os alemães pela perda da guerra e pelos duros termos do Tratado de Versalhes; no medo e na desorientação provocados em muitos alemães de classe média pelo modernismo social e cultural dos anos de Weimar e pela hiperinflação de 1923. [...] (EVANS, 2010, p. 533)

O autor destaca três fatores-chave para o sucesso do nazismo: o primeiro fator era o efeito da Depressão, responsável por radicalizar o eleitorado, destruindo ou danificando os partidos mais moderados, polarizando o sistema político entre os grupos “burgueses” e os partidos “marxistas”, que migraram rapidamente para grupos políticos de extrema direita; o segundo fator que o autor apresenta é o movimento nazista em si, no qual as ideias tinham grande apelo em seu eleitorado, ou pelo menos não eram agravantes para mantê-los longe.

[...] O Partido Nazista era um partido de protesto, com um programa não muito positivo e poucas soluções práticas para os problemas da Alemanha. Mas sua ideologia extremista, adaptada e às vezes encoberta de acordo com as circunstâncias e a natureza do grupo específico de pessoas a que estivesse apelando, conectou-se a um número suficiente de crenças e preconceitos populares alemães preexistentes para parecer digno de apoio nas urnas para muita gente. Para essas pessoas, tempos desesperados exigiam medidas desesperadas; para muitas mais, em particular nas classes médias, o caráter vulgar e inculto dos nazistas parecia garantia suficiente de que os parceiros da coalizão de Hitler, bem educados e bem criados, seriam capazes de mantê-lo sob controle e conter a violência de rua que parecia um acompanhamento lamentável, mas sem dúvida temporário, da ascensão do movimento à proeminência. (EVANS, 2010, p. 535)

O terceiro fator que Evans aponta é a sobreposição da ideologia dos nazistas e a dos conservadores, essencial para levar Hitler a ocupar o cargo de Chanceler em 1933. Embora as ideias dos social-democratas tivessem muito em comum com as ideias nazistas no início da década de 1930, a abordagem nazista em dar espaço para valores sociais e políticos, permitiram que o NSDAP se tornasse o maior partido político da Alemanha tão depressa.

Esses três fatores apontados por Evans foram de extrema importância para a construção e consolidação do mito nazista calcado na figura do líder. Mais uma vez vale à pena citar Paxton que descreve a importância do líder para os movimentos fascistas na Europa do século XX:

[...] A imagem do ditador todo-poderoso personaliza o fascismo, criando a falsa impressão de que podemos compreendê-lo em sua totalidade examinando o líder, isoladamente. Essa imagem, cujo poder perdura até hoje, representa o derradeiro triunfo dos propagandistas do fascismo. Ela oferece um alibi às nações que aprovaram ou toleraram os líderes fascistas, desviando a atenção das pessoas, dos grupos e das instituições que lhes prestaram auxílio. Precisamos de um modelo mais sutil de fascismo, que examine as interações entre o Líder e a Nação, e entre o Partido e a sociedade civil. (PAXTON, 2007, p. 23)

O líder tem a função de servir de alibi para qualquer atitude tomada por aqueles que o seguem, e isso ficou muito claro após o final da Segunda Guerra Mundial com o julgamento de alguns nazistas que declararam que apenas estava seguindo ordens e que não participaram das tomadas de decisões diretamente, mas apenas cumpriam o que lhes era ordenado. A figura forte de um líder, a nosso ver tem dois aspectos importantes dentro desse pensamento: ao mesmo tempo em que subordinados e seguidores têm alguém em quem se espelhar, seguir e obedecer, eles também podem usar do líder para se preservarem de punições e julgamentos.

Talvez Hitler não tivesse a exata dimensão disso quando chamou para si a responsabilidade de “salvar” a Alemanha, porém as cartas, principalmente em forma de poemas, que serão analisadas nesse momento, nos permitiram entender, junto com a historiografia, a criação do culto à imagem de Hitler e a convicção de que ele era uma pessoa enviada por Deus para salvar a Nação alemã das mazelas que a Primeira Guerra Mundial causou. É importante deixar claro para o leitor que Hitler era visto pelos seus seguidores como Jesus é visto pelos cristãos. Dessa forma, conseguimos definir dentro do universo de análise das cartas a nossa percepção do mito nazista.

### 3.2- Heil Hitler: o “salvador” da pátria alemã

O primeiro poema que Eberle traz em seu livro, data de 27 de dezembro de 1931, do líder do grupo local do NSDAP de Letschin em Oderbruch, Karl Reiff, com o título “Meu desejo”. Esse poema reflete a convicção de que dias melhores estão se aproximando da Alemanha e que o alívio para o sofrimento dos alemães virá por obra e graça de Hitler. Nesse

momento o autor da carta não chama Hitler de salvador, mas podemos perceber nas partes destacadas<sup>29</sup> sua crença nas promessas de Hitler.

Um novo ano diante da porta a bater.  
**Um novo ano surge vindo da posteridade.**  
**Será que a Alemanha vai finalmente renascer?**  
Será que finalmente a Alemanha vai acordar em sua totalidade?  
Suportamos dificuldades ilimitadas,  
De dificuldade intolerável, como nenhum outro povo avistou.  
**O que sofremos em dias passados,**  
**Com desespero do colapso nos aproximou.**  
Mas vamos todos ter esperança no futuro destemido,  
**Pois Deus não abandona o alemão real.**  
**Aos corajosos, o céu está sempre desobstruído,**  
Pois realmente aos valentes a luz da vitória já dá um sinal.  
Vocês zombaram de nós e nos ridicularizaram.  
A vários milhares impingiram a morte e ferimentos,  
Em força superior se aglomeraram.  
Com mentiras e ilusões promoveram afugentamento.  
Porém, já começa o raio do sol da vitória  
A dispersar a escuridão no horizonte.  
**Ele ainda é fraco, mas da liberdade a delícia**  
**Já penetra em nossos corações previdente.**  
**Próximo está o dia em que a liberdade nos será anunciada.**  
**Próximo está o tempo da Alemanha novamente livre.**  
Próximo está também o dia da população unificada,  
E a enganação vermelha viverá seu declive.  
Corre por todas as terras alemãs em ritmo progressivo  
Um grito, um único poderoso grito de saudade!  
**Ajuda-nos, Hitler, a nos livrar de todos os bandos inimigos!**  
**Ajuda-nos, Hitler e nos devolva a liberdade!** (Apud: EBERLE, 2010, p. 85)

Em 31 de dezembro de 1931, Brand-Erbisdorf, homem da SA, escreveu uma carta para Hitler desejando felicitações e demonstrando uma forte lealdade, veneração e crença no trabalho do líder nazista. Essa carta nos chama a atenção, não só pelo fato de ver em Hitler o salvador da Alemanha, mas por sua primeira frase em que ele se diz um “fanático da pureza” e é sobre esse aspecto que teceremos um diálogo com Victor Klemperer:

Na passagem do ano, é meu dever sagrado como defensor fanático da pureza e da verdade e do destino do nosso povo. Meu caro e mais alto Führer Adolf Hitler, que o senhor permaneça conectado como toda energia à natureza todo-poderosa, e respeite essas leis, para que se mantenha até a idade avançada de nosso povo alemão, esse é nosso desejo alemão para o novo ano. Estamos convictos com firme crença de que o senhor como o mais alto Führer de nossa nação alemã, até mesmo do mundo todo, isso o senhor já provou com muitos grandes feitos, é o salvador do povo alemão, o que a história ainda não conseguiu documentar. Assim clama a maior parte das

---

<sup>29</sup> A fim de que as análises dos poemas ganhem uma ênfase maior para o nosso propósito nesse capítulo, na maioria das vezes, as partes que julgamos essenciais que os leitores estejam atentos estarão destacadas em negrito.

vozes alemãs, fortes como aço, como todos os sinos alemães na passagem de ano, vindas do povo alemão, pelo nosso mais alto Führer Adolf Hitler. Saudações alemãs, viva a batalha! Lorenz Kircheis, SA-Res. – Homem VI/1(Apud: EBERLE, 2010, p. 87)

Um traço muito comum dos líderes nazistas e de seus seguidores era o fanatismo em tudo que dizia respeito à ideologia nacional-socialista. Após a Segunda Guerra Mundial, relatos e testemunhos sobre os horrores vividos nos campos de concentração e extermínio passaram a delinear um mosaico de cenas de violência, crueldade e sofrimento, mostrando ao mundo o que o holocausto significou para cada vítima e continua significando para a humanidade.

Victor Klemperer (1881-1960) foi um professor de Filologia Românica na Universidade de Dresden, um judeu assimilado e convertido ao luteranismo que sofreu a discriminação inerente ao nazismo, que lhe negou a sua germanidade impondo-lhe de forma violenta o “crime” das suas origens judias. Diante disso, Victor Klemperer escreveu a LTI (*Lingua Tertii Imperii*), a fim de mostrar ao mundo como um regime autoritário com um líder cruel levou a Alemanha a viver anos de horrores.

No nono capítulo, intitulado “Fanático”, o autor vai fazer uma análise do uso do termo *fanatisch* [fanático]. Ele começa sua análise lembrando-se de quando pediu para que seus alunos pesquisassem quantas vezes as palavras *fanatisch* [fanático] e *fanatismus* [fanatismo] apareceram em comunicações oficiais e quantas vezes apareceram em publicações não ligadas diretamente à política (ele tem esse pedido anotado em seus diários do período nazista do ano de 1940). Para sua surpresa a palavra ‘fanático’ aparece uma quantidade absurda de vezes, e o mais importante não é a quantidade, mas a mudança no emprego de seu sentido.

Ele começa sua análise voltando ao Iluminismo. Explica que os iluministas sempre recriminaram o uso dos termos *fanatique* [fanático] e *fanatisme* [fanatismo], pois a raiz do termo “fanático” vem de *fanum*, que significa santuário, templo. No início o termo significava estado de êxtase religioso, desse modo os iluministas rechaçavam o uso do termo, pois lutavam contra tudo que perturbasse a capacidade de pensar. Desse jeito, como inimigos da Igreja, eles combatiam qualquer tipo de superstição religiosa, sendo dessa forma “fanático” inimigo dos racionalistas. “Onde quer que o pensamento iluminista penetre, sempre haverá um sentimento de crítica e aversão ao fanatismo.” (KLEMPERER, 2009, p. 112)

Victor Klemperer faz uma anotação sobre o que Rousseau fala do fanatismo, quando ele usa de forma pejorativa o termo para explicar o que acontece na profissão de fé do vigário de Savoia. Ele escreve:

[...] “Bayle conseguiu provar muito bem que o fanatismo é mais pernicioso que o ateísmo, fato incontestado. Mas ele guardou para si uma verdade não menos importante: o fanatismo, mesmo que sanguinário e cruel, é uma paixão intensa e forte, que inflama os corações das pessoas, capacitando-as a desprezar a morte, mas também lhes confere muita vitalidade”. [...] (KLEMPERER, 2009, p. 112)

Dessa forma podemos analisar os atos fanáticos de Hitler e sua perseguição aos judeus como capacidade de desprezar a morte (e também a vida) e como algo que consolidou sua forma de pensar e lhe concedeu vitalidade acima de qualquer coisa. Portanto, “o que o romantismo ganhou de Rousseau foi a glorificação, não do fanatismo, mas da paixão, em todos os seus aspectos e em relação a qualquer coisa.” (KLEMPERER, 2009, p. 113)

A língua alemã não possui um termo equivalente e apropriado para *Fanatismus*, palavra estrangeira, nem mesmo quando liberada do sentido original, restrito ao campo do ritual. O verbo *eifern* [sentir fervor] é mais inofensivo. Imagina-se mais facilmente *Eifern* como um pregador arrebatado do que como alguém disposto a manifestar-se com violência. *Besessenheit* [obsessão] denota mais um estado doentio, que merece pena, sendo passível de ser desculpado, do que alguém que promova ações que constituem risco público. [...] (KLEMPERER, 2009, p. 113)

E continua o autor:

Não há como traduzir nem como substituir a palavra “fanático” na língua alemã. Quando usada como juízo de valor, é sempre vista com forte carga negativa, com conotação de ameaça. [...] Antes do Terceiro Reich ninguém poderia ter pensado em valorizar positivamente o termo “fanático”. E a conotação negativa está associada de forma tão indelével à palavra que a própria LTI, vez por outra, a usa com sentido negativo. [...] (KLEMPERER, 2009, p. 114)

Klemperer vai chamar isso de estranha recaída, uma vez que o nacionalismo se baseou no fanatismo e seu sistema de educação usou todos os meios a fim de treinar para o fanatismo. Durante o Terceiro Reich essa palavra foi muito conhecida e provavelmente a mais usada.

[...] Tratava-se de supervalorizar conceitos como valentia, dedicação, abnegação, tenacidade ou, mais precisamente, fazer um enunciado global que associava de maneira gloriosa todas essas virtudes. Qualquer conotação pejorativa, mesmo a mais discreta, desaparecia no uso corrente que a LTI fazia dessa palavra. [...] (KLEMPERER, 2009, p. 115)

Talvez o fanatismo mais conhecido seja o religioso e normalmente associamos a algo ruim, em demasiado exagero. Como Klemperer mostra, o fanatismo não era algo criado pelo



Terceiro Reich, mas seu significado foi mudado para mostrar que aqueles que eram fanáticos por Hitler estavam no caminho certo. Durante o período nazista, o fanatismo na ideologia de Hitler não foi visto como exagero ou problema por aqueles que o seguiam, pelo contrário, era visto como solução, pois os seguidores mais fiéis eram fanáticos convictos.

Ainda no ano de 1931, Hitler recebeu duas cartas, infelizmente sem data, que demonstram a crença em seu trabalho de renovação e salvação da Alemanha. O grupo local de Greiffenberg, na Pomerânia, escreveu por meio de Hans Borrhart com o “juramento de fidelidade inalterável e devoção até a morte”, o que ajuda a reforçar a ideia de fanatismo por parte de alguns seguidores do nazismo:

[...] O grupo local de Greiffenberg, na Pomerânia, toma a liberdade de expressar à direção do Reich do NSDAP os mais cordiais votos para o ano novo. Deixamos para trás um ano de batalhas, e se o novo ano também nos trouxer duras batalhas, então vamos entrar na mesma com coragem renovada e certeza inabalável da vitória, sem temer a morte nem os ferimentos. Reforçamos aqui ao nosso Führer Adolf Hitler o juramento de fidelidade inalterável e devoção até a morte. Que o novo ano nos traga a vitória final! [...] (Apud: EBERLE, 2010, p. 86)

A carta de Marga P. em nome das Moças da Alemanha Ocidental da Renânia, escreveu na confiança de que Hitler era o libertador e no sentimento nacional que nascia em todo o povo alemão:

Ao senhor, o grande Führer do maior movimento alemão libertador de todos os tempos, as moças alemãs da Renânia enviam seus votos. Com firme crença no senhor e no sentimento nacional nascente de todo o povo alemão, acreditamos no ano da libertação de 1932. Uma saudação alemã e um forte “heil” ao nosso grande Führer da libertação. (Apud: EBERLE, 2010, p. 87)

Entre o início dos anos 1920, segundo Kershaw, o NSDAP passava por experiências que o ajudariam a dar um passo rumo ao poder a partir da crise de 1929. O que o autor ressalta é que o NSDAP se tornara um “movimento de líder” que possuía consciência de si mesmo, organizado sob o ponto ideológico no culto a Hitler. Sem a criação do culto do Führer, o movimento teria sido destruído pelo faccionalismo de ideias sem sustentação. Assim, o apelo à lealdade à figura de Hitler podia ser preservado como dever essencial. No primeiro capítulo já trabalhamos essa ideia, mas é de fundamental importância trazê-la novamente nesse momento:

[...] O culto ao Führer era aceito porque oferecia a todas as partes o único remédio para isso. A fidelidade pessoal a Hitler, genuína ou forçada, era o preço da unidade. Em alguns casos, os líderes nazistas estavam totalmente convencidos da grandeza e da “missão” de Hitler. Em outros, suas ambições próprias só podiam obter sustentação se apoiassem o Líder supremo, ainda que da boca para fora. Nos dois casos, o resultado era que o domínio de Hitler sobre o movimento aumentava até uma posição quase incontestável. E ainda, nos dois casos, a corrente de transmissão

entre os adeptos do partido havia sido manufaturada para a subsequente extensão do culto ao Führer para setores mais amplos do eleitorado alemão. O culto ao Líder era indispensável ao partido. E a subordinação da “ideia” à pessoa de Hitler era necessária se quisesse que a energia do partido não se dissipasse em divisões faccionais danosas. Ao evitar a disputa doutrinária como fizera em 1924, e centrar todas as energias no objetivo único de obter poder, Hitler pôde – às vezes com dificuldade – manter o partido unido. Ao longo do caminho, o culto ao Führer ganhara ímpeto próprio. (KERSHAW, 2010, p. 219)

O ano de 1932, talvez demonstre de forma clara, a ideia que as pessoas tinham sobre Hitler como salvador. Conforme já se mencionou anteriormente, o ano de 1932 foi decisivo para que Hitler fosse nomeado chanceler do Reich em 30 de janeiro de 1933. Nas cartas recebidas naquele período as pessoas não se privam de demonstrar devoção e crença extrema no trabalho de salvação que Hitler havia prometido em suas campanhas políticas. Em três cartas poderemos perceber essa confiança. O primeiro poema é do senhor A. Von Cotzhausen em 14 de junho de 1932 que enviou anexo a sua carta o “prólogo” de uma peça que nem chegou a ser apresentada:

Agora a primavera recitou a canção de amor,  
A natureza respira em fulgor fluorescente,  
O tempo das rosas teve início,  
E todo vestíbulo está carregado de flores com grande alegria.  
Nós, porém, ainda lutamos com a dor e a miséria.  
Sobre nós pesa a mão do inimigo  
Que nos tece coroas de espinhos de sofrimento  
E nos ameaça com cargas cada vez mais duras.  
Mesmo assim, não queremos, no tempo das rosas,  
Nos afundar em dor e preocupações,  
pois temos um brilhante talismã  
que nos dá coragem para a vida e esperanças,  
e já fez coisas grandiosas nestes tempos –  
ele é a leal força do trabalho alemã!  
Sim, seja qual for nosso bordão,  
Só pelo trabalho podemos nos tornar grandes e livres!  
Alegres no trabalho sério, ricos no trabalho,  
Felizes no trabalho, assim devemos viver.  
Quando ambicionamos as alturas laborando alegres,  
Só assim o louro deverá coroar nossa frente!  
**Por isso sejam dadas graças ao homem alemão,  
ele procura nos salvar do naufrágio,  
ele que agora ousa viajar por todos os mundos  
para explodir cadeias de escravos,  
que não se queixa indolente pelo brilho perdido,  
que clama não amedrontado, mas orgulhoso, por um Führer.  
Não, surge na vida ele próprio como Führer,  
Com as mãos prontas para qualquer obra nobre!  
Ao homem alemão, o qual, para lutar contra nossa miséria,  
a quem o trabalho permaneceu forte em todas as tempestades,  
a lealdade alemã e o amor alemão,  
O cuidado com o lar alemão,**

**Ao homem do qual a mulher alemã  
Pode se orgulhar como de um herói aprovado para a luta,  
O qual continua construindo incansável,  
A ele deve ser oferecido o sacrifício de agradecimento!  
Se lhe restar a bela alegria pelo sacrifício.  
Então na Alemanha será de novo tempo de rosas,  
Como agora dentro da sombria cerca de flores,  
Então do dia primaveril do povo alemão  
Surgirá em nova magnificência!  
A ele, o único que nos pode guiar na direção da luz,  
Um alegre viva ao primeiro homem alemão! (Apud: EBERLE, 2010, p.  
113)**

O senhor A. Von Cotizassem recebeu a resposta em 16 de junho de 1932, de Albert Bormann, a qual continha as seguintes palavras: “Sua carta do dia 14 de junho para o senhor Hitler foi recebida. O Führer manda lhe agradecer muito por suas linhas e pelo poema.” (Apud: EBERLE, 2010, p. 116) É interessante perceber que na parte em destaque, a confiança dele em Hitler é grandiosa. Hitler é igual ao comandante de um navio, faz de tudo para salvar seus passageiros do naufrágio. É assemelhado a todo tipo de salvador e herói por aqueles que depositaram suas crenças nas ideias do nazismo e essa convicção os manteve leais. Outro traço importante da parte destacada é percebermos que, para o autor, Hitler explodiria cadeias de escravos, e não se amargurava com o passado. Talvez nesse ponto o autor não conhecesse tão bem seu líder, mas baseava-se em discursos nos quais Hitler afirmava que deveriam olhar para frente sempre.

R. Hoffmann escreveu um poema intitulado “Homenagem ao senhor conselheiro do governo, Adolf Hitler”. A carta não possui data o que não permite saber sobre qual eleição do ano de 1932 o autor da carta está se referindo, pois, como demonstrado no primeiro capítulo, o ano de 1932 vivenciou muitas campanhas eleitorais e eleições para presidente e para o Parlamento. Independentemente de qual eleição Hoffmann se refere, é possível percebermos sua felicidade e devoção ao trabalho de Hitler e a esperança de que não tardaria muito para que o líder chegasse ao poder e cumprisse com sua “missão de salvar” a Alemanha e criar um verdadeiro Reich alemão:

Heil/ salve a ti Hitler! A batalha das eleições foi vencida.  
**Nós te saudamos como nobre herói vencedor.**  
Tu não recuas diante de nenhum esforço e nenhuma aflição.  
**Que aguardem os teus no campo de trabalho.**  
Nós te congratulamos antes de mais nada.  
Desejamos felicidade e bênção na união.  
**A flâmula com a suástica, os camaradas do povo  
balançam em tua direção.**  
**E toda nossa energia deve pertencer  
Ao combatente que executa o ousado ato**

**De honrar o país dos alemães**

**De dar um fim à humilhação.**

A batalha é acirrada enquanto vemos inimigos

Que não querem nenhuma união

Mas queremos ficar ao lado do Führer

**Certos de nossa lealdade, em tempos turbulentos.**

Como nos preocupam as hordas em todo lugar,

Como nos preocupam seus bufos e a fúria.

Eles são os culpados pelo fato de em tantos lugares

O sangue dos camaradas ter jorrado.

**A semente dos sacrifícios não se perde.**

**Acreditamos nisso e ao mesmo tempo agradecemos a Deus,**

**Por ele ter escolhido Adolf Hitler para nós**

**Como criador do novo Reich alemão.**

E se este deve surgir esplendido,

Então todos os bravos devem estar presentes

Para ajudar seu Führer intensamente

**Em seu trabalho de construção do Reich.**

Tu ainda finalizarás tua obra maravilhosamente,

A estrela da esperança brilha à tua frente.

**Tu vais desviar o escuro caos de nós.**

Deus te abençoe e abençoe o teu plano.

Heil/salve a ti, Hitler! A batalha das eleições foi vencida.

Que consigas a vitória eternamente.

Nós carregamos a flâmula com a suástica

Com nosso grito de alegria: Heil/ salve a ti, Hitler! (Apud: EBERLE, 2010, p. 117)

No verão de 1932, Armin H. de apenas 13 anos escreveu um poema com o título “O movimento marrom de libertação da Alemanha”. De acordo com Eberle, ele recebeu uma resposta de Albert Bormann em 20 de agosto de 1932, a qual não aparece em sua obra. O poema de Armin, conta a história de como Hitler criou o NSDAP e qual era sua missão como líder do povo:

Há aproximadamente doze anos

Era uma vez sete homens.

Eles perceberam

Que a **Alemanha não podia existir**

**Enquanto bonzos e judeus**

**Brigassem entre si pelos cargos oficiais,**

**Por isso eles duelaram, tenazes e determinados.**

Não queriam perder a liberdade e a Prússia.

**Com Adolf Hitler , primeiro soldado da guarda,**

**Surgiu o partido dos nacional-socialistas.**

**Por amor à pátria e seriedade sagrada**

**Nasceu um movimento**

**Que, sem se preocupar com os grandes perigos,**

**Desejava levar o espírito alemão avante.**

Na suástica buscaram novo ânimo

Para continuar lutando pela pátria.

E após anos

Já eram bilhões

Que pela liberdade da pátria  
Se reuniam na união marrom.  
**Desde o início já se via disciplina**  
**Que nunca se vira nos partidos do sistema.**  
Porém logo a camisa marrom  
Não era mais desconhecida dos bonzos.  
Eles tinham o poder para proibir a SA.  
Mas essas bobagens não conseguiram fazer Hitler parar.  
E em pouco tempo  
Chegou o momento.  
**Então chega o Dia do Juízo**  
**Para a corja de judeus e patifes.**  
**Então o sistema é derrubado.**  
**O salário não mais reduzido.**  
**O partido dos escravos será expulso.**  
Heil Hitler!!!  
Tu vais vencer! (Apud: EBERLE, 2010, p. 119)

É interessante ver através do olhar de um adolescente, pois nessa idade já se tem o discernimento dos acontecimentos, já se pode entender a história de seu país e uma postura política pode começar a ser formada. O que mais chama a atenção nesse poema é seu antissemitismo. O autor da carta entendia o objetivo principal de Hitler e compactuava com ele. Para Armin, os judeus eram o problema social, político e econômico da Alemanha e Hitler era o salvador que colocaria um fim a isso.

O ano de 1933 começou com o poema de Olga Pianning felicitando Hitler pela nomeação de Chanceler do Reich. Como já foi escrito no capítulo dois, a carta de Olga é uma demonstração de lealdade e devoção puras. A forma como Hitler e sua nomeação eram vistas para aqueles que o seguiam era clara: Hitler era o homem destinado a salvar a Alemanha das terríveis tormentas vividas após a Primeira Guerra Mundial e sua nomeação confirmava que pela primeira vez desde 1919 a Alemanha não seria mais humilhada.

A bandeira ao alto! Que os estandartes tremulem!  
A “manhã alemã” chegou ao país,  
soou a hora da verdade, que tanto aguardávamos:  
“O leme está na mão de nosso Führer!”  
As ruas livres aos batalhões marrons,  
a mão com o punho cerrado, estamos prontos!  
E uma nova esperança preenche o coração dos milhões  
Que sempre acreditaram no Führer!  
Por isso fiquemos juntos, firmemente unidos,  
e elevemos a mão para mais um juramento de fidelidade!  
Deixemos a suástica, a bandeira da liberdade, ondular,  
“Heil, Adolf Hitler! Heil, pátria alemã!” (Apud: EBERLE, 2010, p. 130)

De acordo com Kershaw, durante a primavera e o verão de 1933, poucas transformações na Alemanha obedeceram a ordens diretas da Chancelaria. Hitler se envolveu

pessoalmente raras vezes, mas mesmo assim era o principal beneficiário. Durante esse tempo, a bajulação que recebeu cresceu de forma indescritível. O culto ao Führer foi estabelecido não só no partido, mas no Estado todo e em toda a sociedade, como a nova base da Alemanha que iria surgir. Tanto nacional quanto internacionalmente, o prestígio e poder de Hitler foram impulsionados e esse culto a um líder jamais havia sido visto na Alemanha, nem mesmo na época de Bismark. A propaganda nazista era sem dúvida muito bem organizada, mas para além disso ela conseguia capturar um nível de sentimento popular extraordinário e quase religioso de devoção e lealdade que não podiam ser apenas fabricados. Hitler caminhava para se tornar o símbolo da unidade nacional e não mais apenas o líder do partido. Para aqueles que não eram fanáticos adoradores do novo chanceler/deus, estava cada vez mais complicado evitar sequer um sinal externo de consentimento nessa adoração sem fim. Não é possível saber o quanto dessa bajulação disseminada de forma tão rápida em 1933 era genuína e o quanto era oportunista ou forçada. Independente disso o resultado era praticamente o mesmo: a deificação de Hitler lhe dava um status que deixava os outros líderes de seu gabinete na sombra. Contradizer ou questionar Hitler tornou-se uma prática inexistente. Desse momento em diante, as barreiras que antes de janeiro de 1933 eram impenetráveis haviam sido removidas e a autoridade radical de Hitler tinha o caminho livre para ser posta em prática. (KERSHAW, 2010, p. 324-326)

O ano de 1934 foi marcado por muitas cartas enviadas para Hitler, pois foi o ano em que seu poder se consolidou, principalmente após a morte do presidente Hindenburg quando a chefia do Estado e a liderança do governo foram unidas na figura de Hitler. Seus seguidores não deixaram de expressar fidelidade, devoção e alegria em tê-lo como líder absoluto da Alemanha. Em 19 de abril de 1934, véspera do aniversário de Hitler, Paul Friedrich Hennig escreveu uma carta:

Meu Führer! Toda a Alemanha festeja solenemente em 20 de abril seu dia mais importante, no qual o senhor chanceler do Reich completa seus 45 anos; toda a Alemanha está feliz em ter um chanceler do Reich desses, que já mostrou tantas coisas boas ao povo alemão e as continuará mostrando. Por isso, **queremos agradecer a Deus pelo desfecho positivo do plano de salvar a Alemanha da derrocada.** Apenas quem se dedicou a uma ideia para concretizar esse objetivo sabe do esforço, do trabalho, das noites insones e da criação secreta. **Sem dúvida é evidente que para um plano assim dar certo são necessários colaboradores firmes, que corporifiquem aquilo que queremos, apóiem e ajudem a expandir isso.** Mas encontrar ajudantes fiéis não é fácil. Se esperamos alcançar o objetivo, é preciso trabalhar incessantemente. A recompensa não se fará esperar. Por essa razão, meu Führer, permito-me expressar meus mais sinceros votos de felicidades. Que o senhor chanceler do Reich conserve sua saúde para a prosperidade do povo, a prosperidade de todos no geral, **para o bem-estar**

**de toda a humanidade, dentro e fora do país, pois nossa nova Alemanha continuará sendo governada de maneira exemplar no futuro e para sempre.** Nenhum país do mundo pode ficar de fora, nem nosso maior inimigo. **E nosso Terceiro Reich, guiado por nosso Führer, será e continuará sendo o mais forte.** [...] (Apud: EBERLE, 2010, p. 280)

A carta de Paul Friedrich Hennig é muito longa, pois envia anexas “instruções para um futuro projeto aeronáutico”. Sua carta tem forte conotação mítico-religiosa, uma vez que, primeiro ele agradece a Deus por enviar Hitler para salvar a Alemanha, assim como os cristãos agradecem a Deus por ter mandado Jesus Cristo para salvar a humanidade; segundo, ele reconhece que Hitler precisa de homens dispostos a passar por todas as situações ao seu lado, independente se boas ou ruins, e que devem se manter fiéis a ele na “missão” de salvar o país, tal como Jesus precisava dos discípulos ao seu lado para cumprir sua tarefa na Terra. O terceiro ponto em destaque dessa carta é sua visão de que Hitler não deveria ser amado e reconhecido apenas na Alemanha, mas a humanidade toda deveria tomá-lo como exemplo de líder e o Terceiro Reich como modelo de governo.

No dia 20 de abril de 1934, Max Hensel, enviou para Albert Bormann um poema de felicitação pelo aniversário de Hitler com o pedido de que a carta fosse entregue pessoalmente. Em nosso entendimento, esse talvez seja o poema que melhor descreve o sentimento nacional-socialista:

O exército alemão ainda lutava, valente, no oeste.  
Rechaçando o ataque de numerosas hordas.  
Daí a loucura vermelha quebrou a força e as tropas alemãs,  
e sobre a Alemanha pairavam necessidade e perigos.  
O *front* se despedaçou, o cerco combatente quebrou.  
**O melhor sangue alemão foi derramado em vão.**  
**Os corajosos combatentes sofriam com a vergonha**  
**do tratado humilhante fechado pelos traidores.**  
**A terra alemã foi destruída e despedaçada,**  
**todo direito foi oprimido com o punho bruto e duro.**  
Uma mão poderosa apossou-se do Sarre e da Renânia,  
pois a Alemanha tinha de carregar a carga de seus inimigos.  
Nós, aqui do leste, fomos deixados sozinhos e oprimidos.  
Ficamos sob outras bandeiras, desconhecidas.  
A antiga fronteira foi destruída,  
que nossos antepassados tinham construído com tanto esforço.  
**Tropa por tropa foram deixando o país numa fuga desenfreada,**  
**amedrontando todos os sentinelas a elas comprometidos,**  
**abandonando à própria sorte aquilo que foi criado com as próprias**  
**mãos,**  
**até que restaram apenas alguma ilhas alemãs no leste.**  
**Mas o cerco da irmandade fechou-se novamente,**  
**soldado por uma pequena tropa de homens valentes,**  
**todos presos por um amor ardente**  
**a seu povo – filhos, combatentes e partidários.**

Muitas vezes passamos dificuldades e olhamos para a pátria, procurando por força e coragem renovadas. Mas sobre a Alemanha pairava uma desgraça, que anunciava sua morte iminente ao mundo. Tremíamos, envoltos em aflição, observando com preocupações os dias conturbados.

**Onde estava o salvador nesse tempo cruel, que, audaz, mexeu no destino do povo alemão? Então veio o herói, o líder e o soldado do povo protegido pelo fogo da artilharia e o cerco ardente. Ele exortou o povo todo à ação, para reconquistar a liberdade, a justiça e a honra. Tremíamos, febris, enquanto ele sofria e lutava com altruísmo, sua bandeira vencia sempre novos inimigos. Festejávamos, marchávamos juntos em pensamento, quando ele deu um basta vigoroso na loucura vermelha.**

Durante a noite, líamos em segredo seus escritos, que nos foram transmitidos por um de nossos corajosos homens, que participou da guerra mundial como major que aumentou, sem medo, o número de partidários aqui. Daí veio o golpe derradeiro: o *front* vermelho explodiu, e das nuvens escuras o sol voltou a brilhar. Em todas as regiões o sino tocava feliz acordando para uma nova vida de prazer e deleite.

**E, em seguida, quando o Führer falou no rádio, prendemos a respiração, ficamos quietos e atentos. E quando o júbilo interrompia sem para sua fala, trocamos olhares quentes, orgulhosos. Você salvou o povo no momento de maior necessidade, nos devolveu a fé e o Reich, o novo. Você nos guiou, triunfante, pela noite e pela morte. A você, herói e Führer, juramos fidelidade eterna!** (Apud: EBERLE, 2010, p. 272)

De forma geral, o autor da carta conta a história da Alemanha desde o final da Primeira Guerra Mundial até a nomeação de Hitler para chanceler do Reich. Passa pelos momentos que mais marcaram o período entre guerras até chegar ao momento em que Hitler é alçado à condição de soldado salvador que veio em socorro da Nação que estava condenada pelo Tratado de Versalhes. É interessante notar que as partes destacadas revelam os sentimentos que o autor vivenciava em cada uma das situações: revolta, reconhecimento pelo trabalho que os soldados estavam exercendo, desespero por um salvador e alívio quando aquele que “salvaria” a Alemanha aparece no contexto do pós-guerra e por fim a euforia ao ver, finalmente, o sonho da reconstrução se tornar realidade com Hitler no poder.

Em 2 de maio de 1934, Gottlob Heubach escreveu uma carta agradecendo Hitler pela obra assistencial de inverno e enviou dois poemas anexos. Para nós o segundo poema tem uma expressividade maior para ser analisado. O poema recebeu o título de “Saudação ao Führer”:



**Ergam a mão à saudação de Hitler,**  
Todos os alemães, grandes e pequenos,  
**Honrem e respeitem o Führer,**  
**Ele quer servir de modelo para vocês.**  
Ergam a mão à saudação do Führer!  
**E o sigam cheios de confiança.**  
Estejam sempre prontos, com coragem, para a luta  
E sempre alertas em seus postos.  
Ergam a mão á saudação do chanceler!  
Ele cuida do trabalho, do pão e do dinheiro.  
**Ele ajuda e alivia onde é possível,**  
E assim impede a maior pobreza.  
**E ao Führer, que como estrela da manhã**  
**Nos foi enviado por nosso amado Deus.** (Apud: EBERLE, 2010, p. 163)

Interessante nesse poema é a convicção de que Deus enviou Hitler para salvar a Alemanha. Nesse ponto é claro que a propaganda em torno da figura e do culto a Hitler atingiu seus objetivos. A saudação nazista com o braço direito erguido para Hitler era o maior sinal de respeito ao verem o Führer e deveria ser repetida sempre e até mesmo para sua fotografia; Hitler não era apenas o “salvador” da pátria, ele era o modelo a ser seguido e por isso as pessoas deviam honrá-lo e respeitá-lo; seguir a Hitler com confiança era o único caminho viável para ver o país reestruturado; “ele ajuda e alivia onde é possível”, essa frase talvez seja a mais interessante do poema, pois mesmo sendo visto como o salvador da pátria, nem mesmo Hitler conseguia ajudar e aliviar em tudo, apenas no que era possível e estava ao seu alcance, o que nos permite pensar que talvez a devoção do autor por Hitler não ultrapassasse as barreiras do fato do Führer ser um homem enviado para cumprir a missão de salvar a Alemanha, mas não era Deus.

O culto da personalidade de Hitler ganhava cada vez mais força com o passar dos anos. Seus seguidores eram verdadeiros crentes fanáticos nas ideias de Hitler e muitos já não viam mais apenas o líder do partido, mas um líder nacional em todas as suas formas:

[...] E então o culto da personalidade construído em torno de Hitler já atingira novos graus de idolatria e fazia milhões de novos adeptos, à medida que o “chanceler do povo” – como a propaganda o havia definido – passava a ser visto como um líder nacional e não meramente do partido. O desdém e a aversão por um sistema parlamentarista percebido em geral como um grande fracasso resultaram numa disposição para confiar o controle monopólico do Estado a um líder que alegava ter um senso incomparável de missão, e que foi investido por sua massa de seguidores de qualidades heróicas, quase messiânicas. As formas convencionais de governo eram, em consequência, cada vez mais expostas às incursões arbitrárias do poder personalizado. Era uma receita para o desastre. (KERSHAW, 2010, p. 294)

No dia 20 de abril de 1935 Hitler recebeu uma carta escrita pelo *Sturmführer* da SA, Albert Kässmeyer, oficial tesoureiro do regimento 120. Na carta ele afirma que não se

esqueceu de homenagear o Führer e como presente manda anexo um poema intitulado “Sieg Heil”:

Salve nosso Führer! Salve terra alemã,  
Onde nascemos algum dia.  
Estamos ao seu lado. **A lealdade que juramos a você  
É como o granito da parede.  
Você nos devolveu a fé e a honra,  
restituiu o heroísmo.**  
Olhamos ao alto até Deus  
que desce até nós e nos abençoa.  
Salve, nosso Führer! Salve, terra alemã!  
Você nos concedeu a liberdade.  
Onde sempre havia luta,  
e sangravam e sofriam os heróis,  
**foi você o salvador da vergonha e da desonra,  
o arauto e vitorioso no combate.  
Nós zelamos por você, Führer, fielmente,  
e o seguimos lado a lado.**  
Salve, nosso Führer! Salve, terra alemã!  
Atravesse o limiar do ano...  
Pelo seu aniversário, nós o congratulamos  
em nome de todos os alemães.  
**Deus o proteja, águia corajosa e audaz,  
e leve suas asas para voar.  
Queremos ser um povo sempre livre,  
Sempre unidos em todas as coisas.** (Apud: EBERLE, 2010, p. 294)

“Você nos devolveu a fé e a honra, restituiu o heroísmo”, essa frase ajuda a comprovar o que vimos a pouco na citação de Kershaw, Hitler para além do salvador em sentido messiânico era o herói nacional em todas as formas, aquele que era homem e “Deus” e que conseguiu restaurar a fé e a honra que outrora estivera abalada. “Foi você o salvador da vergonha e da desonra”, como vimos até agora, havia essa necessidade de sempre mencionar Hitler como salvador, esse é um traço que mostra como a propaganda do culto ao líder foi bem trabalhada no psicológico das pessoas. Hitler só poderia ser visto como salvador, assim como Cristo é o Salvador para os cristãos, nada abaixo disso seria digno de Hitler.

Cartas no dia do aniversário de Hitler e no aniversário de sua nomeação como chanceler eram comuns, como podemos constatar ao longo da pesquisa. Essas duas datas eram os momentos principais que seus seguidores usavam para reforçar sua lealdade e devoção ao líder. No dia 30 de janeiro de 1936, E. Schwabe, soldado da companhia 45/3, Berlim-Neukölln escreveu um poema para o dia da comemoração da nomeação de Hitler. “Para meu Führer, em 30 de janeiro”:

Não queremos chamá-lo somente pelo seu nome!  
Queremos também reconhecê-lo em nossos corações!  
**Por você, sacrificamos a felicidade de nossa casa!**

**E, se fosse necessário, pela paz e felicidade da Alemanha,  
marchamos ao inferno!**

Já estamos marchando!

Vamos quebrar o pescoço dos inimigos!

Em 1930, ainda não estávamos entre suas fileiras!

Porque não tínhamos entendido sua sagrada vontade!

Hoje, desfraldamos sua bandeira, enquanto Deus assim o quiser!

Em cada tempestade!

E ela não desaparecerá! Nem daqui a mil gerações!!!

assim, olhamos com orgulho para os mais velhos!

E nossa mirada também é orgulhosa! Pois iremos manter a bandeira erguida!

**Só existe o ir adiante!**

**Mas nunca, nunca um retorno!**

**Você é nosso Führer!!!**

**Nós o seguimos!!!**

**Tudo pela Alemanha!!!**

**Salve o Führer!!!** (Apud: EBERLE, 2010, p. 220)

O tom desse poema é diferente dos demais, pois ele tem um cunho mais voltado para a batalha, uma vez que é um soldado o remetente. Os soldados de Hitler eram fanáticos pelas ideias nazistas e gostavam de demonstrações fortes de lealdade. Isso é perceptível nas frases “Por você sacrificamos a felicidade de nossas casas! E, se for necessário, pela paz e felicidade da Alemanha, marchamos ao inferno!”, acima de tudo estava a Alemanha, a família particular estava em segundo plano e pela Alemanha valia todo o esforço e sacrifício e Hitler soube se valer dessas demonstrações em tempo de guerra.

Como já vimos no capítulo dois, o ano de 1938 marca o início da expansão territorial nazista, começando pela anexação da Áustria. Já apresentamos quatro cartas sobre esse acontecimento, mas que valem à pena serem analisadas novamente sob o ponto de vista do mito nazista. Em 16 de março de 1938, Hitler recebeu o poema intitulado “Da Áustria para o Führer”:

A Ostmark<sup>30</sup> está livre! A ditadura terminou.

**Não houve vítimas, não derrubamos nenhuma lágrima,**

Vemos um sentido profundo em todo o sofrimento:

Apenas assim nasce um novo mundo.

Comovidos, sentimos o destino seguir seu caminho,

**Pois o maior filho de nossa bela pátria,**

**Em que se concentravam anseios, esperança, vontade**

**Oferece alívio, desprezando qualquer inimigo.**

Sim, você, meu Führer, comparável a uma estrela

Que sobe reluzente entre nuvens da tempestade,

Você traz o que antes era sonho e inalcançável,

a grande época, você traz liberdade, unidade, vitória! (Apud: EBERLE, 2010, p. 229)

---

<sup>30</sup> Ou “Marca Oriental”, termo utilizado para se referir à Áustria após a sua anexação. (EBERLE, 2010, p. 229)

“A ditadura terminou”: talvez o autor (a) da carta não tenha percebido que a ditadura mal havia começado, só que agora sob o comando de Hitler. “Não houve vítimas, não derrubamos nenhuma lágrima”: como vimos no capítulo dois, a anexação da Áustria não foi tão calma como o poema demonstra ter sido. As lágrimas derramadas e as vítimas desse acontecimento foram os judeus, que se viram passando por situações de grande humilhação, a que nenhum ser humano deveria ser submetido. “O maior filho de nossa bela pátria, em que se concentravam anseios, esperança, vontade, oferece alívio, desprezando qualquer inimigo”: os austríacos esperavam, desde o fim da Primeira Guerra Mundial, voltar a fazer parte do território alemão e Hitler sempre deixou clara a intenção de ver sua terra natal anexada à Alemanha e prometia que isso aconteceria. Por essa razão manteve por anos a esperança dos austríacos por dias melhores e quando esse momento finalmente chegou recebeu as homenagens pelo grande feito, sendo visto mais uma vez como “salvador”. A segunda carta, também em forma de poema, foi escrita em 18 de março de 1938 e o nome do autor também não aparece:

Meu Führer, **seu é o grande poder.**  
O sol do futuro brilha para cada povo que você lidera  
A Áustria será livre por sua causa...  
E vai segui-lo eternamente.  
Onde o escutamos e onde você está  
A alegria é indescritível.  
Seja em Hamburgo, seja em Viena,  
Seja em Linz, seja em Berlim.  
**Por esse feito, meu Führer,**  
**Lhe somos especialmente gratos.**  
**E esperamos que esse feito**  
**Faça com que todos o venerem.** (Apud: EBERLE, 2010, p. 230)

A pessoa que escreveu essa carta expressa um agradecimento pela anexação da Áustria e vê em Hitler um poder incomensurável, já que ele conseguiu realizar o sonho dos austríacos de serem alemães novamente. Por esse motivo, o autor da carta entende que Hitler deve ser venerado, pois nada menos do que isso é digno do “salvador”. Em 31 de maio de 1938, Lotti H, escreveu um poema com o título “Querido Führer”:

Adolf Hitler é um homem trabalhador,  
**Que sempre poderá salvar a Alemanha.**  
Nós realmente gostamos dele  
E precisamos ser sempre gratos a ele.  
Eu não posso fazer muito mais  
Do que escrever esta cartinha.  
Ela deve lhe dizer tudo, tudo  
E pedir que você descanse um pouquinho.  
Você se esforça o dia inteiro  
E está sempre preocupado.

Por isso, você tem de continuar se sentindo bem.  
Querido Führer, você pode me entender.  
Um forte !Sieg Heil” para nosso Führer! (Apud: EBERLE, 2010, p. 239)

Como já percebemos, os poemas acabam tendo um tom repetitivo no que diz respeito em considerar Hitler o “salvador” da Alemanha, mas é importante apresentarmos esses poemas em seus diversos períodos, para que possamos perceber o crescendo que a imagem e o culto de Hitler tiveram. Embora os poemas sejam muito parecidos, cada contexto em que aparece Hitler como salvador serve para mostrar a força da propaganda nazista. A anexação da Áustria se deu por meio da propaganda, como foi apresentado no capítulo dois e sem ela não seria possível movimentar o sentimento nacional dos austríacos. Quando eles escrevem afirmando que Hitler é o salvador e que deve ser venerado, isso se deve à forma como a propaganda operou na mente e no coração dessas pessoas, por isso os poemas são tão importantes para entendermos o culto a Hitler.

Ainda pela anexação da Áustria, Hitler recebeu uma carta em 7 de setembro de 1938 de Karl Jorde. Essa carta já foi apresentada na íntegra no capítulo dois e para esse momento de análise é necessário trazermos novamente a “Minha confissão de fé nacional-socialista” que o Karl Jorde escreveu para homenagear Hitler:

Creio em Deus Pai, Todo-Poderoso, Criador do céu e da terra. Em Adolf Hitler, seu filho predestinado, que foi escolhido para redimir o povo alemão da cria de víboras e serpentes (judeu, padrecos e dinastias) que há séculos os desmembram, pisoteiam e empobrecem mais e mais, a quem foi confiada de tal maneira a liderança do ressurgimento de unidade, poder, nova força criadora e ânimo vital, que, apesar de adversidades e agressões diversas, ela permanecerá de agora em diante para todo o sempre. Amém. (Apud: EBERLE, 2010, p. 245)

Como apresentamos no segundo capítulo, sob o ponto de vista de Karl Jorde, Hitler era ao mesmo tempo homem e um ser superior que fora enviado a fim de guiar a Alemanha para fora dos anos de horror vividos depois de 1919. Um aspecto interessante da carta é que ela finaliza com “amém” que significa “que assim seja” e que é usado pelos cristãos para finalizar suas orações na intenção de que seus pedidos sejam atendidos e no caso da confissão de fé tem o sentido de confirmar tudo que foi confessado. Outro aspecto interessante dessa “confissão de fé” é a certeza de que Hitler foi enviado para “limpar” a Alemanha dos judeus, padres e dinastias, que em sua visão são os causadores dos problemas da Alemanha. O “ressurgimento da unidade” citado por ele diz respeito aos territórios separados da Alemanha por meio do Tratado de Versalhes. Sua fé aponta para a pessoa de Hitler como o escolhido

para unificar o território alemão. A anexação da Áustria foi o primeiro passo para que isso se concretizasse.

Além da anexação da Áustria, a invasão da Tchecoslováquia também foi motivo de comemoração. Os alemães que lá viviam se viram libertos quando Hitler adentrou o país com suas tropas e os libertou de viver em um país em que os alemães sofriam. Em 10 de outubro de 1938, Hitler recebeu um poema de Jos Jahn, em agradecimento pela libertação, com o título de “Canção dos reféns dos Sudetos”. O poema foi escrito em 30 de setembro daquele ano, enquanto o autor estava preso no campo de Stefanau:

Somos milhares em prisões e correntes  
e **esperamos ajudar a salvar a pátria  
da vergonha e da servidão insuportáveis  
mas mentira e fraude nos derrubaram ao chão.**  
Agora as horas se juntam em dias sem fim,  
nenhuma boca e nenhum sopro de vento se dispõe a dizer  
algo sobre o irmão, a mulher, nossos filhos.  
Os desdenhosos algozes sabem como evitá-lo.  
Mas um tremor intenso perpassa a terra,  
como as rochas em tempestades primordiais,  
e os corações palpitam saudosos  
por liberdade, pelo amigo, pelo amor.  
Essa agitação anuncia uma vitória que avança  
Por terras em júbilo no longe ensolarado,  
que avança da escuridão e da desordem ensangüentada:  
**o Führer nos lidera, não podemos errar.**  
**Embora os grilhões e a necessidade ainda nos oprimam,**  
**os olhos brilham de prazer e deslumbramento:**  
**logo ele irá soltar as amarras, explodir as comportas,**  
**nós comemoramos para agradecer ao Führer.**  
**Pois o que não aconteceu durante séculos**  
**De batalhas e desgraças, ele conseguiu:**  
**Ele criou, pacificamente, a Alemanha nova,**  
**A única, a grande. Nós lhe juramos lealdade!** (Apud: EBERLE, 2010, p.  
346)

“Esperamos ajudar a salvar a pátria da vergonha e da servidão insuportáveis, mas mentira e fraude nos derrubaram ao chão [...] o Führer nos lidera, não podemos errar”, essas frases mostram um senso de dever com Hitler, uma vez que ele se dedica a cuidar do povo alemão. Por isso estar preso sem poder fazer nada por si e esperar por seu “salvador” traz angústia ao autor da carta e a consciência de que não errar é até mesmo uma forma de agradecer o libertador. “Embora os grilhões e a necessidade ainda nos oprimam, os olhos brilham de prazer e deslumbramento: logo ele irá soltar as amarras, explodir as comportas, nós comemoramos para agradecer ao Führer”, aqui ele demonstra que sua fé e esperança estão

totalmente depositadas nas promessas de Hitler de criar uma unidade nacional com todos que foram afastados da Alemanha.

Em 21 de novembro de 1938, a baronesa Else Hagen Von Kilvein, escreveu uma carta exageradamente devota a Hitler, agradecendo seus feitos e demonstrando felicidade, lealdade e amor pelo líder nazista. O tom devoto da carta é tão grande que em alguns momentos chega a ser assustador alguém venerar tanto outra pessoa:

Não sei bem como começar esta carta. Muitos e muitos anos de experiências ruins, torturas e preocupações morais, o desconhecimento em si, o desejo por algo novo – **tudo isso de repente passou no momento em que percebi que o tenho, senhor Hitler.** Sei que o senhor é uma personalidade de destaque, poderosa, e que sou apenas uma mulher insignificante, que mora num longínquo país estrangeiro, do qual talvez não possa sair, mas o senhor deve me entender. **Quão grande é a felicidade de subitamente encontrarmos o objetivo de nossas vidas, quando um raio de sol atravessa nuvens pesadas e tudo se torna mais e mais claro! Aconteceu exatamente isso comigo – tudo foi iluminado por um amor tão grande, amor pelo meu Führer, pelo meu professor, que às vezes quero morrer diante de sua fotografia, para que eu não veja outra coisa além do senhor.** Escrevo ao senhor não como o chanceler de um império poderoso – talvez eu não tenha o direito a isso -, escrevo ao senhor simplesmente como um ser humano que me é caro e que continuará sendo até o final da minha vida. Não sei se o senhor acredita em mística, em algo superior, que nos rodeia e que permanece invisível e que só podemos sentir. Eu acredito, sempre acreditei e continuarei acreditando. **Sei que há alguma coisa no mundo que liga minha vida à sua. Meu Deus, será que nunca poderei me sacrificar na minha vida pelo senhor, embora essa fosse minha maior felicidade, morrer pelo senhor, por sua doutrina, sua idéia: meu Führer, meu nobre cavaleiro, meu Deus!** É muito possível que estas linhas nunca o alcancem, senhor Hitler, mas não me arrependo de escrever esta carta. Nesse momento vivencio uma alegria tão maravilhosa, uma tal segurança e uma tal tranqüilidade na minha luta moral que até nela encontro minha felicidade. **Não tenho outro Deus que o senhor e nenhum evangelho que sua doutrina.** Sua até a morte, Baronesa Else Hagen Von Kilvein (Apud: EBERLE, 2010, p. 350)

A baronesa sem dúvida era uma fanática por Hitler e em sua doutrina e isso é claro na frase “não tenho outro Deus que o senhor e nenhum evangelho que sua doutrina”, nesse sentido para ela, Hitler não era um enviado de Deus para salvar a Alemanha, mas era Deus em pessoa que viera cumprir a missão de restaurar o país e a doutrina nazista era a “boa nova da Salvação”. Uma frase da baronesa que chega a ser assustadora do ponto de vista do fanatismo é quando ela escreve “às vezes quero morrer diante da sua fotografia, para que eu não veja outra coisa além do senhor”. Essa demonstração de devoção não foi vista em nenhuma outra carta analisada durante essa pesquisa. O fanatismo dela é tão intenso que ela afirma sentir que há algo no mundo que liga sua vida a de Hitler.

Em 20 de abril de 1939 a Rheinmetall-Borsing, Sociedade Anônima, escreveu para Hitler uma carta de felicitação por seu aniversário e por seus feitos pela Alemanha e enviou junto com a carta uma maquete de um canhão antiaéreo:

Meu Führer! Na manhã de hoje, o senhor festeja seu 50º aniversário, junto com toda a **Grande Alemanha**. O significado de sua pessoa para nós e em que medida o povo alemão o reverencia ficará patente, de maneira única, nessa comemoração, muito mais do que as palavras possam exprimir. **Sua contribuição para a Alemanha nos últimos anos – e para nós todos – entrará para a história, e somente as gerações futuras estarão em condições de enxergar a grandeza de sua obra em toda sua extensão.** [...] (Apud: EBERLE, 2010, p. 306)

“Sua contribuição para a Alemanha nos últimos anos – e para nós todos – entrará para a história, e somente as gerações futuras estarão em condições de enxergar a grandeza de sua obra em toda sua extensão”: para ele ainda não era possível ter noção da dimensão dos feitos de Hitler pela Alemanha e Hitler só teria o reconhecimento total de seu trabalho por aqueles que analisariam de fora o seu governo. De fato, o governo nazista entrou para a história, mas como o período mais sombrio da Alemanha.

Deixamos o conceito da Grande Alemanha para ser trabalhado nesse capítulo, pois ele muito se relaciona com o mito nazista. De acordo com Mazower, não pode haver dúvidas sobre esse conceito tanto para o movimento nazista quanto para Hitler. Ele descrevia o movimento nacional-socialista como “o filho da Liga Pangermânica”. Os nazistas exigiam que fosse criada uma Grande Alemanha “com base no direito à autodeterminação nacional, a revogação dos tratados de paz e a necessidade de colônias nas quais a Alemanha pudesse acomodar sua “população excedente”.” O arranjo pós-Versalhes pelos países do Leste Europeu era visto pelos líderes nazistas como uma humilhação nacional, e não apenas isso, mas como uma ameaça biológica ao povo alemão. Diante disso, não havia uma medida política externa que não a expansão territorial e essa medida tinha como justificativa a preparação do país para uma guerra que se estenderia por um longo período de tempo a fim de se obter terras. Hitler era paciente e pragmático, e uma vez no poder, com exceção da saída praticamente imediata da Liga das Nações, tinha como objetivo nos primeiros anos se mostrar como uma figura moderada para o mundo enquanto a economia voltava a se reerguer e começava o rearmamento. (MAZOWER, 2013, p. 83-84)

A construção da Grande Alemanha só foi possível mediante a incessante propaganda que anunciava, dentro e fora da Alemanha, Hitler como o salvador dos alemães. Conforme demonstrado nos poemas e cartas analisados aqui, a propaganda atingiu seu objetivo e incutiu



na mente dos cidadãos que Hitler era a única solução para resolver os problemas que atingiram a Nação alemã após o final da Primeira Guerra Mundial.

É preciso entender como, juntamente com as propagandas, os discursos de Hitler seduziam aqueles que já o apoiavam e como trouxe mais e mais adeptos para sua causa. Uma das características marcantes do líder nazista era sua forma de conduzir seus discursos às massas. Diferente dos políticos convencionais, Hitler não tinha discursos pomposos, tediosos, sem graça, tosco ou grosso, pelo contrário, seus discursos eram marcados por euforia e excitação, ele falava o que o público queria ouvir e de forma que eles entendessem, afinal a massa de gente comum era o seu alvo principal.

[...] Usava linguagem simples e direta, que gente comum podia entender, frases curtas, poderosas, *slogans* emocionantes. Começando frequentemente os discursos de modo calmo, para capturar a atenção da platéia, gradativamente elevava-os até um clímax; a voz grave, um tanto rouca, subia de tom, escalando em um crescendo até um final bombástico aos gritos, acompanhado por gestos dramáticos cuidadosamente ensaiados, o rosto brilhante de suor, o cabelo escuro e escorrido caindo sobre o rosto enquanto ele induzia a platéia a um frenesi de emoção. Não havia restrições no que dizia; tudo era absoluto, intransigente, irrevogável, invariável, inalterável, final. Conforme testemunho de muitas pessoas que escutaram seus primeiros discursos, ele parecia falar diretamente do coração e expressar os mais profundos temores e desejos delas. [...]. (EVANS, 2010, p. 226)

É interessante nesse momento que se faça uma comparação sobre a opinião de Klemperer com o que fala Evans em seu livro a respeito dos discursos de Hitler. A opinião de Klemperer sobre os discursos de Hitler é bem contundente. Obviamente, como alguém que sofreu por causa do nazismo, sua opinião em nada se parece com a opinião dos alemães que depositaram sua confiança em Hitler. Não podemos afirmar que a opinião de um sobrevivente é mais ou menos verdadeira que a opinião de um seguidor de Hitler, nem vice-versa. Mas é a divergência de opiniões que chama a atenção.

É no oitavo capítulo da LTI, intitulado “Dez anos de fascismo”, que Klemperer vai dar sua opinião sobre os discursos de Hitler. Ele pensa no significado de discurso popular, e pode-se dizer, diante dessa apresentação sobre a vida de Hitler e parte de seu pensamento político, que foi exatamente esse o discurso empregado por Hitler, pois o discurso popular seduz e é demagogo:

Agora o discurso ocupa uma posição mais importante, e sua essência mudou. Dirigindo-se a todos, não apenas a representantes do povo precisa ser compreensível a todos, isto é, precisa ser mais popular. O que é mais popular é mais concreto. Quanto mais o discurso se dirige aos sentimentos, quanto menos se dirige ao intelecto, mais popular ele é. Quando deliberadamente começa a deixar de lado a inteligência, entorpecendo-a, ultrapassa a fronteira e se transforma em demagogia ou sedução. (KLEMPERER, 2009, p. 103)

Ele continua sua explicação pensando no lugar de onde o discurso é proferido:

Em certo sentido, pode-se considerar que a praça em que o discurso é proferido, o salão ou a arena de onde se fala à multidão, locais sempre decorados com estandartes e bandeirolas, são parte do discurso ou até mesmo o próprio corpo do discurso que é inserido ou encenado dentro desse quadro. Todo ele é uma obra de arte que deve ser vista tanto quanto ouvida. A audição é duplicada, pois os brados do público, os aplausos e os protestos atingem intensa e energicamente cada ouvinte, são no mínimo tão fortes quanto o discurso em si. A encenação, por sua vez, também influencia o tom das palavras e lhes proporciona um colorido mais vivo. (KLEMPERER, 2009, p. 103-104)

Aparece aqui a palavra *Rednerisch*, quando essa palavra surge ela confirma o uso da linguagem nos discursos proferidos por Hitler, trata-se da palavra: *discursador*.

Na língua alemã, a partir das palavras *Rede* [discurso] e *reden* [falar] pode-se formar o adjetivo *rednerisch* [discursador, eloquente], que não tem boa fama. Discursar é sempre uma atividade suspeita, uma daquelas em que alguém, “quer tirar vantagem”. Poderíamos quase falar de uma aversão congênita dos alemães ao orador. (KLEMPERER, 2009, p. 104)

Klemperer faz uma análise sobre o que é oratória e retórica; enquadra os discursos de Hitler como discursos retóricos. Escreve:

As línguas latinas, em contrapartida, são muito cautelosas com essa questão; valorizam o orador e distinguem cuidadosamente a oratória da retórica. Para essas línguas, o *Orator* [orador] é o homem honesto que se empenha em convencer as pessoas com a clareza da palavra, dirigindo-se aos corações e às mentes dos ouvintes. A oratória é um elogio que os franceses fazem a um Bossuet ou a um Corneille, grandes clássicos do púlpito e do teatro. A língua alemã também teve oradores desse porte, como Martinho Lutero e Schiller. O Ocidente encontrou um adjetivo especial para o orador de gênero declamatório e duvidoso: “retórico”. Ele nos remete à sofisticada Grécia Antiga e à época de sua decadência, pois elabora frases capciosas, feitas com intenção de enganar. (KLEMPERER, 2009, p. 104)

Ele continua sua análise sobre discurso, mas aqui ele chega a fazer uma crítica mais irônica e cômica sobre os discursos de Hitler. Diz que Hitler gritava em convulsões. A indagação que Klemperer levanta sobre como alguém que grita ao expor suas ideias consegue dominar uma nação inteira não é absurda, pois o ser humano em estado mental lúcido provavelmente não aceitaria um líder que procurava convencer aos berros e Hitler sabia disso, pois ele começa a discursar tempos depois que a Propaganda já tinha dado resultado na mentalidade alemã. Dessa forma foi mais fácil discursar aos berros, pois a massa alemã já estava em alvoroço com seus ideais de raça pura ariana.

[...] Hitler falava, ou melhor, gritava em convulsões. Até mesmo no máximo da exaltação é possível manter certa dignidade e algum bem-estar interior, um sentimento de autoconfiança e de estar em harmonia consigo mesmo e

com os demais. Esses aspectos faltavam a Hitler, que desde o começo era um retórico consciente, retórico por princípio. [...] Nunca fui capaz de compreender como conseguiu conquistar as massas, cativá-las e mantê-las presas sob seu jugo por tanto tempo com uma voz desafinada e esganiçada, com frases mal construídas na sintaxe alemã, empregando uma retórica claramente contrária ao caráter da língua alemã. (KLEMPERER, 2009, p. 106-107)

Klemperer acreditava que o efeito da retórica desavergonhada de Hitler foi avassalador porque atingiu uma língua que até aquele momento fora poupada dessa retórica, a qual foi disseminada com a virulência de uma epidemia desconhecida. E para reiterar essa afirmação, podemos voltar a Evans que diz [...]“sem necessariamente usar linguagem religiosa explícita, Hitler apelava aos arquétipos religiosos de sofrimento, humilhação, redenção e ressurreição profundamente alojados na psique de seus ouvintes”. (EVANS, 2010, p. 226)

E para mais um ponto de comparação sobre os discursos de Hitler, podemos ver como o próprio Hitler entendia que o discurso deveria ser. Ele que assistiu durante sua estadia em Viena a muitas assembleias, construiu uma definição de discurso que empregou toda vez que falou ao povo alemão. Hitler escreve em *Minha Luta*,

O poder, porém, que pôs em movimento as grandes alavancas históricas, de caráter religioso ou político, foi, desde tempos imemoriais, a força mágica da palavra falada. Sobretudo, a grande massa de um povo sempre só se deixa empolgar pelo poder da palavra. Todos os grandes movimentos são movimentos populares, são erupções vulcânicas de paixões humanas e de sensações psíquicas provocadas ou pela deusa cruel da necessidade ou pela tocha da palavra atirada entre a massa e não por meio dos jorros de literatos açucarados metidos a estetas e a heróis de salão. Só uma tempestade de paixão escaldante é que consegue torcer o destino dos povos; mas só consegue provocar entusiasmo quem o possui no seu íntimo. Só esse entusiasmo inspira aos seus eleitos as palavras que, como golpes de martelo, conseguem abrir as portas do coração de um povo. Não é escolhido como anunciador da vontade divina aquele a quem falta a paixão e mantém-se em um silêncio cômodo. (HITLER, 2001, p. 82)

Kershaw traz outro aspecto interessante sobre os discursos de Hitler a respeito da visão sobre os judeus: “[...] a obsessão maníaca dos judeus à qual tudo se subordina – não observável antes de 1919, jamais ausente depois – está presente em quase todos os discursos de Hitler nessa época. [...] Discurso após discurso, ele atacava os judeus com a linguagem mais perversa e bárbara imaginável.” (KERSHAW, 2010, p. 125) Kershaw ainda enriquece seu trabalho trazendo detalhes sobre o comportamento e reação da platéia diante desses discursos:

O genuíno socialismo, declarava, significava ser antissemita. Os alemães deveriam estar dispostos a fazer um pacto com o diabo para erradicar o mal

do judaísmo. [...] A implicação, como em suas exigências explícitas em relação aos *Ostjuden* (em geral, refugiados pobres de perseguições na Europa oriental), era a expulsão deles da Alemanha. Sem dúvida, era assim que entendiam seu discurso. Mas a linguagem era terrível e implicitamente genocida em seus símiles biológicos: “Não pensem que podem combater a tuberculose racial”, declarou em agosto de 1920, “sem cuidar que o povo seja libertado do órgão causador da tuberculose racial. O impacto da judiaria jamais passará e o envenenamento do povo não acabará enquanto o agente causal, o judeu, não for removido do nosso meio.” Suas platéias adoravam isso. Mais do que qualquer outra coisa, esses ataques provocavam torrentes de aplausos e gritos. [...] O discurso no Festsaal da Hofbräuhaus em 13 de agosto de 1920 sobre “Por que somos antissemitas?” – seu único discurso desse ano *exclusivamente* sobre os judeus e destinado a ser uma declaração básica sobre o tópico – foi interrompido 58 vezes em suas duas horas de duração por gritos e aplausos cada vez mais entusiásticos da platéia de 2 mil pessoas. (KERSHAW, 2010, p. 125-126)

Diante das cartas analisadas e da historiografia buscamos uma definição para o mito nazista. Hitler acreditava que a Alemanha precisava de um “salvador” e quando viu que podia ser essa pessoa, agarrou-se a essa ideia, passando tal mensagem em seus discursos e deixando-a penetrar na mente e nos corações de seus seguidores. Cada vez mais buscou espaço para si como esse “salvador” e quando viu que sua platéia recebeu bem essa ideia, criou a partir de si mesmo o mito do Führer, aquele que viria curar as mazelas da Alemanha. Sua ideia da Grande Alemanha contribuiu para agitar o ânimo dos alemães que estavam fora do território nacional e com a ajuda da propaganda conseguiu mover multidões a caminharem ao seu lado. O fanatismo de seus adeptos contribuiu de forma notável para o fortalecimento do mito nazista, pois mesmo que não fosse ele a ler todas as cartas recebidas, certamente ficava sabendo das demonstrações de lealdade e veneração e, segundo o que consta no trabalho de Eberle, os poemas eram escritos como presentes e eram entregues a Hitler.

Ora, o mito sempre foi o mito de um evento de um advento, o mito do Evento absoluto, fundador. As sociedades que viveram do mito e no mito, viveram na dimensão de um ser-evento (*événementialité*) constitutivo (deveríamos dizer “estrutural” se isso não fosse um paradoxo). Onde o mito é procurado, é o evento que é desejado. Mas talvez o que o nazismo nos ensine é que não se fabrica o evento. As sociedades baseadas no mito nunca fabricaram, calcularam ou construíram a sua fundação: o imemorial era uma propriedade intrínseca aos mitos. Não se fabrica o imemorial: ele também é porvir. (LABARTHE; NANCY, 2002, p. 15)

Podemos dizer, que na verdade há um evento nazista criado por Hitler a partir de sua doutrina e seus ideais que na cabeça de seus seguidores foi desenvolvido como o “mito do Führer”, pois o evento criado era a salvação da Alemanha e foi a esse evento que as pessoas se apegaram para depositarem sua fé e confiança no líder nazista, através de demonstrações de lealdade e veneração.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso trabalho buscou contribuir com o conhecimento de um período da História marcado não só pelas ações terríveis de um líder convicto de sua autoridade, mas no apoio de uma população que desejava mudanças, mesmo a qualquer preço, e que tomou para si uma identidade regrada ao poder totalitário de um homem com intenções que visavam não só a Nação, mas a satisfação de desejos pessoais de livrar a Alemanha de “raças inferiores” e de contar com o apoio para que essas ações fossem tomadas sem julgamento.

O estudo de cartas permite ao historiador vivenciar, em parte, os sentimentos de quem as escreveu. Quando expomos aqui os sentimentos que os autores das cartas possivelmente experimentaram, baseamo-nos em seus conteúdos, que nos permitem dentro de sua interpretação chegar a essas “conclusões”. O estudo de cartas é interessante, pois o historiador tem que se permitir sentir o conteúdo que está escrito para poder analisá-las da melhor forma possível. Muitas vezes ao longo da pesquisa foi possível perceber a euforia, a tristeza, a angústia, a felicidade, entre outros sentimentos, dos autores das cartas e além da interpretação mais crua do objeto de pesquisa, esse “perceber” ajudou a analisar a documentação de uma forma mais clara.

Para que pudéssemos atender a demanda do problema criado para guiar a pesquisa – entender como o poder se auto-constituía com a opinião pública – verificamos em que medida as cartas demonstraram a capacidade do regime em acionar meios de convencimento e aglutinação das massas em torno das causas nazistas: compreendemos porque havia a preocupação de responder as cartas detalhada e metodicamente, no período de 1925-1933; verificamos que os anseios da população apresentados nas cartas eram utilizados como subsídios para a elaboração de produtos de propaganda (discursos de Hitler, comícios, etc.); podemos perceber o alcance das respostas às cartas como instrumento de propaganda, principalmente entre 1925-1933.

Em síntese, percebe-se nas cartas uma possível tentativa de potencializar o alcance da máquina de propaganda nazista, por meio da capacidade de atingir segmentos da população que poderiam servir de multiplicadores daquela ideologia. Se, por um lado, a quantidade de pessoas contatadas não foi expressiva, comparativamente ao total da população, por outro lado, as respostas às cartas propiciavam a oportunidade de recrutar líderes comunitários ao serem dirigidas a cidadãos oriundos das mais diversas classes sociais e que poderiam divulgar as ideias nazistas.

Podemos, assim, chegar às seguintes considerações: o movimento de envio de cartas e respostas nos mostrou o quanto a população sabia sobre as intenções do NSDAP e a forma que Hitler trabalhava para alcançar seus objetivos políticos para a Alemanha; observando o teor das cartas foi possível notar como o movimento nazista conseguiu identificar potenciais adeptos de sua causa e recrutá-los para militância do partido e para órgãos de interesse do governo; as cartas se mostraram como uma nova faceta da máquina de propaganda nazista (partidária e governamental) para atingir a população e o quanto todo esse conjunto de anseios, ideias e ações envolvendo governo e cidadãos serviu para dar consistência à forma como o poder se auto-constituía com a opinião pública e como o poder constituía a identidade nacional alemã frente a sua população, o que atende à questão principal dessa pesquisa, ainda que sujeita aos reparos trazidos por trabalhos futuros.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Luiz de Alencar. *Primeira Guerra Mundial*. In: MAGNOLI, Demétrio. *História das Guerras*. 3ª edição, 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2007
- ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. Tradução de Mauro W. Barbosa de Almeida – São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.
- \_\_\_\_\_ *As origens do Totalitarismo*. 2ª edição, Editora Schwarcz LTDA. Tradução de Roberto Raposo – São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- \_\_\_\_\_ *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. Tradução José Rubens Siqueira. – São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- \_\_\_\_\_ *A condição humana*. Tradução de Roberto Raposo, pós-fácio Celso Lafer – 10ª edição, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- ARRUDA, José J. A. *A crise do capitalismo liberal*. In: FERREIRA, Jorge; FILHO, Daniel A. R.; ZENHA, Celeste. *O século XX, volume II: O tempo das crises: revoluções, fascismos e guerras*. Rio de Janeiro – Civilização Brasileira, 2000, p. 11-34
- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n. 21, 1998/01. Dossiê Arquivos Pessoais.
- BERNARDO, João. *Os labirintos do Fascismo: na encruzilhada da ordem e da revolta*. Edições Afrontamento, Porto, 2003.
- CAETANO, Tiago Lemanczuk Fraga. *Mein Kampf e o ideário nazista*. Revista Eletrônica de Direito, 2010
- CANETTI, Elias. *Massa e Poder*. Tradução de Sérgio Tellaroli. – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- EBERLE, Henrik. *Cartas para Hitler*. Tradução de Claudia Abeling e Renata Dias Mundt – São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.
- ELIAS, Norbert. *Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Tradução de Álvaro Cabral – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- EVANS, Richard. *A chegada do Terceiro Reich*. Tradução de Lúcia Brito – São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.
- \_\_\_\_\_ *O Terceiro Reich no poder*. Tradução de Lúcia Brito – São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.
- \_\_\_\_\_ *O Terceiro Reich em guerra*. Tradução de Lúcia Brito – São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2014.
- FERRO, Marc. *História da Segunda Guerra Mundial*. Editora Ática, s.d.p.

- FREDRIGO, Fabiana de Souza. Notas metodológicas e trajetórias de pesquisa: um estudo sobre o epistolário bolivariano (1799-1830). *Cadernos de Seminário Cultura e Política nas Américas*, v. 1, 2009, p. 44-65.
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 144-162.
- GALLATELY, Robert. *Apoiando Hitler: consentimento e coerção na Alemanha nazista*. Tradução de Vitor Paolozzi – Rio de Janeiro: Record, 2011
- GALBRAITH, J. K. *1929: A grande crise*. Tradução de Clara A. Colotto – São Paulo: Larousse do Brasil, 2010.
- GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: *Escrita de Si, Escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 7-23.
- HITLER, Adolf. *Mein Kampf*. Tradução de Klaus Von Puschen – São Paulo: Caetano, 2001
- HOBBSAWM, E. *Era dos Extremos: o breve século XX, 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- JACOBY, Russell. 2. *Sobre o antiutopismo: mais ou menos*. In: *Imagem perfeita: pensamento utópico para uma época antiutópica*. Tradução de Carolina Araújo – Rio de Janeiro, 2007.
- JÜNGER, Ernst. *A mobilização total*. Tradução de Vicente Sampaio, 2002.
- KLEMPERER, Victor. *LTI: A linguagem do Terceiro Reich*. 1ª edição, tradução de Miriam Bettina Paulina Oeslner – Rio de Janeiro, Editora Contraponto, 2009.
- LABARTHE, Philippe Lacoue-; NANCY, Jean-Luc. *O mito nazista*. Tradução e edição: Editora Iluminuras Ltda., 2002.
- LÉONAD, Yves. *Salazarismo e Fascismo*. Tradução de Catarina Horta Salgueiro – Editorial Inquérito, 1998.
- LIMA, Kleverson Teodoro de. Cartas, História e Linguagem. In: *Revista de Teoria da História*, ano 1, n. 3, 2010, p. 210-225.
- LOSURDO, Domenico. *Para uma crítica da categoria de totalitarismo*. In: *Crítica Marxista* 17, 2006, p. 65-79
- LOUREIRO, Isabel. *A Revolução Alemã: 1918-1923*. Editora UNESP: 2005
- MAZOWER, Mark. *Continente Sombrio: a Europa no século XX*. Tradução de Hildegard Feist – São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- OLIVEIRA, Rodrigo da Costa. *A modernidade e as massas – uma perspectiva do projeto político nazista através do Mein Kampf de Adolf Hitler*. Dissertação de mestrado: Araraquara, 2012



- PARIS, Robert. *As origens do fascismo*. Tradução de Elisabete Perez – São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.
- PAXTON, Robert O. *A Anatomia do Fascismo*. Editora Paz e Terra, SP 2007.
- REICH, Wilhelm. *Psicologia de massa do fascismo*. Publicações escorpião, 2ª edição, Porto, 1974.
- SALOMON, Marlon G. *Arquivologia das correspondências*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- SANTOS, Rogério Dutra dos. *O conceito de totalitarismo em Azevedo Amaral*. 34º Encontro anual da ANPOCS.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. Biografia como gênero e problema. *História Social*. Revista do Programa de Pós-Graduação em História, São Paulo, UNICAMP, n. 24, 2013, p. 51-73.
- SILVA, F. C. T. *Os fascismos*. In: FERREIRA, Jorge; FILHO, Daniel A. R.; ZENHA, Celeste. *O século XX, volume II: O tempo das crises: revoluções, fascismos e guerras*. Rio de Janeiro – Civilização Brasileira, 2000,
- TAYLOR, A. J. P. *A Segunda Guerra Mundial*. Tradução de Waltensir Dutra – Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- TOTA, Pedro. *Segunda Guerra Mundial*. In: MAGNOLI, Demétrio. *História das Guerras*. 3ª edição, 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2007

## ANEXOS

Anexo A – Fritz Vogel, 24 de abril de 1925

*Prezado senhor Hitler!*

Eu realmente não gostaria de incomodá-lo, porém tomo a liberdade de lhe informar o que segue.

As pessoas de maneira geral estão admiradas pelo fato de o senhor insistir na inospitaleira e ingrata Baviera. Se as pessoas de lá não querem permitir que o senhor fale, o que permanecerá a maior ignomínia e vergonha de todos os tempos seria melhor se o senhor organizasse reuniões fora da Baviera para tornar o movimento, nesses locais, grandes e fortes. O próximo campo de ação seria, a nosso ver, Oldenburg, onde haverá eleições em 24 de maio, lá o senhor deveria falar em todos os grandes locais, assim o movimento cresceria e se fortaleceria, se tornaria gigantesco. Enquanto isso, haverá eleições em outro estado, então devemos nos encaminhar para lá, etc.

O senhor deveria, no entanto, antes de mais nada, solicitar a nacionalidade alemã.

Realmente é uma abjeção o fato de o senhor simplesmente não ser reconhecido como alemão, mas será que o senhor pode exigir mais dos atuais governantes? E justamente por esse motivo o senhor deveria se tornar cidadão alemão. Se isso não for possível na Baviera, então venha para a Turíngia e faça a requisição lá. Os governantes atuais estão muito satisfeitos pelo fato de o senhor ainda não ter solicitado a cidadania alemã.

*Com grande veneração  
sinceramente*

Anexo B – Resposta cuja carta não aparece no livro, 11 de maio de 1925

*Prezado senhor Sievers!*

O senhor Hitler manda agradecer muito suas cartas de 28 e 29 de abril.

O senhor Hitler é da opinião que, uma vez que já tenhamos – contra a vontade – entrando o Parlamento, nossa atuação no mesmo deve ser vista como um dos vários meios de combate ao sistema atual, inclusive ao parlamento. Porém, não uma atuação por meio da “colaboração positiva” – como infelizmente foi utilizada também por parlamentares nacional-socialistas com pouquíssimo sucesso – mas, por meio da mais acirrada oposição e obstrução, por meio da crítica constante ao sistema existente no Parlamento. Conduzir o Parlamento ou o parlamentarismo no Parlamento *ad absurdum!*

Aliás, ainda não está certo se o DAP vai participar das próximas eleições. [...]

Anexo C – H. Ockel, 15 de maio de 1925

*Prezado senhor Hitler!*

Minha missiva de 3 de abril foi, segundo o aviso de recebimento, entregue ao senhor em pessoa. Infelizmente, o senhor não teve tempo ou oportunidade até hoje de me responder ou mandar escreverem uma resposta. Lamento esse fato sinceramente, pois era da opinião que, se um homem alemão que não seja oficial ou acadêmico, mas mesmo assim tenha se mantido leal ao seu Führer durante um difícil período, tenha sido insultado por isso, deveria receber desse mesmo Führer uma resposta a uma carta escrita de todo o coração.

Eu havia alertado em minha carta que a renovação da Alemanha nunca poderia ser feita a partir da Baviera contaminada pelos jesuítas e que, portanto, é necessário que o senhor, prezado Hitler, transfira o campo de suas atividades da Baviera para o norte da Alemanha, onde o ar não está tão pesado. Além disso, eu me permiti alertá-lo de que, ao que tudo indica, o movimento nacional-socialista se encontra em uma crise e questione se seria possível renovar nosso povo com objetivos puramente econômicos e nacionais. Lembrei-o da renovação espiritual religiosa pela qual o próprio povo anseia. Fiz essas sugestões apenas na esperança de que o senhor me escrevesse de alguma forma, concordando ou discordando, ou demandando descrições mais detalhadas. Esses problemas têm tamanha profundidade e grandeza que valeria a pena dedicar-lhes uma carta.

*Despeço-me com fiéis saudações*

*Seu devoto*

*H. Ockel*

Resposta ao senhor Ockel, 29 de maio de 1925

*Prezado senhor Ockel!*

Confirmo o recebimento de sua carta de 15 de maio. O senhor parece não ter idéia da enorme quantidade de cartas que chegam constantemente com sugestões, críticas, propostas, etc. se acha que o senhor Hitler deveria ou poderia responder a todas elas em detalhes.

Se ele o fizesse, então não lhe restaria nenhum tempo para trabalhar realmente.

Ser oficial ou acadêmico não faz diferença – espero que o senhor não tenha pressuposto isso! O fato de ter-se mantido fiel é algo que o senhor felizmente tem em comum com milhares de outros, o que não impede que o senhor Hitler se alegre com cada um.

No que diz respeito ao campo de atividades, o senhor obterá uma resposta num futuro próximo, quanto aos objetivos puramente econômicos e nacionais, a resposta virá do livro do senhor Hitler a ser publicado nos próximos dias. – O senhor Hitler concentra todas as suas forças na renovação política e intelectual de nosso povo. O trabalho para uma renovação religiosa ele precisa deixar para outra pessoa, pois não pode se dividir em muitos.

*Saudações alemãs*  
*Por ordem [sem rubrica]*

## Anexo D – Alfred Barg, 25 de maio de 1925

### *Saudações nacionais antes de mais nada!*

Antes de abordar o tema pelo qual lhe escrevo, gostaria que o senhor me conhecesse um pouco melhor.

Nasci em 23 de *Julmond* (dezembro) de 1907, filho do funcionário ferroviário Reinhold Barg e de sua esposa Selma no vilarejo do Kohlfurt, distrito de Görlitz. Lá frequentei a escola pública evang. [élica] até os 14 anos. Depois trabalhei por pouco tempo na agricultura. Desde o dia 15 de *Wonnemond* [maio] do ano de 1922, aprendo o ofício de serralheiro. Trabalho na fábrica de máquinas “Kosmos”, de Görlitz, propr. [etário] Rudolf Pawlikowski. Para tanto, vou todos os dias ao vilarejo de Kohlfurt até Görlitz. Isso não me gera custos, pois meu pai trabalha na ferroviária e eu conseqüentemente tenho passagens gratuitas. Desde o dia 11 de *Julmond* de 1922, sou membro da Ordem Alemã Guttempler, ou seja, sou contra o consumo de álcool. Além disso, como evangélico, faço parte da União Evangélica. Também faço parte do “Wandervogel Jungvolk”<sup>1</sup> do vilarejo de Kohlfurt.

Por um colega, o serralheiro Rudolf Scholz, o qual é membro do partido de Kunze, eu soube há dois anos, ou seja, no verão de 23, sobre o movimento nacionalista. Desde então, uso a suástica com convicção e acompanho com detalhes tudo no movimento. A tentativa de salvamento em *Nebelung* (novembro) de 23 (a qual, infelizmente, fracassou), a subida na eleições de maio de 1924, o processo contra Hitler, o período de sua prisão, o discurso de Kunze no parlamento do Reich, o recuo dos votos em julho de 1924, seu “prazo de preservação”, a divisão de Dinter-Esser-Streicher-Wulle-Graefe, a nomeação de Ludendorff como presidente do Reich (a qual festejei) e, por fim, o atrevimento do partido nacional da Bav. [iera] que o proibiu de falar a favor de Hindenburg! Além disso, li o livro de Richard Ungewitter, *Nacktheit u. Aufstieg*, com o qual concordo. Também observei atentamente todos os partidos, dos comunistas, economistas liberais até os nacionais alemães. Entre todos eles, percebi a qual pertença como operário alemão: ao campo nacionalista, ou seja, ao NSDAP. Seus objetivos, ou o seu objetivo, eu conheço pelo: *Großdeutsche*, o *Nationasozial*. e o *Beobachter*, que comprava às vezes. Quatro colegas partilham de minha visão. A maioria é social democr[ata]. Em meu vilarejo Kohlfurt, também já me destaquei como “portador da

---

<sup>1</sup> Movimento Juvenil (EBERLE, 2010, p. 37)

suástica”. Mas: muitos inimigos, grande honra! A suástica e as cores preto-branco-vermelha serão usadas.

Agora chego ao tema:

1º) Já que, como Ele mesmo também diz (*Minha luta*), digo que os sindicatos devem existir, eu gostaria de me organizar como metalúrgico (mas não no “livre”, “Hirsch-Dunckerschen” ou cristão). Portanto, peço a Ele que me informe a que *Völkische*<sup>2</sup> devo me dirigir para resolver essa questão.

2º) Qual é a postura d’Ele em relação ao álcool?

3º) O partido NSDAP (caso venha a ser o partido nacional de toda a Alemanha) é a favor das cores preto-branco-vermelha com a suástica? Qual é a solução agora?

Espero que Ele me entenda, e assim que seu tempo o permitir, envie-me uma resposta.

*Saúdo com um völkischen Heil:*

*Seu simpatizante Alfred Barg*

*(segue dinheiro para postar a resposta)*

Resposta ao senhor Barg, 4 de junho de 1925

*Prezado senhor Barg!*

O senhor Hitler manda lhe agradecer muito por sua carta. Suas perguntas eu respondo a seguir:

Sobre 1: Infelizmente, ainda não temos sindicatos. No momento, porém, estão sendo realizadas negociações e reuniões sobre a possibilidade de fundarmos um. É preciso muito dinheiro para tanto e o movimento não o tem. De qualquer forma, não se associe a sindicatos “amarelos”. De preferência, permaneça nos marxista e tente conquistar simpatizantes de forma que o senhor se torne influente nas eleições do comitê de trabalhadores, e com o tempo, imponha dessa forma o nacional-socialismo aos sindicatos existentes que podem passar para o nosso lado. Assim foi na Tchec[o]slováquia.

Sobre 2: O senhor Hitler não consome álcool a não ser algumas gotas em ocasiões muito especiais. Ele não fuma.

---

<sup>2</sup> O termo *völkische* designa, neste contexto, provavelmente órgãos ligados ao movimento racista, especialmente antisemita, associados ao nacional-socialismo. (EBERLE, 2010, p. 38)

Sobre 3: Nossa opinião sobre as cores preto-branco-vermelha, assim como sobre a suástica o senhor deve saber. O principal, fora isso, é sempre o espírito que está associado às cores e à imagem. Nós vamos trocá-las, e logo depois virá a bandeira!

*Saudações alemãs*

*p.o. R. HeB<sup>3</sup>*

---

<sup>3</sup> Essa carta é na verdade curta, mas ocupa da página 39 a 42, porque nas páginas 40 e 41 está a cópia original da carta de Barg.



*Honrado senhor Führer, companheiro de partido Hitler!*

O abaixo assinado foi membro do partido desde a fundação do grupo local de Plauen até sua partida na metade de abril. No momento, eu estudo direito e economia, frequento paralelamente aulas sobre história e tenho o desejo firme e incorruptível de, após o término de meus estudos, dedicar-me à política, especialmente, a fim de logo antecipar algo, à questão dos trabalhadores. Se o senhor não tiver certeza de que as explicações a seguir venham apenas de minha pessoa, aventando que elas sejam, por exemplo uma armadilha de um cargo “mais competente” – o que se tornou, aliás, rotina nos métodos de combate político atuais – então eu lhe peço que se informe com as personalidades líderes de Plauen sobre qualquer dúvida surgida quanto à minha orientação ou correção.

Acompanho com grande interesse seus discursos após a sua libertação a fim de obter um quadro de seus inúmeros métodos e visões. Com várias questões que me atribulam como nacional-socialista não me foram satisfatoriamente respondidas pelos seus dois últimos discursos, eu lhe peço que me informe sua visão sobre a adequação de minhas ideias sobre o NSDAP.

O nosso partido tinha, antes de 9 de novembro, força de vida e impacto suficientes para se tornar o movimento popular de uma Alemanha única nacional? Não!!!

E por que não?

Como ele deve ser para construir nossa ditadura?

Desde 1918, vários movimentos nacionalistas borbulham como uma fonte e, depois de atingirem uma determinada altura, voltam a cair no esquecimento. Nosso movimento também se inflou com uma rapidez que preocupou os outros – e recuou. Nosso movimento também tinha, no lado político, a meta de comunidade étnica, da reunião em uma nação de todas as forças nacionais ainda não esgotadas. Pessoas de todas as posições e classes vieram e colaboraram para atingir nosso objetivo. Devido ao fato do crescimento, em parte vindo dos círculos burgueses, proprietários e empregadores, ter sido relativamente grande, uma pessoa de fora podia às vezes dizer, com razão, eu me baseio aqui nas circunstâncias em Plauen, que nosso partido não teria mais o direito de possuir o nome de partido dos trabalhadores. A acusação de que nós queremos criar uma falange dos trabalhadores contra os ganhadores de dinheiro não

teve penetração suficiente, já que as pessoas ouviram com grande frequência os nomes de empresários, delatados por trabalhadores, que segundo a etiqueta estavam conosco, e muitas vezes se comportavam, em suas ações na vida cotidiana, socialmente contra seus empregados. Principalmente quando surgiu a conglutinação com Wulle-Graefe ficou claro que a partir de então a classe trabalhadora, que já era parcialmente, se não conquistada, nosso simpatizante, voltou a cair nas garras dos sindicatos. E, por fim, onde está na prática o limite entre produzir e buscar lucros? Será que um empresário que age de forma associal também não produz valores por meio de seu trabalho intelectual? E será que alguns pequenos proletários também não buscam lucros quando eles, em sua fábrica, ignoram a jornada diária de 8 horas? Isso poderia se estender ainda mais, a partir dessa questão podemos perceber que nosso partido estava no limite onde os objetivos reais se transformam em sublimação ideal do movimento. E Spengler diz com razão que a sublimação de um movimento leva à sua diluição, à sua atomização final. Se nossa ação do dia 9 tivesse sido bem-sucedida, então nosso movimento, apesar desse sucesso momentâneo, teria cedo ou tarde se esvanecido segundo sua própria essência. O fascismo, lidando com um povo passional e facilmente excitável, precisou de cinco anos após uma guerra vitoriosa para penetrar as massas. O nacional-socialismo alemão, após 4 ½ anos nem mesmo plantou raízes na massas, que dirá ter se ancorado, daí vem, de meu ponto de vista, nosso fiasco!

Como devemos posicionar nosso partido para atingir nosso objetivo?

Em minha opinião, não há dúvida de que a situação desfavorável pós-guerra da massa de trabalhadores não se deve apenas à perda da guerra, mas talvez se baseie, em grande parte, no vício, ainda não enfraquecido, dos empresários no lucro, os quais querem transferir para os trabalhadores encargos que precisam pagar em forma de juros sobre o capital emprestado. Como pode, então, um trabalhador que tem noção disso, na medida em que acredita que o empresário só o mantém por puro vício absoluto em lucro, ficar do lado do empresário? Ele conseqüentemente preferirá se confraternizar com os trabalhadores de outros países do que com seu (suposto) explorador. A verdadeira comunidade étnica,<sup>4</sup> portanto, só pode surgir se o trabalhador não se sentir mais como o lado oprimido. (A teoria do valor adicional de Marx não surgiu assim do nada como os empresários sintomaticamente costumam apresentá-la.)

---

<sup>4</sup> O termo utilizado aqui é “Volksgemeinschaft”, o qual tem significado racista neste contexto. (EBERLE, 2010, p. 45)

Precisamos então começar por aqui, já que as condições econômicas, mesmo que num sentido oposto ao imaginado por Rathenau, serão mesmo nosso destino.

Devemos considerar a melhora da posição do trabalhador não apenas como objetivo secundário tácito, mas como tarefa principal de nosso partido – batalha inclemente contra todos aqueles que se opõem a ele. Sendo assim, será impossível se evitar que, do lado econômico, sejam tomadas medidas até mesmo mais radicais do que as adotadas pelos socialistas livres e seus sindicatos. Isso causará mais uma vez a impressão de que somos um partido puramente de luta de classes. No entanto, algumas pessoas de outros círculos diferentes dos dos trabalhadores também reconhecerão que isso é necessário para se atingir uma comunidade étnica (principalmente estudantes, segundo minha experiência) e se unirão a nós. Sendo assim, para nos promovermos principalmente de forma atraente entre a classe trabalhadora, seria bom, ou melhor, necessário, que os empresários que compreendem e aprovam nossas ambições não se aliassem a nós ativamente, mas nos concedessem apenas seu apoio moral, na medida em que propagassem nossas ideias em seus círculos. O mesmo vale para oficiais, principalmente para aqueles dos quais a massa dos trabalhadores desconfia por preconceito (talvez injusto). Como devemos coordenar essa luta metodologicamente a história da social-democracia liberal nos ensina.

Além dessa batalha econômica, precisamos lutar com a mesma energia e o mais alto fanatismo pelo nosso objetivo político, o qual, no que diz respeito à Grande Alemanha, está a ponto de fugar a social-democracia liberal, já que ela foi esperta para reconhecer a tempo que, do contrário algumas de suas esperanças podem ser eliminadas por nós. A meu ver, é pressuposto básico que nosso nacional-socialismo tenha de se posicionar imprescindivelmente como republicano, contra as correntes monarquistas atuais. Sim, e se essa questão, por exemplo, se tornar aguda nos próximos tempos, então deveríamos repeli-las ombro a ombro com seus opositores. A tática de Mussolini pode nos ensinar em que medida o nacional-socialismo poderia se lançar já neste momento na política externa. A consideração pelo seu valioso tempo, que deve ser dedicado à preparação de ações, impede-me de me estender ainda mais. No entanto, seria importante não apenas para mim pessoalmente, mas também para a questão em si, se o senhor (mesmo que brevemente, pois o seu tempo não nos faz esperar outra coisa) expusesse sua opinião contrária ou favorável a esses pontos, pois eu já atuei nesse sentido no grupo local daqui. Naturalmente eu iria informar o grupo local de sua visão,

no caso de uma opinião contrária, e teria de sofrer as consequências pela extensão de minha colaboração.

*Nesse meio-tempo, despeço-me com um fiel Heil nacional-socialista*

*Seu membro do partido Wilhelm Tempel*

*Estud. de dir. e hist.*

*Marburg a.d. Lahn Am Grün, 33/III*

Resposta a Wilhelm Tempel, 1º de agosto de 1925

*Prezado senhor Tengel [sic]!*

O senhor não pode esperar que o senhor Hitler, que recebe incessantemente centenas de cartas, responda pessoalmente a cartas tão longas como a do senhor e expresse sua opinião sobre o seu conteúdo.

Por ordem dele, porém, eu – como alguém que já está no movimento desde 1920 e há muito tempo próximo do senhor Hitler – quero responder alguns dos pontos levantados pelo senhor.

O senhor vivenciou o crescimento do movimento, na época, em Plauen. Isso explica sua afirmação de que, comparativamente, muitos empregadores participaram desse crescimento. Plauen, porém, é, nesse caso, definitivamente uma exceção. Gostaríamos muito que houvesse mais empregadores que compreendessem nossa intenção e se posicionassem de fato a nosso favor, como felizmente (é) o caso em Plauen. – Que a posição Wulle-Graefe fosse diferente, é uma questão em si. Pois essa posição é apenas uma parte fragmentada dos nacional-alemães<sup>5</sup> e não se diferencia, pelo menos em suas ideias sociais, destes últimos.

O senhor quer saber a diferença entre os produtores e os que buscam o lucro?

Pense em nosso nome. Quem produz nem por isso é nacional-socialista. Pois faz parte tanto do nacional quanto do social que o trabalho não prejudique o público em geral. Alguém que age de forma associal, porém, prejudica o todo. Apenas aquele que, em tudo o que faz, pondera se isso auxilia ou prejudica o povo, está sinceramente conosco, apenas este é völkisch.

---

<sup>5</sup> Referência ao Partido Popular Nacional Alemão (DNVP); *Deutschnationale Volkspartei*. – nota de rodapé da página 47.

Não há um grande risco de que nosso movimento se transforme em sublimação intelectual! A maioria, aliás, nos acusa do oposto.

Se após o sucesso de 9 de nov. a vitória estaria conosco por tempo mais longo é difícil de comprovarmos. Nós acreditamos que sim. Não se esqueça de que somente naquele momento o esclarecimento das massas poderia ter sido iniciado em grande estilo com todos os meios disponíveis para aquele que está em posse do poder estatal e possui cabeça para tanto. O fascismo também conquistou seu grande sucesso com as massas somente após a marcha a Roma, só então veio a ancoragem.

Psicologicamente, aquele foi o momento certo, com o ponto alto da inflação e da má administração. Ele passou, por isso hoje não se pensa mais em algo assim.

Fique tranquilo. Empresários e oficiais – contra os quais existe o preconceito – não surgem em número excessivo entre nós. Eles tendem na direção de Graefe, que os atrai muito mais, na medida em que não se trata de aceitar também os trabalhadores como exceção.

Para o melhor posicionamento econômico do trabalhador é pressuposto justamente que algumas coisas se alterem fundamentalmente. Penso principalmente nas contínuas sangrias por meio dos contratos, do Plano Dawes, e pelo capital de empréstimo internacional de maneira geral. Pois nós não podemos apoiar o marxismo, por exemplo, culpando o empregador de tudo, enquanto ele hoje, em grande parte, também está vivendo um dilema. Precisamos sempre apontar, diante do trabalhador, o principal culpado, que também tem o controle sobre o empregador, o que o marxista omite conscientemente, para desviar a luta levando-a na direção errada.

Que, independente disso, as coisas não estão bem mesmo para a grande parte dos empresários, nós sabemos muito bem. Aqui devem ser aplicados alguns pontos do programa (participação nos lucros, por exemplo). Mas, para tudo isso é necessário justamente o poder, para a execução gradual do programa, para alterações nos impostos e principalmente para a anulação dos contratos, para a interrupção dos pagamentos aos sanguessugas internacionais.

No que diz respeito à forma de governo, sempre reforçamos que ela nos é indiferente.

Trata-se, para nós, apenas de que se governe em favor do todo, sob que nome, é uma questão secundária. Uma luta pelas superficialidades da forma de governo gasta forças inutilmente. Por isso somos há muito tempo absolutamente contra a introdução da monarquia, enquanto isso não for o desejo da maioria da população. Esse

não é o caso hoje. Mas também podemos nos posicionar contra a introdução da monarquia sem estarmos necessariamente “ombro a ombro” com nossos piores inimigos.

Eu lhe recomendo fortemente que leia o quanto antes *Minha luta* e os discursos de Hitler em Plauen e Zwickau, que foram publicados em Zwickau.

*Saudações alemãs R. HeB*

Anexo F – R. Niedermayer, 9 de julho de 1925

*“Senhor Adolf Hitler, Thierschstr. 41/I”*

Como gratidão da herança da falecida viúva do diretor, senhora Margarete Meindl, em Munique, Widenmeyerstr. 4/III, tenho a honra de lhe informar o seguinte:

A falecida, que era grande admiradora de seus esforços políticos, declarou antes de sua morte que uma grande palmeira que tinha em seu apartamento deveria ser entregue ao senhor após seu falecimento. Os herdeiros querem realizar o desejo desse legado, motivo pelo qual eu me permito lhe perguntar se o senhor teria interesse em buscar o referido objeto. Se este for o caso, então solicito que me informe o quanto antes para que eu possa lhe informar a data em que o senhor pode mandar buscar a palmeira.

*Respeitosamente!*

*Niedermayer, Advogado*

Resposta ao senhor R. Niedermayer, 14 de julho de 1925

Em resposta à sua carta do dia 9 de julho m., referente ao legado da senhora Meindl, eu o informo que o senhor Hitler aceita a palmeira com prazer. aguardo sua informação para a retirada.

Respeitosamente

R. HeB

Anexo G – Alois Simmert, sem data

*Muito honrado senhor Hitler!*

Esperamos que o senhor providencie, em sua revista assim como no Partido Nacional-Socialista do Parlamento do Reich, para que não apenas os judeus poloneses sejam imediatamente deportados, mas que todos os poloneses sejam logo deportados da Alemanha.

Estes parasitas incômodos já deviam estar deportados há ano + dia.

*Heil + Saudações, Al. Simmert, Hirschbergstr. 17/4*



Anexo H – senhora von Ponief, 28 de fevereiro de 1930

*Prezado senhor Hitler!*

Como membro do NSDAP eu me alegraria muito com o seguinte! Para trabalharmos bem de forma completamente livre de judeus, precisamos fazer nossos membros prometerem que não comprarão de judeus, dessa forma podemos conseguir pouco a pouco que os judeus sejam eliminados dos pequenos negócios e, assim, voltar a colocar as rédeas nas mãos da classe média. Isso não será muito fácil de ser executado com os grandes comércios, já que em grande parte, apenas o capital judeu trabalha nas áreas de confecção e sapatos. Mas, localmente, nosso movimento seria bastante beneficiado por essa medida restritiva.

Na maioria dos casos, o que ocorre é apenas falta de reflexão e o judeu se alegra bem no fundo com os compradores alemães tontos!! Ele próprio naturalmente sempre compra de companheiros de fé.

*Com um leal Heil alemão*

*Sua devota*

*Senhora von Ponief*

Resposta a senhora von Ponief, 6 de maio de 1930

*Prezada senhora,*

O senhor Hitler manda agradecer sua carta de 28 de fevereiro e as sugestões contidas. Nós, na verdade já temos a intenção de, futuramente, estimular continuamente os nossos colegas de partido por meio de demandas em nossos jornais a comprarem o mais possível de nossos membros.

Infelizmente, uma ordem para que não comprem de judeus é considerada dano aos negócios e pode ser punida por lei, pelo menos se os judeus forem explicitamente citados.

*Saudações alemães*

*Seu mais devoto*

Anexo I – cônsul-geral de Munique F. F. Pflüger, 3 de setembro de 1930

*Prezado senhor Hitler!*

Eu conheço o senhor e também seus objetivos muito bem. O senhor não deve me conhecer tão bem. Sou amigo do senhor major Siry, o qual também   seu amigo próximo.

Como antigo soldado e como grande industrial, colaboro há anos com a reconstru o de nossa pátria; principalmente com o treinamento físico e intelectual de nossa juventude, assim como com a educa o de nossos trabalhadores para que compreendam as questões nacionais e sociais. A esse respeito, o senhor pode verificar n os cópias carbonadas em anexo de minhas cartas para o senhor conselheiro dr. Duisberg de 14 de junho, bem como para o senhor Wittke, de 16 de julho.

O grupo de seus seguidores deve crescer fortemente nas próximas semanas – como conseq u ncia da justa insatisfa o de outros círculos com tudo o que vem acontecendo, ou não vem acontecendo, em nossa pátria por causa dos governantes.

No entanto, o grupo de seguidores certamente se desenvolveria muito mais forte e rapidamente – tanto em termos numéricos quanto em sua disposi o – se o senhor pudesse adotar as duas seguintes linhas de pensamento.

Para amplos e bons círculos alemães, a suástica muito destacada   impedimento para que se aliem aos seus esforços. A Inglaterra, assim como outros países, tiram proveito das habilidades, das rela es, etc. de bons círculos judeus que paream apropriados para solucionar tarefas nacionais, econômicos e políticas muitas vezes do tipo mais complicado.

E a outra linha de pensamento!

O senhor soube muito bem conquistar amplos círculos de trabalhadores, cativá-los. Sem dúvida – sem os trabalhadores, a Alemanha não pode existir. Esse grupo de seguidores, no entanto (de forma facilmente explicável!), despertou em amplos círculos alemães preocupados a ideia de que seus seguidores seriam “contra a propriedade”. Deve ser do interesse de seu movimento enfraquecer esses pontos de vista fortemente presentes, até mesmo eliminá-los se possível. Sua declara o de 13/4/28 (v. jornal *Frankfurter Zeitung*, n  611 de 18/8/30!) certamente não foi suficiente para tanto. Assim, mande que todos os líderes do NS sempre e sempre voltem a reforçar em seus discursos que a propriedade, a forma o de capital, a propriedade privada [são]

necessárias – naturalmente em determinadas formas saudáveis e dentro de certos limites. Então, os grandes círculos alemães, os quais ainda estão distantes, aguardando, também se voltarão para o senhor com seus recursos físicos, intelectuais e materiais. Esse é também o sentido das duas cartas acima mencionadas ao senhores dr. Duisberg e Wittke.

Nenhuma concessão para o centro, menos ainda para a esquerda: somente esse princípio lhe trará especial reconhecimento.

*Coloco-me à disposição para maiores explicações, etc.*

*Com especial admiração seu muito devoto*

*Pflüger, Major aposent.*

Resposta ao cônsul-geral, 9 de setembro de 1930

*Prezado senhor cônsul-geral!*

O senhor Hitler recebeu sua carta expressa do dia 3 do presente mês ao retornar de uma viagem. Ele manda lhe agradecer muito. Lamenta muito o fato de lhe faltar tempo para responder à sua carta pessoalmente.

*Saudações alemãs*

*[sem assinatura]*

De que sofre nossa querida partia? Principalmente também devido às suas mulheres e uma mulher significa a alma da casa e do país. Por isso a alma de nosso povo também está enferma, já que a grande massa feminina alemã abandonou seu lugar escolhido por Deus. A mulher seria a complementação do homem, o descanso em cuja espécie e natureza ele pode refrescar e recuperar seu coração e sua mente após a batalha e os esforços do dia a dia, no amor e respeito mais sincero.

A mulher deve se apoiar no homem como seu forte protetor e guardião na dura batalha da vida, repleta de profunda devoção como esposa e mãe de seus filhos. Essa é a tarefa da mulher escolhida por Deus e um desvio desse caminho significa para a mulher a perda de sua definição própria. Muitas inúmeras mulheres de “hoje” deixam de lado com um abano de mão e um sorriso de desprezo sua tarefa mais própria como algo ultrapassado e concorrem com o homem em todas as áreas, cegas ao fato de que justamente a mulher doce, desamparada, graciosa se torna atraente para o homem. A maioria das mulheres e meninas de “hoje” vivem em um delírio cego, correndo e perseguindo, nervosas e irritadas, ao invés de serem um local de tranquilidade para o homem que luta. A menina esportista moderna não pode continuar sendo o padrão da mulher alemã, a força da mulher deve estar em sua alma, não em seus músculos!

Depois, Walter explica que a guerra parira essas mulheres, pois as obrigara a trabalhar. Além disso, ela despertara a “insalubre ambição” da mulher pela “igualdade”. Esse desenvolvimento, porém, Walter considerava errado:

Não, e por que afinal, para provar nossa inteligência em relação ao homem ou para tirá-lo do caminho, para lhe mostrar que ele é desnecessário. Sejam quais forem os motivos pelos quais isso ocorre, isso é um erro. A grandeza da mulher não está em seu cérebro, mas em seu coração, não em sua força de vontade, mas na força de sua alma. E aí se encontra também sua verdadeira capacidade, dessas fontes surge também o seu verdadeiro fazer. Assim que essa verdade imutável voltar a se tornar completamente clara para nós, mulheres alemãs, quando a cegueira de nossos olhos se dissipar na benevolência do amor divino, contribuiremos indispensavelmente com a grandeza de curar nossa amada pátria.

---

<sup>6</sup> Essa carta tem 80 páginas. O autor do livro transcreveu apenas algumas partes, as quais constam na minha transcrição. E para que nada seja perdido na transcrição, especialmente nessa carta, trarei os comentários do autor.

Sobre essa mulher como profissional, ela dizia que existia “um grande campo de profissões femininas nobres” que seriam “adequadas à sua natureza”. E o caminho até essas profissões teria de ser aplainado e pavimentado para as mulheres do futuro. De maneira geral, no entanto, teria havido décadas de “movimentos femininos falsos”. Pois não apenas para as meninas e mulheres que “são obrigadas a ganhar seu pão” trabalham, não, continua Walter, “quase todas jovens moças, em grande parte de boas famílias, enchem hoje ainda massivamente os escritórios de empresas particulares e órgãos públicos”. Por isso teria surgido “o grande exército de comerciantes, funcionários públicos e empregados sem trabalho que andam por aí desesperados, sem o seu pão. Primeiro eles arriscaram suas vidas por nós nos campos de batalha e agora passam fome na ruas. Pobre Alemanha cega, é esse teu agradecimento aos bravos, esqueceste os heróis e seus atos tão rapidamente.” Então, ela associava sua comiseração com o destino dos homens a declarações atuais:

Certa vez, eu ouvi uma dama no Hotel Germania, o primeiro hotel aqui em K., fazer um discurso, era uma dama de Berlim, União das Funcionárias do Correio. Fiquei profundamente indignada com a visão de vida dessa mulher. Para onde quer que fosse a moça alemã, a mulher alemã, ela se deixaria influenciar por essas ideias insanas. Ela reforçou principalmente que sua tarefa central, ou seja, a dessas mulheres de ponta, consistia em, assim que um cargo público ficasse vago no Reich, ocupá-lo com uma mulher concursada, para que se ganhasse cada vez mais campos de trabalho para as mulheres.

Segundo ela, esse seria o caminho errado só existiria uma volta, segundo o mote: “Ao homem o arado, à mulher o fogão”. Além disso, naqueles tempos, as pessoas deveriam ser humildes; em um relacionamento, os dois não deveriam trabalhar apenas pelo dinheiro. O “ganho duplo” deveria ser eliminado. Além disso, essa “mulher masculinizada” certamente conquistaria menos a atenção do homem no campo amoroso. O mais importante, de maneira geral, seria o papel da mulher como mãe, principalmente para “formar a vida espiritual da criança”. Depois disso, Walter passa a tratar de questões educacionais:

Agora, porém, o principal é como a pequena menina hoje é intelectualmente educada. Para se intelectualizar desde o início da adolescência, pois a ambição dos pais tornou-se uma epidemia, a moça precisa cursar uma universidade ou pelo menos trabalhar em um escritório. Esse é o lema em todos os círculos populares, para o declínio da única verdadeira essência da mulher. Então eu peço à humanidade, aonde a

Alemanha que chegar com esse exército de moças, sendo que hoje não sabemos onde encontrar vagas e trabalho para os moços que necessitam imprescindivelmente de trabalho e salário. Qualquer pessoa com uma certa compreensão, homem ou mulher, precisa perceber que essa situação, ou melhor, essa perspectiva é insustentável, até mesmo absurda a longo prazo.

Sendo assim, Walter exigia “uma rápida reversão dessas inversões na educação das moças”. Pois a escola de moças mediana “de oito anos de duração é, para nós, absolutamente suficiente para transformar uma pessoa em um ser humano útil”. Segundo ela, com a frequência as escolas mais elaboradas ou universidade pela mulher, as famílias, por fim, também se desintegrariam.

Isso precisa mudar na Alemanha, acorde heil! O amor materno é divino, por isso a mãe os protege por longo tempo, para que vocês possam permanecer longo tempo em seu amor e seus cuidados. E vocês, mães, eduquem suas filhas para serem verdadeiras mães que sejam cumpridoras de seus deveres, devotas, submissas e amorosas em um amor radiante! Portanto, o mote do futuro: formação da juventude feminina, mais alma que cérebro, mais trabalhos manuais que intelectuais!

Walter fez também sugestões para a formação das moças. Em primeira linha deviam ser ensinados línguas, trabalhos manuais e religião nas escolas de moças, mas o mais importante seria economia doméstica. Para tanto, porém, as jovens precisariam cumprir anos de trabalho obrigatório em casas bem administradas. De qualquer forma, ser professora nas escolas de moças seria uma boa profissão. Essas mulheres selecionadas deveriam frequentar uma escola especial dos 15 aos 25 anos. Mulheres solteiras deveriam se dedicar a trabalhos manuais. Elas seriam incumbidas a costurar roupas e costumes segundo as “tradições alemãs” e produzir verdadeira arte popular que deveria ser utilizada para a decoração de bom gosto do lar. No entanto, o papel que deveria ser mais valorizado seria aquele que uma mulher poderia desempenhar na administração de uma casa de campo. Os pensamentos dela, nesse trecho apresentados de forma bastante dispersiva, giravam em torno dos conceitos: “campo”, “natureza”, “sangue” e “solo”. Após algumas páginas dessas declarações, ela volta para a verdadeira definição da mulher. Ser uma boa dona de casa seria também uma formação universitária, diz Walter, descrevendo verbosamente casos do seu círculo de conhecidos nos quais os casamentos existiam “apenas pela aparência ou pelos filhos”, porque a esposa não era uma boa dona de casa. Então segue-se uma crítica massiva à social-democracia.

Sim, e além disso, vocês social-democratas, vocês realmente chama isso de cuidado social e trabalho, feito para o bem-estar do povo, isso que fizeram nos últimos anos, para as mulheres pobres e as da classe média, e isso que vocês hoje fazem, nos dias de grande penúria. Nada, mas nada mesmo que pudesse atacar a grande penúria do povo em suas raízes. Sim, a sabedoria dos espertos e sábios, que representavam o governo nesses anos, hoje se acabou. Eu quero lhes dizer, grande parte do mistério da penúria estará solucionada se o homem voltar a ocupar sua antiga posição e o lugar da mulher for o lar e a beira do fogão, e nas relações, já que a mulher é obrigada a receber um salário, a mulher solteira, a menina mais velha, serão abertos para ela caminhos para profissões que correspondem à sua psique! Quando a postura do homem diante da vida estiver acertada, então toda essa penúria mil vezes originária dele se solucionará automaticamente. Vocês mulheres, não ficam coradas de vergonha quando pensam que pobres irmãos alemães desempregados, pessoas jovens e cheias de esperanças, andam sem destino de noite pelo Tierpark sem um teto e se vendem para outros homens. Essas manchas não impregnam apenas a honra dessas pessoas, não, mas também sua alma, envenenando-a talvez para sempre.

Depois Walter passa para o campo da moda. Devido à pobreza e à necessidade, hoje não seriam mais possíveis roupas adequadas à classe social para moças, mas “meias de seda”, “sapatinhos elegantes”, “vestidos justos”, seriam tão supérfluos para corpos saudáveis quanto um “corte de cabelo *a la garçon* ou masculino”. Pois “mulher alemã, você não é uma francesa refinada e coquete, não é uma americana mimada e engraçada que, devido à sua atitude diante da vida, precisa de maquiagem, no seu caso, a personalidade deve surtir seus efeito, não a roupa”. Imediatamente então segue-se um desvio contra a “música de negros, *jazz*, em festas de igreja”. Walter suspira: “... meus queridos velhos fazendeiros que ainda rodopiam em costumes adequados ao maravilhoso som das valsas alemães com parafusos, vejam como sua juventude balança convulsivamente com o *jazz* dos negros”. O filme também não poderia ser aquilo que poderia ser, diz Walter: “O filme, o que ele poderia oferecer à humanidade, e o que ele dá? Deveria criar obras de arte muito diferentes com seu alto desempenho técnico. Um *Anjo Azul* e incontáveis outras coisas são inaceitáveis para a educação da juventude alemã”. Depois ela troveja contra as pessoas do mundo cinematográfico que “agem com voluptuosidade”, mas “talvez”, realmente, “o forte impulso sensual do mundo afetivo judeu exerça ali grande influencia sobre a fonte dessa criação que tantas vezes nos

enoja”. Sem nenhuma associação com o que acabara de dizer, seguem-se então as frases com características pessoais:

Eu acho a mulher, o amor, muito mais atraente vestida do que despida com refinamento. Nós mulheres já somos por natureza intensamente feitas para agradar ao homem, sem que isso seja consciente, e talvez justamente por isso agrademos. Por que ser tão impudente e mostrar o amor de forma tão baixa, talvez o desprezado *kitsch* ainda seja melhor que as portas dos quartos modernamente abertas cheias de refinamento e falsidade. Alma do povo alemão pura, acorda, permite que te ofereçam apenas pureza e verdade. E o que já permitimos até hoje que nos fosse oferecido sem podermos nos defender. Hoje as pessoas tocam com o mesmo instrumento Wagner, Beethoven e outros gênios da música, dádivas de Deus; músicas de negros, *jazz* com conhecimento da terrível diferença.

A música pessoal de Walter seriam os “maravilhosos sábios de Viena”. Sim, na valsa “os olhos brilham, o coração ri em pura alegria, a avozinha já não recusava uma pequena dança. Apenas o *jazz* e todo o resto do vaivém estrangeiro nós deixamos com prazer aos outros países de alta cultura. A arte alemã precisa renascer, ela não pode entrar em decadência, Deus provenha! Heil!”

Aproximadamente quinze páginas antes de terminar sua carta a Hitler, Walter reforça que agora iria finalizar, mais ainda precisava mencionar uma ou outra coisa. Suas declarações em relação ao salário mínimo, aposentadorias ou os efeitos da otimização sobre o comércio e a indústria, ou seja, o efeito da loja de departamentos e do sistema de produção em escala (“sistema americano”), são aparentemente racionais e, portanto, as reproduzimos aqui de forma não resumida. Foram omitidos apenas os trechos de transcrição e repetições de coisas já ditas até agora:

Agora eu não quero, para finalizar essas folhas, lançar nenhum holofote sobre o estado deplorável do Reich, da forma como uma mulher alemã o vê. Não quero ser detalhista nem exaustiva, pois a batalha é do homem, o amor e os cuidados, da mulher. Nós podemos, porém, informara ao homem nosso ponto de vista.

Hoje se faz muito barulho em torno da questão dos salários, nesse caso seria bom se ter clareza sobre o que um país pobre consegue realizar nesse sentido. Acho que poderíamos estipular um salário mínimo e um salário máximo que fosse adequado à situação atual, como por exemplo, 300-900 marcos para os funcionários públicos casados, para funcionários solteiros, a metade, funcionou em tempos passados, melhores e mais modestos, por que não hoje, se o povo está passando necessidades!



As aposentadorias precisam de grandes reformas, nós poderíamos escrever um livro sobre os pecados cometidos na pátria alemã nesse sentido. Acho que grandes somas poderiam ser economizadas sem se agir de forma injusta.

Eu me alegro pelo fato de estar anotado no programa do P.T. Nac. Soc. como um ponto central: combate às lojas de departamentos, às associações de consumo. O pequeno burguês e cidadão de classe média tão satirizado e objeto de gracejos, que serve de alvo para as piadas de mau gosto dos social-democratas, é responsável, enquanto estiver ali saudável, pelo bem-estar de um país. [Em] seus círculos podem ser encontrados os poupadores honestos e esforçados, honestos e competentes também no trabalho. Deles foi roubado, da noite para o dia, o dinheiro gerado poupado com esforço na inflação, e agora que eles querem criar para si com ácida perseverança uma nova existência, uma existência para a alimentação de sua família, a afetuosa e cuidadosa social-democracia lhes enfia seu programa diante do nariz. Morte à burguesia, viva as associações de consumo, as lojas de departamentos, e ainda um jornal cheio de piadas de mau gosto sobre a burguesia em extinção. E depois esse partido dos internacionais ainda se admira quando os nazistas são apoiados pela burguesia!

No futuro, a vida profissional do cidadão deve ser protegida por altos impostos. Às lojas de departamentos, e cada um pode ter imprescindivelmente apenas uma loja, ou seja, nenhuma filial. As associações para necessidades vitais organizadas pelos social-democratas, associações de consumo, também deveriam desaparecer da face da Terra, pois elas são realmente a ruína do pequeno comerciante.

Agora vamos às fábricas. Com ouvimos das bocas de artífices e operários antigos e experientes, ali justamente o sistema americano é um dos maiores males. Trabalhar na esteira segundo o cronômetro de um teórico. Esse é um trabalho sem alma, um trabalho acelerado sem qualidade. Vamos tirar o sistema americano de nossas fábricas e fazer um trabalho alemão de qualidade com alma, diligência, alegria – e feito com precisão –, então vamos voltar a ser alemães e teremos um produto que pode ser visto. É bom se utilizar a tecnologia para ajudar a humanidade, mas ela não pode dominar esta última e menos ainda tirar desta ou de uma multidão incontável, o pão de cada dia, senão a benção da tecnologia deixa de existir. Pois ela é desalmada. Por isso principalmente trabalho manual, trabalho alemão de qualidade. Vamos disseminar isso pelo mundo afora como fama do trabalho manual alemão. No que diz respeito à penúria da classe trabalhadora atual, ela se compõe justamente pela combinação desse superpoder da tecnologia com a necessidade do desempregado, mas a social-

democracia, que se autodenomina acima de tudo partidos dos trabalhadores, não encontrou nenhuma solução para essa grande penúria dos trabalhadores nesses doze anos. Abaixo o sistema americano, depois de um ano de serviço profissional obrigatório para o jovens, eliminação dos salários duplos, prioridade para os homens nos empregos, aposentadoria aos 60 anos como empregado ou funcionário público, e então vamos ver quantos desempregados vão restar.

As duas páginas seguintes do texto de Walter sobre a necessidade de um serviço profissional obrigatório podem ser resumidas com sua declaração sobre suas vantagens: “Não seria melhor, moral e financeiramente, se os jovens aprendessem, em um ou dois anos de serviço profissional, a disciplina e a ordem, obediência e sentimento de orgulho nacional, em vez de esperarem, malvestidos e mastigando um cigarro, toda manhã na secretaria do trabalho até receberem seu carimbo consciente”. As condições atuais gerariam a miséria moral, diz Walter, impedindo qualquer autoconfiança: “Povo alemão, o que foi feito de tua juventude”. A mudança de tema se segue então sem nenhuma conexão:

Agora, qual a postura de uma mulher alemã em relação à questão dos judeus. Exatamente conforme sua predisposição, o ódio no sentido verdadeiro da palavra batalha ela não profundamente, não. Mas em compensação ela tem o orgulho que a impede de cometer o erro de não interpretar corretamente os carinhos e adulação de um judeu dirigidos a uma cristã. Eu, por exemplo, nunca soube o que é ódio aos judeus, mas no quesito amor, mesmo antes da existência da suástica os judeus nunca tiveram sorte comigo, sem se tornarem grosseiramente ofensivos, mas uma vez, para [ser] sincera, como nenhuma outra medida adiantou, eu fiquei realmente em sincero apuro.

Mas se o senhor me perguntasse, Adolf Hitler, qual a minha posição diante da questão dos judeus, que lhe responder sem demora, de forma verdadeiramente feminina: tenho compaixão pelos judeus que foram atingidos imerecidamente por golpes morais e espirituais. Mas eu seria sempre a favor de que o sentimento de superioridade do cristão cresça, por ser cristão, e isso com todas as honras.

Não servo dos judeus, não rapariga dos judeus, mas simplesmente um cristão, orgulhoso da cristandade, e uma batalha sincera contra o espírito lucrativo dos judeus de acordo com sua predisposição, ao impor-lhe limites para manter a moderação. Justamente trabalho manual, e não apenas comércio. Ou emigração, para quem não quiser ganhar o pão com as mãos. No entanto, assim que surgirem possibilidades de que a sua pátria, sua antiga pátria, possa voltar a ser acessível ao judeu, então que eles saiam

com tranquilidade, os apátridas. Nós queremos nos confraternizar com eles, pois não se ajustam ao nosso país em todas as suas visões de mundo.

Eu, porém, gostaria de dizer a toda moça cristã e a [toda] mulher, que deixem essa espécie estrangeira para lá, pois ela não deseja nada mais do que seu corpo, mas não, nunca, a sua alma, estranha a ela, já que você é cristã. E eles sabem tão bem, esses judeus, encantar as mulheres, como um veneno que querem pingar em seu sangue. Eles têm um amor exuberante pelas mulheres, e essa raça normalmente tão avarenta desperdiça enormes quantias pelo amor e o carinho de uma mulher. No entanto, apenas as mulheres que também são apenas corpo sucumbem a essa morfina! Eu não tenho repugnância pelos judeus, mas nenhum pode me beijar, minha espécie e meu sentimento natural opõem-se a isso.

Mais uma coisa, antes que os homens judeus despeçam para sempre das terras alemãs, eu tenho ainda um pedido para vocês, homens alemães: simplesmente observem um pouquinho a devoção delas pela mulher, esposa, os pais, aos anciões, pois um pouquinho vocês podem aprender com eles nesses quesitos. Um judeu sempre cuida dos seus, providenciando para que estejam bem. Naturalmente, qualquer meio para tanto é sagrado para ele, não há dúvida, mas como é bom ser amada com todos os cuidados como mulher.

Ela recapitula sua posição resumidamente: “Por isso mulher alemã, não tenha ódio em relação à questão do judeu, apenas orgulho e sentimento de honra, sentimento de superioridade!”. A partir dessa torrente de ódio analisável apenas pela psicanálise, Walter muda o tema imediatamente para seu próprio horizonte de experiências, o comércio de leite. Ela se volta contra a existência de grandes leiterias e de uma regulamentação burocrática excessiva dessa área, pois, “antigamente, o comerciante de leite o obtinha diretamente no campo”, e as pessoas “prosperavam, assim como nossos bolsos”. Além disso, sugere que se proibam as importações do exterior, se não forem absolutamente indispensáveis: “primeiro devemos nos alimentar com o pão do próprio país”. Bem no final, ela se mostra ocupada com um pensamento cuja realização certamente seria uma “grande benção”. Exatamente como a Caixa de Previdência Médica Geral Alemã Distrital, seria necessário instituir uma Caixa de Aposentadoria Geral Alemã para todas as classes sociais, para que qualquer um que chegasse aos seus 60 anos pudesse se aposentar. Não seria possível que o “idoso tenha de sair para mendigar”. Em seguida, aborda a miséria dos “irmãos do povo alemão” no exterior, principalmente na Rússia e na Polônia. Ninguém pode se “esquecer de todos os irmãos e

irmãs alemães no exterior” que “brigam por seus direitos e sua liberdade”. Seria uma ignomínia o fato de “não se ter encontrado nenhuma ajuda para as necessidades alemãs na Polônia!”. Imediatamente depois, Walter formula:

Afinal, não precisamos ser obrigatoriamente belicosos. Não, nós mulheres amamos fundamentalmente a paz, mas devemos ter vontade e uma palavra que tenha valor e efeito, não que um mundo pisoteie um país com seus pés e um país que foi conclamado para que um mundo se convalesça com ele e sua essência!

Sem qualquer interrupção, ela formula as seguintes frases:

E eu queria dizer mais uma coisa à social-democracia como mulher alemã. Vocês não se envergonham de fazer palestras e escrever artigos de jornal sobre o casamento e o nascimento de forma tão desavergonhada que uma mulher decente fica ruborizada ao lê-los ou ouvi-los. Há pouco, um desses médicos, que mereceria tranquilamente um outro nome em bom alemão, fez, por iniciativa do partido, uma palestra absolutamente desavergonhada sobre temas que eu não quero nem mesmo escrever aqui. Ele declarou, depois de ter se manifestado com as explicações mais ordinárias possíveis, que quem se encabulasse deveria deixar o salão. E o jornal escreve, gabando-se, que nenhum homem ou mulher deixou o salão, sim, em uma reunião dos ridicularizados nazis certamente nenhum orador teria falado sobre um tema como esse e, se isso ocorresse, uma tempestade de indignação teria exigido que ele se retirasse do salão. Não bastasse que tenham nos arrasado financeiramente, agora tentam nos arrasar também espiritual e moralmente. Nos[as] mulheres eram antigamente mais saudáveis que hoje e não eram esclarecidas. Filhinhos e felicidade e bênção em uma família. Cuidem para que os homens da Alemanha voltem a ter pão e trabalho, então a Alemanha não precisará de medidas de prevenção para nascimentos. Acusatório contra o falso pensamento a respeito desses problemas são as incontáveis mulheres que hoje lotam as salas de espera dos ginecologistas. No que diz respeito a essa ideia, uma verdadeira mulher alemã honrada não pode de forma alguma obedecer à social-democracia. Casamento, amor e maternidade são coisas que nós sentimos e sobre as quais mal se fala, pelo menos só de forma a manter o caráter sagrado de uma dessas coisas. Minha avó teve catorze filhos e até hoje nunca precisou de um ginecologista.

Alemanha, a tua mulher precisa voltar ao fogão, teu homem ao trabalho pelo salário e a maternidade deve voltar a se tornar sagrada! Heil!

As páginas seguintes, realmente as últimas, do texto esclarecem mais uma vez os profundos desejos de Walter – e o motivo e a forma da carta.

Estas páginas eu escrevi só para o senhor, Adolf Hitler, para torná-lo conhecedor dos sentimentos e pensamentos de uma mulher alemã, mas também para lhe pedir que deixe a mulher participar de sua criação, de sua parte. A social-democracia acusa o P.T. Nac. Soc. de excluir a mulher completamente do trabalho. Isso não deve ser verdade e não pode ser verdade. Antigamente nós tínhamos uma *Landesmutter*<sup>7</sup>, que cuidava da pátria como uma mãe em questões que só cabem à mulher, maternas. Não se pode excluir a mulher da administração do Estado, assim como tampouco a mãe do lar. Porém, justamente o fato de a liderança da social-democracia não ter encontrado uma substituta para essa *Landesmutter* e seus cuidados, levou à penúria de todos, espiritual e moral, nos últimos anos. Führer Adolf Hitler, não se esqueça disso, pois um exército de mulheres com profundo amor à pátria e a força de ação está ao seu lado. Deixe que elas participem de sua criação, por uma nova pátria!

Eu teria ainda um grande pedido de Natal, veja a cruz na capa. Ela é da ordem dos joanitas, composta de duas cruces suásticas. Esse símbolo e seu efeito têm profundo, profundo significado. Ofereça como presente de Ano-Novo às mulheres alemãs esse símbolo para colaboração. Aos homens, a batalha, a suástica. Às mulheres, a cruz, sinal de amor e cuidado. Certa vez li em um discurso seu, Adolf Hitler, sobre o motivo pelo qual o senhor coloca o símbolo da cruz suástica às frente do movimento. O senhor disse que nós ainda não éramos dignos de usar a cruz cristã como símbolo. O senhor tem muita razão com suas palavras, mas mesmo assim, presenteie-nos com a cruz, essa cruz formada de duas suásticas da batalha, a nós, mulheres alemãs. Nós queremos investir tudo o que temos em termos de amor e cuidados para sermos dignas dessa cruz. Heil!

Eu, no entanto, quero rezar, pois acredito que as orações são atendidas, para que Deus, que designou o senhor para guiar um povo da noite da luz, lhe dê saúde e sabedoria para completar sua obra. Heil!

Então, Adolf Hitler, Führer do movimento libertário alemão, se o senhor sentir falta de uma mulher em um local de ação e cuidados, então o senhor pode me chamar, estou disposta. De que valem pai, mãe, casa dos pais, quando a pátria nos chama. Eu terei atingido meu maior objetivo de vida e realizado meu desejo mais profundo se puder servir à tão amada pátria. Heil! Adolf Hitler Heil!

*Sua Elsa Walter*

---

<sup>7</sup> Mulher (normalmente nobre) de influência política que ajudava a cuidar de territórios, principados, etc.

*Nascida em Karlsruhe em Baden*

*E 6 de setembro de 1898*

*Natal de 1930*

Anexo K – líder do grupo local do NSDAP de Letschin em Oderbruch, Karl Reiff, 27  
de dezembro de 1931

*Meu desejo!*

Um novo ano diante da porta a bater.  
Um novo ano surge vindo da posteridade.  
Será que a Alemanha vai finalmente renascer?  
Será que finalmente a Alemanha vai acordar em sua totalidade?

Suportamos dificuldades ilimitadas,  
De dificuldade intolerável, como nenhum outro povo avistou.  
O que sofremos em dias passados,  
Com desespero do colapso nos aproximou.

Mas vamos todos ter esperança no futuro destemido,  
Pois Deus não abandona o alemão real.  
Aos corajosos, o céu está sempre desobstruído,  
Pois realmente aos valentes a luz da vitória já dá um sinal.

Vocês zombaram de nós e nos ridicularizaram.  
A vários milhares impingiram a morte e ferimentos,  
Em força superior se aglomeraram.  
Com mentiras e ilusões promoveram afugentamento.

Porém, já começa o raio do sol da vitória  
A dispersar a escuridão no horizonte.  
Ele ainda é fraco, mas da liberdade a delícia  
Já penetra em nossos corações previdente.

Próximo está o dia em que a liberdade nos será anunciada.  
Próximo está o tempo da Alemanha novamente livre.  
Próximo está também o dia da população unificada,  
E a enganação vermelha viverá seu declive.

Corre por todas as terras alemãs em ritmo progressivo

Um grito, um único poderoso grito de saudade!

Ajuda-nos, Hitler, a nos livrar de todos os bandos inimigos!

Ajuda-nos, Hitler e nos devolva a liberdade!



Anexo L – Goebbels, 31 de dezembro de 1931

DESEJAMOS AO NOSSO QUERIDO E ADMIRADO FUEHRER PARA O ANO DECISIVO DE 1932 SAÚDE FORÇA DISCERNIMENTO E PODER CORAÇÃO QUENTE E CABEÇA FRIA E EM TODAS AS TEMPESTADES E PERIGOS SORTE E NERVOS DE AÇO A VITÓRIA SERÁ NOSSA.

GAU GRANDE BERLIM SEU GOEBBELS

Anexo M – Brand-Erbisdorf, homem da SA, 31 de dezembro de 1931

Na passagem do ano, é meu dever sagrado como defensor fanático da pureza e da verdade e do destino do nosso povo.

Meu caro e mais alto Führer Adolf Hitler, que o senhor permaneça conectado como toda energia à natureza todo-poderosa, e respeite essas leis, para que se mantenha até a idade avançada de nosso povo alemão, esse é nosso desejo alemão para o novo ano. Estamos convictos com firme crença de que o senhor como o mais alto Führer de nossa nação alemã, até mesmo do mundo todo, isso o senhor já provou com muitos grandes feitos, é o salvador do povo alemão, o que a história ainda não conseguiu documentar.

Assim clama a maior parte das vozes alemãs, fortes como aço, como todos os sinos alemães na passagem de ano, vindas do povo alemão, pelo nosso mais alto Führer Adolf Hitler.

*Saudações alemãs, viva a batalha!*

*Lorenz Kircheis*

*SA-Res. – Homem VI/1*

Anexo N – grupo local de Greiffenberg na Pomerânia, Hans Borrhart, ano de 1931

*À direção do Reich*

O grupo local de Greiffenberg, na Pomerânia, toma a liberdade de expressar à direção do Reich do NSDAP os mais cordiais votos para o ano novo. Deixamos para trás um ano de batalhas, e se o novo ano também nos trazer duras batalhas, então vamos entrar na mesma com coragem renovada e certeza inabalável da vitória, sem temer a morte nem os ferimentos.

Reforçamos aqui ao nosso Führer Adolf Hitler o juramento de fidelidade inalterável e devoção até a morte.

Que o novo ano nos traga a vitória final!

*Com fidelidade inalterável*

*Heil nosso Führer*

*O diretor do grupo local Hans Borrhart*

*O secretário Erich Hammermanns*

*O líder commercial Kohlhepp*

Anexo O – Marga P., em nome das Moças da Alemanha Ocidental, ano de 1931

Ao senhor, o grande Führer do maior movimento alemão libertador de todos os tempos, as moças alemãs da Renânia enviam seus votos. Com firme crença no senhor e no sentimento nacional nascente de todo o povo alemão, acreditamos no ano da libertação de 1932. Uma saudação alemã e um forte “heil” ao nosso grande Führer da libertação.

*Marga P.*

*DürwiB*

*Município de Jülich (Renânia)*

*Heil Hitler!*

Meu sentimento de responsabilidade em relação à Alemanha me leva, apesar de ser um desconhecido homem da SA, a deixar à sua escolha o seguinte estratagema político para consideração:

Escreva ao chanceler do Reich Brüning uma “carta aberta” de grande efeito.

Intime-o a compreender o momento histórico universal que o destino lhe oferece, ou seja, a sua renúncia para então permitir a síntese Hindenburg-Hitler que levará a população imediatamente à unificação que o próprio chanceler do Reich considerou absolutamente necessária nas últimas eleições. Intime-o a fazer o sacrifício de sua renúncia por amor à Alemanha. Pressione Brüning convencendo-o da mais grave responsabilidade! Ameace ao mesmo tempo, no caso de rejeição à sugestão, com uma campanha de demonstrações e esclarecimentos nunca antes vista na Alemanha.

*Eu acho que Brüning teria que ceder.*

*Salve a vitória!*

*Barão Helmut de Bechtolsheim*

*Estudante, Sturn 16/2*

*Prezado senhor Hitler!*

As mais cordiais felicitações pela vitória eleitoral de ontem é o que lhe desejam, muito estimado Führer, um nacional-socialista com sua família. Quando eu, há anos, escolhi Simbach/Inn como local de residência, puder dizer que um homem ao qual o povo alemão confia seu próprio Eu surgiu [em] Braunau/Inn. Viva os seus méritos em relação a Hindenburg! Sim, senhor Hitler, nós lutamos e ganhamos algumas coisas, fizemos isso com prazer, com amor, amor profundo pelo senhor, nosso Führer, nosso popular salvador dessa escravidão. Mas, senhor Hitler, não sangramos e sacrificamos nossas vidas por uma liderança nacional-socialista que queira voltar a colaborar com o antigo opositor. Horst Wessel e outros não estão no túmulo para isso!!! Queremos ser completamente libertados pelo senhor daqueles que até agora nos trouxeram necessidade e miséria. Não queremos saber de nenhum outro governante, só queremos

ADOLF HITLER

como Führer, como única mão forte, como ditador.

Queremos Adolf Hitler, o qual nos prometeu expulsar esses bonzos dos cargos, livrar-se imediatamente dos sacerdotes que fazem política. Queremos o Adolf Hitler que jamais capitula e faz concessões e não se envolve em negociações com antigos inimigos que atacaram nosso amado Führer com sujeira e difamação. Queremos viver em breve a elevação e libertação da Alemanha, e não depois de anos. Ofertamos nossas vidas por essa meta e pelo nosso Führer.

Nunca abandonamos Adolf Hitler, pois de outra forma não é possível vencer. Ainda não temos o poder para o nosso Führer. Mussolini é forte, Hitler deve ser ainda mais forte e severo. Nós, batalhadores, desejamos isso e queremos ser libertados da economia judaica. Só então teremos vencido, quando tivermos atingido essa meta.

Estamos prontos e queremos marchar pelo nosso Führer Adolf Hitler e pelas suas ideias! Esperamos treze anos pelo nosso salvador, agora chega. Avante com o que urge. Desejamos Adolf Hitler como ditador e não Hindenburg, que se opôs à elevação. Nós não queremos uma rebelião, o que certamente para muitos é sensacional. Queremos conquistar a liberdade com mãos ousadas.

Nós, nacional-socialistas, queremos a proibição de todos os jornais que espalharam veneno contra nosso Führer, expulsão de todos os judeus, deposição de todos os prefeitos que apoquentaram os habitantes dos vilarejos e cometeram injustiças

revoltantes. Queremos a proibição de vários partidos. Punição dos criminosos da inflação, nenhum pagamento a ministros que saírem, pensões, etc.

Adolf Hitler, a quem ofertamos nosso sangue: segure os renitentes com mão de ferro e severidade e complete o programa com vontade ditatorial. Não negocie, mas aja! Confiamos em nosso Führer e o presenteamos com nossos corações a cada batimento!

*Heil Hitler!*

*Salve-nos da escravidão do inimigo interno!*

*P. F. Becker, Lauben/Silésia*

Anexo R – Sra. Luise Cramer, 7 de junho de 1932

*Prezado senhor Hitler!*

Por causa de meus três filhos, eu me tornei nacional-socialista. Já comecei a trabalhar para as próximas eleições. Hoje posso lhe informa por que muitas mulheres não se aliam ao NSDAP. Nós não podemos votar em Hitler porque ele voltará a instituir a inflação. Levei anos para economizar de novo um dinheirinho, e se ele for perdido de novo, o que vai ser? Essas e outras afirmações semelhantes são retrucadas a mim. Uma outra mulher me disse que agora teria economizado algumas centenas de marcos para seu filho doente e precisava votar no homem que vai procurar manter o dinheirinho das viúvas e dos órfãos.

Posso lhe aconselhar para as eleições, que diga aqui em todos os discursos eleitorais que os pequenos poupadores não vão perder seu dinheiro com sua subida ao governo.

Então nosso trabalho será mais fácil, pois, para público, o fantasma assustador dos próximos tempos é a inflação.

*Com um “Heil Hitler”*

*Sra. Luise Cramer*

Resposta a Luise Cramer, sem data

*Prezada senhora Cramer!*

Sua carta do dia 7 deste mês ao senhor Hitler chegou até nós. A mentira de que o NSDAP teria como meta a inflação ou que a provocaria ao tomar o poder já foi sistematicamente espalhada pelos opositores durante as últimas eleições, e justamente pelos partidos que são culpados pela última inflação.

Eu lhe envio em anexo um pequeno folheto que toma posição também em relação a essa mentira.

*Saudações alemãs*

*Albert Bormann*



Anexo S – Anna Dietz, 9 de junho de 1932

*Prezado senhor Hitler!*

Por favor, peço desculpas antecipadamente se o incomodo com minha carta. Estimado senhor Hitler, o senhor poderia fazer-me a amabilidade de me emprestar 500-600 RM com o prazo de um ano com boas garantias, eu lhe ofereceria como garantia toda a minha mobília assim como um bom fiador. Tenho uma letra de câmbio que vence em julho, essa não pode ir a protesto, senão ela vai direto para o tribunal de comarca o que apenas acarretaria em altos custos. Ainda temos parte do fertilizante e só poderíamos vendê-lo no final do outono. Nosso pequ. negócio não está bem no momento. Carvão e madeira não vendem nada mais agora, perdemos muitos clientes porque nos declaramos publicamente como gente de Hitler. Em compensação, vamos estar melhor quando nosso senhor Hitler governar o Reich, Deus nos ajude para que isso aconteça logo. Muitas vezes tive pensamentos suicidas, quando frequentemente não [temos] um centavo em casa e precisamos cuidar de uma família. Há muito eu queria lhe escrever e sempre me faltava a coragem, mas como está chegando a hora, eu não sabia mais o que fazer. Pois perdemos muito dinheiro nos últimos anos no comércio, pois os grandes querem acabar conosco, os pequenos. Por favor, realize o meu desejo, o bom Deus no céu vai recompensá-lo por isso. O senhor pode se informar antes sobre minha pessoa, para que não ache que sou má pessoa e só quero me aproveitar do senhor. O senhor com certeza não vai perder nenhum centavo. Espero não ter feito um pedido inapropriado, firmo

*Atenciosamente*

*Anna Dietz*

*Obernbreit em Marktbreit*

Anexo T – Gusti Danzl de Hanover, 10 de junho de 1932

Como o senhor vai discursar no rádio no dia 14 deste mês, gostaria de lhe sugerir que reforce claramente em seu discurso que não lhe foi possível até agora ajudar o povo porque o senhor ainda não governou.

Eu também não sou membro inscrito no partido porque, devido à doença de meu pai, faltam-me os recursos para tanto. Porém, sou nacional-socialista convicta e percebo com o horror nos últimos tempos cada vez mais que justamente aqueles que até então votaram no senhor Hitler estão ficando indecisos.

A grande massa está sofrendo demais. Para o povo, principalmente para as mulheres, o que importa é que elas e seus filhos tenham comida suficiente.

As pessoas se confundem e não compreendem que um Führer não tem os direitos daquele que governa, e [eu] tenho de mobilizar toda minha arte de convencimento a cada vez para esclarecer essa questão.

Se aqui no norte da Alemanha essas vozes já se multiplicam, o que será no sul da Alemanha, onde o centro subverte tudo.

Acredito firme e inabalavelmente em sua grande missão no coração, por isso acho que não poderia ter deixado de lhe escrever as linhas acima.

*Saudações alemãs*

*Gusti Danzl*

*Hanover, Heinrich-Heine-Platz, 3.*

Anexo U – A. von Cotzhausen, de Bonn, 14 de junho de 1932

*Muito prezado senhor Hitler,*

Em anexo, tomo a liberdade de lhe enviar um curto prólogo.

Tomara não tarde muito mais o tempo em que eu, junto com o povo alemão, possa contar com que surja para nós em sua pessoa um verdadeiro Führer que leve o povo adiante, para o trabalho, que saiba combater a miséria do povo ao invés de deixar que continuemos marchando para o pântano.

Tomara que o senhor torne claro ao povo que somente pelo trabalho, orgulho nacional, força de vontade, senso de dever, obediência absoluta e união, conseguiremos sair desse grande pântano ao qual os treze anos de economia vermelha ateísta nos levou.

Tomara que fique aos olhos do povo que é preciso se criar um novo governo para que não fiquemos ainda mais tempo sujeitos de forma incontestável à economia vermelha.

Tomara que as eleições em breve mostrem clara e explicitamente a voz do povo, aquilo que é a vontade do povo e para onde devemos nos encaminhar.

Com essa esperança e a certeza de que o senhor mesmo, honrado senhor Hitler, como Führer também continue mostrando de forma pioneira o caminho para o povo e logo inicie o trabalho previsto, firmo

*Com especial admiração*

*A. v. Cotzhausen*

O senhor Von Cotzhausen enviou o “prólogo” anexado. A peça da qual ele fazia parte não foi apresentada, talvez nem mesmo escrita.<sup>8</sup>

Agora a primavera recitou a canção de amor,  
A natureza respira em fulgor florescente,  
O tempo das rosas teve início,  
E todo vestíbulo está carregado de flores com grande alegria.  
Nós, porém, ainda lutamos com a dor e a miséria.  
Sobre nós pesa a mão do inimigo  
Que nos tece coroas de espinhos de sofrimento

---

<sup>8</sup> Tradução livre dos versos, uma vez que, neste contexto, o conteúdo dos poemas é mais importante que sua rima, métrica e outros parâmetros literários. (EBERLE, 2010, p. 114)

E nos ameaça com cargas cada vez mais duras.  
Mesmo assim, não queremos, no tempo das rosas,  
Nos afundar em dor e preocupações,  
pois temos um brilhante talismã  
que nos dá coragem para a vida e esperanças,  
e já fez coisas grandiosas nestes tempos –  
ele é a leal força do trabalho alemã!  
Sim, seja qual for nosso bordão,  
Só pelo trabalho podemos nos tornar grandes e livres!  
Alegres no trabalho sério, ricos no trabalho,  
Felizes no trabalho, assim devemos viver.  
Quando ambicionamos as alturas laborando alegres,  
Só assim o louro deverá coroar nossa frente!  
Por isso sejam dadas graças ao homem alemão,  
ele procura nos salvar do naufrágio,  
ele que agora ousa viajar por todos os mundos  
para explodir cadeias de escravos,  
que não se queixa indolente pelo brilho perdido,  
que clama não amedrontado, mas orgulhoso, por um Führer.  
Não, surge na vida ele próprio como Führer,  
Com as mãos prontas para qualquer obra nobre!  
Ao homem alemão, o qual, para lutar contra nossa miséria,  
a quem o trabalho permaneceu forte em todas as tempestades,  
a lealdade alemã e o amor alemão,  
O cuidado com o lar alemão,  
Ao homem do qual a mulher alemã  
Pode se orgulhar como de um herói aprovado para a luta,  
O qual continua construindo incansável,  
A ele deve ser oferecido o sacrifício de agradecimento!  
Se lhe restar a bela alegria pelo sacrifício.  
Então na Alemanha será de novo tempo de rosas,  
Como agora dentro da sombria cerca de flores,  
Então do dia primaveril do povo alemão  
Surgirá em nova magnificência!

A ele, o único que nos pode guiar na direção da luz,  
Um alegre viva ao primeiro homem alemão!

v. C.

Resposta ao senhor Cotzhausen 16 de junho de 1932

*Prezado senhor v. Cotzhausen,*

Sua carta do dia 14 de junho para o senhor Hitler foi recebida. O Führer manda  
lhe agradecer muito por suas linhas e pelo poema.

*Saudações alemãs*

*A. Bormann*

*Prezado Führer!*

7

Esse número que já desempenhou tantas vezes um papel tão importante no desenvolvimento do NSDAP – esse número<sup>9</sup> agora também adquiriu importância para os empregados das fábricas Kathreinners Malzkaffe Frabriken A. G., em Viena.

Até há pouco, havia apenas um membro do partido entre os empregados. Hoje já são sete. Esses sete decidiram, hoje iniciar, com toda paixão e o entusiasmo fervente e fantástico que faz pulsar o nosso movimento como um todo, a batalha contra as tendências marxista dentro do grupo de empregados e pelo posicionamento consciente a favor de uma visão alemã, ou melhor, de uma visão alemã nacional-socialista.

Eles prometeram ao senhor levar a batalha com determinação e consequência a qualquer custo; prometeram ao senhor que não se esquecerão do exemplo do Führer em nenhum momento, e prometeram ao senhor que não vão descansar nem por um instante até poderem lhe anunciar que entre os empregados da Kathreiner existem setenta nacional-socialista.

Dito isso, o saudamos como o nosso

*Mais cordial Heil*

*[seguem-se sete assinaturas]*

---

<sup>9</sup> Esse número refere-se ao número do cartão provisório de membro do NSDAP que Hitler seria, mas na verdade ele era o 55º membro do partido, com o número 555.

“Homenagem ao senhor conselheiro do governo Adolf Hitler”

Heil/ salve a ti Hitler! A batalha das eleições foi vencida.  
Nós te saudamos como nobre herói vencedor.  
Tu não recuas diante de nenhum esforço e nenhuma aflição.  
Que aguardem os teus no campo de trabalho.

Nós te congratulamos antes de mais nada.  
Desejamos felicidade e bênção na união.  
A flâmula com a suástica, os camaradas do povo  
balançam em tua direção.

E toda nossa energia deve pertencer  
Ao combatente que executa o ousado ato  
De honrar o país dos alemães  
De dar um fim à humilhação.

A batalha é acirrada enquanto vemos inimigos  
Que não querem nenhuma união  
Mas queremos ficar ao lado do Führer  
Certos de nossa lealdade, em tempos turbulentos.

Como nos preocupam as hordas em todo lugar,  
Como nos preocupam seus bufos e a fúria.  
Eles são os culpados pelo fato de em tantos lugares  
O sangue dos camaradas ter jorrado.

A semente dos sacrifícios não se perde.  
Acreditamos nisso e ao mesmo tempo agradecemos a Deus,  
Por ele ter escolhido Adolf Hitler para nós

---

<sup>10</sup> O poema de M. Hoffman ficou sem os dados do remetente. Mas ele sem dúvida foi escrito após as eleições de julho. (EBERLE, 2010, p. 116)

Como criador do novo Reich alemão.

E se este deve surgir esplêndido,  
Então todos os bravos devem estar presentes  
Para ajudar seu Führer intensamente  
Em seu trabalho de construção do Reich.

Tu ainda finalizarás tua obra maravilhosamente,  
A estrela da esperança brilha à tua frente.  
Tu vais desviar o escuro caos de nós.  
Deus te abençoe e abençoe o teu plano.

Heil/salve a ti, Hitler! A batalha das eleições foi vencida.  
Que consigas a vitória eternamente.  
Nós carregamos a flâmula com a suástica  
Com nosso grito de alegria: Heil/ salve a ti, Hitler!

*R. Hoffmann*



## Anexo Z – Karl Horstmann, 1º de agosto de 1932

Antes de mais nada, gostaria de reforçar que sou acentuado e implacável opositor do espírito judeu, não do judeu como ser humano, entre os quais os melhores têm também um caráter que luta pela verdade. Esse espírito não existe apenas nos judeus, mas em qualquer ser humano. O espírito judeu é o canalha do homem como o designa Frederico, o Grande. Todo homem que queira participar da construção do mundo tem de lidar com o bem e o mal. Nosso movimento tem a obrigação de, acima de tudo, continuar sendo pioneiro a esse respeito. O distanciamento violento dos judeus ou a sua expropriação seriam uma prova de que o senhor não está acima deles espiritualmente. A violência está onde falta o espírito: veja o nacional-socialismo e o comunismo. Trata-se, portanto, em primeiro lugar, de se obter o intelecto em nossas cadeias. A meta, porém, só será atingida quando agirmos no geral. Limites estreitos embotam o espírito.

O governo, portanto, deve tomar suas medidas de forma que atinja a correção geral, a correção que é vantajosa para todos. A exploração de um ser humano pelo espírito judeu, o qual se faz perceptível principalmente no mundo do comércio, só pode ser evitada se proibirmos severamente toda a agregação de empresas cujos diretores não tenham tanto capital privado responsável para poderem pagar todas as dívidas integralmente no caso de uma insolvência. Todas as desvantagens de nossos grupos empresariais até agora, sociedades da ação, sociedades limitadas, etc. seriam assim superadas de um único golpe. Outros caminhos, como a mencionada reforma da legislação acionária, são apenas paliativos. Quando se trata da vida de milhões, precisamos ver o sangue de alguns correr. O judeu, com sua insalubre valorização excessiva do tranquilamente no país, junto com seu capital de que toda a população precisa necessariamente. O capital, porém, não pode ser uma corrente que amarra o político, mas deve funcionar como uma correnteza abençoada que é cuidadosamente regulada pelo governo para que não ultrapasse os limites do seu leito causando destruição. Possivelmente, porém, os fins justificam os meios.

Então tenho mais uma questão importante. Grandes homens são sempre solitários, por exemplo, Frederico, o Grande. Nós reconhecemos a grandeza do criador pelo número de colaboradores. Estamos naturalmente obrigados a aproveitar a força dos capazes, mas nunca podemos deixar que se tornem conselheiros flutuantes.

*Karl Horstmann*

*Querido senhor Hitler!*

Eu o parabeno pelo sucesso eleitoral do movimento nacional-socialista, ao qual me filiei.

O inchamento dos votos comunistas tem sua origem nos últimos descontos de ajuda de custo aos desempregados. Eu gostaria de lhe contar, a esse respeito, uma experiência que minha amiga, uma enfermeira de recém-nascidos, viveu pouco antes das eleições. Ela estava atravessando a rua de manhã com uniforme de enfermeira quando foi abordada por uma mulher pobre e mais velha, acompanhada de três crianças. A mulher pediu uma ajuda. Era viúva, o homem morrera de câncer de pulmão. Ela tinha 9,60 M semanais de ajuda de custo e disse que, depois de descontar o aluguel, o dinheiro já se acabava no domingo. Então entrava com seus filhos nas casas para receber pelo menos a refeição mais necessária. Contou que já havia se deitado certa vez com seus filhos para morrer voluntariamente e abriu a válvula do gás, mas então a menininha se levantara e dissera: “Mas, mãe, eu quero crescer e ficar grande!”. Então ela perdeu a coragem para levar a cabo sua intenção. Ela completou: “Na Rússia também é possível que os pobres consigam viver, só na Alemanha ninguém cuida de nós!” – Essas pessoas votam nos comunistas.

Que as viúvas e órfãos não estavam em melhor posição na Alemanha rica do período pré-guerra eu sei por experiência própria. Meu pai era funcionário público na Prússia, morreu em 1894 como assistente administrativo de um hospital, e minha mãe recebia até a inflação mensalmente de 18 marcos de pensão de viúva com o que o aluguel e todas as outras necessidades vitais tinham de ser financiadas. Em que condições, com quanta fome e privações nós duas crianças crescemos não preciso descrever, apesar de minha mãe ter tentado de tudo para ganhar algum dinheiro com trabalho doméstico, aluguel, etc.

O Estado entra em colapso ao deixar as mães entrarem em colapso, e os homens que hoje governam não aprenderam mais do que aqueles do período pré-guerra. Do senhor, caro senhor Hitler, as mulheres esperam um futuro melhor.

Peça a ajuda de Deus para que o senhor consiga legitimar a confiança de milhões, com a graça de Deus lhe será concedida a vitória total.

*Com os mais sinceros votos para o seu trabalho, eu o saúdo*

*Emmy Hoffmann*

*O movimento marrom de libertação da Alemanha*

Há aproximadamente doze anos  
Era uma vez sete homens.  
Eles perceberam  
Que a Alemanha não podia existir  
Enquanto bonzos e judeus  
Brigassem entre si pelos cargos oficiais,  
Por isso eles duelaram, tenazes e determinados.  
Não queriam perder a liberdade e a Prússia.  
Com Adolf Hitler , primeiro soldado da guarda,  
Surgiu o partido dos nacional-socialistas.  
Por amor à pátria e seriedade sagrada  
Nasceu um movimento  
Que, sem se preocupar com os grandes perigos,  
Desejava levar o espírito alemão avante.  
Na suástica buscaram novo ânimo  
Para continuar lutando pela pátria.  
E após anos  
Já eram bilhões  
Que pela liberdade da pátria  
Se reuniam na união marrom.  
Desde o início já se via disciplina  
Que nunca se vira nos partidos do sistema.  
Porém logo a camisa marrom  
Não era mais desconhecida dos bonzos.  
Eles tinham o poder para proibir a SA.  
Mas essas bobagens não conseguiram fazer Hitler parar.  
E em pouco tempo  
Chegou o momento.  
Então chega o Dia do Juízo

---

<sup>11</sup> O menino que escreve tem apenas 13 anos. Ele recebeu uma resposta de agradecimento de Albert Bormann em 20 de agosto de 1932, infelizmente a resposta não aparece no livro.

Para a corja de judeus e patifes.

Então o sistema é derrubado.

O salário não mais reduzido.

O partido dos escravos será expulso.

Heil Hitler!!!

Tu vais vencer!

*Para o grande Führer do exército marrom!*

*Dedicado a ti, grande batalhador, do jovem de Hitler Armin H (13 a.)*

*Neunhagen/ Berlim*

Anexo C-1 – Olga Pianning - 30 de janeiro de 1933

A bandeira ao alto! Que os estandartes tremulem!

A “manhã alemã” chegou ao país,

soou a hora da verdade, que tanto aguardávamos:

“O leme está na mão de nosso Führer!”

As ruas livres aos batalhões marrons,

a mão com o punho cerrado, estamos prontos!

E uma nova esperança preenche o coração dos milhões

Que sempre acreditaram no Führer!

Por isso fiquemos juntos, firmemente unidos,

e elevemos a mão para mais um juramento de fidelidade!

Deixemos a suástica, a bandeira da liberdade, ondular,

“Heil, Adolf Hitler! Heil, pátria alemã!”

Anexo D-1 – Raeder, Almirante, sem data

*Prezado senhor chanceler do Reich!*

Em nome da Marinha do Reich e em meu próprio, tomo a liberdade, no dia de seu aniversário, de expressar-lhe os mais sinceros votos de felicidade. A Marinha e eu esperamos, de todo coração, que seu trabalho de reconstrução de nossa pátria seja coroado, também neste novo ano, com os maiores êxitos.

Ela está sinceramente agradecida ao senhor por poder novamente usar as antigas cores, cheias de glórias, e pelo seu interesse tão sincero e compreensivo nas questões do prestígio naval alemão. Ela está disposta a apoiar seu trabalho pela Alemanha com devoção e alegria.

Dito isso, despeço-me, prezado senhor chanceler do Reich.

*Seu sinceramente leal Raeder, Almirante, Dr. h.c.*

Resposta ao Almirante, 10 de maio de 1933

*Prezado senhor almirante,*

entre as milhares de felicitações recebidas por meu aniversário, somente hoje me apresentaram sua carta. As felicitações que o senhor enviou, em seu nome e no nome da Marinha, me deixaram especialmente satisfeito. Agradeço-lhe de coração, tardiamente, por isso.

*Saudações alemãs*

*Adolf Hitler*



*Muito honrado senhor Bormann!*

Apesar de saber que o senhor está tão atarefado no momento e de que já me dirigi ao senhor há pouco com uma solicitação, necessito pedir-lhe hoje, mais uma vez, sua ajuda. O senhor bem sabe como nos sentimos responsáveis por medidas duras, que demandam atitudes essenciais, quando elas atingem pessoas que dedicaram toda sua vida e toda sua força para a nação.

Trata-se do subsecretário do Império prof. Dr. Göppert, que descende de uma antiga família de funcionários públicos prussianos (Frederico, O grande, hospedava-se com frequência na casa de seus avós). Sua filha tem sangue judeu, como neta do prof. Hirschfeld, à época muito prestigiado, amigo de Th. Mommsen, que também lhe dedicou seu Staatsrecht [Direito público].

A senhorita Göppert foi dispensada agora de seu estágio no funcionalismo público, algo muito amargo para o Excelentíssimo dr. Göppert, que, como professor de direito na Universidade de Bonn, sempre reiterou seu espírito nacional, principalmente durante o tempo dos separatistas e dos franceses no Reno e que, antes, tinha se dedicado integralmente ao Estado, como subsecretário e funcionário público.

Seria possível, por conta da pessoa do Excelentíssimo dr. Göppert, possibilitar à sua filha o prosseguimento e a conclusão de sua formação, por meio de uma indicação ao procurador-geral do tribuna de primeira instância I? Afinal, ela não pretende ingressar na carreira pública no futuro, mas exercer seu conhecimentos num trabalho privado, científico.

Ser-lhe-ia muito grato se o senhor me informasse se é possível fazer alguma coisa nesse. Caso. Espero ter notícias suas independentemente de tais assuntos, e despeço-me com os melhores votos, também os de minha mulher.

*Cordialmente*

*Koenigswald*

21.4.33

Anexo F-1 – Krampe, 10 de setembro de 1933

A última ocorrência do tenente-general Ernst é o ensejo para que eu relate circunstâncias que são desonrosas a uma SA.

Como é possível que um homem como esse Ernst, que está desde 1930 no movimento, detenha um cargo tão alto? O homem acoberta todos os ataques por parte de sua tropa, sem se meter. Principalmente quando dirigidos à direção política. O líder regional ou seu representante poderão afirmar isso melhor. P. ex.; Um homem da SA viola uma menor de idade, todos os superiores sabem disso. O tenente-general Ernst tranfere o homem para outro batalhão. Um Sturmabannführer<sup>12</sup> procede da mesma maneira e faz dívidas de milhares de marcos, e por isso se torna líder de regimento. Comunistas que lutaram contra nós até a revolução hoje estão nos batalhões e viajam para Nurembergue [para a convenção partidária da NSDAP], tirando o lugar dos antigos combatentes. Seu irmão foi promovido há pouco a Brigadenführer (nepotismo), apesar de ter ingressado apenas em 1930, não ter jeito para a coisa e por aqui haver suficientes antigos líderes de regimento.

Também seria necessário investigar a árvore genealógica do Oberführer Glatzel, que ascendeu tão rapidamente. Em Döberitz, os oficiais reclamam que o tenente-general Ernst chegou para o juramento bêbado feito um gambá. Durante chamamento da SA no campo de Tempelhof, o tenente-general conseguiu a proeza de cair algumas vezes do cavalo. O último acidente de carro foi causado por embriaguez.

Será que o figurão não estava saindo da casa do senhor Röhrbein, com o qual o senhor tenente-general se divertiu há anos? (§ 175)

Eis o representante de nosso movimento. Foi para isso que os antigos combatentes, esses que estão sendo colocados de lado agora, lutaram – para dar lugar a esses novos senhores.

*Saudações alemãs*

*Dr. Krampe*

---

<sup>12</sup> Líder de um batalhão de assalto. Patente similar à de major (EBERLE, 2010, p. 172)

*Senhor presidente do Reich!*

Há dois dias, relatei-lhe casos escandalosos. Tais casos se multiplicam de maneira assustadora.

Hoje informo que, em Hedwigskoog, na noite de 12 para 13 de novembro, a casa do agricultor Wollatz Rohlinge foi invadida, a fim de assaltar esse alemão e home temente a Deus<sup>13</sup>. O homem fugiu dos bandidos. A situação da mulher e mãe de cinco filhos tornou-se a mais desonrosa possível. Ela acabou por fugir, apenas com a roupa do corpo, até seus pais, que moram longe. O filho mais velho foi ameaçado com o revólver e ainda está tremendo. 145 RM foram roubados ou furtados. Empregados foram maltratados. Os bandidos, membros da SS, apesar de notificados, estão em liberdade.

Assim se desenrolam repetidamente os acontecimentos no Reich regido pelo senhor. O direito é pisoteado mais e mais, apesar de todo o falatório sobre situações de direito e sobre a introdução de um novo direito. A liberdade física do alemão está ameaçada de maneira inaudita. Agora, quando são montadas “câmaras de cultura”, quer dizer “câmaras de chumbo” para a vida intelectual alemã, o que resta da liberdade intelectual será enterrado, como não aconteceu nem no Estado jesuíta do Paraguai ou aqui, na maior escuridão da Idade Média.

No futuro, quando a história do povo alemão for escrita, o final de sua presidência Serpa descrito como o tempo mais negro da história alemã. O senhor só precisaria convocar o exército do Reich para proporcionar um fim a esses estados intoleráveis do povo alemão. Diante de mim, porém, está a pesada censura de minha vida, a de que o senhor pôde se tornar o presidente do atual infeliz povo alemão apenas pelos conselhos que lhe dei e por meus atos.

Viva a liberdade! Que esse chamamento ecoe em seus ouvidos até que seus olhos se fechem.

*ass. Ludendorff*

---

<sup>13</sup> Ou deísta (EBERLE, 2010, p. 188)

Anexo H-1 – Richard Fichte, 2 de fevereiro de 1934

*Muito honrado governo Reich,*

Sobre uma questão que faz o sangue subir à cabeça de todos os comerciantes alemães, dirijo-me – como antigo defensor nacionalista do Terceiro Reich – ao governo do Reich com o pedido de que se evite que os judeus no Terceiro Reich tenham vantagens em relação aos comerciantes de sangue alemão no que diz respeito às compras.

Justificativas:

A associação do Reich da indústria das embalagens de vidro, grupo técnico cristal-vidro, Dresden, Bernhardedstr., 35, publicou três listas de descontos que devem valer para todo o setor. Cada empresa está vinculada a uma dessas três listas de descontos.

Na lista 1 estão todos os pequenos comerciantes alemães do setor, que recebem 5% de desconto.

A lista 2 vale para todos os comércios maiores e especiais do setor, com direito a 7% de desconto.

A lista 3, que prevê um desconto de 10%, vale principalmente para lojas judias, empresas judias e grandes empresas, as quais o Terceiro Reich queria vigiar muito de perto. Daí resulta que os judeus no Terceiro Reich podem, mais uma vez, realizar suas compras muito mais barato do que os comerciantes de sangue alemão. Estou convencido de que o governo do Reich saberá impedir essa vergonha. Afinal, são quase somente judeus, isto é, grandes empresas judias, que constam nesta lista de 10% de desconto. Essa regulamentação motivou-me, como comerciante de sangue alemão, a protestar energeticamente na associação do Reich da indústria alemã de embalagens de vidro. O sucesso foi nulo. Agora, de acordo com um informe da fábrica de cristal Reinerz, de 1º de fev. de 1934, a associação do Reich estabeleceu a seguinte regulamentação:

No caso de consumo acima de RM 1.500.000 no ano	5% de desconto
“ “ “ 2. 500.000 “	7 ½ % de desconto
“ “ “ 5.000.000 ”	10 % de desconto

Ou seja, permanece que apenas os judeus e as poucas grandes empresas que porventura tenham alcançado alguma vez esses valores de compras no ano – de mil grandes empresas de sangue alemão, não devem chegar nem a duas – é que poderão

usufruir dos 10 % de desconto. Dessa maneira, estamos duplicando o tamanho dos judeus, que já superaram o comércio alemão e a indústria alemã em todos os sentidos, à custa dos alemães.

Por essa razão enderecei hoje à fábrica de cristal Reinerz a carta que segue em cópia, que também transformo em objeto de minha queixa junto ao governo do Reich.

Por favor, intervenha de imediato e vigorosamente com providências nacional-socialistas, para evitar o tumulto que o mundo do comércio de sangue alemão necessariamente proverá assim que souber que, também no terceiro Reich, ele é achacado a favor dos judeus.

Peço ao governo do Reich por um decreto abrangente, de acordo com o qual nenhum comércio judeu possa estar em posição vantajosa nos descontos em relação aos comércios alemães. Esse decreto é basicamente necessário para evitar que o nacional-socialismo seja falsificado por órgãos subalternos.

Certamente não preciso dizer que sou movido apenas por motivos populares ao endereçar esse grito de socorro ao governo do Reich.

*Saudação alemã hitleriana*

*Mui fielmente*

*R. Fichte*

Anexo I-1 – Ida Fiebig, 2 de fevereiro (sem o ano, provavelmente 1934)

*Prezado senhor chanceler do Reich!*

Na qualidade de mãe alemã, estou aqui em silêncio pensando em meu querido Führer ADOLF HITLER! E exalto o destino e peço diariamente ao Todo-Poderoso que Ele o mantenha saudável.

O desejo de meu coração é agradecer-lhe a revalorização das famílias que têm muitos filhos.

Não posso expressar em palavras como me sinto e como penso.

Por isso, vou resumir tudo.

Estimado senhor chanceler do Reich, aceite meus agradecimentos mais sinceros. E esteja certo de que irei educar meus nove filhos como o senhor o faria e para nossa querida pátria.

Como agradecimento, junto uma pequena foto. É o caçulinha.

Assim que escuta: “A bandeira ao alto, as colunas bem cerradas”, ele ergue a mão.

Eu ficaria muito feliz se recebesse alguma coisinha escrita à mão por meu querido Führer.

SALVE A VITÓRIA!

*Senhora Ida Fiebig*

*Haynau i. Schl.*

*Goethestrabe 2*

*Muito honrado senhor chanceler do Reich!*

Não consigo evitar, tendo de tomar posição frente ao seu discurso no parlamento em 30 de janeiro deste ano.

Embora o senhor vá prestar muito pouca atenção e certamente não se abalará se um desconhecido apelar a seu sentido de justiça e pedir-lhe alguns minutos de setempo, decidi redigir esta carta porque acredito sentir-me internamente autorizado para não apenas pedir-lhe alguns minutos como também para reclamá-los e exigí-los.

Afinal, já fui reverenciado pelo senhor certa vez com um aperto de mãos e algumas palavras de reconhecimento por exemplar divulgação nacional-socialista na imprensa no Gau Ruhr. Isso aconteceu em junho de 1926, por ocasião de uma reunião de partidários rigorosamente fechada na associação comunitária protestante em Wuppertal-Elberfeld, quando o senhor ainda estava proibido de se pronunciar em público na Prússia. Que ironia do destino se esta carta não chegasse às suas mãos. Se ela fosse retida pelas pessoas ao seu redor e eu, depois de poucos dias, tivesse oportunidade de refletir, num campo de concentração, de como um desconhecido se dirigiu ao líder primeiro desta pátria por tamanho patriotismo. Entretanto, espero encarecidamente que a ligação entre o senhor, o líder nacional, e eu, o desconhecido do povo, ainda não esteja partida e que esta carta realmente chegue às suas mãos. Por isso, passo rapidamente ao assunto, para que o senhor não perca tempo de maneira desnecessária.

Para adiantar o assunto e oferecer-lhe a chance de jogar esta carta no lixo agora: faço parte do grupinho ridículo de ideólogos *völkisch* com a pele de urso, que tenta dissolver dois mil anos de ultraje e vergonha alemães, com todas suas conseqüências. É o senhor mesmo que se ocupa, no seu livro *Minha Luta*, com a verdade e avaliza o antigo ditado que diz: Quem conhece a verdade e não a divulga, é e será um deplorável canalha! O senhor teve coragem de dizer a verdade e provou isso, na medida em que expurgou catorze anos de vergonha alemã por um ano de política alemã de ação. O senhor teve de pedir apoio nessa hora e pôde contar com seus fiéis partidários, com a SA e a SS. Então: exorto-o como meu Führer! Fui membro da SA de 1925 a 1930 e suportei, com orgulho, sanções penais e ossos quebrados para o senhor, nossa grande idéia e nossa amada pátria.

Mas é insuportável receber seu desdém e ironia por causa disso. Afinal, é realmente ideologia se a preocupação pela Alemanha não nos deixa descansar enquanto

a última influência maligna de forças internacionais sobre nossa pátria não tiver sido anulada? E essas forças internacionais escondem-se atrás do cristianismo de ambas confissões.

Não me permito fazer qualquer crítica à sua política ideológica. Mas o senhor, honrado chanceler do Reich, nos coloca – nós que nos denominamos com orgulho partidários de Ludendorff, velhos companheiros de luta do senhor, o maior comandante supremo do século – como traidores da pátria e bandidos. De uma só tacada, o senhor nos mistura com companheiros covardes, que não tem amor à pátria! Nós, que temos o mesmo objetivo que o seu e que por causa disso fomos seus partidários por seis anos para, por fim, tornar a Alemanha totalmente livre e feliz.

Se, por reflexões que só ao senhor são conhecidas, ainda não quiser ou não puder de modo algum lutar contra o cristianismo judaico, então nos permita ao menos a liberdade espiritual de avançar com essa luta, em todos os lugares e sem impedimentos, claro que de maneira adequada e objetiva, ajudando a verdade a triunfar.

Não somos literatos ou ideólogos! Somos idealistas, assim como o senhor, orgulhosos combatentes alemães, que não temem qualquer sacrifício, mesmo se este for a vida, quando se trata da manutenção da natureza alemã. E não importa se formos colocados todos atrás dos muros das prisões e se nossas línguas forem arrancadas, como o papado fez na cristianização violenta da Germânia. Apesar disso, a verdade viria à tona e, algum dia, se tornaria vitoriosa! A violência vem na frente da justiça! O senhor mesmo passou por essa experiência por mais de dez anos. Mas a justiça venceu com o senhor em 30 de janeiro de 1933 e também vencerá em nosso caso, enquanto a verdade estiver conosco. E a verdade está conosco, na fé deísta alemã! Nem mesmo um ato de poder seu, senhor chanceler do Reich, líder mais irrestrito de nossa pátria, pode mudar isso!

Permita-nos e ao povo alemão novamente a oportunidade de escutar as palavras escritas do fiel alemão Ekkehard, o general Ludendorff e sua esposa, incansável defensora völkisch e sensível conhecedora da alma alemã e da fé alemã. Libere finalmente a völksware [Atalaia do povo] de Ludendorff e outros tantos escritos populares, profundamente alemães. Cito apenas o recém-proibido Brunnen [Poço] (editora Nordlang, Düsseldorf).

Viva a liberdade espiritual alemã!

Viva a revolução espiritual alemã!

Vivas a amada pátria Alemã!



*Grande saudação alemã*

*Seu mui devoto*

*Ralph Felgenträger*

*Pensionista*

Anexo K-1 – Rudolf Jaenicke, 23 do mês endereçado (não consta) de 1934

Nosso grande e amado Führer Adolf Hitler! Peço-lhe um conselho. Devo abrir mão de tudo? Afinal, também somos seres humanos e talvez melhores do que alguns outros. Preciso me desligar do NSDAP e etc.? Eu não saberia o porquê.

Mas, apesar de tudo, ninguém tira minha crença sincera em nossa pátria alemã, na idéia nacional-socialista, e principalmente no senhor, grande Führer.

Por isso, amado grande Führer,

Senhor chanceler do Reich Adolf Hitler!

Ajude-nos também, por favor.

Pois essa é a obra de Deus, que acreditemos naquele que Ele nos enviou.

*Heil Hitler!*

*Rudolf Willi Ernst Jaenicke*

*Berlim S. W. 29, Gneisenaustr., 56*

Ah, se eu pudesse falar pessoalmente com o senhor.

Resposta ao senhor Jaenicke, 5 de abril de 1934

*Muito honrado senhor Jaenicke!*

Recebemos sua carta de 23 do mês endereçada ao Führer.

Infelizmente, devo informar-lhe que daqui não é possível fazer nada em relação a seu caso. Dessa maneira, sugiro que o senhor procure seu grupo regional responsável, que talvez possa ajudá-lo de alguma maneira.

*Saudações alemãs!*

*Albert Bormann*

Devolvemos os anexos.

*Senhor chanceler do Reich Adolf Hitler! Ilustríssimo senhor chanceler do Reich!*

Perdoe-me tomar a liberdade de atrapalhá-lo, mas é que estou tão emocionadamente desesperada e não consegui achar conselho e ajuda em lugar nenhum.

Ninguém quer estar em condições de ajudar, e não recebi qualquer tipo de resposta do senhor ministro do Interior do Reich, a quem me dirigi por diversas vezes.

É preciso que se faça algo em relação a meu caso excepcional, pois senão não é possível continuar vivendo em tais condições.

Para sua orientação, descreverei brevemente minha situação.

Uma mulher judia destruiu meu casamento de vinte anos e, em consequência, eu me separei do meu marido. Meu ex-marido foi julgado culpado, ficando com a obrigação de me pagar uma pensão até sua morte. Depois da separação ele se casou imediatamente com a mulher judia. Nessa época, ele já tinha pedido demissão de seu cargo de funcionário público; o afastamento se deu a partir de 1º de abril de 1912.

O casamento aconteceu em 12 de fevereiro de 1912, o início de seu trabalho em 1º de abril de 1912. De 1912 até 1931, ou seja, por vinte anos, ele trabalhou na indústria, não voltando ao funcionalismo público. Devido a essas seis semanas que meu falecido ex-marido trabalhou no Estado, a mulher judia tem direito, segundo a Constituição marxista, a uma pensão por viuvez do Estado prussiano. O Estado prussiano continua pagando essa pensão à mulher judia, que recebe ainda uma aposentadoria como viúva por parte do seguro dos empregados, porque meu falecido ex-marido também era assegurado por lá, depois de vinte anos de trabalho na indústria.

Recebo do Estado prussiano apenas pensão de viuvez de 38,33 marcos mensais, e depois das diversas deduções por causa dos decretos emergenciais, restam apenas 33,35 marcos por mês, de modo que não chego a receber tanto quanto alguém que recebe assistência social; mesmo em relação ao pagamento de assistência social, que estou apta a receber, sou descontada em 5 marcos por mês, porque essa contribuição não é tida como pensão por invalidez.

Um aposentado por invalidez recebe 42 marcos por mês, e eu tenho de me contentar com esses centavos de fome, enquanto essa mulher judia recebe o dobro do dinheiro, pensão por viuvez do Estado prussiano e pensão por viuvez do seguro dos funcionários, que somadas chegam a cerca de 130 marcos, depois das diversas deduções.

Certamente não corresponde ao sentido do nacional-socialismo que, no sagrado Terceiro Reich, uma mulher judia seja tão privilegiada em relação a uma honrada mulher alemã.

É legítimo que eu reivindique a pensão que me é legalmente de direito até por motivo de justiça, porque, em primeiro lugar, sofri no meu casamento de vinte anos para conseguir a pensão e, em segundo lugar, porque meu ex-marido tinha a obrigação de me sustentar até a morte. Por causa disso, depois da morte do falecido, tenho direito a essa pensão. Informo que meu falecido ex-marido era de uma antiga linhagem ariana, assim como eu também.

Os velhos combatentes, que conhecem minha situação, estão muito surpresos que hoje inclusive o Estado pague uma pensão tamanha a tal mulher judia ordinária, que não teve de mover nem um dedo sequer, enquanto aqueles que combateram durante anos pelo NSDAP, sem trabalho, recebem somente os trocados do seguro-desemprego e têm de sobreviver passando fome.

Isso não corresponde à luta contra o judaísmo, e por isso fui aconselhada a relatar o fato pessoalmente ao ilustríssimo Führer.

Encaminhei minhas explicações referentes a esse assunto já em 11 de abril de 1933 ao então senhor comissário do Reich para o ministério prussiano, em 14 de junho de 33 encaminhei outros relatos ao senhor ministro da Economia & Trabalho no ministério prussiano e em 15 de novembro solicitei novamente uma posição. (Número do processo J. nº III S 13488.)

Em 19.9, em 29.11., em 13.12.33 dirigi-me ao senhor ministro do Interior do Reich, dr. Frick, que é o responsável pela modificação das leis em questão, mas não obtive resposta. Número do processo do ministério do Interior do Reich nº 1607 a 29.11.

Percebo que meu estado de saúde piorou de tal maneira que não consigo mais cuidar de minha casa sozinha. Infelizmente, não tenho mais dinheiro para outros atestados. Quando eu, como mulher e mãe alemã, não sou tratada de maneira equivalente a uma mulher judia, mas essa última ainda é favorecida de duas a quatro vezes, isso não é apenas de uma dureza injusta como também não corresponde à justiça do Estado nacional-socialista.

Por essa razão, segundo aquilo que o muito honrado senhor chanceler do Reich escreveu no seu livro *Minha Luta* sobre os judeus, não acredito [que ele] aprove esse privilégio de uma mulher judia, e espero que uma gentil intercessão do senhor chanceler

do Reich possa trazer uma decisão definitiva, pela qual eu agradeço antecipadamente, com meus melhores votos para a prosperidade futura de nosso amado chanceler do povo.

*Saudações alemãs e*

*“Sieg Heil”*

*Elisabeth, viúva Barth*

*Chemnitz/SA., Josefinenstr., 17*

Anexo M-1 – Gerhard H., 19 de abril de 1934

*Caro senhor chanceler do Reich Adolf Hitler,*

nós, meninos e meninas hitleristas, não queremos deixar de expressar nossos mais sinceros votos de felicidade no dia de seu aniversário. Desejamos, de todo o coração, que Deus lhe dê muitos e muitos anos de vida, para que possamos nos tornar, sob seu governo, autênticos e corajosos alemães e para que possamos desfrutar das suas obras na Alemanha recém-despertada, debaixo do sol brilhante de sua magnífica vitória.

Soubemos que você é o padrinho de todo sétimo filho. Mas como isso vai demorar demais para nós e já que não somos batizados e queremos de coração ser seus afilhados, pedimos que você consagre nosso sentimento divino por meio do batismo e se torne padrinho de todos nós. Não temos mais ninguém que possa fazer isso, porque somos tantos filhos. Você vai atender a esse nosso desejo? Por favor, por favor!

*Seus jovens congratulantes, que o adoram sobre todas as coisas  
Gerhard 11 anos (membro do Jugendvolk), Horst 8 anos, Evi 5 anos,  
Dietricj 3 anos, Sigfried 2 anos*

Resposta a Gerhard, maio de 1934

*Caro Gerhard!*

Sua carta endereçada ao Führer foi recebida aqui no dia 19 do mês passado.

Infelizmente, devo informar a você que o Führer não pode mais aceitar pedidos de apadrinhamentos tardios, visto o grande número de solicitações semelhantes que são recebidas diariamente.

O Führer deseja a você e a seus irmãos o melhor para suas vidas futuras.

*Saudações alemãs!*

*Albert Bormann*

*Meu Führer!*

Toda a Alemanha festeja solenemente em 20 de abril seu dia mais importante, no qual o senhor chanceler do Reich completa seus 45 anos; toda a Alemanha está feliz em ter um chanceler do Reich desses, que já mostrou tantas coisas boas ao povo alemão e as continuará mostrando. Por isso, queremos agradecer a Deus pelo desfecho positivo do plano de salvar a Alemanha da derrocada. Apenas quem se dedicou a uma ideia para concretizar esse objetivo sabe do esforço, do trabalho, das noites insones e da criação secreta. Sem dúvida é evidente que para um plano assim dar certo são necessários colaboradores firmes, que corporifiquem aquilo que queremos, apóiem e ajudem a expandir isso. Mas encontrar ajudantes fiéis não é fácil. Se esperamos alcançar o objetivo, é preciso trabalhar incessantemente. A recompensa não se fará esperar.

Por essa razão, meu Führer, permito-me expressar meus mais sinceros votos de felicidades. Que o senhor chanceler do reich conserve sua saúde para a prosperidade do povo, a prosperidade de todos no geral, para o bem-estar de toda a humanidade, dentro e fora do país, pois nossa nova Alemanha continuará sendo governada de maneira exemplar no futuro e para sempre. Nenhum país do mundo pode ficar de fora, nem nosso maior inimigo. E nosso Terceiro Reich, guiado por nosso Führer, será e continuará sendo o mais forte.

Como minha pequena contribuição para a nova Alemanha se dá em silêncio, no dia do aniversário do meu Führer, que disponibilizar minha ideia – que deveria ser registrada – para todo o povo alemão, para que o exterior veja o trabalho exemplar que está sendo feito na Alemanha.

Espero que com a ajuda de colaboradores laboriosos o plano seja exequível, para o bem de todas as pessoas.

Minha ideia está descrita numa folha de instruções anexas. Na expectativa de que o Führer reconheça esse planejamento administrativo e técnico, que poderá ser revolucionário para a Alemanha, subscrevo-me

*Com saudações alemãs*

*Paul Friedrich Hennig*

Anexo O-1 – Karl H, aniversário de Hitler 1934: carta enviada à Angela Raubal,  
chamada erroneamente de senhorita Hitler

*Prezada srt<sup>a</sup> Hitler*

Nossa pequena Doris, o raio de sol de seus pais, quer enviar ao nosso prezado senhor chanceler do Reich, seu companheiro de aniversário, um pequeno desenho. Ela gosta do “seu Adolf Hitler” de todo o coração. Por exemplo, se durante um evento qualquer são içadas bandeiras, sua primeira pergunta é: “Papai ou mamãe – estou fazendo anos hoje, junto com meu Adolf Hitler?”. Todos os dias, ela encerra suas orações com os irmãos, um e dois anos mais velhos, pedindo que Deus dê saúde à sua mamãe e ao seu Adolf Hitler. Muitas vezes é comovente participar desses momentos. Nós, pais, nos juntamos a esse pedido de um puro coração infantil e lhe seríamos gratos caso a senhora pudesse entregar, no dia do aniversário do senhor seu irmão, essa lembrança vinda de um pequena e doce menininha sábia. Na expectativa de que a senhora não leve a mal nosso pedido, despeço-me com as melhores saudações alemãs.

*K. H.*

*Prefeito (aposentado)*



Anexo P-1 – Max Hensel, 20 de abril de 1934

*Prezado senhor Bormann!*

Como líder de célula do NSDAP, senha Leuthen, envio em anexo uma mensagem de felicitação ao meu Führer, pedindo que a mesma seja entregue pessoalmente.

Um obrigado cordial pelo serviço a mim prestado aqui. Humildemente deixo o registro do meu endereço, no caso de haver uma resposta:

Major Rosenberg, Zoppot, Kollathstraße, 15a.

*Heil Hitler*  
*Max Hensel*

Sieg Heil!

Dedicado ao meu Führer

*Célula do NSDAP*

*Senha “Leuthen”*

*Ao Führer, 20 de abril de 1934.*

O exército alemão ainda lutava, valente, no oeste.

Rechaçando o ataque de numerosas hordas.

Daí a loucura vermelha quebrou a força e as tropas alemãs,  
e sobre a Alemanha pairavam necessidade e perigos.

O *front* se despedaçou, o cerco combatente quebrou.

O melhor sangue alemão foi derramado em vão.

Os corajosos combatentes sofriam com a vergonha  
do tratado humilhante fechado pelos traidores.

A terra alemã foi destruída e despedaçada,

todo direito foi oprimido com o punho bruto e duro.

Uma mão poderosa apossou-se do Sarre e da Renânia,  
pois a Alemanha tinha de carregar a carga de seus inimigos.

Nós, aqui do leste, fomos deixados sozinhos e oprimidos.

Ficamos sob outras bandeiras, desconhecidas.  
A antiga fronteira foi destruída,  
que nossos antepassados tinham construído com tanto esforço.

Tropa por tropa foram deixando o país numa fuga desenfreada,  
amedrontando todos os sentinelas a elas comprometidos,  
abandonando à própria sorte aquilo que foi criado com as próprias mãos,  
até que restaram apenas alguma ilhas alemãs no leste.

Mas o cerco da irmandade fechou-se novamente,  
soldado por uma pequena tropa de homens valentes,  
todos presos por um amor ardente  
a seu povo – filhos, combatentes e partidários.

Muitas vezes passamos dificuldades e olhamos  
para a pátria, procurando por força e coragem renovadas.  
Mas sobre a Alemanha pairava uma desgraça,  
que anunciava sua morte iminente ao mundo.

Tremíamos, envoltos em aflição,  
observando com preocupações os dias conturbados.  
Onde estava o salvador nesse tempo cruel,  
que, audaz, mexeu no destino do povo alemão?

Então veio o herói, o líder e o soldado do povo  
protegido pelo fogo da artilharia e o cerco ardente.  
Ele exortou o povo todo à ação,  
para reconquistar a liberdade, a justiça e a honra.

Tremíamos, febris, enquanto ele sofria e lutava com altruísmo,  
sua bandeira vencia sempre novos inimigos.  
Festejávamos, marchávamos juntos em pensamento,  
quando ele deu um basta vigoroso na loucura vermelha.

Durante a noite, líamos em segredo seus escritos,  
que nos foram transmitidos por um de nossos corajosos homens,  
que participou da guerra mundial como major  
que aumentou, sem medo, o número de partidários aqui.

Daí veio o golpe derradeiro: o *front* vermelho explodiu,  
e das nuvens escuras o sol voltou a brilhar.  
Em todas as regiões o sino tocava feliz  
acordando para uma nova vida de prazer e deleite.

E, em seguida, quando o Führer falou no rádio,  
prendemos a respiração, ficamos quietos e atentos.  
E quando o júbilo interrompia sem para sua fala,  
trocamos olhares quentes, orgulhosos.

Você salvou o povo no momento de maior necessidade,  
nos devolveu a fé e o Reich, o novo.  
Você nos guiou, triunfante, pela noite e pela morte.  
A você, herói e Führer, juramos fidelidade eterna!

Anexo Q-1 – Heinz H., 22 de abril de 1934: carta endereçada a Angela Raubal

*Querida tia Raubal!*

Eu também gostaria de dar um presente de aniversário para o tio Hitler, mas não tenho nada além de um pequeno desenho meu, que ficou pronto hoje. Por favor, querida tia, dê-lhe o desenho e diga que rezo todas as noites para ele: Querido Deus, ajude a Alemanha na sua grande necessidade; dê ao tio Hitler o poder para fazer uma nova Alemanha. Proteja-o e guie-o em todos os seus caminhos, e o abençoe.

*Heil Hitler*

*Heinz H.*

*Rottweil a. N.*

P.S.: Mamãe teve de escrever por mim, pois tenho só 4 anos.

*Muito honrado senhor chanceler do Reich!*

Na expectativa de que o senhor, honrado chanceler, compreenda minha questão, tomo a liberdade de relatar-lhe o seguinte:

Já me dirigi reiteradas vezes a diversas instâncias, mas não recebi nenhuma resposta, de lado algum. Como meu último requerimento, de 12 de dezembro de 1933, também não foi respondido, dirijo-me ao senhor, honrado chanceler do Reich, já que tenho a sensação de que o senhor, chanceler do Reich, também não está de acordo com isso. Olho para os acontecimentos dos últimos anos com inteira admiração e inteira confiança e sou, no meu íntimo, um bom alemão, que está totalmente dedicado ao bem-estar da querida pátria.

Apesar de toda essa veneração, porém, uma gota de fel se infiltrou no meu coração, e me pergunto centenas de vezes por que teve de ser assim? Estou longe de ser acusado disso e durante toda a minha vida combati o que era ruim e imoral. A sinceridade e a honestidade eram e são minhas maiores obrigações. Com grande satisfação observo a extinção dos salafrários e dos egoístas, independente de suas origens. Mas não consigo concordar com o tratamento unilateral de milhares de meus irmãos de fé, que se sentem tão alemães e que pensam de um modo tão alemão quanto eu. O quanto eu gostaria de participar da construção de minha querida pátria, caso me fosse dada a oportunidade para tanto.

Da mesma maneira, honrado chanceler do Reich, como o senhor lutou por seus ideais durante anos, quero lutar pelos meus irmãos de fé, e não descansarei antes de me saber vencedor. Isso embora eu seja um simples mestre artesão e só tenha experimentado decepções durante toda minha vida. Toda minha vida é uma série de sofrimentos, que, entretanto, foi iluminada aqui e acolá por um raio de sol. Endurecido pelos percalços da vida, tornei-me um lutador e quero utilizar o tempo que me resta para tentar me aproximar do senhor, honrado chanceler do Reich.

Tenho a firme convicção de que o senhor, honrado chanceler do Reich, logo terá outra opinião sobre grande parte de meus irmãos de fé – da maior parte, quero crer. Mesmo que não disponha dos meios materiais para lutar por nossa causa, isso não pode impedir que eu invista toda minha força em prol de meus ideais. Quero começar com meu primeiro trabalho, que é a reconquista dos direitos perdidos dos mestres artesãos

judeus. Depois de anos como chefe dos mestres da associação dos latoeiros de Hamborn, esta é minha tarefa. E passo agora a um breve relato de minha vida.

Filho de um mestre artesão, freqüentei a escola em Bad Nassau. Aos 7 anos, perdi minha mãe. Aos 14 anos, comecei como aprendiz num pequeno mestre latoeiro em Wattenscheid, Vestfália. Meu contrato de estágio era de três anos. Como meu finado pai não tinha meios para me vestir, esse contrato foi prolongado para cinco anos e, por conta disso, passei a receber casa, comida e roupas. Encerrei o estágio aos 19 anos, trabalhando como ajudante em diversas oficinas maiores, e aos 20 anos tornei-me soldado, sendo dispensado aos 22 como aspirante a suboficial. Depois de alguns anos de atividade em Aachen e Eschweilr, casei-me aos 24 anos com uma companheira de fé, uma moça muito pobre, mas esforçada. Nosso casamento nos deu sete filhos: um filho morreu pequeno e duas filhas morreram aos 22 e 18 anos. Iniciei minha vida como autônomo em Eschweiler e me mudei depois de seis anos, em 1906, para Hamborn, à época uma comunidade em crescimento. Com muita vontade de trabalhar, lancei-me às tarefas que me eram conferidas e pude construir, em 1912, minha própria casa. Entretanto, não me faltaram revezes. Mas consegui me recuperar rápido a cada vez, porque minha clientela gostava do meu trabalho. Fui convocado à guerra em 1915 e voltei são e salvo para casa, como suboficial, depois do armistício. Como alguns outros, tive de retomar do começo e minha preocupação era a de que meus filhos pudessem aprender algo decente. Dois filhos têm a minha profissão e para um deles, o mais velho, sacrifiquei-me permitindo que ele fosse estudar na escola nacional de construção de máquinas em Köln, onde ele conseguiu tirar seu diploma de engenheiro. Um filho estudou música por causa de seu talento exemplar. Em 1930, abdiquei voluntariamente de meu posto de chefe dos mestres da associação, embora tivesse sido reeleito por unanimidade, mas permaneci como membro da diretoria da associação (comissão de qualificação).

Antes do início da revolução nacional, minha situação era estável. A tempestade me atingiu como um raio vindo do nada. Meus clientes se foram. Nenhuma repartição, nenhuma comuna, nem mais um particular me passava um pedido, embora eu nunca tivesse tido nenhuma divergência de opinião com meus clientes, particulares ou não. Meus filhos crescidos foram arrancados do trabalho, e fiquei à mercê da previdência pública por algum tempo. Apesar das muitas disposições dos senhores ministros Frick, Schmitt e outros, os antigos clientes do governo não voltam de maneira

nenhuma, e os clientes particulares estão hesitantes, porque dizem – algo que não posso provar – que poderiam talvez ter dificuldade nos órgãos do partido.

E agora, honrado senhor chanceler do Reich, julgue o senhor – mereci isso? Minha mulher, que caiu doente durante esse duro período de sofrimento, recebeu uma prescrição médica de quatro semanas de recuperação na região de Sauerland. Por causa da falta de pagamento, não temos mais cobertura de assistências, seguros, e perdi muito dinheiro em seguros de vida, etc.

Muito honrado senhor chanceler do Reich, para que nossas perspectivas de vida sejam boas novamente. Saberei ser-lhe grato mil vezes mil vezes.

*Heinrich Herz*

Anexo S-1 – Gottlob Heubach, 2 de maio de 1934 (pág. 163):

Saudação ao Führer

Ergam a mão à saudação de Hitler,  
Todos os alemães, grandes e pequenos,  
Honrem e respeitem o Führer,  
Ele quer servir de modelo para vocês.

Ergam a mão à saudação do Führer!  
E o sigam cheios de confiança.  
Estejam sempre prontos, com coragem, para a luta  
E sempre alertas em seus postos.

Ergam a mão á saudação do chanceler!  
Ele cuida do trabalho, do pão e do dinheiro.  
Ele ajuda e alivia onde é possível,  
E assim impede a maior pobreza.  
E ao Führer, que como estrela da manhã  
Nos foi enviado por nosso amado Deus.

*Heil Hitler! Salve a vitória!*

*Albert Bormann*



Anexo T-1 – S. Ilse, 2 de julho de 1934

*Caro, prezado senhor Führer!*

Quando o senhor terminar sua grande limpeza do templo, que era imprescindível a fim de manter a simpatia pelo Estado Nacional, então passe um ou dois dias, calmos e sossegado (incógnito) em Einsiedeln ou venha até minha casa, para que seus nervos e olhar se mantenham fortes e claros! Todo minuto e tempo livre rezo para que sua cólera seja verdadeira e justa e que no calor dos acontecimentos o senhor não tome nenhuma atitude ou expresse nenhuma palavra desditosa, para que seus inimigos o confrontem e honrem, também em sua cólera, com grande respeito.

Seu povo o ama, está ligado ao senhor com todas as fibras de um coração e não pode ficar sem o senhor. O senhor também está imune, pois a graça de Deus está no bolso de seu casaco e se o senhor ainda carregar um rosário, então o segure sempre que estiver no calor dos acontecimentos ou precisar fazer algo em nome de Deus, pois tudo dará certo!

Portanto, em frente em nome de Deus!

“A dignidade obriga”

*Salve a vitória!*

*S. Ilse*

Anexo U-1 – Stanilaus Jaros, 13 de julho de 1934

*Meu Führer e chanceler do povo!*

Acompanhei, frase por frase, sua fala do edifício do parlamento com o coração alerta e pensamentos sérios. Senti como a libertação, a salvação de todo o povo alemão transpassava todo meu corpo. Meu coração sangrava internamente e meus olhos estava cheios de lágrimas.

Felicito-o, meu Führer, por sua energia e rápida decisão ao nos salvar desse amargo destino negro, expondo a corja e perpassando-lhe a punição justa.

Queira Deus Todo-Poderoso continuar dando a força para nos proteje, alemães, de todas as fatalidades.

Também estou disposto, assim como meu pai, a sacrificar minha vida pela Alemanha, quando o senhor nos chamar.

*Salve, meu Führer*

*Com sincera fidelidade, membro da SA e do partido*

*Stanislaus Jaros*

## Anexo V-1 – Testemunhas de Jeová, 7 de outubro de 1934

*Ao governo do Reich em Berlim*

A palavra de Jeová, como apresentada nas Sagradas Escrituras, é a lei máxima e é nossa única diretriz, porque nos consagramos a Deus e somos seguidores verdadeiros e sinceros de Jesus Cristo.

Nos últimos anos, em oposição à lei de Deus e violando nossos direitos, o senhor nos proibiu de nos reunir como Testemunhas de Jeová, a fim de escutarmos a voz de Deus, de rezar a Deus e a servi-lo. Deus nos ordenou, com sua palavra, que não devemos deixar nossa congregação (Hebreus 10, 25). Jeová nos ordena e diz: Vós sois minhas testemunhas; eu sou Deus... Vai e dize a este povo: eis-me aqui” (Isaías 43,10, 12, Isaías 6, 9, Mateus, 24, 14).

Há uma contradição direta entre sua lei e a lei de Deus. Na medida em que seguimos o conselho dos fiéis apóstolos, “importa mais obedecer a Deus do que aos homens”, é isso que faremos (Atos 5, 29).

Informamos, por meio desta, que seguiremos os mandamentos de Deus a qualquer preço, que iremos nos reunir para escutar Sua palavra, vamos rezar e servi-Lo, assim como Ele nos ordenou. Se seu governo ou seus funcionários usam de violência conosco porque agimos assim, então haverá nosso sangue nas suas cabeças, e o senhor terá de prestar contas a Deus, o todo-Poderoso.

Não temos qualquer relação com assuntos políticos, pois estamos totalmente entregues ao reino de Deus, sob o reinado de Cristo, seu rei. Não iremos machucar ou prejudicar ninguém. Seremos felizes se pudermos ficar em paz e, na medida dp possível, fazer o bem a todos. Mas como seu governo e seus funcionários continuam tentando nos forçar a desobedecer a lei máxima do universo, somos obrigados a avisá-lo agora que, por meio de Sua misericórdia, obedecemos a Jeová e confiamos plenamente que Ele nos libertará de quaisquer opressões e opressores.

*Testemunhas de Jeová*

*Bad Dürkheim*

Anexo X-1 – Th. Bykerth, sem data

*Ao governo de Hitler, Berlim/Alemanha*

Seus maus-tratos impostos às testemunhas de Jeová indignam todos os homens de bem e desonram o nome de Deus. Pare de perseguir as Testemunhas de Jeová, senão Deus destruirá o senhor e seu partido nacional.

*Th. Bykerth*

*Relator do grupo*

Anexo Z-1 – Albert Käsmeyer, 20 de abril de 1935

“Nesse ano também não me esqueci de homenagear meu Führer. Escrevi um novo poema e encaminhei-o pelos trâmites oficiais, mas o regimento 120 me devolveu com a observação de que eu devia remetê-lo pessoalmente. Deus permita que ele encontre meu amado Führer com saúde plena. Viva meu Führer! Viva nossa eterna Alemanha!”

Poema: “*Sieg Heil*”

Salve, nosso Führer! Salve, terra alemã,  
onde nascemos algum dia.  
Estamos ao seu lado. A lealdade que juramos a você  
é como o granito da parede.  
Você nos devolveu a fé e a honra,  
restituiu o heroísmo.  
Olhamos ao alto até Deus  
que desce até nós e nos abençoa.

Salve, nosso Führer! Salve, terra alemã!  
Você nos concedeu a liberdade.  
Onde sempre havia luta,  
e sangravam e sofriam os heróis,  
foi você o salvador da vergonha e da desonra,  
o arauto e vitorioso no combate.  
Nós zelamos por você, Führer, fielmente,  
e o seguimos lado a lado.

Salve, nosso Führer! Salve, terra alemã!  
Atravesse o limiar do ano...  
Pelo seu aniversário, nós o congratulamos  
em nome de todos os alemães.  
Deus o proteja, águia corajosa e audaz,

eleve suas asas para voar.

Queremos ser um povo sempre livre,

Sempre unidos em todas as coisas.

Anexo A-2 – E. Schwabe, 30 de janeiro de 1936

Para meu Führer, em 30 de janeiro!

Não queremos chamá-lo somente pelo seu nome!  
Queremos também reconhecê-lo em nossos corações!  
Por você, sacrificamos a felicidade de nossa casa!  
E, se fosse necessário, pela paz e felicidade da Alemanha,  
marchamos ao inferno!  
Já estamos marchando!  
Vamos quebrar o pescoço dos inimigos!  
Em 1930, ainda não estávamos entre suas fileiras!  
Porque não tínhamos entendido sua sagrada vontade!  
Hoje, desfraldamos sua bandeira, enquanto Deus assim o quiser!  
Em cada tempestade!  
E ela não desaparecerá! Nem daqui a mil gerações!!!  
assim, olhamos com orgulho para os mais velhos!  
E nossa mirada também é orgulhosa! Pois iremos manter a bandeira erguida!  
Só existe o ir adiante!  
Mas nunca, nunca um retorno!  
Você é nosso Führer!!!  
Nós o seguimos!!!  
Tudo pela Alemanha!!!  
Salve o Führer!!!

*Soldado da companhia 45/3*

*E. Schwabe*

*Brlim-Neukölln*

*Böhmische Str., 16*

Anexo B-2 –Erich Oberdorfer ,16 de março de 1938 (pág. 229):

Da Áustria para o Führer,

A *Ostmark* está livre! A ditadura terminou.

Não houve vítimas, não derrubamos nenhuma lágrima,

Vemos um sentido profundo em todo o sofrimento:

Apenas assim nasce um novo mundo.

Comovidos, sentimos o destino seguir seu caminho,

Pois o maior filho de nossa bela pátria,

Em que se concentravam anseios, esperança, vontade

Oferece alívio, desprezando qualquer inimigo.

Sim, você, meu Führer, comparável a uma estrela

Que sobe reluzente entre nuvens da tempestade,

Você traz o que antes era sonho e inalcançável,

a grande época, você traz liberdade, unidade, vitória!



Anexo C-2 – Ingeborg, J., 18 de março de 1938 (pág. 230):

Meu Führer, seu é o grande poder.

O sol do futuro brilha para cada povo que você lidera

A Áustria será livre por sua causa...

E vai segui-lo eternamente.

Onde o escutamos e onde você está

A alegria é indescritível.

Seja em Hamburgo, seja em Viena,

Seja em Linz, seja em Berlim.

Por esse feito, meu Führer,

Lhe somos especialmente gratos.

E esperamos que esse feito

Faça com que todos o venerem.

A inspiração para estes versos veio quando eu estava ouvindo seus agradecimentos em 22 de março de 1938. Sieg Heil!

Anexo D-2 – Julie Oesterle, 22 de março de 1938

*Meu Führer,*

Escrevo com olhos lacrimejados de felicidade. É quase impossível que o senhor venha a ler minha carta pessoalmente, mas o acontecido é um milagre tão grande que tudo é possível. Tenho de escrever, pois enorme é minha admiração por aquilo que o senhor, meu Führer, fez das pessoas a partir de seu exemplo.

Eu pensava com medo na evolução que estava por acontecer, muitos estavam cheios de sentimentos de vingança, pois aquilo que nosso povo sofreu até agora é indizível + a idéia de vingança é humanamente justificável. Tudo transcorreu de maneira tão pacífica + agora essa ordem, essa disciplina.

Até o momento, não aconteceu nada que pudesse ter envergonhado o partido. É possível notar que nossos adversários estão sendo mais conquistados para a causa pelo comportamento dos companheiros de partido do que a violência poderia fazer. Todos nós esperamos pelas eleições com tranquilidade + temos agora o desejo de ver em breve nosso Führer em Bregenz.

*Uma por todos: Julie Oesterle*

Anexo E-2 – Gertrude Sator, sem data, ano de 1938

O povo inteiro passou os dias de março com muita preocupação. Quando Schuschingg renunciou pela noite, ele disse: “Áustria, Deus a proteja”. Na manhã seguinte, porém, a mensagem feliz já podia ser lida em todos os jornais: “A Áustria voltou à pátria-mãe Alemanha”. As casas foram decoradas com bandeiras com suásticas e fotos. Tropas alemãs entravam no país. Quando elas chegaram à cidade de Viena, foram festejadas. Em 15 de março de 1938, uma terça-feira, nosso Führer veio a Veina. Fui com algumas garotas à cidade, para cumprimentar o Führer. Todas usávamos uma pequena suástica do lado esquerdo do casaco. Passamos pela multidão, pois queríamos ver nosso Führer. Depois de passarmos algum tempo na segunda fila, o carro do Führer se aproximou. Coros de vozes e uma alegria indescritível. “Sieg Heil”, “Um povo, um reino, um Führer” ouvia-se de todos os lados. Pudemos enxergar bem nosso Führer. Na eleição de 10 de abril confirmamos com um “sim” a alegria com a qual fomos anexados ao Reich. 99,75% foram a favor de nosso Führer Adolf Hitler. Quando o Führer soube disso, falou: “Este é o momento mais belo de minha vida”. Em 9 de abril de 1938, Adolf Hitler discursou na estação do noroeste. Eu escutei a fala pelo rádio. Fiquei com lágrimas nos olhos quando nosso Führer disse: “A Áustria será uma pérola para os meus olhos!”. Todos ficaram emocionados com essas palavras. Nunca na minha vida me esquecerei desse dia.

*Gertrude Sator*

Anexo F-2 – Lotti H., 31 de maio de 1938

*Querido Führer!*

Adolf Hitler é um homem trabalhador,  
Que sempre poderá salvar a Alemanha.  
Nós realmente gostamos dele  
E precisamos ser sempre gratos a ele.  
Eu não posso fazer muito mais  
Do que escrever esta cartinha.  
Ela deve lhe dizer tudo, tudo  
E pedir que você descanse um pouquinho.  
Você se esforça o dia inteiro  
E está sempre preocupado.  
Por isso, você tem de continuar se sentindo bem.  
Querido Führer, você pode me entender.  
Um forte !Sieg Heil” para nosso Führer!

*Sua agradecida Lotti H.*

Anexo G-2 – Karl Jorde, 7 de setembro de 1938

*Meu Führer!*

Fiquei sete anos desempregados como porteiro de hotel no antigo regime, apesar de um período de cinco anos trabalhando no exterior e de meus conhecimentos de inglês e de francês, de modo que eu já olhava o futuro com desesperança. Depois da incorporação do Altreich, porém, me dei conta de como tudo mudava rapidamente para melhor e que havia trabalho e reconhecimento em todos os lugares, retomei minha crença e esperança, e embora ainda esteja desempregado, tenho a certeza de que num futuro próximo reconquistarei trabalho e reconhecimento, e tudo isso por causa de nosso Führer,

Por essa razão, não posso deixar de expressar ao senhor, nosso Führer, gratidão e veneração – não só minhas, mas também de todos os alemães -, e disseminá-las na forma de uma confissão de fé “nacional-socialista”, a qual gostaria que fosse autorizada, pois tenho certeza que todos os alemães leais consideram que aquilo que Jesus Cristo foi para a humanidade, no sentido religioso, Adolf Hitler o é no sentido laico para o povo alemão.

*Com grande consideração*

*E Sieg Heil*

*Karl Jorde*

*Porteiro de hotel*

*Minha confissão de fé “nacional-socialista*

Creio em Deus Pai, Todo-Poderoso, Criador do céu e da terra. Em Adolf Hitler, seu filho predestinado, que foi escolhido para redimir o povo alemão da criação de víboras e serpentes (judeu, padrecos e dinastias) que há séculos os desmembram, pisoteiam e empobrecem mais e mais, a quem foi confiada de tal maneira a liderança do ressurgimento de unidade, poder, nova força criadora e ânimo vital, que, apesar de adversidades e agressões diversas, ela permanecerá de agora em diante para todo o sempre. Amém.

*Viena, 7.9.38 Karl Jorde*

*Porteiro de Hotel*

*Viena, V. Anzengrubergergasse, 12*

*Meu Führer!*

Como milhares de outros, eu também fui preso como refém nos dias que antecederam a nossa libertação.

Escrevi as linhas que se seguem nos campos de Stefanau e Prossnitz. Peço-lhes aceitá-las gentilmente como expressão dos sentimentos pelos quais todos fomos tomados naqueles dias.

Ao senhor, meu Führer, e à nossa maravilhosa Alemanha, Sieg Heil!

*Jos. Jahn*

*diretor prov.[isório] da escola técnica*

### Canção dos reféns dos Sudetos

Somos milhares em prisões e correntes  
e esperamos ajudar a salvar a pátria  
da vergonha e da servidão insuportáveis  
mas mentira e fraude nos derrubaram ao chão.

Agora as horas se juntam em dias sem fim,  
nenhuma boca e nenhum sopro de vento se dispõe a dizer  
algo sobre o irmão, a mulher, nossos filhos.  
Os desdenhosos algozes sabem como evitá-lo.

Mas um tremor intenso perpassa a terra,  
como as rochas em tempestades primordiais,  
e os corações palpitam saudosos  
por liberdade, pelo amigo, pelo amor.

Essa agitação anuncia uma vitória que avança  
Ppor terras em júbilo no longe ensolarado,  
que avança da escuridão e da desordem ensangüentada:  
o Führer nos lidera, não podemos errar.

Embora os grilhões e a necessidade ainda nos oprimam,

os olhos brilham de prazer e deslumbramento:  
logo ele irá soltar as amarras, explodir as comportas,  
nós comemoramos para agradecer ao Führer.

Pois o que não aconteceu durante séculos  
De batalhas e desgraças, ele conseguiu:  
Ele criou, pacificamente, a Alemanha nova,  
A única, a grande. Nós lhe juramos lealdade!

Campo Stefanau, 30 de set. de 1938

*Jos. Jahn*



Anexo I-2 – Mary Albrecht, 10 de outubro de 1938

*Meu Führer!*

Permita que também eu expresse meu obrigada, do fundo do coração. O seu feito tem conseqüências hoje ainda imensuráveis! Chegará, porém, o dia em que toda a humanidade vai agradecer-lhe e reconhecer sua grandeza! Hoje volta a dizer seu muito obrigado todo o povo alemão, inclusive fora das fronteiras!

Meu caro Führer, nós que moramos no exterior podemos agora mostrar a todos os inimigos, preto no branco, que o senhor quer apenas a paz + à Alemanha.

Há 26 anos, quando eu, como estrangeira (armênia), me casei com um alemão, sabia exatamente quais minhas obrigações diante da Alemanha! Meus filhos são autênticas crianças alemãs + quando puderam, aqui, ser os primeiros a entrar na Juventude Hitlerista, não estavam despreparados e nem lhes eram estranhos o ideário do nacional-socialismo e seus objetivos.

Caro Führer, como é maravilhoso poder viver & lutar pelo país mais maravilhoso do mundo, pela Alemanha, e não sei nem como dizer como é muito mais bonito para a Alemanha lutar sob sua liderança!

*Em eterna lealdade, gratidão + admiração*

*Mary Albrecht*

*Nasc. Parséghian*

*Senhor Hitler,*

Não sei bem como começar esta carta. Muitos e muitos anos de experiências ruins, torturas e preocupações morais, o desconhecimento em si, o desejo por algo novo – tudo isso de repente passou no momento em que percebi que o tenho, senhor Hitler.

Sei que o senhor é um personalidade de destaque, poderosa, e que sou apenas uma mulher insignificante, que mora num longínquo país estrangeiro, do qual talvez não possa sair, mas o senhor deve me entender. Quão grande é a felicidade de subitamente encontrarmos o objetivo de nossas vidas, quando um raio de sol atravessa nuvens pesadas e tudo se torna mais e mais claro!

Aconteceu exatamente isso comigo – tudo foi iluminado por um amor tão grande, amor pelo meu Führer, pelo meu professor, que às vezes quero morrer diante de sua fotografia, para que eu não veja outra coisa além do senhor.

Escrevo ao senhor não como o chanceler de um império poderosos – talvez eu não tenha o direito a isso -, escrevo ao senhor simplesmente como um ser humano que me é caro e que continuará sendo até o final da minha vida.

Não sei se o senhor acredita em mística, em algo superior, que nos rodeia e que permanece invisível e que só podemos sentir. Eu acredito, sempre acreditei e continuarei acreditando. Sei que há alguma coisa no mundo que liga minha vida à sua.

Meu Deus, será que nunca poderei me sacrificar na minha vida pelo senhor, embora essa fosse minha maior felicidade, morrer pelo senhor, por sua doutrina, sua idéia: meu Führer, meu nobre cavaleiro, meu Deus!

É muito possível que estas linhas nunca o alcancem, senhor Hitler, mas não me arrependo de escrever esta carta. Nesse momento vivencio uma alegria tão maravilhosa, uma tal segurança e uma tal tranqüilidade na minha luta moral que até nela encontro minha felicidade.

Não tenho outro Deus que o senhor e nenhum evangelho que sua doutrina.

*Sua até a morte*

*Baronesa Else Hagen Von Kilvein*

*Meu Führer!*

Na manhã de hoje, o senhor festeja seu 50º aniversário, junto com toda a Grande Alemanha. O significado de sua pessoa para nós e em que medida o povo alemão o reverencia ficará patente, de maneira única, nessa comemoração, muito mais do que as palavras possam exprimir. Sua contribuição para a Alemanha nos últimos anos – e para nós todos – entrará para a história, e somente as gerações futuras estarão em condições de enxergar a grandeza de sua obra em toda sua extensão.

Por essa razão, queremos nos limitar às palavras e acreditar que a melhor maneira de expressar nossa veneração por sua pessoa é assegurar-lhe que empregamos, sempre, toda nossa energia na sua obra e que nos dedicamos de corpo e alma ao trabalho que nos cabe. Como demonstração externa desse compromisso, e ao mesmo tempo como congratulação de todos nossos funcionários, tomamos a liberdade de enviar-lhe uma maquete de um canhão antiaéreo produzido em nossas oficinas.

*Heil, meu Führer!*  
*Rheinmetall-Borsing*  
*Sociedade Anônima*  
*A diretoria*  
*H. Roehnert*  
*Breuninger*

Anexo L-2 – Ex- combatentes tchecos, 25 de agosto de 1939

*Sua Excelência*

*Senhor chanceler do Reich Adolf Hitler*

*Em Berlim*

Tendo em vista a tensa situação na fronteira polonesa, a associação de ex-combatentes tchecos em Praga toma a liberdade de dar as seguintes explicações.

Nós soldados tchecos, lutamos com os camaradas alemães e juntos vencemos.

Hoje declaramos, solenemente, que no caso de uma guerra lutaremos ombro a ombro com os camaradas alemães – assim como há 25 anos – até a vitória definitiva.

Com o pedido de que esta declaração seja aceita, firmamo-nos com saudações de camaradagem.

por parte de

*Svaz Vojáku z Fronty*

*V Praze (carimbo)*

*Jan Dolecek*

*Secretário*

*Cetkovsky, Goufried*

*Secretário-geral*

Anexo M-2 – von Weiss, 27 de agosto de 1939

*Ao Führer e chefe supremo das Forças Armadas  
Adolf Hitler, Berlim*

Em nome dos 12.000 combatentes de todas as regiões da grand Alemanha reunidos no monumento por ocasião do 25º aniversário da batalha de Tannenberg, expresso ao líder nossa confiança inabalável e lealdade incondicional. Junto ao túmulo do marechal de campo, os velhos soldados saúdam o Führer das jovens Forças Armadas, sabendo que os filhos cumprirão sua obrigação caso assim o Führer lhes ordenar, assim como os pais o fizeram.

*von Weiss  
Líder militar do nordeste da Liga Nacional-Socialista  
Dos Combatentes do Reich*

Resposta a von Weiss, 27 de agosto de 1939

Agradeço aos antigos combatentes de Tannenberg, reunidos junto ao monumento no 25º aniversário da batalha de Tannenberg, pelas saudações enviadas, as quais retribuo cordialmente em comunhão de camaradagem.

*Adolf Hitler*